

Heberth Paulo de Souza

**A METÁFORA E A FORMAÇÃO DE ESQUEMAS  
NARRATIVOS EM TEXTOS ESCRITOS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2010

Heberth Paulo de Souza

**A METÁFORA E A FORMAÇÃO DE ESQUEMAS  
NARRATIVOS EM TEXTOS ESCRITOS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em  
Estudos Linguísticos, como requisito à obtenção do  
título de Doutor.

Área de concentração: Linguística

Linha de pesquisa: Estudos da Inter-relação entre  
Linguagem, Cognição e Cultura

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dra. Heliana Ribeiro de Mello

Belo Horizonte  
Faculdade de Letras da UFMG  
2010

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

S729m

Souza, Heberth Paulo de.

A metáfora e a formação de esquemas narrativos em textos escritos de língua portuguesa [manuscrito] / Heberth Paulo de Souza. – 2010. 235 f., enc. : il. color., p & b + 1 CD-ROM

Orientadora: Heliana Ribeiro de Mello.]

Área de concentração: Linguística.

Linha de Pesquisa: Estudos da Inter-relação entre Linguagem, Cognição e Cultura.

Teses (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 219-226.

Anexos: p. 227-235.

1. Semântica – Teses. 2. Cognição – Teses. 3. Metáfora – Teses. 4. Narrativa (Retórica) – Teses. 5. Gramática cognitiva – Teses. 6. Língua portuguesa – Português escrito – Teses. 7. Representação mental – Teses. 8. Conceitos – Teses. 9. Linguística textual – Teses. 10. Produção textual – Teses. I. Mello, Heliana Ribeiro de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 401.9



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS**

Tese intitulada “*A metáfora e a formação de esquemas narrativos em textos escritos de língua portuguesa*”, de autoria de Heberth Paulo de Souza, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Profª Dra. Heliana Ribeiro de Mello – UFMG – Orientadora

---

Profª Dra. Ulrike Schröder – UFMG

---

Profª Dra. Luciane Corrêa Ferreira – UFMG

---

Prof. Dr. Pedro Perini Frizzera da Mota Santos – PUC-Minas

---

Profª. Dra. Neusa Salim Miranda – UFJF

Belo Horizonte, 27 de agosto de 2010

*Dedico este trabalho àqueles que fazem das atividades de ensino e de pesquisa um instrumento para preparar melhor os indivíduos para a vida em sociedade e um meio de promover uma sociedade melhor para a vida dos indivíduos, em todos os sentidos possíveis.*

## AGRADECIMENTOS

São muitos os entes queridos que, de alguma forma, colaboraram para o desempenho do meu trabalho no transcorrer destes últimos anos, aos quais agradeço profundamente, certo de que nossa jornada (recorrendo aqui a uma metáfora fundamental, com todas as suas implicações) não termina aqui. Mais do que lembrados, eles se encontram tão cristalizados e enraizados na minha vida, que, em alguma proporção, este trabalho reflete um pouco de cada um. Assim, agradeço:

A Deus, incorporado nos sentimentos, atitudes, posturas e crenças no meu dia-a-dia, por conceder a força necessária para superar todas as dificuldades e problemas, a proteção em todos os momentos e o talento para lidar com os estudos, que, junto com a perseverança, fez-me chegar a este momento sublime de minha carreira acadêmica;

Aos meus pais, Paulo e Aparecida, diante de cujos exemplos de vida, caráter e dedicação me sinto um eterno aprendiz. A criança, que tempos atrás necessitava de vocês para ensaiar os primeiros passos e levantar após as quedas, hoje cresceu, mas continua buscando em seus olhares aquele mesmo brilho de aprovação por ter feito as coisas da maneira certa;

Aos meus filhos Paulo Filipe e Pedro Henrique, alentos na minha caminhada, orgulhos da minha existência. Tudo que não fui e desejaria ser se realiza em vocês. Obrigado pela educação, respeito, confiança e carinho que cada um manifesta à sua maneira, nas pequenas coisas. E obrigado pelo principal ensinamento que me proporcionam na vida: a lição de ser pai;

À Eunice, amor sincero e maduro, pela paz que sinto na sua companhia, pelo apoio incondicional e pelo prazer de estar ao seu lado. Obrigado por me mostrar que nunca é tarde para realizar os planos mais singelos da vida;

Aos meus irmãos Elaine e Herley, com toda diferença de escolhas e comportamentos. Obrigado pelas deliciosas recordações dos tempos menos atribulados de que a maturidade faz a gente distanciar, mas que acompanham os nossos dias durante toda a vida;

À minha orientadora Prof<sup>ª</sup>. Heliana Mello, pela sabedoria, paciência e humanidade manifestadas em toda a minha trajetória de doutoramento. Que seu profissionalismo lhe renda ainda mais frutos para que seja capaz de continuar conduzindo mais e mais pessoas com brilhantismo ao longo de sua vida acadêmica;

Aos professores componentes da banca de qualificação: Antônio Luiz Assunção (UFSJ), Maurício Barcellos Almeida (ECI/UFMG) e Tommaso Raso (FALE/UFMG – suplente), pelas luzes que lançaram para o aprimoramento deste trabalho, bem como aos demais professores que compõem a banca de defesa final: Ulrike Schröder (FALE/UFMG), Luciane Corrêa Ferreira (FALE/UFMG) e Neusa Salim Miranda (UFJF), que aceitaram prontamente a proposta de submissão da pesquisa aos seus olhares de reconhecida expressão e competência, incluindo nessa lista os professores Deise Prina Dutra (FALE/UFMG) e Pedro Perini Frizzera da Mota Santos (PUC-Minas), suplentes da banca final.

Ao Professor Tony Berber Sardinha, da PUC-SP, que, mesmo sem conhecer o trabalho e o seu autor, desde o início colaborou com os mesmos através de ajustes no programa de identificação de metáforas e com o envio de textos e comentários muito importantes para o progresso da pesquisa;

Ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da UFMG, que abrigou a minha proposta e ofereceu todas as condições para o pleno desenvolvimento da mesma, através da Direção, Coordenação, Colegiado, Secretaria, Biblioteca e demais setores de apoio da Universidade;

Aos amigos do grupo de pesquisa InCognito, por compartilharem comigo as ideias, debates, estudos, sucessos, angústias e os agradáveis momentos de intervalos das aulas, cantina e participações em eventos. Mais que partilhar projetos de pesquisa, partilhamos projetos de vida, e espero continuar assim;

À UNIPAC, pelo apoio e consideração em todos os anos em que atuo na Instituição, prestados especialmente pela Reitoria, Vice-reitoria e Pró-reitorias, a cujos amigos agradeço profundamente;

Ao IPTAN, instituição em que atuo há pouco tempo, mas suficiente para estabelecer importantes laços de amizade e de amadurecimento profissional;

Aos amigos com quem convivo há muitos anos, compartilhando os sucessos e as dificuldades da vida acadêmica e também da vida pessoal, que sempre me incentivaram em todos os sentidos. Entre estes, destaco o Prof. Ariel Novodvorski, da UFU, ex-aluno e ex-colega de trabalho, cuja seriedade e competência são louváveis, além de ser um *hermano* sempre disposto a ajudar em qualquer situação, seja com trabalhos concretos (a exemplo do *Resumen* desta tese), seja através das conversas amigas, sempre com pontos de vista extremamente ponderados sobre tudo; o Prof. Ronaldo de Freitas Moreira, da EPCAR, que sempre abraçou prontamente as causas que lhe foram propostas, inclusive a elaboração do *Abstract* deste trabalho e tantos outros importantes serviços de tradução por ele prestados; o Prof. Vicente de Paula Leão (UFSJ) e o Prof. Carlos Henrique da Silveira (UNIFEI), cujas trajetórias de tempos em tempos esbarram com a minha, desde o nascedouro de nossas atividades até os nossos doutoramentos na UFMG, apesar das áreas bem distintas.

Enfim, percebe-se que a minha vivência é um misto de pessoas e instituições, cada uma tendo contribuído de alguma maneira para a minha formação e para a culminância deste trabalho. A elas, o meu sincero abraço e o desejo de que continuemos sempre firmes em projetos cada vez mais arrojados. Afinal, ainda há muito para percorrermos juntos.



*Metáfora*

*Uma lata existe para conter algo  
Mas quando o poeta diz: "Lata"  
Pode estar querendo dizer o incontível*

*Uma meta existe para ser um alvo  
Mas quando o poeta diz: "Meta"  
Pode estar querendo dizer o inatingível*

*Por isso, não se meta a exigir do poeta  
Que determine o conteúdo em sua lata  
Na lata do poeta tudonada cabe  
Pois ao poeta cabe fazer  
Com que na lata venha caber  
O incabível*

*Deixe a meta do poeta, não discuta  
Deixe a sua meta fora da disputa  
Meta dentro e fora, lata absoluta  
Deixe-a simplesmente metáfora*

*(Gilberto Gil)*

## RESUMO

Neste trabalho, desenvolve-se uma abordagem da metáfora no escopo da cognição humana, utilizando os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva no âmbito das representações mentais e aplicando-os à descrição da articulação textual. Para alcançar esse intento, partiu-se de um estudo sobre as várias vertentes de abordagem da metáfora empreendidas ao longo dos séculos pela Linguística e pela Filosofia, para centrar-se em alguns postulados do final do século XX que a consideram como um recurso de facilitação do raciocínio, através do qual conceitos mais complexos são elaborados na forma de conceitos mais simples. Considera-se também que a metáfora é um fenômeno presente em todos os níveis da comunicação, não se restringindo a algumas áreas e atividades do conhecimento humano. Baseando-se especialmente na Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier (1994), e na Teoria da Mesclagem Conceitual, de Fauconnier e Turner (1994), a pesquisa desenvolveu-se sobre um corpus pequeno-médio formado por textos escritos em língua portuguesa, na modalidade de redações de processos seletivos para o ingresso de alunos ao ensino superior, descrevendo o papel que a metáfora exerce na articulação textual que vai além da elaboração de pequenas frases ou trechos. Com o suporte dos recursos eletrônicos do programa WordSmith Tools<sup>®</sup>, obteve-se uma sistematização de dados quantitativos para se proceder à pesquisa qualitativa, a partir de onde foi possível alcançar os resultados apresentados nesta tese. Entre estes, destaca-se a constatação de que, subjacente à estruturação textual dos exemplares do nosso corpus, bem como em outros tipos textuais que também foram submetidos à análise, existe uma forma de organização de elementos típica do processo de narração, com a identificação de informações relacionadas a tempo, espaço e personagens, considerando-se a inter-relação do nível metafórico e do não metafórico. A partir dessa constatação, foi idealizado um modelo descritivo desse fenômeno, através do qual apresentamos o chamado DCN – Domínio Cognitivo da Narrativa, no intuito de esclarecer esse processo, ensejando uma melhor compreensão de como funciona a mente humana no que se refere à utilização da metáfora na articulação de textos.

Palavras-chave: Metáfora – Semântica Cognitiva – Espaços Mentais – Mesclagem Conceitual – Domínio Cognitivo da Narrativa

## ABSTRACT

In this work an approach to metaphor, in the scope of human cognition, is developed, taking into account theoretical assumptions of Cognitive Linguistics within the ambit of mental representations, and having them applied to a description of textual articulation. In order to achieve this goal, the research started from the study of different approaches to metaphor done by both Linguistics and Philosophy over the centuries, to focus on a few late twentieth-century postulates. Metaphor is thus assumed to be a resource used to facilitate reasoning by means of which more complex concepts are elaborated in terms of more simple ones. Metaphor is also considered as a phenomenon present in all levels of communication, not being restricted to specific areas and activities of human knowledge. Based especially on both Mental Spaces Theory, by Fauconnier (1994), and on Conceptual Blending Theory, by Fauconnier and Turner (1994), the research was developed with the use of a small-medium-size corpus composed of higher education entrance examination compositions, written in Portuguese, describing the role – not limited to the construction of small sentences or chunks of texts – that metaphor plays in textual articulation. With the aid of the electronic tool WordSmith Tools<sup>©</sup> it was possible to obtain a systematization of quantitative data in order to proceed to the qualitative research, from where the results in this thesis were made available. It thus becomes clear that, underlying the textual structuring of the samples of our corpus, as well as in other textual types that were also submitted to analysis, there is a pattern of organization considered as typical of the narrative process that includes the identification of information relating to time, space and characters, considering the interrelationship between metaphorical and nonmetaphorical levels. Starting from this, a descriptive model was idealized by means of which we introduce the so-called CDN – Cognitive Domain of Narrative, with the objective of elucidating this process and introducing thus a better understanding of how the human mind works, concerning the use of metaphor in textual articulation.

Keywords: Metaphor – Cognitive Semantics – Mental Spaces – Conceptual Blending – Cognitive Domain of Narrative

## RESUMEN

En este trabajo, se desarrolla un abordaje de la metáfora en el terreno de la cognición humana, utilizando los postulados teóricos de la Lingüística Cognitiva en el ámbito de las representaciones mentales y aplicándolos a la descripción de la articulación textual. Para alcanzar ese propósito, se partió de un estudio sobre las distintas vertientes de abordaje de la metáfora emprendidas a lo largo de los siglos por la Lingüística y por la Filosofía, para centrarse en algunos postulados de fines del siglo XX que la consideran como un recurso de facilitación del razonamiento, a través del que se elaboran conceptos más complejos en la forma de conceptos más simples. Se considera también que la metáfora es un fenómeno presente en todos los niveles de la comunicación, que no se restringe a algunas áreas y actividades del conocimiento humano. Basándose especialmente en la Teoría de los Espacios Mentales, de Fauconnier (1994), y en la Teoría de la Integración Conceptual, de Fauconnier y Turner (1994), la investigación se desarrolló sobre un corpus de tamaño pequeño-medio formado por textos escritos en lengua portuguesa, en la modalidad de redacciones de procesos selectivos para el ingreso de alumnos a la enseñanza superior, describiendo el papel que la metáfora ejerce en la articulación textual que va más allá de la elaboración de pequeñas frases o fragmentos. Con el apoyo de las herramientas electrónicas que proporciona el programa WordSmith Tools<sup>®</sup>, se obtuvo una sistematización de datos cuantitativos para proceder a la investigación cualitativa, desde la cual se pudieron alcanzar los resultados presentados en esta tesis. Entre estos, se destaca la constatación de que, subyacente a la estructuración textual de los ejemplares de nuestro corpus, así como en otros tipos textuales que también se sometieron al análisis, existe una forma de organización de elementos típica del proceso de narración, con la identificación de informaciones relacionadas a tiempo, espacio y personajes, considerándose la interrelación del nivel metafórico y del no metafórico. A partir de esa constatación, se idealizó un modelo descriptivo de ese fenómeno, a través del cual presentamos el llamado DCN – Dominio Cognitivo de la Narrativa, con el propósito de aclarar ese proceso, facultando una mejor comprensión de cómo funciona la mente humana en lo que se refiere al uso de la metáfora en la articulación de textos.

Palabras-clave: Metáfora – Semántica Cognitiva – Espacios Mentales – Integración Conceptual – Dominio Cognitivo de la Narrativa

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – As vertentes dos estudos em Linguística Cognitiva	31
Figura 2 – A composição de uma unidade simbólica	35
Figura 3 – A inserção da unidade fonológica na unidade semântica, no processo de composição de uma unidade simbólica	36
Figura 4 – Simetria nº 45, ilustração do artista holandês M. C. Escher (1898-1972)	46
Figura 5 – Esquema de projeção de elementos entre espaços mentais diferentes	53
Figura 6 – Esquema de projeção de informações entre domínios diferentes	54
Figura 7 – Representação dos espaços mentais baseada no conto “Aquiles e a Tartaruga”, cf. Fauconnier (1997, p. 48)	57
Figura 8 – Representação da flutuação de informação pressuposta do espaço da realidade para o espaço da possibilidade	60
Figura 9 – Modelo de mesclagem conceitual proposto por Fauconnier e Turner (1994)	67
Figura 10 – Modelo de representação do processo de mesclagem conceitual	69
Figura 11 – Representação analítica de caso de mesclagem conceitual através do modelo de Coulson (2000)	70
Figura 12 – Análise de caso de mesclagem conceitual em construção ergativa	76
Figura 13 – Compressão de imagens num mesmo domínio	102
Figura 14 – Representação metonímica envolvendo os domínios fonte e alvo	105
Figura 15 – Descrição geral do corpus obtida através do listador de palavras do WST	116
Figura 16 – Ocorrências da expressão “navegar pela Internet” e similares, no corpus da tese	124

Figura 17 – Representação dos domínios cognitivos, elementos e esquemas metafóricos do texto (17)	126
Figura 18 – Representação de caso de metaftonímia em redação do corpus	127
Figura 19 – Representação da interpenetração dos esquemas metafóricos do texto (18)	131
Figura 20 – Análise de emprego do pronome “onde” em fragmento do corpus, dentro da norma padrão	138
Figura 21 – Análise de emprego do pronome “onde” em fragmento do corpus, envolvendo metaforização de lugar	139
Figura 22 – Análise de emprego do pronome “onde” em fragmento do corpus, fora da norma padrão	141
Figura 23 – Primeira tela de listagem das ocorrências da palavra “onde” no corpus	142
Figura 24 – Esquema da organização metafórica do texto (25)	144
Figura 25 – Mapeamentos entre elementos de domínios cognitivos do texto (26)	146
Figura 26 – Primeira tela de listagem das ocorrências da palavra “homem” no corpus	148
Figura 27 – Listagem das ocorrências do nóculo “humanidade” no corpus	149
Figura 28 – Primeira tela da lista de ocorrências da forma verbal “tornar” e suas flexões verbais	155
Figura 29 – Representação de enunciados do tipo “A torna-se A <sub>1</sub> ”	158
Figura 30 – Representação de enunciados do tipo “A torna-se B”	159
Figura 31 – Representação de enunciados do tipo “A torna-se B <sub>m</sub> ”	159
Figura 32 – Esquema da MC de Fauconnier e Turner (1994) com destaque para o espaço de formação das metáforas	169
Figura 33 – Estrutura do DCN em relação ao modelo da MC	172
Figura 34 – Estrutura simplificada do DCN	173
Figura 35 – Representação da MC relacionada às informações de espaço no texto (17)	179
Figura 36 – Representação da MC relacionada às informações de personagens no texto (17), com a área de Informática sendo um dos espaços de entrada	180
Figura 37 – Representação da MC relacionada às informações de personagens no texto (17), com a Justiça sendo um dos espaços de entrada	181
Figura 38 – Espaço da mescla englobando informações de espaço e personagens do	

texto (17)	182
Figura 39 – Representação do DCN do texto (17)	184
Figura 40 – Representação dos espaços metafóricos e respectivos personagens dentro do DCN do texto (25)	185
Figura 41 – Representação do DCN do texto (25)	186
Figura 42 – Representação genérica do DCN do texto (31)	187
Figura 43 – Representação mais detalhada do DCN do texto (31)	188
Figura 44 – Representação do DCN do segundo parágrafo do texto (31)	189
Figura 45 – Representação detalhada do DCN do texto (33)	192
Figura 46 – Representação das funções diferenciadas dos elementos de construção metonímica do discurso político	196
Figura 47 – Representação do DCN do primeiro parágrafo do discurso político	202
Figura 48 – Representação de relação metonímica no discurso político no esquema do DCN	203
Figura 49 – Representação geral do DCN do discurso político	205
Figura 50 – Representação do DCN do editorial	210

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados gerais dos textos do corpus, separados por grupos	117
Tabela 2 – Número de redações escolhidas para busca manual por metáforas, em cada subgrupo do corpus	121
Tabela 3 – Ocorrências de nódulos com o radical “pirat-” no corpus	136



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

DCN = Domínio cognitivo da narrativa

EM = Espaços Mentais

LCog = Linguística Cognitiva

LCorp = Linguística de Corpus (ou Linguística de Corpora)

LSF = Linguística Sistêmico-Funcional

MC = Mesclagem Conceitual

MCI = Modelo Cognitivo Idealizado

pp. = Pressuposição ou pressuposto

VAD = Visão de acesso direto

VPP = Visão pragmática padrão

WST = WordSmith Tools<sup>©</sup>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>22</b>
<b>1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b>	<b>27</b>
1.1 Princípios da Linguística Cognitiva	27
1.2 A gramática como representação	34
1.3 Elementos da Gramática Cognitiva	37
1.3.1 Imagem	37
1.3.2 Esquema	39
1.3.3 Moldura ( <i>Frame</i> )	41
1.3.4 Papel ( <i>Script</i> )	42
1.3.5 Cena ou cenário	43
1.3.6 Domínio	43
1.3.7 Modelo cognitivo	44
1.3.8 Relevância	44
1.3.9 Elementos de perspectiva	45
1.3.9.1 Figura / Fundo ( <i>Figure / Ground</i> )	45
1.3.9.2 Perfil / Base ( <i>Profile / Base</i> )	47
1.3.9.3 Trajetor / Marco ( <i>Trajector / Landmark</i> )	47
1.3.9.4 Ponto-de-Vista ( <i>Viewpoint</i> )	48
1.3.9.5 Dêixis	48
1.3.9.6 Subjetividade / Objetividade	49
1.4 Considerações finais	49

<b>2</b>	<b>A TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS E DA MESCLAGEM CONCEITUAL</b>	<b>51</b>
2.1	Apresentação	51
2.2	A Teoria dos Espaços Mentais	52
2.2.1	Aspectos básicos da teoria	52
2.2.2	Os EM no nível da significação implícita	58
2.2.3	Algumas considerações sobre a teoria dos EM	61
2.3	A Teoria da Mesclagem Conceitual	66
2.3.1	Aplicações da teoria da MC na linguagem	73
2.3.1.1	A MC e a formação de expressões linguísticas	74
2.3.1.2	A MC nas regras de organização gramatical	75
2.3.1.3	A MC na estruturação de textos	76
2.4	Considerações finais	79
<b>3</b>	<b>PANORAMA HISTÓRICO-CONCEITUAL DOS ESTUDOS DA METÁFORA</b>	<b>81</b>
3.1	Introdução	81
3.2	A visão tradicional a partir de Aristóteles	82
3.3	Desdobramentos da visão clássica	84
3.4	O século XX e o surgimento da noção de metáfora conceitual	88
3.5	O conceito de metáfora gramatical	91
3.6	O conceito de metáfora sistemática	93
3.7	A metáfora analisada sob o prisma da LCorp	94
3.8	Outros estudos	100
3.9	A correlação entre metáfora e metonímia	101
3.10	Algumas tomadas de posição em face do panorama dos estudos da metáfora	108
<b>4</b>	<b>DESCRIÇÃO E ANÁLISE LINGUÍSTICA DO CORPUS</b>	<b>111</b>
4.1	Introdução	111
4.2	Descrição do corpus para análise	111
4.3	Procedimentos de tratamento do corpus	117
4.4	Descrição da ferramenta eletrônica: o WordSmith Tools©	118

4.5	Análise do corpus	119
4.5.1	Busca manual de metáforas	122
4.5.1.1	Levantamento metafórico inicial no Subgrupo I	122
4.5.1.2	Levantamento metafórico inicial no Subgrupo II	135
4.5.1.3	Levantamento metafórico inicial no Subgrupo III	143
4.5.1.4	Levantamento metafórico inicial no Subgrupo IV	145
4.5.1.5	Levantamento metafórico inicial no Subgrupo V	150
4.5.1.6	Levantamento metafórico inicial no Subgrupo VI	161
4.6	Conclusões preliminares	163
<b>5</b>	<b>O DOMÍNIO COGNITIVO DA NARRATIVA</b>	<b>166</b>
5.1	Pressupostos para identificação dos DCNs	166
5.2	Modelo teórico dos DCNs	168
5.3	A importância da narrativa dentro dos estudos cognitivos	173
5.4	Aplicações do modelo	178
5.4.1	A necessidade de ampliação do modelo da MC	178
5.4.2	Representações do DCN de outros textos do corpus	184
5.4.3	Aplicação em textos diferentes dos que compõem o corpus	192
5.4.3.1	Análise textual de exemplar do discurso político	194
5.4.3.1.1	Levantamento inicial de metáforas, metonímias e outros recursos	195
5.4.3.1.2	Enquadramento do texto no modelo do DCN	201
5.4.3.2	Análise textual de exemplar de editorial	206
5.4.3.2.1	Levantamento inicial de metáforas, metonímias e outros recursos	206
5.4.3.2.2	Enquadramento do texto no modelo do DCN	208
5.4.4	Algumas considerações a respeito da aplicabilidade do modelo em outros gêneros textuais	211
5.5	Conclusão – perspectivas da consideração da existência dos DCNs dentro dos estudos linguístico-cognitivos	213
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>216</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>219</b>

<b>ANEXOS</b>	<b>227</b>
Anexo A	227
Anexo B	235

## INTRODUÇÃO

Desde que a metáfora foi evidenciada séculos atrás como uma forma de sentido figurado, e ao longo dos séculos subsequentes foi sendo tratada sob os mais diversos ângulos no âmbito da Filosofia e da Linguística, o fenômeno da linguagem verbal humana foi-se descortinando cada vez mais claro, pois a partir daí emergiram questionamentos da mais variada natureza: o que diferencia a metáfora de outras ocorrências da linguagem verbal? Qual a relação entre a metáfora e a capacidade humana de argumentar, convencer, persuadir? Em que medida é possível construir expressões metafóricas? Qual a relação entre metáfora e Literatura? Em que aspectos a metáfora carrega informações do meio extralinguístico no qual está sendo produzida? Existem contextos em que o uso de metáforas deve ser incentivado, em detrimento de outros em que elas devem ser evitadas? Existe a possibilidade de utilização de uma linguagem isenta do recurso de metaforização? Quais são os limites entre o sentido metafórico e o não metafórico?

Essas e outras investigações foram levadas a efeito durante muitos séculos de pesquisas e especulações, sem que, até hoje, tenhamos uma posição firmemente estabelecida sobre as respostas para tais – ou, pelo menos, sem que tenhamos uma resposta unificada para cada um desses questionamentos. E, no fundo, a metáfora se encontra em meio àquelas questões não raras dos estudos da linguagem que apresentam uma variedade de definições, tal qual o número de formas de tratamento possíveis em relação ao objeto em pauta. Afinal, a metáfora é um elemento, ou um fenômeno, ou um recurso – dependendo de sua abordagem – que perpassa de um dos níveis mais elementares da língua, que é a formação de palavras, até os processos mais complexos de formação

discursiva. Com toda essa magnitude, certamente jamais chegaremos a um conceito unificado do termo, e nem devemos pretendê-lo.

Consultando diversas referências de estudo sobre a metáfora na tentativa de vislumbrar o estado da arte em que ela se encontra no contexto do intenso aprofundamento de pesquisas realizadas até o século atual, uma constatação nos intriga: os casos de metáforas avaliados sob os mais diversos pontos de vista são, normalmente, de pequena extensão linguística e desvinculados do seu contexto de elaboração. É certo que um dos procedimentos típicos do fazer científico corresponde a que o analista parta das pequenas partes constituintes do seu objeto de pesquisa na tentativa de esgotar a sua descrição mínima para, depois, explicar o funcionamento desse objeto e suas partes num contexto mais amplo. Encontramos essa técnica tanto na metodologia de ciências mais exatas quanto na área de humanidades.

No entanto, por que, no caso da metáfora, mesmo depois de séculos e séculos de investigação sobre o assunto, os estudos não avançaram mais do que o tratamento de pequenas porções de sentenças? Por que não existe, até o momento, uma teoria da metáfora que explique o seu comportamento em porções maiores de textos?

Uma possível resposta para esses questionamentos poderia ser, até meados do século XX, a inexistência de recursos tecnológicos que capacitassem o manuseio de grandes quantidades de textos aliado a uma sistematização metódica de resultados sobre os quais se pudesse empreender uma investigação concisa do objeto e chegar a resultados produtivos. Com a chegada dos recursos da Informática, esse quadro mudou, mas parece imperar ainda uma mentalidade temporalmente consolidada que restringe o conceito de metáfora em pequenas porções de textos. Em termos descritivos isso pode ser bom, mas acaba por confinar a nossa compreensão sobre o objeto também nessas pequenas porções. É evidente que existem estudos sobre a metáfora que vão além de sentenças isoladas, mas eles ainda perfazem uma pequena minoria.

Não é nossa intenção repudiar – nem tampouco lamentar – os estudos empreendidos, sejam eles em quais níveis forem. Contrariamente a isso, o objetivo é acrescentar conhecimento, na tentativa de realizar uma investigação que direcione o preenchimento dessa lacuna, mostrando como opera a metáfora na constituição textual mais ampla. O pouco que conseguirmos desenvolver nesse sentido certamente será um ganho para a ciência da linguagem.

Para realizar essa empreitada, elegemos – não aleatoriamente, claro – os princípios da abordagem cognitiva como os mais adequados aos nossos propósitos, haja vista que pretendemos um estudo que ultrapasse as fronteiras da superfície da organização textual e atinja os mecanismos de funcionamento da mente humana diante dos artifícios disponíveis para essa organização. Por essa razão, iniciaremos o nosso trabalho justamente com a apresentação desses princípios básicos, no primeiro capítulo da tese. Nele, vamos expor os elementos fundamentais da gramática que serve de suporte a essa abordagem, oferecendo uma visão geral sobre o que significa trabalhar a linguagem no âmbito da cognição. Serão retomados os pilares da área, em suas múltiplas abordagens, tanto no que diz respeito a teorias quanto a autores e obras. A visão oferecida nesse capítulo, em parte expositiva, servirá como base para prosseguir com as teorias que se enquadram no nosso recorte de pesquisa, bem como para os levantamentos e as análises que serão realizados posteriormente. Acredita-se que, nessa parte da tese, além da exposição teórica, está sendo realizada uma importante sistematização de elementos com base em referências diversificadas sobre o assunto, auxiliando na difícil e necessária tarefa de conferir um estatuto mais organizado a essa área de estudos. Não é esse o foco principal do presente trabalho, mas com a forma de organização do primeiro capítulo poderemos oferecer alguma parcela de contribuição também nesse sentido.

Dando seguimento ao trabalho, vamos nos centrar em importantes teorias dentro da Semântica Cognitiva, as quais descreveremos com detalhes e exemplos, além de aproveitarmos a oportunidade para expormos análises, por ora, de pequenos trechos de textos. Serão retomados, também, exemplos clássicos da área, a fim de expor os detalhes que cada uma das teorias apresenta. O capítulo segundo será, portanto, uma sequência coerente com o capítulo anterior, como um refinamento da teoria linguístico-cognitiva geral apresentada no primeiro capítulo. Tomaremos como apoio especialmente as publicações de Fauconnier e de Turner, além de alguns outros que trabalham no esteio dos primeiros. Serão descritos os processos que envolvem os mapeamentos e as projeções mentais, as relações entre domínios cognitivos, focalizando principalmente o processo de formação do sentido no âmbito da cognição humana.

O terceiro capítulo será dedicado especialmente à metáfora, apresentando um breve histórico que vai do momento em que ela – de acordo com as informações de que dispomos atualmente – ganha o estatuto de um artifício de linguagem, no contexto da Antiguidade greco-romana, passa por várias abordagens diferentes ao longo dos tempos,



até desembocar nas modernas teorias dos séculos XX e XXI. Se, por um lado, as gramáticas e manuais didáticos de língua portuguesa centram normalmente a definição e o tratamento da metáfora na tradição aristotélica, por outro lado muitas inovações modernas de tratamento desse fenômeno retomam aspectos já salientados por pesquisadores que também se enquadram, em termos temporais, na tradição clássica, mas que adiantaram importantes características que vão além do processo de simples-troca de palavras e expressões no nível superficial da linguagem. Complementarmente a essa exposição, será mostrado como as recentes tecnologias influenciam na concepção da metáfora devido às possíveis abordagens da mesma operadas em volumosos corpora. A parte da Linguística que se ocupa desse tipo de abordagem não corresponde a uma etapa histórica propriamente dentro dos estudos da metáfora, mas sem dúvida está relacionada a procedimentos de investigação desse objeto que acabam por interferir na concepção hodierna sobre metáfora. Isso, graças às possibilidades que se abrem para o pesquisador quanto ao processo de coleta e de sistematização de dados. E para desfechar o capítulo, serão apresentadas e discutidas também importantes questões relacionadas à metonímia, uma vez que as características desta e da metáfora muitas vezes se interpenetram, necessitando de alguns clareamentos para uma boa aplicação das teorias sobre ambas.

No capítulo quarto, proceder-se-á à análise do corpus desta tese, constituído de textos na modalidade escrita. Essa análise parte do levantamento realizado através de uma ferramenta eletrônica muito empregada em estudos de corpora, cujo funcionamento será descrito antes da apresentação dos resultados. Esse recurso eletrônico, no entanto, é apenas o ponto de partida de nossa análise, que se desenvolverá de maneira preponderantemente qualitativa. Aliás, embora pareça redundante, deve-se ter clara a noção de que uma análise não se faz na ausência do analista, e o computador não é investido dessa função. Cabe, pois, aos linguistas, juntamente com os especialistas da área de Informática, aprimorar cada vez mais as técnicas de coleta e sistematização de dados para que muitos avanços advenham daí. Nesse capítulo, serão apresentados vários fragmentos e textos do nosso corpus, os quais serão acompanhados de uma análise voltada para a identificação das metáforas e a descrição do seu papel na articulação desses textos.

Por fim, no quinto e último capítulo, será apresentado um modelo de tratamento de textos baseado nos resultados alcançados e na observação mais acurada possível destes, no intuito de demonstrar o papel da metáfora na organização textual. Nesse capítulo, serão apresentadas as características básicas do modelo, aventando-se também a

possibilidade de aplicação do mesmo em textos além do nosso corpus. Para a apresentação do modelo de análise, contaremos com uma investigação dos aspectos relacionados à teoria narrativa, dada a necessidade de levantar aspectos linguístico-cognitivos dessa área em virtude das conclusões a que se chegou com base nos resultados obtidos em nossa análise.

Além de procedermos à análise das metáforas propriamente, ficamos atentos ao objetivo de lançar mão dos elementos que integram os estudos da cognição, certos de que eles podem oferecer-nos vantagens muito valiosas para a compreensão da articulação de textos. Os resultados alcançados serão, portanto, um ganho para os estudos sobre a metáfora, a articulação textual e a inter-relação entre linguagem e cognição. E o desafio maior é justamente porque trabalhamos sobre uma abordagem de metáfora envolvendo mapeamentos mentais, e não palavras e expressões específicas que pudessem ser rastreadas automaticamente, por exemplo, com a ajuda de programas eletrônicos. O nosso desejo, diante disso, é que a pesquisa seja capaz de proporcionar muitas conclusões pertinentes diante desse desafio e que o modelo oferecido seja capaz de refletir, de modo simples e eficaz, a nossa realidade comunicativa.

# CAPÍTULO 1

## PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### *1.1 Princípios da Linguística Cognitiva*

Para uma boa compreensão do fenômeno da linguagem, é necessário que esse objeto seja abordado sob vários ângulos, descrevendo-se as suas várias facetas, as quais, no conjunto, fornecem uma visão mais completa possível sobre a comunicação verbal humana. Seccionar um objeto de estudo é uma necessidade de qualquer pesquisa; só assim o pesquisador poderá aprofundar-se no seu material de análise, calcado numa consistência teórica que lhe proporcione os elementos básicos para a sua investigação a fim de que ele possa contribuir com novas conclusões dentro de sua área de pesquisa.

Nesse contexto, a Linguística Cognitiva (doravante LCog) surge como uma dessas maneiras específicas de encarar o fenômeno da linguagem. Inicialmente descrita através da então chamada Gramática de Espaço (*Space Grammar*), conforme explicita Langacker (1987) em seu prefácio, essa vertente da Linguística se organiza em torno do estudo do processamento cognitivo da linguagem, diferentemente de várias outras áreas cujos estudos se centram no nível da sentença. Dentro desse propósito, podem-se apontar alguns fatores de especial interesse para a área, a saber: a categoria do sentido figurado, incluindo elementos como as expressões idiomáticas e a metáfora, e uma nova conceitualização de certos termos gramaticais tradicionais, como “nome”, “verbo”, “modificador”, “sujeito”, “subordinação” etc.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Cf. Langacker (1987, p. 1-2).

Na sua proposta de oferecer uma Gramática Cognitiva que delinear com bastante precisão essa linha de pesquisa, Langacker (1987, p. 2-3) aponta os seguintes pressupostos para uma investigação linguístico-cognitiva, os quais serão sempre levados em conta no presente trabalho para se alcançar a necessária consistência teórica:

- i) não existem universais semânticos, diferentemente do que apregoam certas linhas de pesquisa. A estrutura semântica de uma língua é definida em função de convenções imagéticas e é caracterizada em relação às estruturas do pensamento;
- ii) a organização gramatical não ocorre num nível de representação formal autônomo destinado para tal. A gramática é naturalmente simbólica e decorre de convenções sobre a estrutura semântica de uma língua;
- iii) a divisão entre os componentes lexical, morfológico e sintático é arbitrária, não existindo uma distinção significativa entre si. Eles formam um *continuum* que, na verdade, se apõe ao chamado componente semântico.

Croft e Cruse (2003, p. 1) também apresentam três postulados que se aplicam aos estudos na área de LCog, sendo que os dois primeiros praticamente parafraseiam os pressupostos de Langacker (1987), e o terceiro vem apresentar uma outra importante noção para essa linha de estudos: a noção de “uso”. Para aqueles autores,

- i) a língua não se constitui uma faculdade cognitiva autônoma;
- ii) a gramática é conceitualização e
- iii) o conhecimento da língua emerge do uso linguístico.

No conjunto, os princípios aventados pelos teóricos da LCog se diferenciam radicalmente de algumas teorias amplamente utilizadas nos estudos da linguagem, em especial a teoria gerativista, segundo a qual a língua é um componente autônomo na mente humana, e a teoria semântica baseada nos valores de verdade, segundo a qual os enunciados linguísticos podem ser classificados como verdadeiros ou falsos em relação a um mundo possível.

A ideia geral que vigora nos estudos linguístico-cognitivos é que a língua não é uma faculdade humana diferente de outras habilidades cognitivas, como a percepção visual, o raciocínio, a atividade motora etc. Os princípios que regem a habilidade humana de lidar com a linguagem são os mesmos princípios que comandam outras habilidades cognitivas. É claramente perceptível que o gênero humano é dotado de uma predisposição genética e organicamente concebida para a comunicação verbal, mas o que interessa para a

LCog é a demonstração do papel desempenhado pelas habilidades cognitivas gerais através da língua<sup>2</sup>.

O terceiro postulado de Croft e Cruse (2003) remete a uma importante noção da área, chamada de Modelo Baseado no Uso (*Usage-Based Model*). Essa linha de estudos tem em Barlow e Kemmer (2000) uma boa descrição de seus princípios. Em um dos trabalhos dessa coletânea, Barlow (2000, p. 316) alude à estratégia fundamental desse tipo de gramática, que é a análise das várias ocorrências de um determinado enunciado num dado corpus, observando-se a regularidade de seu uso autêntico na língua.

A partir desse modelo, surge um fenômeno de acentuada importância para os nossos estudos, que é a noção do entrenchamento (*entrenchment*). A recorrência do uso de um certo elemento na língua pode acarretar que este se torne uma “unidade” dentro do sistema, o que ocorre de forma progressiva e com limites não muito bem definidos. É o que acontece com certas expressões, por exemplo, cujos significados aos poucos se vão cristalizando na língua, não sendo necessário que o falante depreenda o significado de suas partes para chegar ao seu sentido final. Trata-se de um importante fenômeno na organização cognitiva humana ligado ao fator de uso de uma expressão e, portanto, relacionado com a questão de escala: uma expressão pode ir tornando-se mais entrenchada ou menos entrenchada que outras dependendo do seu grau de uso e cristalização na linguagem.

Já que citamos “unidade”, convém esboçar aqui a característica desse elemento dentro dos estudos de LCog. Langacker (1987, p. 57) define esse elemento como uma “estrutura que o falante domina completamente, tanto que ele pode empregá-la de forma totalmente automática sem ter que focalizar sua atenção especificamente nas suas partes individuais ou no arranjo das mesmas”<sup>3</sup>. Uma unidade não demanda nenhum esforço construtivo do falante para a depreensão do seu sentido, como é normalmente requerido em relação a estruturas novas<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Cf. Croft e Cruse (2003, p. 2).

<sup>3</sup> No original: “structure that a speaker has mastered quite thoroughly, to the extent that he can employ it in largely automatic fashion, without having to focus his attention specifically on its individual parts or their arrangement.”

<sup>4</sup> É fácil vislumbrar a noção de “unidade” quando utilizamos certos nomes com sentido figurado: ao caracterizar um mau motorista como “barbeiro” ou quando nos referimos à peça de vestuário feminino como “fio dental”, não é necessário refazer o percurso das palavras a partir dos significados primários de “barbeiro” ou “fio dental” para entender os seus significados em seus novos contextos.

O termo “cognitivo” não é utilizado somente em LCog, mas caracteriza também várias outras disciplinas. Daí a facilidade de esse termo abarcar uma série de significados que facilmente escapam aos propósitos da vertente da Linguística que desenvolvemos no presente trabalho. Muitas vezes se confunde a LCog com outras ciências cognitivas devido ao fato de que alguns segmentos daquela apresentam traços destas, especialmente quando se trata de processamento computacional da linguagem. Palmer (1996, p. 27-29), por exemplo, defende que a ciência cognitiva pode ser entendida como o estudo da inteligência e seus processos computacionais, haja vista a possibilidade de poder ser aplicada ao campo da computação – portanto, preocupada com a descrição das operações realizadas nas redes neurais. Enfim, é necessário descrevermos um pouco melhor a LCog (pois ela mesma apresenta vertentes muito diferenciadas entre si), visualizarmos em qual campo específico vamos desenvolver a nossa pesquisa e a qual(is) campo(s) se relaciona a definição de Palmer acima, muito comum quando se trata de cognição.

Com base nas pesquisas desenvolvidas até hoje em LCog, podemos resumir o estado da arte dessa área de estudos numa abrangência que vai desde a concepção mais biológica sobre cognição até estudos que realizam uma abordagem social, ou seja, investigações que vão do cunho individual até o coletivo; e, por outro lado, a LCog abarca também estudos que vão do nível da descrição de aspectos lexicais até o das representações mentais, isto é, da pesquisa da palavra em si até os processos mentais que subjazem a sua construção.

Esquemáticamente, podemos vislumbrar os estudos da LCog como na representação abaixo, sabendo-se que muitas pesquisas entrelaçam abordagens dos diferentes polos do esquema:

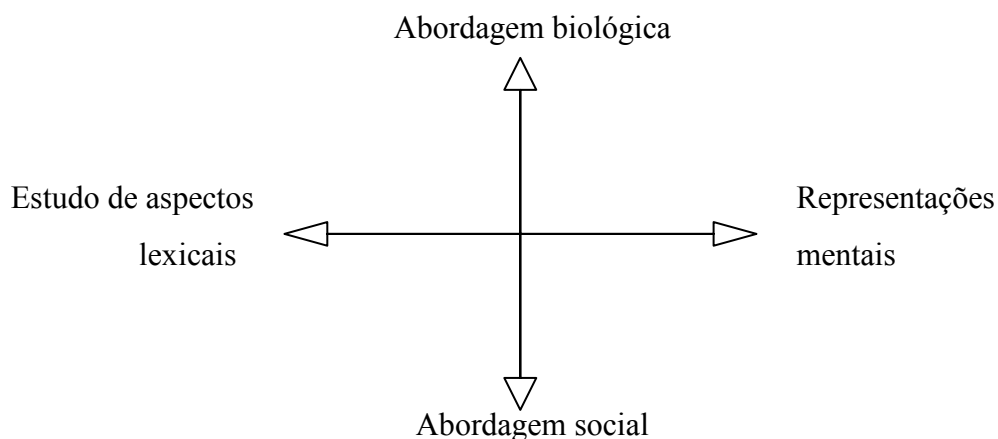


Figura 1 – As vertentes dos estudos em Linguística Cognitiva

Em cada um dos polos do esquema acima podemos citar expoentes que desenvolvem pesquisas de alta relevância para a solidificação dos conhecimentos na área. Outros pesquisadores de igual teor se situam no entrelaçamento das abordagens apresentadas, algumas vezes com tendências maiores para uma vertente específica. Dessa forma, citamos aqui apenas alguns desses pesquisadores, a título de exemplificação, alguns dos quais serão retomados ao longo da nossa pesquisa, de acordo com o tipo de estudo que vêm publicando nos últimos anos. De antemão, percebe-se que não existe um perfil teórico unificado que possa ser atribuído à LCog; ela é um montante de teorias e abordagens que, no conjunto, delineiam os seus objetos de análise nos campos biológico, social, de estudos do léxico e das representações mentais.

i) No nível das representações mentais, que é a abordagem que nos interessa neste trabalho, tem-se nos estudos de Gilles Fauconnier a sua representação máxima, muitos dos quais desenvolvidos em parceria com Mark Turner. Essa parte da LCog se ocupa especialmente de descrever como funciona a mente humana em processos desencadeados por certas construções linguísticas, utilizando as noções de domínios cognitivos, espaços mentais, projeções, mesclagem conceitual e outras. Nessa linha, destaca-se a grande contribuição de Seana Coulson, Todd Oakley e Joseph Grady. As aplicações dessa área de pesquisa são inúmeras, a exemplo da descrição de metáforas, metonímias, contrafactualidade, além da descrição de fenômenos extralinguísticos. Neste último caso, os estudos de representações mentais começam a tomar rumo em direção à abordagem que tem em Turner um grande estudioso de traços comportamentais humanos manifestados, por exemplo, em narrativas.

ii) Edwin Hutchins também trabalha com representações mentais, com ênfase nos estudos sobre a capacidade de lidar com redes de integração conceitual manifestada a partir do momento da criação de objetos com os quais lidamos no nosso cotidiano. As pesquisas desse autor mostram que tais objetos funcionam como âncoras para o desencadeamento da mesclagem conceitual, funcionando como entradas (*inputs*) que integram o crescente repertório de redes de integração no ser humano.

iii) Há que se destacar também a grande contribuição de Wallace Chafe, especialmente em relação ao estudo de narrativas e de gêneros textuais. De maneira geral, esse tipo de estudo no âmbito da cognição mostra que a linguagem verbal é reveladora de muitos aspectos sócio-culturais inculcados no homem e que existe uma uniformidade muito grande na estruturação de vários tipos de textos, como manifestação de uma espécie de inconsciente coletivo.

iv) Erving Goffman, numa abordagem mais social dentro da LCoG, desenvolve importantes estudos relacionados ao sujeito no discurso, aludindo à cognição subjacente às manifestações linguísticas explícitas. Esse autor mostra, com profundo nível de detalhamento, como molduras, esquemas e protótipos guiam os pensamentos e as ações humanas de uma forma geral. Destacam-se também, nessa linha de pesquisa, os trabalhos de Gregory Bateson.

v) Também na linha social, direcionando para uma abordagem de estudos lexicais, enquadrados os trabalhos de Gumperz e Tannen. Os trabalhos de John Gumperz tratam com relevância sobre a relação entre o contexto e os processos linguísticos, a exemplo da inferenciação, mostrando como os elementos da enunciação estão ligados ao conteúdo proposicional e ao aspecto gramatical dos enunciados textuais. Esse estudioso mostra como certos aspectos da variabilidade linguística refletem a história e a qualidade das relações sociais dos interlocutores de um processo comunicativo, e que marcadores linguísticos específicos de um grupo de falantes podem ser convencionalizados com o passar do tempo, incluindo traços prosódicos e sinais paralinguísticos.

vi) Podemos destacar também os trabalhos de Deborah Tannen, desenvolvidos, em boa parte, na linha da análise do discurso voltada para narrativas, em que a autora descreve vários princípios relacionados à face do sujeito, como o distanciamento, a deferência e outros.

vii) Na linha de estudos dos aspectos lexicais, Charles Fillmore é o principal representante. Seus estudos realizados desde a década de 1970 apontam para uma abordagem cognitiva da



língua. Sua vasta produção bibliográfica tem servido de contraponto à semântica componencial, sempre incluindo o usuário da língua nos processos ligados à formação lexical. São relevantes os seus trabalhos sobre molduras (*frames*), pressuposições e vários outros aspectos ligados ao estudo da palavra.

viii) Leonard Talmy aprofunda-se na relação entre língua e cognição, defendendo que a classe fechada que denominamos Gramática e a classe aberta que denominamos Léxico são dois subsistemas que se relacionam a diferentes porções da representação cognitiva, respectivamente a parte da estrutura e a parte do conteúdo. Talmy desenvolve importantes conceitos para o estudo lexical, utilizando categorias esquemáticas e sistemas imagéticos, além de tratar da dêixis, da perspectivização, da atenção, entre vários outros aspectos de interesse para a LCog.

ix) Com Ronald Langacker temos uma sólida fundamentação da gramática cognitiva, apresentada nos dois volumes de seus *Foundations of cognitive grammar* (1987, 1991). Além de se tratar de um compêndio que inaugura toda uma sistematicidade aplicável aos fenômenos da linguagem no âmbito da cognição, é um minucioso tratado sobre estrutura semântica, organização gramatical, estrutura dos nomes e estruturação de sentenças.

x) Adele Goldberg destaca-se na LCog ao tratar de operações cognitivas na gramática de construções.

xi) Eve Sweetser, entre inúmeras contribuições, demonstra como as metáforas primárias são biologicamente motivadas.

xii) No polo da abordagem biológica, encontramos George Lakoff, a partir principalmente do clássico *Metaphors we live by* (1980) em conjunto com Mark Johnson. Nessa referência e outras, o autor situa a metáfora como um recurso integrante da linguagem corriqueira, e não só da linguagem figurada, inserindo o procedimento metafórico também no pensamento e nas ações humanas. Sob esse enfoque, o sistema conceitual humano é metafórico por excelência, o que se revela através de gestos, posturas, comportamentos etc., existindo também uma forte influência biológica na determinação de construções metafóricas presentes na linguagem cotidiana.

xiii) Outro grande expoente na LCog que trata especialmente dos domínios relacionados à biologia do conhecimento é Humberto Maturana, com vários estudos que mostram a intrínseca relação entre o domínio fisiológico humano e o ambiente em que aquele se encontra, estabelecendo comportamentos e condutas humanas.

Poderíamos citar muitos outros estudiosos que integram o quadro da LCog, como os que atualmente desenvolvem grandes pesquisas na área do conexionismo, os que desenvolvem as teorias vygotskianas acerca da psicologia social etc. A apresentação desse quadro sucinto, no entanto, tem como objetivo tão somente apresentar uma visão bem superficial dessa área, a fim de aprofundarmo-nos na vertente que interessa aos propósitos de nossa pesquisa.

Além de possuir muitos entrelaçamentos dentro de suas próprias vertentes, a LCog também se inter-relaciona com outras áreas dos estudos linguísticos, além de outras áreas do conhecimento humano. Aspectos linguístico-cognitivos são amplamente desenvolvidos no bojo de áreas de estudos da linguagem como Fonética, Fonologia, Sintaxe, Análise do Discurso, Pragmática etc., bem como em outras ciências distintas, a exemplo da Teoria da Informação e a Sociologia. É por essa razão que até hoje o objeto de inquirição da LCog é um tanto difuso, não raro se confundindo com o objeto de investigação de outras áreas do conhecimento. Nas palavras de Janda (2000, p. 5):

A Linguística Cognitiva não surgiu totalmente formada a partir de uma única fonte, ela não possui um “guru” central e nenhum formalismo cristalizado. Nesse aspecto, ela é uma concatenação de conceitos propostos, testados e ajustados por vários pesquisadores. (...) À medida que cresce, a Linguística Cognitiva vai-se apresentando para nós com ideias novas e novas maneiras de interagir com outras disciplinas.<sup>5</sup>

## 1.2 A gramática como representação

A Gramática Cognitiva lida com construções que são entidades simbólicas por excelência. Uma estrutura gramatical, sob essa perspectiva, consiste numa simbolização convencional de um *continuum* entre uma estrutura semântica e uma estrutura fonológica<sup>6</sup>. A associação entre essa unidade semântica (responsável pela conceitualização de um elemento) e a unidade fonológica (responsável pela vocalização do mesmo) resulta numa unidade simbólica. Esquemáticamente:

---

<sup>5</sup> No original: “Cognitive linguistics has not arisen fully-formed from a single source, it has no central “guru” and no crystallized formalism. At this point it is a concatenation of concepts proposed, tested, and tempered by a variety of researchers. (...) As it grows, cognitive linguistics continues to present us with fresh ideas and new means for interacting with other disciplines.”

<sup>6</sup> Cf. Langacker (1987, p. 76).

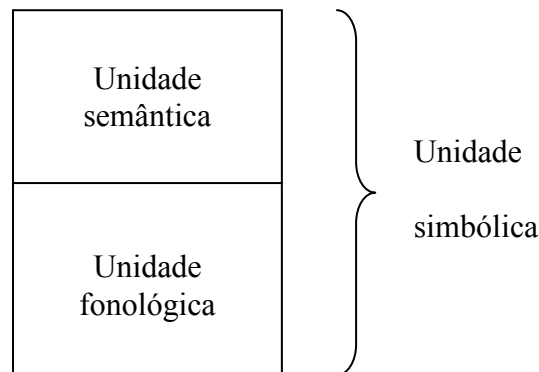


Figura 2 – A composição de uma unidade simbólica

Como foi dito anteriormente, a rigor, não existe, dentro da LCog, uma distinção entre fonologia, morfologia e sintaxe. É por isso que, na composição de uma unidade simbólica, vislumbramos somente um componente fonológico, que abarca as informações que outras disciplinas chamariam de morfossintáticas, associado com um componente que encerra as informações semânticas atinentes à unidade em questão.

Há, porém, um aspecto a ser levado em conta que acarreta uma pequena – mas substancial – mudança na representação de uma unidade simbólica, fazendo-a corresponder mais fielmente à realidade da linguagem: em algumas situações comunicativas, o som é, por si mesmo, portador de significado. Sinais auditivos são capazes de produzir impressões significativas nos ouvintes, razão pela qual os sons podem ser considerados, por si mesmos, entidades perceptuais. Nesse caso, é adequado representar o componente fonológico dentro da região do componente semântico, uma vez que aquele é imbuído de significado<sup>7</sup>. Assim:

---

<sup>7</sup> *Ibid.*, p. 78.

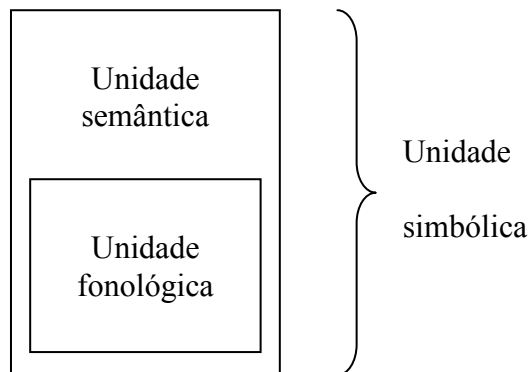


Figura 3 – A inserção da unidade fonológica na unidade semântica, no processo de composição de uma unidade simbólica

Pois bem, essa concepção de Gramática nos possibilita entender a unidade simbólica como uma estrutura (convencional) sancionadora de uma outra estrutura, relacionada diretamente ao uso linguístico, chamada de “estrutura-alvo”, correspondente à imagem criada no/pelo falante através de um processo de codificação. Nesse caso, acontece um processo de sanção: as unidades convencionais da Gramática sancionam, plena ou parcialmente, um determinado uso, sendo esse processo passível de gradação e dependente do julgamento do falante. Influenciam nesse processo todas as experiências dos falantes, desde as de nível sensorial até as de âmbito comportamental e cultural.

Toda essa carga de experiência dos usuários de uma língua – sensorial, comportamental, cultural – interfere na sanção de estruturas porque está diretamente ligada à formação de imagens. Palmer (1996, p. 47) descreve muito bem esse processo ao definir “imagem”. Para este autor, “imagens são representações mentais que começam como análogos conceituais da experiência imediata, perceptual que partem dos órgãos sensoriais periféricos.”<sup>8</sup> Além disso, as imagens são também

análogos conceituais indiretos do ambiente, amplamente construídas de modo a incluir a sociedade, os fenômenos naturais, nossos próprios corpos e seus processos orgânicos (e mentais) e o restante do que é normalmente chamado “realidade” ou “mundo exterior”.<sup>9</sup>

<sup>8</sup> No original: “Images are mental representations that begin as conceptual analogs of immediate, perceptual experience from the peripheral sensory organs.”

<sup>9</sup> No original: “indirect conceptual analogs of the environment, broadly construed to include society, natural phenomena, our own bodies and their organic (and mental) processes, and the rest of what is often called ‘reality’ or ‘the world out there’.” (PALMER, 1996, p. 47).

É de fundamental importância, tanto para os estudos de LCog, bem como para outras vertentes dos estudos da linguagem, a exemplo da Linguística Antropológica e a Linguística Cultural, conhecer as propriedades dos elementos básicos do funcionamento da linguagem, tais como imagens, esquemas, modelos cognitivos, cenários, molduras (*frames*), papéis (*scripts*) e outros, além dos processos que os envolvem e promovem a sua inter-relação. É com o objetivo de oferecer uma visão sobre tais elementos que será dedicada a próxima seção deste trabalho.

### *1.3 Elementos da Gramática Cognitiva*

Tomaremos especialmente de Langacker (1987), Palmer (1996) e Croft e Cruse (2003) algumas definições básicas de elementos e processos com os quais lidamos em LCog para a compreensão do fenômeno da linguagem sob esse enfoque e para uma boa fundamentação do trabalho aqui proposto.

#### *1.3.1 Imagem*

Conforme apresentado anteriormente, “imagem” é uma representação mental criada no/pelo falante através de um processo de codificação e sob influência de fatores sensoriais, comportamentais e culturais. Uma imagem pode ser criada através da memorização ou mesmo através da imaginação, e não só pela percepção direta de um objeto ou evento. Várias imagens podem originar-se a partir de outras já existentes, uma vez que cada imagem incorporada pelo falante passa a constituir um conjunto de conhecimentos que serve de base para a geração de novos conhecimentos.

Além disso, a imagem não se restringe ao nível visual; existem imagens desse tipo, bem como imagens auditivas, olfativas etc., e até imagens sobre eventos, que descrevem como determinadas forças atuam sobre nós.

Tanto uma imagem (*image*) quanto um conjunto imagético (*imagery*) “descrevem a ocorrência de uma sensação perceptual na ausência do correspondente *input* perceptual”<sup>10</sup>. Em outras palavras, a imagem é um elemento autônomo em relação ao

---

<sup>10</sup> No original: “describe the occurrence of a perceptual sensation in the absence of the corresponding perceptual input.” (LANGACKER, 1987, p. 110).

objeto que constitui a sua fonte. Trata-se de um elemento real cujo papel no processo de conceitualização é substancial.

Finke (1989) estabelece cinco princípios gerais que regem a correspondência entre as imagens e os objetos que lhes servem de entrada na sua construção:

- i) Princípio da codificação implícita – as informações acerca das propriedades de um objeto podem ser recuperadas a partir da imagem mental criada a partir desse mesmo objeto;
- ii) Princípio da equivalência espacial – o arranjo espacial dos elementos de uma imagem mental corresponde à maneira como objetos físicos ou partes dos mesmos são arranjados;
- iii) Princípio da equivalência perceptual – no momento em que objetos são imaginados, os processos ativados na mente são similares àqueles realizados quando os objetos são percebidos;
- iv) Princípio da equivalência transformacional – transformações imaginadas e transformações físicas apresentam características correspondentes e são regidas pelas mesmas leis dinâmicas;
- v) Princípio da equivalência estrutural – a estrutura das imagens mentais corresponde à de objetos reais, de forma que tal estrutura é coerente, bem organizada, podendo ser reorganizada e reinterpretada.

A validade desses princípios de Finke, no conjunto, permite-nos explicar por que determinadas crenças como as religiosas, míticas e folclóricas se baseiam na recriação de fatos e na representação de objetos, evocando valores tais como se os fatos e os objetos em questão estivessem presentes no momento da recriação. As imagens criadas nessas crenças são tão reais e podem ser avaliadas e interpretadas nos mesmos moldes em que os objetos e fatos o seriam.

Outras evidências envolvendo esses princípios também são possíveis de serem percebidas no nosso cotidiano, como o ato de um indivíduo salivar instintivamente quando cria a imagem de uma comida saborosa, na ausência dela; e o ato de indivíduos apresentarem um comportamento violento diante de jogos que simulam situações que envolvem violência. Aliás, nos dias atuais, é essa evidência que tem levado a muitas discussões, limitações de uso e proibições de certos tipos de jogos e brinquedos que envolvem armas e violência, com os quais o comportamento de crianças e adolescentes torna-se igual àquele manifestado em situações reais.

### 1.3.2 Esquema

Esquematicidade é a relação estabelecida entre uma estrutura sancionadora e uma estrutura-alvo. O esquema é uma estrutura superordenada em relação às possíveis elaborações ou instanciações esquemáticas.<sup>11</sup>

Uma noção como [ÁRVORE], por exemplo – utilizando aqui a representação convencional de Langacker (1987) – pode ser elaborada de várias maneiras, fazendo-se um refinamento de seus detalhes. Cada uso que se faz dessa noção num evento linguístico específico seria uma instanciação do mesmo esquema, sendo que esta não pode ser considerada uma unidade linguística. [ÁRVORE] é uma unidade semântica que está associada à unidade fonológica [árvore]. A unidade simbólica aí resultante torna-se uma estrutura sancionadora [[ÁRVORE]/[árvore]] que nos remete a uma estrutura-alvo não convencional, criada pelo falante num contexto de uso específico, num processo que pode ser elaborado ou instanciado em estruturas subordinadas. O conceito [ÁRVORE] pode ser instanciado, por exemplo, em [IPÊ], [PINHEIRO], [MANGUEIRA] etc., como se mostra através dos esquemas:

[IPÊ]: [[ÁRVORE] → [IPÊ]],

[PINHEIRO]: [[ÁRVORE] → [PINHEIRO]] e

[MANGUEIRA]: [[ÁRVORE] → [MANGUEIRA]].

Obviamente, os elementos capazes de integrar um determinado esquema possuem certas características que combinam com as do modelo oferecido. Quando a estrutura-alvo preenche todas as características da estrutura sancionadora, diz-se que houve sanção plena, tratando-se, nesse caso, de uma esquematicidade plena. Quando ocorre uma sanção parcial (típica de uma modelização por protótipos), o que existe é uma esquematicidade parcial. Esse aspecto tem relação com a capacidade humana de distinção de traços, conforme o nível em que se está atuando. Lakoff (1987, p. 269) distingue um “nível de interação do homem com o ambiente externo (nível básico), caracterizado pela percepção gestáltica<sup>12</sup>, imaginário mental e movimentos motores” em que as pessoas, com

---

<sup>11</sup> Cf. Langacker (1987, p. 68).

<sup>12</sup> A Psicologia da Gestalt é uma das áreas que exerceu e exerce muita influência na LCog. Surge no início do século XX como uma oposição ao caráter reducionista que explicava muito do comportamento do homem em função de sua composição biológica, em detrimento da cognição. A Gestalt propõe que a percepção humana dos objetos se dá em relação à sua totalidade, e somente a partir daí é que as partes se configuram como tal. Além disso, apregoa o princípio da atenção seletiva, através do qual vários elementos emergem: a dicotomia figura-fundo, a focalização etc.

bastante propriedade, “distinguem tigres de elefantes, cadeiras de mesas, (...) aspargos de brócolis”<sup>13</sup> etc., de um outro nível de percepção mais profundo, que o autor chama de nível “de esquema-imagem” (*image-schematic level*), em que as representações são mais complexas.

Toda a experiência que o ser humano possui em relação ao seu contato com o ambiente em que vive (sensações físico-químicas, experiências corporais etc.) contribui para a formação de conceitos a partir mesmo do nível básico. Tais conceitos baseados na experiência do homem com objetos físicos, ações e relações, pré-concebidas nesse nível básico, entram na estruturação de esquemas que se manifestam tanto no comportamento quanto na linguagem humanos. Lakoff (1987, p. 271-275) apresenta esses esquemas-imagem cinestésicos, que correspondem a bases experienciais fundamentais para a formação de metáforas, com base em Johnson (1987). São os seguintes:

- i) Esquema do contêiner: o corpo humano é concebido como um contêiner, sendo distinguidos o interior, a superfície-limite e o meio externo; a partir dessa noção, o conceito de “dentro” e “fora” se aplica a várias situações<sup>14</sup>;
- ii) Esquema parte-todo: a experiência de lidar com partes que compõem a totalidade do corpo humano gera a formação de um esquema que se aplica também a organizações sociais, como os membros que fazem parte da família, as castas que fazem parte da sociedade etc.;
- iii) Esquema da ligação (*link schema*): com base na primeira ligação que o ser humano possui com o ente materno através do cordão umbilical, forma-se esse esquema que se aplica às relações familiares e sociais. A independência e a liberdade do indivíduo são normalmente concebidas como o rompimento da ligação com os responsáveis por ele ou seus superiores;
- iv) Esquema centro-periferia: a noção do corpo humano como possuindo um centro (formado pelo tronco e órgãos internos) e uma periferia (dedos, cabelos etc.) é esquematizada e aplicada a vários outros elementos, físicos ou não. Similarmente ao corpo humano, o centro é tratado como mais importante, e a periferia como menos importante;

---

<sup>13</sup> No original: “level of human interaction with the external environment (the basic level), characterized by gestalt perception, mental imagery, and motor movements. (...) [people] distinguish tigers from elephants, chairs from tables, (...) asparagus from broccoli”.

<sup>14</sup> Em português, alguns verbos claramente refletem esse esquema, principalmente pelos seus prefixos, como: *injetar, ingerir, introduzir, introjetar, excretar, expelir* etc., além de construções como: *estar dentro das expectativas, estar fora de controle* etc.



v) Esquema origem-caminho-destino: o deslocamento do homem no espaço gera esse esquema que é aplicado a várias situações, incluindo relações pessoais e sociais. Muitas vezes, o ponto de partida é concebido como o início de uma relação ou evento; o caminho é onde se encontram as venturas e as dificuldades; e o ponto de chegada é concebido como o objetivo ou mesmo o término da relação ou evento.

Lakoff (1987) cita outros esquemas-imagem existentes, como: para cima – para baixo; para frente – para trás; ordem linear etc., com a importância de que todos eles mantêm uma base lógica quando se prestam à projeção de elementos para a criação de metáforas, além de serem estruturadores básicos da nossa experiência.

### *1.3.3 Moldura (Frame)*

A moldura é um elemento da cognição ligado diretamente ao fenômeno da compreensão ou do entendimento. As palavras utilizadas num determinado texto evocam ao mesmo tempo uma certa ideia do autor e uma ideia interpretada pelo receptor. Essa compreensão realizada acerca de um determinado ser constitui o que chamamos de moldura. Todo o processo de interpretação de sentidos se baseia numa constante retomada desses elementos.

A construção de molduras é de fundamental importância para uma distinção de entidades que vai além da pura segmentação de traços semânticos bem ao gosto de uma semântica baseada em valores de verdade. A diferença entre “menino” e “homem”, por exemplo, vai além do traço característico da diferença etária, atingindo outros aspectos como comportamentos diferenciados, presença/ausência de ingenuidade, grau de maturidade comportamental etc. Diríamos, nesse caso, que existe uma moldura específica para “menino” e uma moldura para “homem”.

Da mesma forma, pode-se dizer que a diferença entre “menino”, “garoto”, “rapaz”, “pirralho”, “fedelho”, “moleque” e “guri”, por exemplo, reside numa diferenciação de molduras que abarca inúmeras informações de diferenças comportamentais – nesse caso, nem o traço [idade] seria capaz de estabelecer as distinções visíveis entre os elementos. Esse aspecto, por si só, garante a importância das molduras para a construção de imagens cognitivas e, conseqüentemente, a importância da consideração e estudo desse elemento dentro da LCoG.

Croft e Cruse (2003) apresentam a organização perfil-moldura como um importante conceito linguístico-cognitivo, de forma parecida com a dicotomia perfil-base, que será apresentada em seção mais adiante.

#### 1.3.4 *Papel (Script)*

O papel ou *script* é o elemento que especifica as ações dos participantes de uma cena, em que uma sequência de eventos ou ideias é definida. Com essa propriedade, o papel orienta os sujeitos em relação à sua fala e às suas ações, podendo ser culturalmente determinadas.

A formação de estereótipos linguísticos e culturais está relacionada diretamente a esse elemento, que se liga necessariamente às vicissitudes de enunciação e conhecimento prévio. A importância desse elemento no discurso reside principalmente no fato de que ele ajuda na compreensão de um evento e permite prevermos o que vai ou pode acontecer na sequência.

Em LCoG é clássica como exemplo de papel ou *script* a ida de alguém a um restaurante; constitui como papel dessa cena, por exemplo, a seguinte sequência de eventos:

- 1º) o sujeito entra num restaurante;
- 2º) o sujeito se senta a uma mesa;
- 3º) o garçom leva o cardápio e anota o seu pedido;
- 4º) a refeição é servida;
- 5º) a conta é paga e
- 6º) o sujeito sai do restaurante.

Obviamente novas ações podem entrar em cena, assim como alguma(s) ação(ões) pode(m) ser subvertida(s), mas, de toda forma, esse é o papel ou *script* culturalmente determinado, que integra o conhecimento de mundo dos membros da comunidade, em relação à utilização de um restaurante.

Existem vários papéis definidos no nosso meio cultural com uma especificidade linguística maior, a exemplo do que acontece quando alguém estranho oferece algo para outra pessoa. Pode ocorrer a seguinte sequência de eventos, cada um acompanhado de expressões linguísticas relativamente uniformes:

- 1º) locutor 1 oferece algo para locutor 2 (*Você aceita..?*);

- 2º) locutor 2 recusa e agradece (*Não, obrigado.*);  
3º) locutor 1 insiste na oferta (*Pode aceitar.*);  
4º) locutor 2 aceita a oferta e agradece (*Muito obrigado.*).

### 1.3.5 Cena ou cenário

Segundo Palmer (1996), cena ou cenário é o elemento que estimula nossas expectativas, onde se podem desenvolver vários esquemas imagéticos. O conceito de cenário muitas vezes se confunde com o conceito de papel, pois ambos estão diretamente relacionados com sequenciação de eventos e revelam um determinado sistema conceitual.

O estabelecimento de cenários é um elemento muito importante para o estudo sobre as metáforas (além de outros fenômenos da linguagem), pois várias construções linguísticas são reflexos daqueles e denotam uma conceitualização pré-estabelecida que está além do nível da palavra.

Palmer (1996, p. 171-221) dedica um capítulo de sua obra à investigação de como o próprio discurso é representado em cenários culturalmente definidos, distinguindo aqueles ligados diretamente ao conhecimento verbal, que o autor chama de “cenários discursivos”, os quais envolvem uma variedade de elementos como os atos de fala, a sequenciação narrativa, a perspectivação etc.

### 1.3.6 Domínio

Chama-se domínio o conjunto de representações cognitivas que encerram informações acerca de uma determinada área de conhecimento. O domínio possui natureza bastante complexa, podendo apresentar, dentro de si, outros domínios. Esse elemento pode comportar informações sobre eventos, objetos, categorias, esquemas etc.

Langacker (1987, p. 147) define o domínio como “um contexto para a caracterização de uma unidade semântica”, uma vez que todas as unidades linguísticas, em algum grau, são dependentes do contexto. Além disso, diz o autor que “Domínios são necessariamente entidades cognitivas: experiências mentais, espaços de representação, conceitos ou complexos conceituais”<sup>15</sup> (*ibid.*, p. 147).

---

<sup>15</sup> No original: “A context for the characterization of a semantic unit (...). Domains are necessarily cognitive entities: mental experiences, representational spaces, concepts, or conceptual complexes.”

A noção de domínio é muito importante para o estudo de metáforas, uma vez que, via de regra, esse fenômeno é tratado em termos de transposição de elementos de um domínio (fonte) para outro domínio (alvo) – assim ocorre desde as definições mais tradicionais da metáfora como simples figura de linguagem até as abordagens mais contemporâneas no nível da cognição, como veremos mais adiante neste trabalho. Esse elemento é também de crucial importância para lidar com a teoria dos Espaços Mentais e da Mesclagem Conceitual, razão pela qual ele será retomado inúmeras vezes ao longo desta tese.

### *1.3.7 Modelo cognitivo*

O modelo cognitivo é um complexo capaz de estruturar espaços mentais (que serão bastante detalhados posteriormente), construído a partir de conceitos do nível básico e do nível de esquema-imagem, sendo que estes esquemas imagéticos é que oferecem elementos a serem utilizados nesses modelos.

Lakoff (1987, p. 284) apresenta importantes características do que ele chama de Modelo Cognitivo Idealizado (doravante MCI). Para o autor, cada MCI é uma estrutura simbólica complexa, podendo apresentar uma estrutura em bloco (quando o significado do todo existe em função do significado das partes que o compõem) ou uma estrutura gestáltica (quando o significado do todo não decorre do significado de cada uma das partes). Lakoff (*ibid.*, p. 284) apresenta cinco tipos básicos de MCI, de acordo com sua estrutura básica: i) de esquema-imagem, ii) proposicional, iii) metafórico, iv) metonímico e v) simbólico.

Ademais, os MCIs são especialmente úteis para se proceder à caracterização de construções gramaticais; dada a natureza de uma estrutura sintática, podemos representar as construções gramaticais em termos de modelos cognitivos. As expressões linguísticas ou são associadas diretamente a um MCI ou contêm elementos de um MCI.

### *1.3.8 Relevância*

A noção de relevância, nos estudos linguístico-cognitivos e no modelo da gramática baseada no uso, é fundamental no estabelecimento das estruturas sintáticas de uma língua, conforme atestam Croft e Cruse (2003), além de outros estudiosos da área.

Fatores diretamente ligados à estruturação sintática, como a ordenação das palavras, a inserção de itens lexicais, o posicionamento de termos dentro das sentenças etc., são casos decorrentes de forças semânticas que atuam sobre o nível morfossintático, nele se manifestando. O que é relevante dentro de um dado contexto comunicativo imprime marcas no nível da organização vocabular, sendo um fator de determinação deste nível.

A teoria da relevância é explorada no âmbito de diferentes áreas de estudos da linguagem, a exemplo das pesquisas realizadas dentro da perspectiva funcional da sentença, que tem em Ilari (1992), por exemplo, um detalhamento nítido – dentro da chamada articulação tema-rema – de como os fatores de estruturação sintática mencionados acima manifestam importantes informações no nível semântico-pragmático. Na abordagem da LCog, interessa mostrar que fenômenos da linguagem tais como a clivagem ou segmentação, apassivação, focalização, topicalização e outros acontecem com um certo grau de previsibilidade dentro do sistema obedecendo, primeiro, à força ilocucional que envolve os enunciados. A preponderância do ilocutório sobre o nível de estruturação morfossintática pode ser percebida nas possibilidades de utilização de um mesmo modelo estrutural (por exemplo, de sentenças declarativas) para atender a diferentes finalidades comunicativas, como fazer uma pergunta, realizar um pedido, emitir um comando etc. Para a gramática cognitiva, esse fenômeno equivale à afirmação da preponderância do polo semântico sobre o polo fonológico.

### *1.3.9 Elementos de perspectiva*

Em LCog, são muito importantes os elementos relacionados ao processo de perspectivação, ou seja, a maneira como os objetos são focalizados. Muitos desses elementos apresentam fundamento em estudos relacionados à plasticidade dos objetos, com predomínio do aspecto visual, mas com grandes aplicações também em eventos linguísticos. Vejamos uma breve descrição acerca deles:

#### *1.3.9.1 Figura / Fundo (Figure / Ground)*

Figura e fundo são elementos que compõem uma importante dicotomia nos estudos cognitivos, aplicável tanto a questões relativas à plasticidade de objetos quanto a aspectos de linguagem. Uma cena pode ser focalizada de várias maneiras; dependendo do

modo como se dá a focalização, impõe-se um certo alinhamento em que uma região de tamanho indeterminado se torna mais proeminente (*foreground*), em oposição à região normalmente mais distante do observador ou na qual ele não fixa sua atenção (*background*). Em relação a um mesmo objeto, *foreground* e *background* podem alternar-se, dependendo da focalização realizada pelo observador.

Um elemento (figura) pode ter diferentes interpretações dependendo do que se toma propriamente como sendo o fundo relativo ao mesmo. Na ilustração abaixo, por exemplo, de Escher, podemos visualizar anjos claros como figuras num fundo escuro ou demônios escuros como figuras num fundo claro:

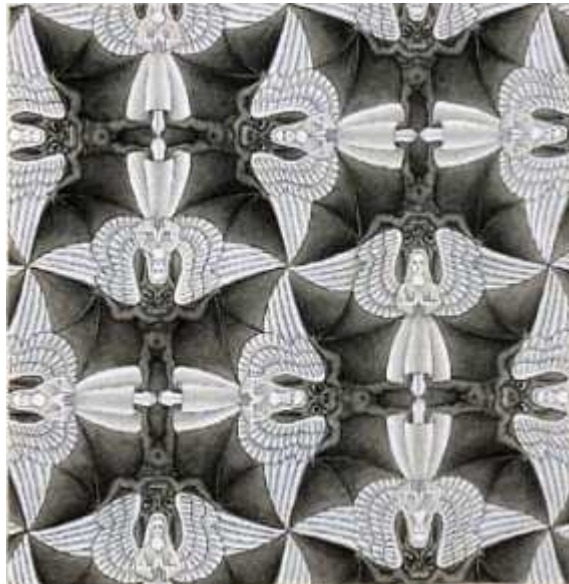


Figura 4 – Simetria nº 45, ilustração do artista holandês M. C. Escher (1898-1972)

Na linguagem verbal, a alternância entre figura e fundo enseja a utilização de construções gramaticais próprias, bem como o emprego de palavras e construções específicas para tal. Uma mesma cena, por exemplo, pode ser descrita por um locutor de diferentes formas: “uma xícara sobre um pires” e “um pires debaixo da xícara” só variam em função da escolha que se faz entre o que vem a ser figura e o que vem a ser fundo: no primeiro caso, “xícara” é a figura evidenciada em relação ao fundo “pires”; no segundo caso, “pires” está em evidência, e a “xícara” compõe o fundo.

### 1.3.9.2 Perfil / Base (Profile / Base)

De acordo com Langacker (1987, p. 183), perfil é o *designatum* de uma predicação, enquanto a base é o escopo desta. A dicotomia perfil-base está relacionada com a proeminência de um elemento na predicação, a seleção de uma subestrutura específica para designação desse elemento.

Langacker utiliza como um dos exemplos para explicação sobre essa dicotomia – retomado e desenvolvido por Croft e Cruse (2003) – a noção geométrica de “raio”. O raio é um segmento de reta, mas não é qualquer segmento de reta; ele é definido em relação ao círculo, ou seja, só podemos compreender o conceito de raio através do conhecimento prévio do conceito “círculo”. O círculo é, portanto, a base sobre a qual se firma o conceito do perfil raio. “A base é aquele conhecimento ou estrutura conceitual que é pressuposta pelo conceito perfilado”<sup>16</sup>.

### 1.3.9.3 Trajetor / Marco (Trajector / Landmark)

Segundo Langacker (1987, p. 231), a dicotomia trajetor-marco é “um caso especial de alinhamento de figura e fundo”<sup>17</sup>. É uma noção fundamental para descrever predicados relacionais – uma vez que o trajetor funciona como figura nesse tipo de construção – e subjaz à clássica distinção entre sujeito e objeto.

Em relação a construções linguísticas do tipo “A é igual a B” ou “A se parece com B”, não se pode dizer que se trata de afirmações simétricas, sinônimas de “B é igual a A” ou “B se parece com A”. No caso das primeiras, o elemento B funciona como um ponto de referência sobre o qual é realizada a avaliação ou julgamento do elemento A. Em outras palavras, o elemento A funciona como figura a ser construída em função das características oferecidas pelo elemento de fundo – A é o trajetor e B é o marco.

A percepção de figura e fundo, sendo uma característica intrínseca da cognição humana, manifesta-se na linguagem verbal através de várias construções. Sendo um caso especial desse tipo de percepção, a dicotomia trajetor-marco está ligada a vários outros fenômenos da linguagem, como a topicalização e a estruturação interna dos

---

<sup>16</sup> No original: “The base is that knowledge or conceptual structure that is presupposed by the profiled concept.” (CROFT; CRUSE, 2003, cap. 2, p. 7)

<sup>17</sup> No original: “a special case of figure/ground alignment”.

predicados. Ao evidenciar um elemento de um enunciado na função de tópico, está-se trazendo o mesmo para a função de trajetor. E ao selecionar-se um agente para um verbo de movimento, por exemplo, para ocupar a função de sujeito de uma sentença, está-se selecionando um trajetor que combine com as informações oferecidas pelo marco, contidas no verbo em questão.

#### *1.3.9.4 Ponto-de-Vista (Viewpoint)*

Especialmente nas experiências sensoriais relacionadas com a visão, o ponto-de-vista apresenta correlação direta com o grau de proximidade e saliência que um observador possui em relação a um objeto. Os participantes de uma cena podem assumir diferentes posições em relação a um objeto, ou um mesmo participante pode assumir tais diferentes posições, o que confere um grau de complexidade e variação muito amplo ao modo como um mesmo objeto pode ser focalizado.

A noção de ponto-de-vista abarca duas outras, que são importantes habilidades cognitivas humanas: o ponto-de-vantagem (*vantage point*) e a orientação (LANGACKER, 1987, p. 123). O primeiro diz respeito à posição a partir da qual um objeto é observado, e a segunda é o alinhamento traçado entre o observador e o objeto em relação ao eixo do campo visual. De um mesmo ponto-de-vantagem, por exemplo, um observador pode mudar a orientação a partir do momento em que deixa de focalizar sentado um objeto e passa a focalizá-lo de pé.

#### *1.3.9.5 Dêixis*

A dêixis é um fenômeno da linguagem amplamente estudado a partir dos seus aspectos ligados à estruturação de textos, como importante elemento integrante dos níveis de coesão e coerência textuais. É também um fenômeno largamente descrito no âmbito da teoria gerativista, especialmente em relação ao processo de retomada de elementos na passagem da estrutura profunda para a estrutura superficial das línguas naturais, correlacionado com o estudo sobre a anáfora.

No âmbito da LCOg, a dêixis é um elemento que integra os recursos de ajuste focal. Langacker (1987, p. 126) diz que uma expressão dêítica é “definida como aquela que inclui alguma referência a um elemento de fundo dentro do seu escopo de



predicação”<sup>18</sup>. Na categoria dos dêiticos, incluem-se alguns elementos primários, como pronomes pessoais e advérbios, que fazem referência a elementos de fundo de um discurso (exemplos: *eu, você, aqui, aí, agora, hoje, amanhã*), e algumas construções mais complexas, como as que encerram certos pronomes e artigos – exemplos: i) *este lápis quebrado*, ii) *uma montanha alta* – em decorrência da definitude e proximidade do falante (exemplo i) e pela indefinição predicada pelo artigo (exemplo ii).

#### 1.3.9.6 Subjetividade / Objetividade

Toda expressão linguística cria ou evoca uma conceitualização sobre objetos ou eventos por meio das imagens construídas. Nesse processo, o falante (e, em outra instância, também o ouvinte) vê-se obrigado a operar escolhas, no intuito de transmitir os conceitos desejados.

Um observador (*self*) é o elemento detentor da máxima carga de subjetividade. Em contato com um objeto, estabelece com ele uma relação de construção da cena, a qual, em decorrência das escolhas operadas pelo observador, vai apresentar um grau de menor subjetividade que o encerrado pelo observador e de menor objetividade que o encerrado pelo objeto. A conceitualização decorrente desse processo, com uma escala de variação muito grande, apresenta, portanto, uma escolha que se situa entre o grau máximo de subjetividade (*self*) e o grau máximo de objetividade (objeto).

#### 1.4 Considerações finais

Os aspectos aqui apresentados, no conjunto, conferem uma visão sobre o arcabouço teórico de um programa de pesquisa que podemos chamar de LCOg. A preocupação central desse campo vem a ser, obviamente, o processamento cognitivo da linguagem humana. Obviamente isso implica uma série de interseções com outras disciplinas afins, já que a linguagem é tratada como um componente mental interligado com as demais habilidades cognitivas humanas, além de carregar uma grande gama de traços de origem sócio-cultural.

---

<sup>18</sup> No original: “defined as one that includes some reference to a ground element within its scope of predication”.

Como uma área de estudos específica, a LCog é bastante nova, tendo-se firmado principalmente a partir da revolução psicológica no início do século XX que deu origem à Gestalt e com os questionamentos e postulados da Gramática Cognitiva na década de 1980, destacando também a preocupação com os aspectos mentais relacionados à linguagem empreendida pelos gerativistas no início da segunda metade do século XX. Enfim, a LCog é uma área ainda em gestação – não obstante muitos resultados profícuos já tenham saído dos seus estudos –, principalmente se comparada a outras áreas mais solidificadas em função de séculos de existência.

É sob a égide do pensamento da LCog que se desenvolve o presente trabalho. Após a visão geral apresentada neste capítulo, vamos nos adentrar em teorias que serão fundamentais para a continuidade da nossa pesquisa. O capítulo que se vai iniciar agora é uma espécie de refinamento do primeiro; entre os elementos e fenômenos apresentados anteriormente, vamos nos centrar em alguns que terão maior aplicabilidade ao presente estudo, mais especificamente relacionados a um tipo específico de domínio cognitivo, cuja definição geral foi apresentada em seção anterior bem *en passant*. A noção de “domínio” será estendida com um rico aporte teórico oferecido pelas pesquisas de Fauconnier e Turner, reforçando a proposta de empreender nossa pesquisa no polo das representações mentais, conforme também se mencionou mais acima.

## CAPÍTULO 2

### A TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS E DA MESCLAGEM CONCEITUAL

#### 2.1 Apresentação

Em LCog, mais especificamente no campo da Semântica Cognitiva, vigora uma teoria de fundamental importância para o estudo do sentido e para a compreensão do processamento da linguagem. Trata-se de um aparato teórico profundamente esclarecedor acerca de como o sentido de palavras e expressões é processado na mente humana: a teoria dos Espaços Mentais (doravante EM), postulada por Gilles Fauconnier, publicada primeiramente em versão francesa de 1984<sup>19</sup> e amplamente difundida na obra de 1994, *Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language*.

De uma forma bastante ampla, podemos caracterizar os EM como domínios cognitivos de natureza semântico-pragmática que se configuram no processamento discursivo. Eles explicam o processamento do sentido para além da linguagem verbal, numa articulação tal que envolve conhecimentos prévios, informações contextuais e outras habilidades cognitivas humanas.

Um discurso qualquer pode ser descrito através de um conjunto de EM que vão sendo ativados à medida que o falante utiliza elementos de diferentes domínios cognitivos, numa complexa rede de inter-relações entre esses domínios. Um arranjo especial entre esses EM também foi modelado por Gilles Fauconnier em parceria com Mark Turner, dando início a uma série de estudos dentro de outra importante teoria

---

<sup>19</sup> *Espaces mentaux: aspects de la construction du sens dans les langues naturelles*, publicada em Paris.

semântico-cognitiva, a teoria da Mesclagem Conceitual (doravante MC), publicada pela primeira vez em abril de 1994<sup>20</sup> na forma de relatório técnico e depois desenvolvida através de várias obras desses autores e outros, muitas das quais serão discutidas aqui.

Os ganhos proporcionados pelo modelo da MC se devem ao fato de que se trata de um arranjo muito dinâmico. Basicamente, qualquer espaço mental pode servir como espaço de entrada (*input*), com informações que serão mapeadas com as de outro espaço mental, resultando no espaço da mescla, como veremos detalhadamente a seguir. Nessa configuração, vislumbra-se uma série de aspectos importantes para a compreensão do fenômeno da linguagem, como:

- i) a projeção de elementos para o espaço da mescla é seletiva; nem todas as informações constantes nos espaços de entrada aparecem na mescla;
- ii) as mesclas são motivadas pelos espaços de entrada, mas não são previsíveis a partir destes, o que confere um grau de dinamicidade muito grande à categoria do sentido;
- iii) existem sentidos emergentes, que surgem no processo da mesclagem, sem que tenham uma origem pré-estabelecida.

No conjunto, essas características e as demais que serão apresentadas são essenciais ao tratamento do nosso objeto de pesquisa, a metáfora. Esse recurso de linguagem encontra nos EM e na MC um excelente apoio para a descrição do seu mecanismo.

## *2.2 A Teoria dos Espaços Mentais*

Vejam, a seguir, o que define a teoria dos EM desde que foi postulada no último quartel do século XX até os estudos mais modernos, que já enriqueceram bastante a teoria inicial, chegando até a mudá-la em alguns aspectos.

### *2.2.1 Aspectos básicos da teoria*

Fauconnier (1994) caracteriza os EM como domínios cognitivos que são ativados por certas expressões linguísticas e por alguns mecanismos de reconhecimento de elementos em diferentes campos (psicológico, cultural, histórico, ficcional etc.). A

---

<sup>20</sup> *Conceptual projection and middle spaces*, pela Universidade da Califórnia, San Diego.

dinâmica que envolve os EM se resume no seguinte: a referência a um determinado elemento “a” situa-o num domínio cognitivo específico, chamado domínio-fonte. Através de um conector, que pode ser uma expressão linguística ou um outro mecanismo construtor de espaço, as características desse elemento “a” são projetadas para um elemento “b” pertencente a outro domínio cognitivo, chamado domínio-alvo. Esquemáticamente, temos o seguinte:

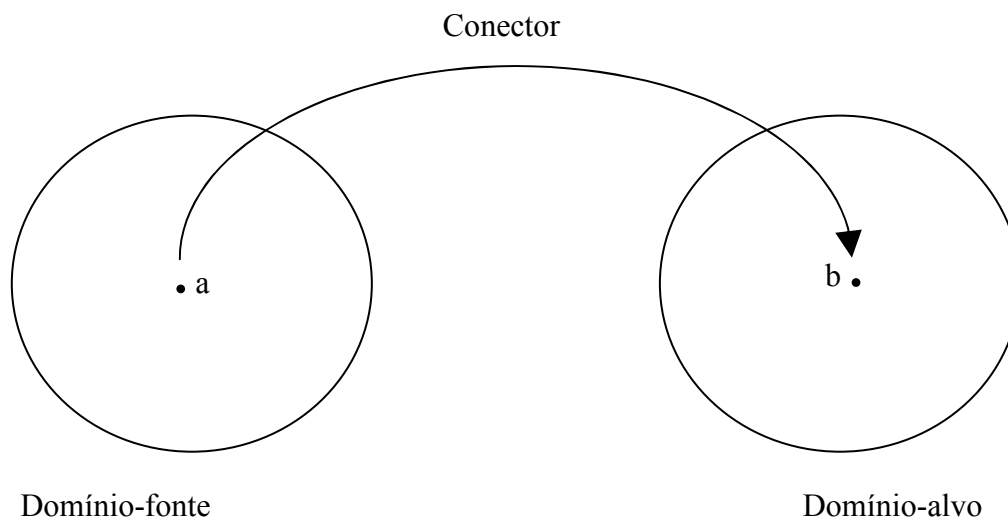


Figura 5 – Esquema de projeção de elementos entre espaços mentais diferentes

O modelo acima é o princípio de uma complexa rede de relações entre domínios cognitivos que se processa na linguagem. Durante uma prática comunicativa qualquer, ativamos vários EM e inter-relacionamos elementos de vários desses espaços, estabelecendo uma rede de projeções tal que a linguagem se configura como um intrincado emaranhado de elementos, domínios e projeções. Esse modelo nos permite entender que a linguagem humana é um jogo de projeções por excelência. Fazemos analogias o tempo todo, sendo tais o fundamento do nosso raciocínio em várias situações, desde a comunicação corriqueira mais elementar até as construções consideradas mais complexas.

Vejamos uma aplicação desse modelo de Fauconnier à sequência linguística que destacamos no pequeno texto abaixo:

(1) Dois carregadores estão conversando e um diz: “Se eu fosse Presidente da República, eu só acordava lá pelo meio-dia, depois ia almoçar lá pelas três, quatro horas. Só então é que eu ia fazer o primeiro carroto.”<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> Transcrito de prova de Língua Portuguesa de Vestibular da Unicamp – SP. Grifo nosso.

Nesse caso, o domínio-fonte engloba as informações referentes ao mundo do carregador (pobreza, necessidade de trabalhar, dificuldades de sobrevivência etc.), enquanto o domínio-alvo abarca os dados relativos à vida do Presidente da República (marcada pelo poder, regalias etc.). Para a compreensão do sentido do trecho, as informações do domínio do carregador são transpostas para o domínio do Presidente da República, e funciona como conector, nesse caso, a expressão introdutora da contrafactualidade, “se eu fosse”. Nesse processo, toda a noção relativa aos comportamentos e estilo de vida do carregador é compreendida no âmbito de outro domínio, o do Presidente da República. Esquematicamente:

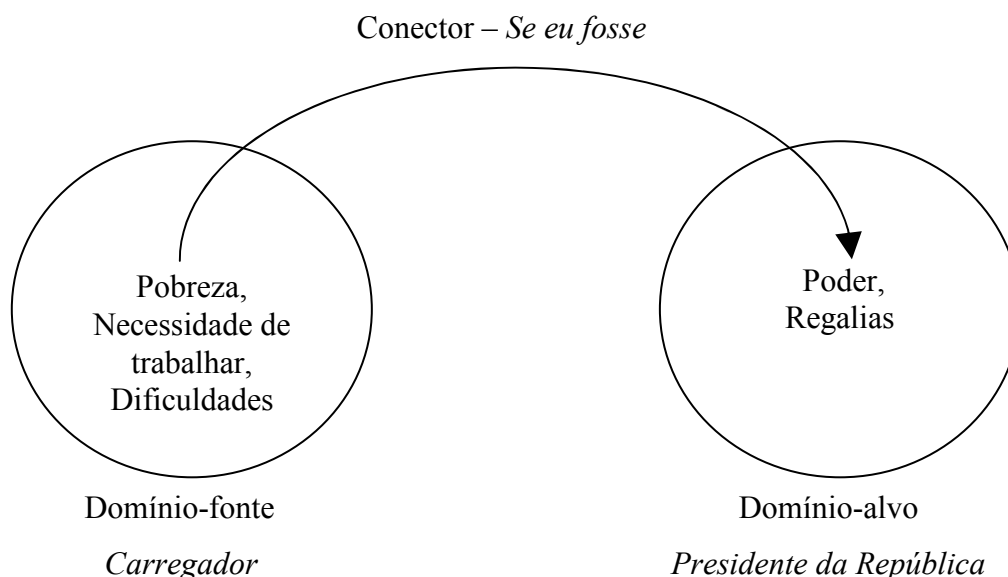


Figura 6 – Esquema de projeção de informações entre domínios diferentes

Esse modelo descritivo de Fauconnier é capaz de explicar como funciona a mente humana diante de situações em que operamos vários tipos de analogias, mas ele não é suficiente para explicar a seletividade que envolve o processo, ou seja, a imagem de um carregador que possui certas regalias de um Presidente da República, ou a imagem de um Presidente da República que precisa fazer carreto. Isso vai concretizar-se mais tarde com a teoria da MC, como veremos adiante. De toda forma, a teoria dos EM veio esclarecer como somos capazes de lidar com elementos de diferentes espaços, projetando informações de um domínio para outro.

Esse modelo de projeção de informações de um domínio-fonte para um domínio-alvo atende a um princípio mais geral, o Princípio de Identificação, também

chamado por Fauconnier (1997, p. 41) de Princípio de Acesso, segundo o qual se afirma o seguinte:

Se dois objetos  $a$  e  $b$  se ligam por uma função pragmática  $F$  ( $b = F(a)$ ), então uma descrição de  $a$  ( $d_a$ ) pode ser usada para identificar sua contraparte  $b$ .

Por “função pragmática” entende-se o estabelecimento de “ligações entre objetos de natureza diferente por razões psicológicas, culturais ou localizadamente pragmáticas”<sup>22</sup>, noção bem desenvolvida por Nunberg (1978). Em outras palavras, existem razões de natureza extralinguística que justificam o fenômeno da projeção, e esse é um ponto crucial para o nosso estudo sobre metáforas, como veremos à frente. No caso acima, não é por acaso que o carregador estabelece a analogia com o Presidente da República; existe uma série de características sobre esta entidade que motivam o processo de analogia.

Um aspecto da dinâmica de projeção de elementos entre domínios que algumas vezes pode trazer dificuldades de compreensão de detalhes da teoria dos EM é a identificação de qual espaço se caracteriza como fonte e qual se caracteriza como alvo. Posteriormente essa noção vai desembocar na ideia de mapeamentos, como veremos depois, mas por ora é interessante definirmos melhor essa questão da direcionalidade da projeção.

No caso da contrafactualidade (“se  $p$ , então  $q$ ”), afirma Fauconnier (1994, p. 31) que um novo espaço  $H$  (hipotético) se instaura, sustentado pelas afirmações  $p$  e  $q$ . O domínio-fonte é o espaço da realidade do falante, donde são projetadas as afirmações para o domínio-alvo  $H$ . Voltando ao caso do carregador acima, o espaço que serve de base para a construção hipotética é aquele que engloba as informações da realidade do mundo do carregador, a partir do qual se constrói a hipotética imagem de alguém investido do cargo de Presidente da República fazendo carroto.

Mas, mesmo na situação de contrafactualidade e em outras em que normalmente acontece a projeção conceitual (construção de metonímias, utilização de imagens, crenças, recorrências de tempo e espaço, emprego de certos tempos e modos verbais etc.), o modelo pode mostrar-se mais complexo. A expressão “A garota de olhos azuis tem olhos verdes”, um exemplo recorrente na bibliografia de Semântica Cognitiva,

---

<sup>22</sup> No original: “links between objects of a different nature for psychological, cultural, or locally pragmatic reasons” (FAUCONNIER, 1994, p. 3).

pode apresentar diferentes projeções conceituais dependendo do contexto maior em que se encontra. No caso abaixo, descrito por Fauconnier (1994, p. 12-13):

(2) Na pintura de Len, a garota de olhos azuis tem olhos verdes.

a expressão adverbial “na pintura de Len” instaura um espaço imagético, no qual se insere a garota de olhos verdes (domínio-alvo). O domínio-fonte para essa construção de imagem é o domínio da realidade, que serve de modelo para a construção da imagem de Len, em que existe uma garota de olhos azuis. Ou seja: nesse caso, parte-se de um objeto da realidade do falante para a construção de uma imagem no domínio da realidade da pintura de Len. Já nesta outra situação:

(3) Na realidade, a garota de olhos azuis tem olhos verdes.

em que o conector é a expressão “na realidade”, parte-se de uma imagem (“a garota de olhos azuis”), que pode estar presente, por exemplo, numa pintura, para atingir o domínio-alvo da realidade do falante, em que existe uma garota de olhos verdes. A garota de olhos azuis serve como um “gatilho” – utilizando aqui um termo comum na bibliografia sobre o assunto, *trigger* – para atingir o domínio da realidade, contrariamente ao que ocorre no exemplo (2) acima.

Como já dissemos anteriormente, a linguagem, na prática, é um complexo jogo de ativação de EM e de projeção de elementos entre diferentes domínios conceituais. Um bom exemplo desse jogo é também apresentado por Fauconnier (1997, p. 44-48) ao analisar a fábula “Aquiles e a tartaruga”, do filósofo pré-socrático Zenão de Eleia. O trecho analisado é o seguinte:

(4) Aquiles vê uma tartaruga. Ele a persegue. Ele pensa que a tartaruga é lenta e que ele a apanhará. Mas ela é rápida. Se a tartaruga fosse lenta, Aquiles a teria apanhado. Talvez a tartaruga seja realmente uma lebre.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> No original: “Achilles sees a tortoise. He chases it. He thinks that the tortoise is slow and that he will catch it. But it is fast. If the tortoise had been slow, Achilles would have caught it. Maybe the tortoise is really a hare.” (FAUCONNIER, 1997, p. 44)



Fauconnier apresenta, passo a passo, o esquema de ativação de EM à medida que transcorre a narrativa acima, culminando numa rede de domínios cognitivos representada na figura abaixo:

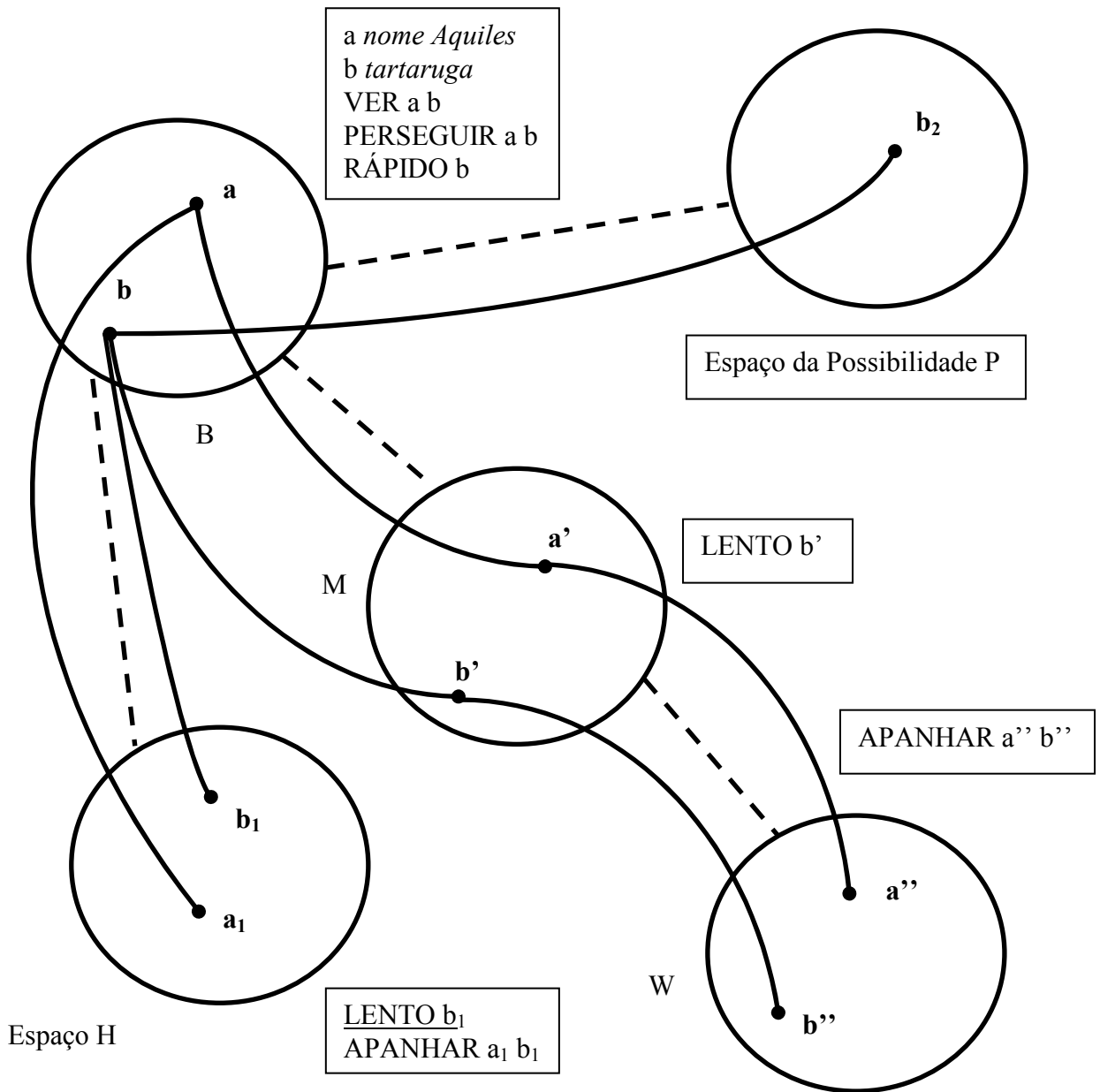


Figura 7 – Representação dos espaços mentais baseada no conto “Aquiles e a Tartaruga”, cf. Fauconnier (1997, p. 48)

No esquema acima, B é o espaço-base, em que são apresentados os elementos *a* (Aquiles) e *b* (tartaruga). Esse espaço encerra também as informações *a* vê *b* e *a* persegue *b*. O verbo “pensar” instaura o espaço da crença M, em que o elemento *b* é

projetado revestido da característica “lento”. Com base nas informações desse domínio, é criado o espaço do futuro  $W$ , em que  $a''$  apanha  $b''$ . No entanto, surge o elemento “mas” no texto responsável pela suplantação de todo o padrão estabelecido até então, retornando a leitura ao espaço-base  $B$ , acrescentando a informação de que  $b$  é rápido. A partir novamente desse espaço, é instaurado o espaço hipotético  $H$ , através do construtor contrafactual, no qual  $a_1$  apanha  $b_1$ , na hipótese de  $b_1$  ser lento. Finalmente, de volta para o espaço-base, o elemento  $b$  serve de gatilho para a projeção de  $b_2$  como sendo uma lebre no espaço da possibilidade  $P$ , ativado pelo construtor “talvez”.

Esse esquema apresentado na Figura 7 é importante para mostrar que a teoria dos EM é bastante dinâmica, em termos de articulação entre os domínios instaurados. Não se trata de uma representação fixa e única, como a que se encontra nas Figuras 5 e 6; ela vai sendo enriquecida à medida que transcorre o discurso representado dentro desse modelo.

### 2.2.2 Os EM no nível da significação implícita

Pelos esquemas de análise apresentados anteriormente, percebem-se nitidamente duas importantes características relacionadas à teoria dos EM: i) trata-se de um modelo que lida com objetos e informações nem sempre presentes na realidade concreta dos falantes; ii) os usuários da língua apresentam a capacidade de lidar com objetos e informações no nível do imaginário da mesma maneira como lidariam com os mesmos no domínio da realidade dos falantes.

Esse comportamento relacionado aos EM, de certa forma, tem correlação com uma outra propriedade básica dessa teoria: elementos e informações existentes no nível da significação implícita da linguagem – na forma de pressuposições – também são passíveis de projeções dentro da rede conceitual. Entendemos que a correlação com as características apresentadas acima se dá pelo fato de que informações implícitas não estão presentes no domínio da realidade visível (explícita) da sentença<sup>24</sup>. Daí, podemos reescrever as características acima da seguinte maneira, com o mesmo grau de validade dentro da teoria dos EM: i) trata-se de um modelo que lida com objetos e informações nem

---

<sup>24</sup> É importante lembrar, nesse ponto, que os pressupostos são informações presentes no nível implícito da linguagem, porém sempre introduzidos por algum marcador linguístico explícito no nível do léxico ou da sintaxe, conforme já descrevemos minuciosamente as características e propriedades desses elementos em Souza (2000).

sempre presentes no nível explícito da linguagem; ii) os usuários da língua apresentam a capacidade de lidar com objetos e informações no nível implícito da mesma maneira como lidariam com os mesmos no domínio do sentido explícito.

A pressuposição é um fenômeno da linguagem amplamente estudado no campo da Lógica e da Linguística. Aos estudos lógicos cabe principalmente o tratamento dos chamados pressupostos existenciais, cujos exemplos apresentamos a seguir:

(5) O Rei da França é sábio.  
pp.<sup>25</sup> – Existe um Rei da França, ou  
Existe X tal que X é o Rei da França

(6) Quem descobriu a forma elíptica das órbitas dos planetas morreu na miséria.<sup>26</sup>  
pp. – Existe alguém que descobriu a forma elíptica das órbitas dos planetas, ou  
Existe X tal que X descobriu a forma elíptica das órbitas dos planetas

Já a Semântica Linguística, que tem em Oswald Ducrot um dos maiores expoentes no estudo da pressuposição, demonstra especial interesse nessa categoria do sentido implícito introduzida por marcadores lexicais (exemplo: “além de” em (7)) e marcadores sintáticos (exemplo: auxiliar de aspecto verbal “parar de” em (8)):

(7) Além de ser bonita, Maria é inteligente.  
pp. – Maria é bonita

(8) João parou de fumar.  
pp. – João fumava antes<sup>27</sup>

Fauconnier (1994, p. 82-108), em capítulo dedicado ao estudo dos EM em conteúdos pressuposicionais, apresenta dois tipos de fenômeno: a flutuação de pressuposições (*presuppositions floating*) e a transferência de pressuposições (*presuppositions transfer*). A maior parte desse estudo incide sobre o chamado “problema

---

<sup>25</sup> Abreviatura utilizada tanto para “pressuposição” (para se dizer do fenômeno) quanto para “pressuposto” (referindo-se à informação pressuposta, como nesse caso).

<sup>26</sup> Exemplo transcrito de Frege (1892, p. 75-76).

<sup>27</sup> O recurso mais eficiente para detecção de informações pressupostas é a negação; o pressuposto continua inalterado mesmo nas formas negativas das sentenças em que se encontra, sendo somente a informação explícita atingida pela negativa, como nos exemplos apresentados: (5a) O Rei da França não é sábio – pp. Existe um Rei da França; (6a) É falso que quem descobriu a forma elíptica das órbitas dos planetas morreu na miséria. – pp. Existe alguém que descobriu a forma elíptica das órbitas dos planetas; (7a) É falso que, além de ser bonita, Maria é inteligente. – pp. Maria é bonita; (8a) João não parou de fumar. – pp. João fumava antes.

da projeção”, que consiste em analisar as condições de cancelamento e manutenção de um conteúdo pressuposto de uma sentença simples como um pressuposto da sentença complexa que a encerra. O pioneiro nesse assunto é Karttunen (1973), que estabelece três tipos de predicado: “tampas” (*plugs*), “furos” (*holes*) e “filtros” (*filters*), conforme eles, respectivamente, bloqueiem os pressupostos da sentença-complemento, mantenham os pressupostos da oração encaixada como pressupostos da sentença inteira ou – dependendo das circunstâncias em que são empregados – cancelem ou mantenham os pressupostos das sentenças encaixadas.

Fauconnier discorre a respeito da flutuação e da transferência de pressupostos através de vários exemplos, nos quais utiliza os construtores de espaço. Tomemos um exemplo do próprio Fauconnier para descrever esse processo:

(9) Talvez Max tenha parado de fumar.<sup>28</sup>

“Talvez” é um construtor de espaço que instaura o domínio da possibilidade P dentro do espaço da realidade R. O enunciado “Max parou de fumar” pressupõe a informação *p* “Max fumava antes”. No caso de (9) ser proferido por um falante que detenha a informação pressuposta, esta flutua do espaço R para o espaço P, conforme representado na figura abaixo:

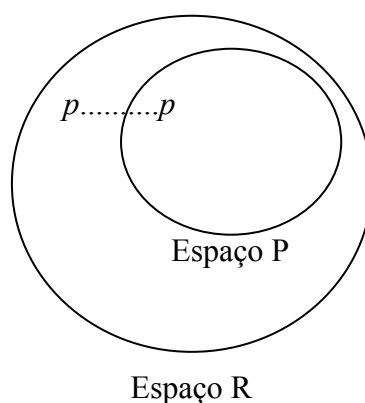


Figura 8 – Representação da flutuação de informação pressuposta do espaço da realidade para o espaço da possibilidade

<sup>28</sup> No original: “Maybe Max just stopped smoking.” (FAUCONNIER, 1994, p. 88).

No caso de ser negada a sentença, como em qualquer um dos exemplos abaixo:

(9a) Talvez Max não tenha parado de fumar.

(9b) É falso que talvez Max tenha parado de fumar.

continua vigorando a informação pressuposta “Max fumava antes” tanto no espaço R da realidade do falante quanto no espaço P da possibilidade, uma vez que o predicado da sentença (9) é um predicado do tipo “furo”, na nomenclatura de Karttunen (1973).

Fauconnier (1994, p. 105-108) explica-nos também o procedimento da transferência de pressuposição, paralelamente ao caso descrito acima. Tomemos o exemplo abaixo, utilizando as informações da sentença (9) num novo contexto:

(10) Naquela foto, Max parou de fumar.

Expressões adverbiais como “naquela foto” são típicos construtores de EM, pois instauram um domínio da possibilidade P dentro do domínio R da realidade do falante (da mesma forma que na Figura 8). Mas, nesse caso, o pressuposto “Max fumava antes” não flutua de R para P, pelo seguinte: entendamos que, na realidade, Max seja um fumante inveterado, tanto que sua aparência comprova esse vício (coloração dos dentes, respiração sôfrega, mau hálito etc.). Vigora, portanto, no espaço R, o pressuposto “Max fumava”. Na foto, entendamos que Max apareça com as feições e o aspecto extremamente saudáveis: bochechas coradas, dentes limpos etc., não vigorando, portanto, o pressuposto “Max fumava”. Ao enunciar (10), o falante apresenta o Max saudável da foto atribuindo-lhe uma característica do Max da realidade, sendo os dois bem diferentes. Ou seja, o falante transfere o pressuposto “Max fumava antes” do espaço R para o espaço P, através de um processo que Fauconnier (1994, p. 107) chama de “otimização” de informações entre diferentes espaços.

### *2.2.3 Algumas considerações sobre a teoria dos EM*

Desde que a teoria dos EM foi postulada, ela vem sendo aplicada na descrição de vários fenômenos da linguagem. Através do arranjo proporcionado pela teoria,

somos capazes de entender melhor o mecanismo de processamento do sentido presente em construções linguísticas que, até então, não eram vislumbradas mesmo sob o prisma de uma abordagem cognitiva. É possível, inclusive, lançar mão dessa teoria para obter avanços também em áreas que não especificamente a linguística, pois trata-se de um modelo que explica o funcionamento da mente humana – e nesse contexto a linguagem verbal é vista como um componente da cognição humana atrelado a outras habilidades cognitivas.

Além de se aplicar muito bem à descrição de elementos já tratados por outras teorias, oferecendo uma abordagem diferenciada sobre eles, os EM são capazes de explicar uma série de outros fenômenos somente descritíveis a partir dessa teoria. Incluem-se aí procedimentos que vão além do nível linguístico, como os mapeamentos analógicos considerados como procedimentos de raciocínio de alto nível e o processo de referência relacionado a figuras e representações que era relegado à Pragmática. Nesse contexto, podemos tomar como exemplo a descrição do funcionamento das linguagens de sinais, em que os usuários realizam, através da modalidade gestual, procedimentos bastante complexos de referência discursiva tomando como base o espaço físico de que dispõem.

Essa abordagem se difere radicalmente do postulado pela teoria gerativista de Chomsky (1957, 1965 e outros) e seus seguidores, segundo a qual a língua é um componente inato do ser humano, cujo funcionamento de ordem semântica advém de uma rígida estrutura de regras de organização sintática. Também se difere bastante da teoria modular da linguagem, que tem em Jerry Fodor seu expoente máximo. Segundo Fodor (1983), a mente humana é formada por várias estruturas, de acordo com as faculdades nelas distribuídas, e a língua estaria alocada numa dessas estruturas. Embora o autor avenge a existência de uma interação entre tais faculdades, o modelo fodoriano, assim como o chomskyano, descarta importantes considerações relativas aos aspectos sociais, culturais e pragmáticos no processamento do sentido na linguagem.

A esse respeito, o próprio Fauconnier defende que

A língua, da maneira como a utilizamos, é apenas a ponta do *iceberg* da construção cognitiva. À medida que o discurso transcorre, muita coisa acontece atrás da cena: novos domínios aparecem, ligações são estabelecidas, mapeamentos abstratos são operados, a estrutura interna emerge e se multiplica, o ponto-de-vista e o foco vão mudando. A fala do dia-a-dia e o raciocínio do senso comum têm como suporte criações

mentais invisíveis e altamente abstratas, que a gramática ajuda a guiar, mas que ela não define por si própria.<sup>29</sup> (FAUCONNIER, 1994, p. xxii-xxiii)

É sob a égide desse pensamento que se criou o modelo dos EM. A grande vantagem de se adotar essa teoria reside principalmente no fato de que ela engloba tanto elementos e recursos gramaticais quanto os não gramaticais. Entre os gramaticais normalmente abarcados pela teoria, temos os seguintes: os elementos chamados de “construtores de espaço” (*space builders*); tempos e modos verbais; descrições definidas; nomes; anáforas; construções sintáticas; informações lexicais; marcadores pressupicionais e informações pragmáticas e retóricas introduzidas por elementos como “até”, “ainda”, “mesmo”, que normalmente aparecem em escalas argumentativas. Entre os recursos de natureza não gramatical normalmente abarcados pela teoria, citamos como exemplos: funções pragmáticas; atitudes proposicionais; hipóteses; condições de verdade; representações pictóricas; formação de metáforas, metonímias e sinédoques, que, conforme a abordagem realizada em muitas teorias clássicas sobre o assunto, eram vistas como elementos de adorno e retórica; e analogias que envolvem procedimentos de raciocínio que ultrapassam o nível da interpretação linguística elementar. Fauconnier (1994, p. xxxiv) destaca que os “espaços mentais são instaurados não apenas por construtores de espaço explícitos, mas também por outros recursos gramaticais indiretos e também por fatores pragmáticos, culturais e contextuais não linguísticos.”<sup>30</sup>

Sweetser e Fauconnier (1996, p. 8) destacam a mudança que aconteceu nos estudos da linguagem, de uma abordagem essencialmente lógica para um paradigma que leva em conta os aspectos de construção cognitiva que permeiam as sentenças, tais como os fenômenos de projeção metafórica, organização de molduras, papéis, configurações de figura e fundo, funções pragmáticas metonímicas, ligações entre EM, esquemas cognitivos e modelos culturais. Afirmando os autores que a teoria dos EM “ofereceu um modelo geral de estudo sobre os pontos de contato entre conexões cognitivas e linguagem natural, além

---

<sup>29</sup> No original: “Language, as we use it, is but the tip of the iceberg of cognitive construction. As discourse unfolds, much is going on behind the scenes: new domains appear, links are forged, abstract mappings operate, internal structure emerges and spreads, viewpoint and focus keep shifting. Everyday talk and commonsense reasoning are supported by invisible, highly abstract, mental creations, which grammar helps to guide, but does not by itself define.”. Nessa parte do prefácio, o autor nos apresenta a clássica metáfora do *iceberg*, que é retomada em várias publicações posteriores nessa área.

<sup>30</sup> No original: “mental spaces are set up not just by explicit space builders, but by other more indirect grammatical means, and also by nonlinguistic pragmatic, cultural, and contextual factors.”

de propiciar também pesquisas numa multiplicidade de áreas em que esses pontos tenham um papel principal.”<sup>31</sup>

No decorrer dos estudos realizados por Fauconnier e outros, várias passagens de narrativas tanto clássicas quanto mais populares foram descritas à luz da teoria dos EM, o que demonstra a ampla aplicabilidade desse construto teórico, a exemplo da análise da fábula “Aquiles e a tartaruga”, em seção anterior, e de várias outras análises que se viabilizaram uma vez que esse modelo teórico foi acrescido com a teoria da MC, que veremos adiante.

Chama-nos a atenção o fato de que, apesar de a maior parte da descrição dos EM ser voltada para o estudo de sentenças isoladas, a teoria oferece a possibilidade de aplicação em contextos mais amplos. No final da obra em que apresenta a teoria com minúcias, o próprio idealizador afirma que

Atos de fala, referência discursiva, quantificação e genéricos são áreas problemáticas tradicionais para as quais a perspectiva de espaço mental sugere novas orientações de pesquisa. Pode-se investigar também o discurso indireto, os múltiplos elementos de espaço subjacentes usados para construir narrativas, o esquema [*schemata*] que estrutura espaços e instaura certos conectores pragmáticos mais do que outros, ou os efeitos da modalidade gestual, em vez da oral, na implementação dos fenômenos de espaço.<sup>32</sup> (FAUCONNIER, 1994, p. 167)

Queremos destacar aqui a sugestão acima de Fauconnier quanto à viabilidade de estudo dos “múltiplos elementos de espaço subjacentes usados para construir narrativas”, que, como veremos, é a nossa proposta de contribuição através desta tese.

De fato, muitas outras pesquisas têm sido levadas a cabo a partir das ideias de Fauconnier. Em relação, por exemplo, à linguagem de sinais, Liddell (1995, 2003) mostra como os usuários lidam com a construção de EM utilizando uma rica orientação baseada no espaço (físico) de que dispõem no seu processo comunicativo. O autor toma

---

<sup>31</sup> No original: “provided a general model for studying the rich interplay between cognitive connections and natural language, and it prompted other research in a multitude of areas where this interplay has a major role.” (SWEETSER; FAUCONNIER, 1996, p. 8)

<sup>32</sup> No original: “Speech acts, discourse reference, quantification, and generics are traditional problem areas for which the mental space perspective suggests fresh research orientations. One could also investigate reported speech, the multiple spatial layers used to construct narratives, the social schemata that structure spaces and set up certain pragmatic connectors rather than others, or the effects of a gestural modality, instead of an oral one, on the implementation of space phenomena.”



por base a LAS (Linguagem Americana de Sinais)<sup>33</sup>, mostrando que a manipulação de espaços é incorporada à gramática da língua, revelando mecanismos de referência textual bastante complexos. Esse pesquisador, que desde a década de 1970 vem publicando trabalhos sobre a gramática da linguagem de sinais, identifica diferentes tipos de espaço, classificando-os em: espaço *token*, espaço *surrogate* e espaço real<sup>34</sup>. Por espaço *token*, Liddell (2003, p. 367) entende como sendo um espaço real não topográfico separado do usuário; o espaço *surrogate* é o espaço real no qual o indivíduo se confunde pelo menos parcialmente com alguma outra entidade ou personagem; e o espaço real é a conceitualização do ambiente imediato baseado nos *inputs* sensoriais do “aqui e agora” do indivíduo. A respeito do progresso obtido no estudo da linguagem de sinais proporcionado pela teoria de Fauconnier, além da própria gramática cognitiva, Liddell afirma que a teoria dos EM se tem mostrado

essencial ao proporcionar progresso na compreensão de bases conceituais dos dados espaciais da LAS. (...) Embora desenvolvidas para lidar com fenômenos da linguagem verbal, a teoria do espaço mental e a gramática cognitiva oferecem os elementos conceituais necessários para compreender os signos direcionais em LAS. (...) Os dados da linguagem de sinais me levaram a conceber a construção do significado como um processo envolvendo mapeamentos de espaço mental do tipo proposto na teoria do espaço mental elaborada ao redor de um núcleo central de significados codificados gramaticalmente do tipo encontrado na gramática cognitiva.<sup>35</sup> (LIDDELL, 2003, p. xi)

Em relação às contribuições da teoria para o entendimento do processo de construção narrativa, há que se destacar o trabalho de Azevedo (2006), resultado da tese de doutorado apresentada pela autora. Nessa obra, é feito um estudo descritivo de narrativas orais levando-se em conta os elementos de figura e fundo da Gestalt com foco nas categorias de tempo, modo e aspecto verbais. Segundo Azevedo (2006, p. 150), a utilização do modelo teórico dos EM “possibilitou um maior detalhamento na representação das características tempo-aspectuais das estruturas oracionais integrantes das partes que

---

<sup>33</sup> Ou ASL, *American Sign Language*.

<sup>34</sup> Não encontramos nas referências da área uma boa tradução para os espaços “token” e “surrogate”, razão pela qual mantivemos aqui os termos originais em inglês.

<sup>35</sup> No original: “essential in making progress in understanding the conceptual underpinnings of the ASL spatial data. (...) Although developed to account for vocal language phenomena, mental space theory and cognitive grammar provide the conceptual elements necessary for understanding directional signs in ASL. (...) The sign language data have caused me to conceive of meaning construction as a process involving mental space mappings of the type proposed in mental space theory built around a central core of grammatically encoded meanings of the type found in cognitive grammar.”

estruturam o texto.”. A figura, o fundo e o discurso direto foram tratados como domínios cognitivos com funções discursivas e marcações linguísticas específicas, provando a plena viabilidade de inserção do estudo de narrativas no modelo proporcionado pela teoria dos EM.

É essa gama de possibilidades de aplicação do construto teórico de Fauconnier que nos motiva à escolha dos EM como a base do presente estudo sobre o processo de metaforização na linguagem humana – além, evidentemente, da plena pertinência da teoria em relação à moderna abordagem dos estudos semântico-cognitivos, que incorporam, de maneira prática e eficiente, elementos extralinguísticos na descrição sobre o processamento do sentido em textos.

### 2.3 A Teoria da Mesclagem Conceitual

Essa teoria é uma evolução dos estudos realizados sobre os EM, tanto que o suporte dela são os mesmos domínios cognitivos descritos anteriormente. A MC surge como uma teoria que explica a dinâmica funcional dos EM, com a vantagem de incluir outros domínios – indo além da simples relação entre domínios fonte e alvo –, o que enriquece sobremaneira a compreensão sobre o processamento do sentido.

O modelo da MC descreve muito bem os processos que subjazem à mistura de imagens, típica em situações de metaforização, contrafactualidade e outras. Uma das vantagens dessa teoria – em conjunto com a teoria dos EM – é o não fechamento, ou seja, trata-se de um modelo capaz de se estender a vários tipos de estudos sem que se perca a sua essência, contribuindo para a realização de avanços em vários campos da pesquisa linguística<sup>36</sup>.

Quando foi criada a teoria da MC, Fauconnier e Turner (1994, p. 4) faziam alusão à existência de quatro espaços intermediários (*middle spaces*) no modelo – e não só os espaços fonte e alvo mencionados anteriormente na teoria básica dos EM – indispensáveis para a compreensão do processamento linguístico e mental. Esse acréscimo traz reconsiderações acerca do processamento do sentido, mostrando que ele sem sempre é direto e nem se dá numa única direção (como se poderia depreender pelo modelo de

---

<sup>36</sup> São teorias que se aplicam muito bem, a título de exemplo, à descrição de aspectos gramaticais, como opera Cutrer (1994) em relação aos tempos verbais, além dos já mencionados estudos sobre a linguagem de sinais e narrativas, entre outros.

projeção envolvendo apenas dois EM), e sim, pode envolver vários domínios cognitivos ao mesmo tempo.

No modelo inicial de 1994, Fauconnier e Turner discriminavam os domínios fonte e alvo, acrescentando os dois espaços, a saber: o espaço genérico e o espaço mesclado<sup>37</sup>, de acordo com o seguinte arranjo:

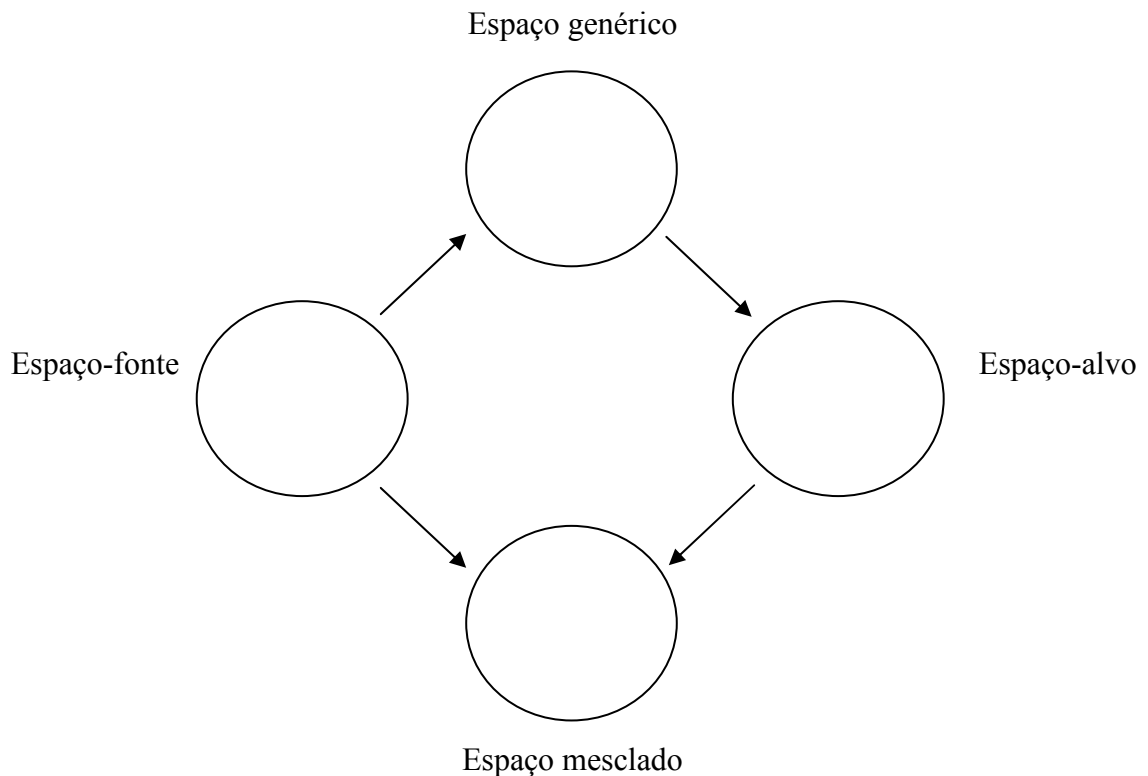


Figura 9 – Modelo de mesclagem conceitual proposto por Fauconnier e Turner (1994)

Na passagem do espaço-fonte para o espaço-alvo, Fauconnier e Turner (1994, p. 5) inserem o que chamam de espaço genérico, ou seja, um espaço abstrato que “reflete os papéis, molduras e esquemas comuns aos espaços fonte e alvo”<sup>38</sup>. Aplicando o modelo ao texto (1) anteriormente apresentado, caberiam nesse espaço genérico informações comuns aos domínios do carregador e do Presidente da República – por exemplo, o fato de os dois serem indivíduos que se inserem numa sociedade organizada em classes, a ocupação de um lugar na sociedade, o fato de os dois possuírem algum grau de responsabilidade quanto a horários etc. A existência de características comuns a ambos os

<sup>37</sup> Mantivemos aqui a nomenclatura original do relatório de 1994, “blended space”.

<sup>38</sup> No original: “reflects the roles, frames, and schemas common to the source and target spaces.”

elementos é que permite a transposição de um domínio para outro, o que é viabilizado através do espaço genérico.

O espaço mesclado é caracterizado pelos autores como uma combinação de informações tanto da fonte quanto do alvo, além de parecer mais rico que os outros e possuir uma estrutura muitas vezes impossível de ocorrer na realidade. Ainda no caso do texto (1), nesse espaço mesclado temos a imagem surreal de alguém que se investe das características tanto do carregador quanto do Presidente da República, tendo a informação sobre fazer carreto provindo do espaço-fonte e a não rigorosidade de horário provindo do espaço-alvo.

De 1994 em diante, o modelo da MC veio sofrendo pequenas alterações, e a teoria veio ganhando cada vez mais adeptos, que aos poucos foram realizando aprofundamentos de grande relevância nos estudos da linguagem. A maior mudança na configuração da rede de espaços interligados, bastante significativa em termos semânticos, é a ausência de direcionalidade de projeção de elementos de um domínio para outro, como se mostra no modelo inicial. Em vez disso, fala-se de mapeamentos entre domínios cognitivos, levando à ideia de que os elementos de um espaço são compreendidos em relação aos elementos de outro espaço mental, concomitantemente.

Fauconnier e Turner (2002), fazendo uso de exemplos bem práticos, apresentam muitos detalhes sobre o processo de mesclagem, enfatizando especialmente os elementos que compõem essa rede de integração conceitual. E especialmente em Fauconnier e Turner (1996)<sup>39</sup> é apresentada a ideia de que os padrões gramaticais de uma língua refletem, em grande parte, as mesclagens conceituais e o processo de integração de eventos. Daí a noção de que o estudo da linguagem verbal é a chave para se alcançar o entendimento dos processos de cognição humana.

Outra inovação no modelo da MC é a identificação do espaço da mescla como uma estrutura emergente, sinalizado com um quadriculado. Nos estudos cognitivos em geral, a noção desse tipo de estrutura é de fundamental importância para a compreensão de vários fenômenos. Em entrevista concedida à Prof<sup>a</sup> Carla Coscarelli em abril de 2004, Fauconnier afirma que a estrutura emergente possui o seu próprio conjunto de propriedades, ou seja, é uma estrutura que emerge com suas próprias características inferenciais, e somos capazes de manipular essas estruturas no espaço da mescla de

---

<sup>39</sup> Uma versão expandida desse trabalho se encontra em:  
<<http://markturner.org/centralprocess.WWW/centralprocess.html>>. Acesso em: 06 fev. 2010.

maneira muito produtiva.<sup>40</sup> Nesse aspecto, vale ressaltar a importância de trabalhos como o de Grady, Oakley e Coulson (1997), que mostram como uma sentença do tipo “aquele cirurgião é um açougueiro” apresenta uma série de significados emergentes, provando que o espaço da mescla não é um espaço de mera composicionalidade semântica.

Com essas modificações, o modelo básico atualmente utilizado para representar o processo de MC é o que se mostra abaixo, no qual figuram o espaço de entrada 1 e o espaço de entrada 2 como domínios que apresentam elementos mapeados entre si, além do espaço genérico e o espaço da mescla, com as mesmas características do modelo inicial de Fauconnier e Turner:

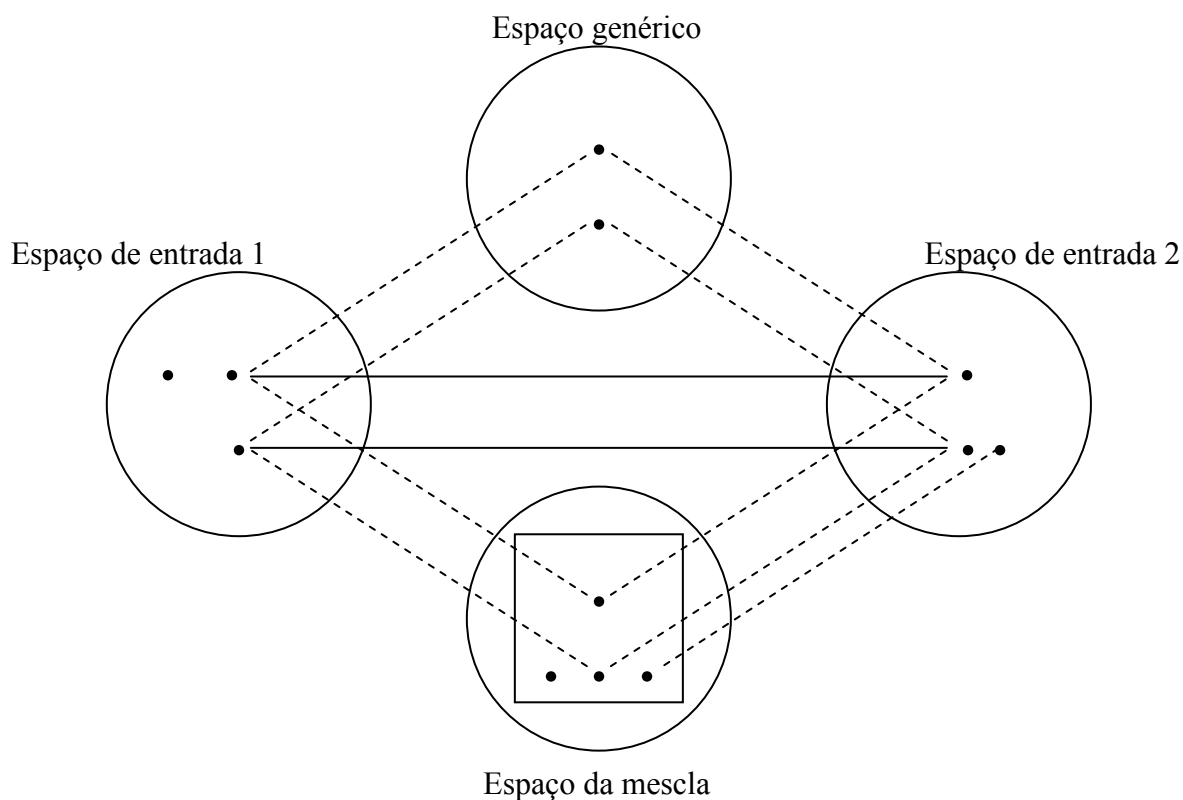


Figura 10 – Modelo de representação do processo de mesclagem conceitual

Observe-se que, pelo esquema apresentado acima, os espaços de entrada podem encerrar elementos que não são projetados para o espaço da mescla, bem como elementos projetados podem não apresentar uma contraparte no outro espaço de entrada. E,

---

<sup>40</sup> Cf. Coscarelli (2005, p. 299).

ainda, há informações que emergem no espaço da mescla sem que tenham provindo de qualquer espaço de entrada (sentido emergente).

Uma boa apresentação da teoria da MC é encontrada em Coulson e Oakley (2000), em que os autores partem de uma sucinta apresentação da teoria dos EM, tratam de vários aspectos da rede de integração conceitual e finalizam com a apresentação de críticas feitas a esse modelo. A crítica maior que eles apresentam certamente é a de Raymond W. Gibbs Jr., ao afirmar que as análises proporcionadas pela teoria da mesclagem não vão além de análises de exemplos, ao que Coulson e Oakley rebatem dizendo que as teorias mais produtivas acerca do sentido começam justamente com esse tipo de análise.

É relevante também a contribuição de Coulson (2000) para a teoria da MC, apresentando uma extensa descrição teórica da mesclagem e uma ampla aplicação em análises de sentenças. Além do modelo apresentado na Figura 10 acima, existe uma outra possibilidade de representação dos espaços que compõem o processo de MC, que Coulson aplica na análise de vários fenômenos da linguagem. Trata-se de um modelo de representação linear, o qual vamos apresentar aqui em relação ao mesmo exemplo (1), no início deste capítulo:

<b>Espaço de entrada 1</b>	<b>Espaço de entrada 2</b>	<b>Espaço da mescla</b>	<b>Espaço genérico</b>
Carregador	Presidente	Presidente que faz carreto	Cargo, ocupação
<b>Elementos</b>	<b>Elementos</b>	<b>Elementos</b>	<b>Elementos</b>
Carreto	Governo	Carreto	Atividade
Miséria	Privilégios	Privilégios	Situação
Acordar cedo	Acordar tarde	Acordar tarde	Possibilidade, Necessidade
<b>Relações</b>	<b>Relações</b>	<b>Relações</b>	<b>Relações</b>
Dificuldades	Facilidades	Incoerências	Situações

Figura 11 – Representação analítica de caso de mesclagem conceitual através do modelo de Coulson (2000)

Esse modelo de representação possui a vantagem de ser mais explicativo do que o apresentado na Figura 10, embora seja menos utilizado nos trabalhos de Semântica Cognitiva pela menor possibilidade de vislumbrar as relações (mapeamentos e conexões) entre os elementos e espaços, ao passo que o outro modelo oferece essa facilidade. De toda forma, ambos os modelos são embasados nos mesmos princípios norteadores da teoria.

Um outro aspecto importante da teoria da MC são os princípios da otimalidade (*optimality principles*) apresentados por Fauconnier e Turner (1998, p. 162-163). Segundo os autores, esses princípios correspondem às condições sob as quais a mesclagem funciona melhor, e são os seguintes:

- i) integração – A mescla deve constituir-se uma cena integrada que possa ser manipulada como uma unidade;
- ii) topologia – Um elemento de um espaço de entrada projetado no espaço da mescla deve ter sua relação estabelecida com a sua contraparte;
- iii) rede – A manipulação da mescla como uma unidade deve manter facilmente a rede com as conexões dos espaços de entrada;
- iv) desempacotamento – A mescla, por si só, deve ser passível de “desempacotamento”, de forma a reconstruir os espaços de entrada, os mapeamentos, o espaço genérico e as conexões entre esses espaços;
- v) boa razão – Todo elemento que aparecer na mescla deve apresentar alguma relevância, incluindo relevância nas ligações com os outros espaços.

Entendemos que os princípios acima têm validade para a descrição de algumas construções linguísticas canônicas, representando situações ideais, mas questionamos se todos eles se aplicam efetivamente a todas as situações reais de uso linguístico, especialmente no caso da metáfora. Acreditamos que o princípio do desempacotamento, por exemplo, apresenta sérias restrições especialmente nos casos em que ocorre o “entrincheiramento”, fenômeno que corresponde à cristalização de construções linguísticas com a sua conseqüente incorporação no sistema como uma unidade simbólica imutável. Sobre essa questão queremos desenvolver aqui uma argumentação que julgamos de crucial importância para os estudos da linguagem, em especial para o entendimento do processamento da metáfora.

Desde alguns estudos semânticos e pragmáticos desenvolvidos especialmente a partir da década de 1960, vislumbrava-se o processamento do sentido figurado na linguagem como uma etapa posterior ao processamento do sentido literal. Esse ponto de vista é desenvolvido, por exemplo, por Ducrot (1969, 1977) em seu “projeto de descrição semântica”. Segundo o autor, o sentido de um enunciado A numa determinada circunstância X passa por um componente 1 chamado de “linguístico”, que abarca as informações da língua L, e depois por um componente 2 chamado de “retórico”, que sofre influência da circunstância X. A partir de então, determina-se o sentido de A em X.

Nessa mesma linha de raciocínio, Stalnaker (1972) defende que a formação de sentenças de uma língua passa primeiramente pela articulação conjunta de regras sintáticas e semânticas, a partir de quando é possível vislumbrar o que o autor chama de “interpretação não ambígua” de sentenças. A partir daí, sob a ação dos traços contextuais de uso da sentença, forma-se a proposição, que, num dado mundo possível, é sujeita à aplicação de um valor de verdade.

Pois bem, teorias como essas tiveram um valor incomensurável nos estudos da linguagem especialmente por incorporarem no sistema linguístico, como um elemento determinante do sentido, o contexto. Essas ideias, em conjunto com o princípio da conversação de Grice postulado em 1967<sup>41</sup>, revolucionaram as pesquisas linguísticas. Por outro lado, disseminaram a noção de que o sentido se produz por partes, primeiro no nível da língua e depois sob influência do contexto. A essa abordagem Gibbs Jr. (2002) chama de “visão pragmática padrão” (*standard pragmatic view*) (doravante VPP), que o autor opõe a um outro tipo de abordagem, através da qual em dadas situações “as pessoas compreendem sentidos não literais sem primeiro analisar o sentido literal completo de uma expressão”<sup>42</sup>, situação que Gibbs Jr. denomina “visão de acesso direto” (*direct access view*) (doravante VAD).

Nessa mesma referência, Gibbs Jr. afirma que vários experimentos demonstram que não é lícito afirmar que existe um esforço cognitivo na interpretação de enunciados de sentido não literal maior do que existiria no processamento em enunciados de sentido literal. Além disso, o autor defende que a própria noção acerca do que vem a ser literalidade e não literalidade, tanto no nível da palavra quanto no nível da sentença, é algo bastante difuso, especialmente quando se vai contrapor a VPP e a VAD.

Voltando aos princípios da otimalidade de Fauconnier e Turner, especialmente retomando o que diz o princípio do desempacotamento, acreditamos que ele teria validade dentro da concepção da VPP, uma vez que o sentido de palavras e expressões seria formulado passo a passo, e uma etapa do processamento do sentido seria dependente de outra, ficando, assim, plenamente viável a reconstituição do percurso semântico de palavras e expressões. Contudo, na concepção da VAD, mais condizente com os modernos estudos da LCog, essa reconstituição nem sempre é possível. Muitas metáforas,

---

<sup>41</sup> Ver Grice (1982).

<sup>42</sup> No original: “people understand nonliteral meanings without first analyzing the complete literal meaning of an expression” (GIBBS JR., 2002, p. 457).



especialmente aquelas já entrincheiradas na linguagem, são utilizadas e compreendidas sem que o interlocutor e muitas vezes o próprio analista da linguagem identifiquem os elementos que as integram – ou seja, a mesclagem acontece independentemente da capacidade de identificarmos os elementos dos espaços de entrada, os mapeamentos, o espaço genérico e as conexões entre esses espaços. Certamente existem elementos motivadores para a constituição da mescla nos momentos do seu surgimento, mas eles podem perder-se ou mesmo alterar-se sob o efeito do tempo, do espaço, do contexto, da cultura etc.<sup>43</sup>

De toda forma, os princípios da otimalidade servem como uma espécie de descrição geral sobre o funcionamento básico do fenômeno da MC.

### 2.3.1 Aplicações da teoria da MC na linguagem

A MC é um fenômeno que se aplica ao entendimento da cognição humana em geral. Comportamentos, gestos, atitudes, além de várias teorias envolvendo conceitos, números e noções que nada têm a ver especificamente com questões de linguagem verbal, podem ser explicados através da mesclagem. Muitas criações artísticas e publicitárias atestam esse fato, e os exemplos são inúmeros: filmes de ficção, histórias em quadrinhos, personagens e cenas que mesclam elementos da realidade e da não realidade etc.

Nesta tese, não vamos nos ater a essas aplicações da MC, restringindo-nos ao nosso objeto de estudo, que é a linguagem verbal. E mesmo aqui já se descortina um imenso campo a ser explorado, estando a MC presente desde o nível da organização

---

<sup>43</sup> Sem realizar um estudo à base de experimentos ou de análise de corpora específicos para esse fim, podemos mencionar, a título de exemplo, algumas palavras e expressões cujo sentido é processado na forma de mesclagem e normalmente o usuário não tem, necessariamente, conhecimento dos elementos que integram o seu sentido: “lua-de-mel”; “cachorro quente”; “pão-duro”, sinônimo de *sovina*; “barbeiro”, aplicado ao mau motorista; “a toque de caixa”, referindo-se a serviço rápido e mal feito; “bicho-de-sete-cabeças”, algo intrincado e difícil; “biruta”, aplicado a pessoas malucas ou inquietas; “casa-da-mãe-Joana”, lugar em que tudo pode acontecer; expressões populares como “com a avó atrás do toco”, “ver a avó pela greta”, “cheio de nove horas”, “o diabo a quatro”, “fazer de gato sapato”, “chorar lágrimas de crocodilo”, “lavar a égua”, “do tempo do onça”, “pagar o pato”, “pagar mico”, “por que cargas-d’água?”, “sem eira nem beira”, “tirar o pai da forca”, “plantar batatas” etc. Certamente, esses exemplos apresentam comportamentos diferenciados em relação aos possíveis procedimentos de desempacotamento, em menor ou maior escala, dependendo do contexto e também do conhecimento de mundo dos interlocutores. Todavia, parece certa a ideia de que essas palavras e expressões não apresentam processos de desempacotamento tão visíveis como em “entre a cruz e a espada”, “maçã do rosto”, “colocar a mão no fogo”, “meia-tigela”, “passar a noite em claro”, “pé-rapado”, “preto no branco”, “santo do pau oco”, “a sete chaves” etc.

linguística elementar, que é a formação vocabular<sup>44</sup>, passando pelas regras básicas de organização sintática até atingir o nível da organização textual mais ampla, como veremos a seguir.

### 2.3.1.1 A MC e a formação de expressões linguísticas

Turner e Fauconnier (1995) mostram que o processo de mesclagem ocorre na formação de palavras da língua. Muitas expressões linguísticas formadas por duas palavras e mesmo algumas formadas por uma única palavra são reflexos do processo de MC. Os autores demonstram como isso ocorre em muitos vocábulos do inglês.

O ponto fundamental apresentado pelos autores nesse artigo é a potencialidade de significados presente nessas formações. A multiplicidade de interpretação nessas palavras é patente, e a emergência de significados é algo bastante considerável, ultrapassando o nível da formação vocabular pura. Com isso, os autores mostram que a categoria do sentido não é meramente composicional, e que a MC tem um papel importante nesse processo.

Turner e Fauconnier apresentam vários exemplos de palavras cuja mesclagem é muito produtiva em termos semânticos. Entre esses vocábulos, os autores listam casos como *Chunnel*, vocábulo de alcunha usado pelos britânicos para se referirem ao túnel do Canal da Mancha – Eurotúnel (denominado *Channel Tunnel*); *McJobs*, referência a empregos sem prestígio, sem grandes chances de progressão para os empregados, tomando como base a rede internacional de alimentos instantâneos McDonald's; e outros exemplos.

Permeando a junção dos vocábulos, nota-se a emergência de significados, num processo típico da rede de integração conceitual. Em português, muitos exemplos podem ser apontados, mesmo que sua origem não seja nesta língua: *motel* (formada por *motor* + *hotel*, palavra que, na mescla, perde a especificidade dos hotéis e a exclusividade de serem à beira de estradas – um pouso para motoristas –, incorporando ainda o traço de se tratar de lugar para encontros clandestinos); *pássaro-preto* (nome de uma espécie de pássaro que passa a ter características que vão além do simples fato de se tratar de uma ave

---

<sup>44</sup> Acreditamos que existam grandes possibilidades de desenvolvimento dessa teoria também no nível da organização fonético-fonológica, anteriormente à formação de vocábulos. Porém, não vamos explorar esse aspecto em decorrência do grande distanciamento que seria provocado em relação ao nosso propósito de pesquisa, envolvendo metáforas e organização textual.

de cor preta); *noivorido* (palavra de uso ainda informal no português do Brasil, que mescla características de *noivo* e *marido* – no caso, a ausência do caráter jurídico típico do casamento e a relação conjugal existente de fato)<sup>45</sup>.

Nesse artigo de 1995, Turner e Fauconnier explicam também um outro importante processo de formação de palavras, que tem, contudo, forte relação com a organização sintática da língua, razão pela qual vamos apresentá-lo na próxima seção.

### 2.3.1.2 A MC nas regras de organização gramatical

A MC se apresenta também na organização gramatical da língua, de forma atrelada à interpretação dos sentidos. Os conceitos passíveis de mesclagem não são somente informações semânticas, mas também os relativos à estruturação de sentenças. Nesse caso, muitas vezes o que compreende um dos espaços de entrada é uma moldura contendo informações de organização sintática.

Um exemplo clássico que Turner e Fauconnier (1995) apresentam é a utilização do verbo “espirrar” na seguinte sentença:

(11) Jack espirrou o guardanapo para fora da mesa.<sup>46</sup>

Apesar de existirem formas concorrentes do verbo acima, que poderiam ser facilmente empregadas nessa sentença (por exemplo, “atirar”), a escolha do verbo “espirrar” revela uma integração de eventos, que seriam:

- i) Jack espirrou;
- ii) o guardanapo se moveu;
- iii) o guardanapo estava na mesa;
- iv) o guardanapo agora está fora da mesa.

Mesmo se tratando de um aspecto de seleção lexical, esse fenômeno da linguagem é parecido com outros casos de organização sintática, como a inacusatividade e a ergatividade, que também podem ser descritos via MC. A sentença abaixo, por exemplo:

---

<sup>45</sup> Em consulta à base de busca Google ([www.google.com.br](http://www.google.com.br)), na Internet, realizada em 19/01/2009, encontramos 1.020 ocorrências desse vocábulo. Já em 08/02/2010, deparamos com 3.320 ocorrências na mesma base, o que sinaliza que o vocábulo apresenta crescente uso no nosso meio.

<sup>46</sup> No original: “Jack sneezed the napkin off the table”.

(12) O copo quebrou.

é resultante de uma mesclagem que engloba, de um lado, a sentença “X quebrou o copo”, em que X é qualquer agente que ocupe a posição de sujeito sintático, e, por outro lado, a estrutura SVO (sujeito-verbo-objeto) em português, na forma de uma moldura cognitiva. Na mescla, o objeto direto “copo” é alçado à posição de sujeito sintático, resultando em (12), conforme mostra o esquema abaixo:

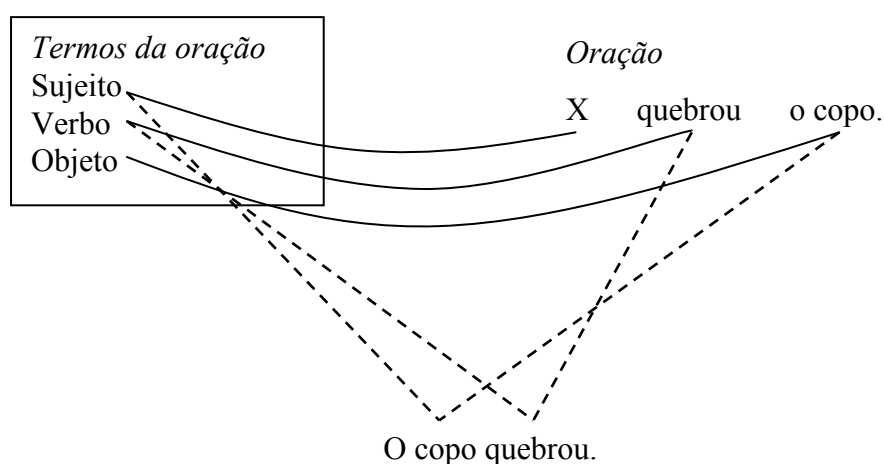


Figura 12 – Análise de caso de mesclagem conceitual em construção ergativa

No caso acima, acontece o processo de restrição seletional quando alguns elementos dos espaços de entrada não são projetados para a mescla. Além disso, há vários sentidos emergentes em potencial na sentença mesclada, podendo ser um deles a intenção de ocultamento de X como o agente da ação de quebrar o copo.

### 2.3.1.3 A MC na estruturação de textos

Ao longo da vasta produção técnico-científica de Fauconnier, Turner e outros pesquisadores em torno dos EM e da MC, percebe-se quão ricas são essas teorias para a compreensão do fenômeno da linguagem e do mecanismo do raciocínio humano. Boa parte das análises de exemplos envolvendo essas teorias diz respeito a sentenças isoladas, mas o conjunto dessas análises oferece uma boa visão de como os domínios cognitivos se vão inter-relacionando no decorrer do discurso, novos domínios vão sendo

ativados e outros vão sendo reformulados, retomados e até abandonados ao longo do ato comunicativo.

Muitos textos foram analisados por aqueles autores, nos mesmos moldes do que foi feito em relação à fábula “Aquiles e a tartaruga”, apresentada anteriormente neste capítulo, na qual Zenão de Eleia apresenta um dos seus paradoxos – com a observação de que, na análise dessa fábula, os autores não chegam a utilizar a noção de MC. Somente para esboçar o quanto já foi feito até então em termos de análises de textos mais extensos envolvendo mesclagem, apresentamos alguns que nos chamam a atenção pela importância que adquiriram dentro dos estudos de Semântica Cognitiva:

i) *Inferno*, de Dante Alighieri – Fauconnier e Turner (1994) tomam uma passagem do final do Canto XXVIII, quando Dante descreve o Malebolge, ou Valas Malditas, que é, segundo o autor, a morada daqueles que pecaram por algum tipo de fraude. Na vala 9 ficam os criadores de intrigas, que são mutilados por um demônio, e eles também se mutilam o tempo todo. É aí que surge a figura de Bertran de Born, célebre poeta e guerreiro que semeou discórdia entre o rei da Inglaterra Henrique II e o filho deste, induzindo-o a rebelar-se contra o pai. O que Fauconnier e Turner salientam, com base especialmente nos quatro últimos versos<sup>47</sup>, é que acontece claramente o fenômeno da MC quando Dante (o autor, não o personagem) lança mão de dois domínios cognitivos distintos, estabelecendo um mapeamento entre os seus elementos, resultando na narrativa tal qual se apresenta. Um dos domínios (espaço de entrada 1) é o dos traços físicos, e o outro (espaço de entrada 2) é o dos valores morais. A separação da cabeça de Bertran de Born em relação ao seu corpo representa a separação provocada entre pai e filho, no espaço dos valores morais; a cabeça junto ao corpo representaria a união entre pai e filho; e a dor física sofrida pelo personagem no Malebolge representa, no plano moral, a dor provocada pela separação entre pai e filho. Obviamente o autor de *A Divina Comédia* não explicita tal processo, mas a correspondência entre esses elementos é bastante visível no trecho da narrativa. Tanto é que esse trecho é apontado por estudiosos do *Inferno* de Dante como o que apresenta de forma mais contundente o “contrapasso”, que é a aplicação ao pecador de uma punição que

---

<sup>47</sup> “Laços tais como eu, pérfido, rompera, / Meu cérebro assim levo desunido / Desse princípio, que no corpo impera: / Por lei sou, pois, de talião punido.” Tradução do original italiano: “Perch' io parti' così giunte persone, / partito porto il mio cervello, lasso!, / dal suo principio ch'è in questo troncone. / Così s'osserva in me lo contrapasso.” (Cf. ALIGHIERI, 1946)

corresponda o mais fidedignamente possível aos efeitos do pecado cometido – retomando a conhecida lei de talião: “olho por olho, dente por dente”.

ii) *Regata* – Fauconnier e Turner (1994) apresentam também uma análise de um excerto de reportagem da revista de navegação *Latitude 38* (vol. 190, abril de 1993, p. 100), em que é narrada uma corrida entre dois barcos: o Great America II, que está realizando um percurso em 1993, e o “fantasma” do Northern Light, que realizou o mesmo percurso em 1853. Há três domínios cognitivos envolvidos aí – além do domínio genérico –, sendo dois reais e um imaginário: a viagem real de 1853, a viagem real de 1993 e o domínio imaginário da mescla no qual são projetadas as duas embarcações obedecendo a uma moldura pré-existente, a da corrida. Em virtude da nossa capacidade de mesclagem, somos capazes de avaliar o desempenho do Great America II em relação ao Northern Light. Numa passagem destacada pelos autores, a título de exemplo, o barco de 1993 é apresentado como mantendo 4,5 dias à frente do barco de 1853. Como estrutura emergente dessa mescla, podemos apontar as emoções e intenções dos navegantes e de quem acompanha essa competição como se estivessem realizando uma corrida de fato, “com reduzido esforço cognitivo e grande eficiência e conteúdo”<sup>48</sup> (FAUCCONNIER; TURNER, 1994, p. 7).

iii) *A charada do monge budista* – Fauconnier e Turner (*op. cit.*) analisam também uma charada transcrita de Arthur Koestler em *The act of creation* (Nova Iorque: Macmillan, 1964, p. 183-189), cuja autoria é atribuída a Carl Dunker. Nessa charada, há uma pequena narrativa a respeito de um monge que sobe uma montanha, atinge o topo da mesma, medita lá por vários dias, até que começa o caminho de volta ao pé da montanha. Pede-se que o leitor prove que existe um lugar no caminho em que o monge fica na mesma hora do dia nas duas jornadas, a de ida e a de volta. Uma solução possível para a charada é imaginar que o monge caminha tanto para cima quanto para baixo no mesmo dia. Assim, o “lugar” em que o monge fica na mesma hora nas duas viagens é o lugar em que ele se encontra consigo mesmo, possível de ser construído graças às propriedades do espaço-mescla.

iv) *Debate com Kant* – Fauconnier e Turner (1996) analisam um debate travado entre um filósofo contemporâneo e o autor da *Crítica da razão pura*, sendo o primeiro um estudioso do final do século XX e o segundo o filósofo de 1784. No debate, o filósofo contemporâneo “conversa” com Kant a respeito de uma propriedade da razão, alegando ser ela uma capacidade que se autodesenvolve, ao que Kant rebate dizendo ser inata no

---

<sup>48</sup> No original: “with reduced cognitive effort and increased efficiency and content.”

homem. Essa discussão só é possível de ser concebida a partir do momento em que vislumbramos um espaço de entrada compreendendo os elementos relativos ao filósofo contemporâneo e um outro espaço de entrada relativo a Kant, com elementos de um e de outro projetados para a mescla e com um compartilhamento de informações de ambas as entradas no espaço genérico.

v) *Histórias de Sherazade* – As famosas Histórias das Mil e Uma Noites são o tema de abertura da obra de Turner (1996), em que o autor tece importantes considerações a respeito do funcionamento da mente humana em relação ao princípio básico das obras literárias, defendendo que nossa mente é literária por natureza, sendo a “história” a base fundamental do nosso raciocínio. Nós realizamos, o tempo todo, projeções de histórias sobre histórias, constituindo as parábolas, e o procedimento de Sherazade intercalando histórias é o mesmo procedimento nosso na intercalação de discursos. A ênfase da MC está nas fábulas, quando a presença de animais falantes é vista como absolutamente natural. Nessa obra, várias outras histórias são retomadas enquanto o autor vai aplicando nelas um procedimento de análise com base nos elementos da LCog. Nessa mesma linha de raciocínio, muitas análises de textos menos extensos são desenvolvidas em Fauconnier e Turner (2002), mostrando como os elementos da LCog estão intrinsecamente ligados à maneira como processamos o nosso pensamento.

Essas análises de Fauconnier e Turner são clássicas nos estudos de Semântica Cognitiva, não raro sendo retomadas por esses próprios estudiosos e outros autores. A análise textual que pretendemos realizar nesta tese deverá tomar como base essa mesma linha de raciocínio, focalizando especificamente a metáfora e sua inter-relação com os elementos da LCog e a articulação do texto.

#### *2.4 Considerações finais*

Neste capítulo, sintetizamos as teorias dos EM e da MC, procurando oferecer uma visão panorâmica sobre o assunto, incluindo o histórico do surgimento e desenvolvimento das mesmas, até chegar às contribuições que ambas têm proporcionado à ciência da linguagem.

Enquanto no primeiro capítulo fizemos uma descrição da LCog mostrando o seu caráter mais disperso, embora rico e profundo, em relação a essas teorias de Fauconnier e Turner podemos afirmar que são muito consistentes e pontuais, capazes de assegurar a

uma parte dos estudos de LCog uma solidez desejável e necessária ao bom andamento das pesquisas na área, razão pela qual discorreremos sobre elas em capítulo à parte do nosso trabalho.

Uma das grandes vantagens de adoção dessas teorias é a ampla aplicabilidade oferecida pelas mesmas, mesmo em conjunção com outras teorias e linhas de pensamento dentro dos estudos da linguagem. A teoria dos EM, por exemplo, é plenamente capaz de explicar fenômenos que, até então, as teorias clássicas descreviam, mas não ofereciam uma visão tão convincente e dinâmica quanto aquela, envolvendo uma relação entre domínios cognitivos que facilmente se adapta à intuição dos falantes e se entrelaça com outras teorias, reforçando-as.

E, como decorrência natural do desenvolvimento da teoria dos EM, surge a MC com um aparato teórico e um modelo descritivo que enriquecem ainda mais a noção da inter-relação entre os domínios cognitivos. Através desse modelo, podemos visualizar aspectos que outras teorias não explicavam tão claramente, como a restrição seletional e os sentidos emergentes. Além disso, a adoção de um espaço genérico que abarca informações comuns aos espaços de entrada foi outro grande avanço da teoria, pois ele esclarece e justifica as possibilidades de mapeamentos entre elementos de diferentes domínios, o que até então só era percebido intuitivamente, sem uma descrição mais concisa.

Essas teorias ainda têm muito para onde avançar, e é por isso que vários estudiosos têm recorrido a elas, procurando aplicá-las em diversos aspectos não só da linguagem verbal, mas também de outras formas comunicativas. E um dos avanços necessários no atual estágio em que se encontra a Linguística no nosso meio será estender os preceitos teóricos dos EM e da MC para uma melhor compreensão da articulação textual, tão bem quanto essas teorias se aplicam a sentenças e construções linguísticas isoladas. Assim, seremos capazes de atender a uma demanda já firmada no nosso meio, voltada para a compreensão dos fatos de linguagem calcados no uso efetivo da comunicação, seja em sua modalidade oral ou escrita.

Ainda vamos retomar bastante as noções deste capítulo no decorrer do nosso trabalho, mas antes faremos uma incursão específica nas abordagens sobre a metáfora a fim de delimitar melhor nosso objeto de estudo da presente tese.



## CAPÍTULO 3

### PANORAMA HISTÓRICO-CONCEITUAL DOS ESTUDOS DA METÁFORA

#### 3.1 Introdução

Vários elementos e fenômenos da linguagem, ao longo dos séculos, vêm sendo tratados de diferentes formas, dependendo da concepção que se tem sobre tais, influenciada por fatores de ordem cultural, científica, artística, histórica, literária etc. Dentre esses, muitos remontam à época clássica, tendo sido ressaltados em antigos tratados greco-latinos, sendo alvos, evidentemente, de tratamentos dos mais diferenciados possíveis.

Desde que foi evidenciada no campo da Filosofia e passou por várias abordagens no campo da Lógica e da Linguística durante esses vários séculos, alguns dos tratamentos da metáfora se mostram antagônicos, outros complementares, a maioria dos quais descrevendo-a fora do uso ordinário da língua.

Partindo de uma definição dicionarizada do termo, segundo Bueno (1988, p. 2413), o vocábulo “metáfora” remonta ao grego *metà*, que significa “mudança, alteração, translação”, e *phora*, de *phero*, “(eu) transporto”; portanto, tem a ver com mudança de sentido, alteração de significado. Modernamente, inúmeras fontes mencionam “metáfora” como sendo os caminhões de transporte e mudança que circulam nas ruas da Grécia – imagem que reforça a característica básica desse recurso da comunicação humana.

O conceito de “metáfora” como “mudança” perpassa praticamente todos os estudos que serão apresentados aqui, e de fato corresponde à característica central da

metáfora, mas ao mesmo tempo ele encobre uma série de particularidades, e é nesse ponto que muitas abordagens se mostram divergentes.

Faremos neste capítulo uma exposição de boa parte das principais abordagens sobre a metáfora ao longo dos séculos, para uma visão mais completa possível sobre a mesma, até chegarmos às modernas abordagens, definindo o nosso posicionamento acerca desse recurso, a fim de aplicar sobre ela um tratamento bastante coerente e produtivo dentro do nosso recorte teórico.

Ressaltamos, na oportunidade, que esta exposição não segue um padrão estritamente cronológico. Até certo ponto estamos mantendo a cronologia das ideias partindo de Aristóteles e passando por alguns dos grandes estudiosos da metáfora na tradição clássica. Após isso, no entanto, abdicamos da sequenciação cronológica para apresentar alguns tratamentos contemporâneos sobre a metáfora, que são estudos que co-ocorrem praticamente em paralelo. Em relação a eles, importa-nos basicamente o seu desenvolvimento conceitual e a contribuição que eles proporcionam ao estado da arte dos estudos da metáfora na atualidade.

É importante salientar também que não tomaremos muitos dos fundamentos aqui expostos como base para a nossa pesquisa. A apresentação que se fará aqui de muitas das teorias sobre a metáfora servirá, quando não diretamente para o nosso trabalho, para oferecer uma visão geral para balizar a nossa escolha para o desenvolvimento deste trabalho frente a outras possibilidades de abordagem do tema.

### *3.2 A visão tradicional a partir de Aristóteles*

Uma das primeiras menções que temos da metáfora se encontra em Aristóteles, no séc. IV a.C. Em sua *Poética*, o filósofo discorre a respeito da “transferência do nome de uma coisa para outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou de uma espécie para outra, ou por analogia”<sup>49</sup>. Nesse texto clássico, o autor considera a metáfora um recurso que se afasta da linguagem corrente, assim como os nomes estrangeiros, ornamentais, inventados, alongados, abreviados ou modificados, de acordo com a própria nomenclatura aristotélica.

---

<sup>49</sup> OS PENSADORES, 2000, p. 63.

Dentro dessa concepção de “metáfora”, podemos vislumbrar a noção de metonímia, e desde então também a noção de analogia, que o autor descreve da seguinte maneira:

Entendo que há metáfora por analogia quando o segundo termo está para o primeiro assim como o quarto para o terceiro; o quarto poderá ser utilizado em lugar do segundo, e o segundo, no lugar do quarto. Em algumas ocasiões, os poetas acrescentam ao termo substituído algum outro com o qual o substituído se relaciona (analogia). (...) Às vezes falta um dos quatro termos da analogia; nem mesmo assim deixar-se-á de utilizar o análogo; diz-se, por exemplo, *semear* o espalhar a semente, mas não há termo para o espalhar do sol a sua luz; essa ação, porém, relaciona-se com o sol do mesmo modo como o faz com a semente; por esse motivo poder-se-á dizer: “semeando a luz criada pelos deuses”. (OS PENSADORES, 2000, p. 64)

Além da questão da transposição de significados, Aristóteles ressalta que há várias formas de construção da metáfora, o que as modernas teorias continuam demonstrando, embora com outros termos. Ademais, é de suma importância a noção aventada sobre a analogia, um processo cujas características continuam sendo exploradas até hoje, em especial dentro da teoria dos EM.

Vários autores desde Aristóteles conferem um caráter especial à metáfora em relação às chamadas figuras de linguagem que até hoje povoam os manuais e gramáticas das várias línguas. Todavia, muitas publicações que têm o fim especial do ensino de língua portuguesa, até hoje, apresentam uma demarcada classificação desses recursos de linguagem, agrupando-os não raro em figuras de sintaxe, de estilo e de pensamento, ou qualquer classificação que se aproxime disso, apresentando a metáfora no mesmo rol de várias outras figuras.

Berber Sardinha (2007, p. 21) afirma: “Foi possivelmente na Renascença que a classificação das figuras de linguagem se intensificou, em conformidade com a tendência da época de classificar o mundo em categorias”. O autor continua o texto exemplificando com a obra inglesa *The garden of eloquence*, de Henry Peacham, cuja primeira edição, datada de 1577, chega a apresentar um repertório de 184 figuras.

Entre essas várias figuras, podemos dizer que, desde as abordagens mais antigas sobre linguagem até os dias de hoje, subsiste bastante a necessidade de distinção entre metáfora e metonímia. Inúmeros estudiosos têm em mente a diferença crucial entre as duas: enquanto prevalece uma relação de similaridade de ideias entre os termos de uma

metáfora, a metonímia se caracteriza por uma relação de contiguidade, isto é, uma relação de continuidade ou proximidade natural como a existente entre autor e obra, conteúdo e continente, causa e efeito, instrumento e pessoa que o utiliza, lugar e habitante, parte e todo, espécie ou classe e indivíduo, matéria e objeto etc. Um grande desajuste existe entre as gramáticas e manuais de ensino da língua portuguesa justamente pela exagerada preocupação classificatória em detrimento do conteúdo, especialmente quando entra em cena também a figura chamada sinédoque, gerando muitas confusões, no mínimo, de ordem conceitual.<sup>50</sup>

Dada a importância do tema e a sua proximidade com a metáfora, trataremos mais detalhadamente a metonímia ao final deste capítulo, em seção especial, abordando-a no âmbito de um importante fenômeno cognitivo, o da compressão (*compression*).

O pensamento aristotélico perdura por muitos séculos, e pode-se dizer inclusive que muitos manuais modernos ainda apresentam a metáfora com um aproveitamento quase integral do modelo oferecido pelo filósofo. Interessam-nos, porém, os desdobramentos que o conceito veio sofrendo ao longo dos tempos, até chegar aos modernos estudos da LCog e às metodologias de abordagem da Linguística de Corpus (doravante LCorp), que apresentaremos mais adiante.

### 3.3 Desdobramentos da visão clássica

Santo Tomás de Aquino (1227-1274), filósofo e teólogo italiano, apresenta em pleno século XIII uma visão sobre metáfora bastante polêmica especialmente em relação ao padrão religioso da época: ele refuta vários preceitos da doutrina da Igreja Católica, a qual apresenta veemente rejeição a esse recurso de linguagem, bem como a símbolos, alegorias e outras formas de linguagem figurada, alegando que se trata de recursos da então considerada a mais baixa ciência, isto é, a poesia. A Igreja defendia, inclusive, que a Sagrada Escritura não deveria se utilizar de metáforas, haja vista que o discurso teológico ocupa o ponto mais alto de todos, conforme nos explica Brittan (2003,

---

<sup>50</sup> Só a título de exemplo, tomando duas gramáticas bastante conhecidas e tradicionais nos ensinamentos fundamental e médio, enquanto Cegalla (1993, p. 545) apresenta a frase “Márcia completou ontem vinte primaveras” como exemplo de metonímia, André (1993, p. 373) apresenta a sentença “Maria completa hoje dezenove primaveras” como exemplo de sinédoque. Várias outras inconsistências desse tipo podem ser encontradas tanto nessas referências como entre outros tantos autores de gramáticas e livros didáticos.

p. 30), e fazer uso de metáforas equivalia a obscurecer o sentido das verdades divinas, especialmente quando se fazia alusão a coisas concretas, da realidade mundana.

Aquino faz forte objeção a esse dogma católico. O que para os historiadores da religião pode ser apresentado como uma manifestação de heresia, para os estudiosos da linguagem pode ser visto como uma grande contribuição para o pensamento da época acerca da função social da linguagem. Essa objeção tomista é manifestada nos seguintes termos: “A poesia emprega metáforas a bem da representação, na qual nos deleitamos. O ensinamento sagrado, por outro lado, adota as metáforas pela sua indispensável utilidade”.<sup>51</sup> Essa utilidade é apresentada por Santo Tomás de Aquino em termos de que as verdades divinas expressas metaforicamente são mais convenientes, uma vez que, segundo ele, a doutrina fica mais acessível a todos os indivíduos, já que os elementos retomados para as construções metafóricas são coisas próprias da vivência terrena, oferecidas aos homens pelo próprio Deus.

A noção da metáfora como elemento facilitador para a compreensão de ideias mais complexas é um prenúncio de uma vertente da abordagem cognitiva da linguagem, que se opõe à visão meramente estilística apresentada por Aristóteles. A questão da escalaridade que subsiste no discurso da época – nível superior de linguagem para falar sobre coisas divinas e nível inferior quando se trata das coisas mundanas – certamente é objeto de ampla discussão religiosa, mas é certo que o pensamento tomista revolucionou conceitos, inclusive no campo da linguagem.

Também constitui grande referência nos estudos da linguagem, quando se fala de pensamento clássico, *La logique ou l'art de penser*, um conjunto de textos escritos por Antoine Arnauld e Pierre Nicole entre 1660 e 1680, conhecido como “A lógica de Port-Royal”. A arte do pensamento é apresentada nessa obra nos moldes do raciocínio lógico, tendo-nos legado importantes contribuições especialmente no campo da Semântica Formal, como, por exemplo, o estudo de conjunções, de comparativos etc.

Em *La logique*, os autores fazem referência à metáfora como um recurso através do qual as “palavras possam (...) se relacionar com uma outra coisa”<sup>52</sup>, artifício que proporciona, por exemplo, a solução de charadas. Não se vislumbra, nessa obra, um

---

<sup>51</sup> No original: “Poetry employs metaphors for the sake of representation, in which we are born to take delight. Holy teaching, on the other hand, adopts them for their indispensable usefulness”, tradução inglesa do original latim: “poëtica utitur metaphoris propter repraesentationem, repraesentatio enim naturaliter homini delectabilis est. Sed sacra doctrina utitur metaphoris propter necessitate et utilitatem” (AQUINO, 2006, p. 34-35).

<sup>52</sup> No original: “mots puissent (...) se rapporter à une autre chose” (ARNAULD *et al*, 1861, p. 276).

tratamento exaustivo sobre a metáfora, mas nota-se uma retomada do conceito aristotélico, desta vez com a preocupação de uma descrição mais lógica. De uma forma geral, essa obra revela muitos pensamentos que se coadunam com os de Blaise Pascal (1623-1662), até porque este teve uma vivência muito grande com os jansenistas<sup>53</sup> em Port-Royal, local onde se instalaram vários intelectuais, como Antoine Arnauld e outros.

Alguns estudiosos do século XVIII desenvolvem um ponto de vista sobre a metáfora que se vai afastando cada vez mais da visão aristotélica, embora tais ideias ficassem mais conhecidas *a posteriori*, através da filosofia de Nietzsche e de estudiosos mais contemporâneos como Hans-Georg Gadamer e Paul Ricoeur. Trata-se da noção da primazia da metáfora, defesa que tem início especialmente com o trabalho do filósofo, historiador e jurista italiano Giambattista Vico (1668-1744).

A principal obra de Vico entre uma vasta produção escrita é *Principii di Scienza Nuova*, com sua primeira edição lançada em 1725, na qual o filósofo defende, entre várias outras ideias, a tese da linguagem literária e metafórica como sendo a linguagem primeira, e não posterior ou secundária à linguagem literal. Tomando a tradução inglesa dessa obra como referência, em sua terceira edição datada de 1999, vemos que Vico considera que todas as figuras de linguagem podem ser reduzidas a quatro tipos: metáfora, metonímia, sinédoque e ironia, e, além disso, o autor derruba a clássica defesa de que a expressão poética é posterior e secundária em relação à escrita em prosa<sup>54</sup>. Nessa obra, Vico não desvincula a metáfora da linguagem literária, e a importância desse trabalho reside especialmente no fato de mostrar que a utilização de metáforas não é uma atividade subsidiária na linguagem verbal. Afirma o autor: “Falando de uma forma geral, a metáfora constitui a maior parte do vocabulário em todas as línguas”<sup>55</sup> (VICO, 1999, p. 181).

Como considera a maioria dos estudiosos da metáfora, Vico afirma que a função desta é transportar o sentido de coisas de um determinado tipo para coisas de outro tipo. O filósofo italiano, no entanto, estende essa noção quando apresenta a ideia de que a metáfora confere sentido ao que supostamente não tem sentido, bem como confere sentimento a seres que não o têm (inanimados); através da metáfora, os poetas criam as

---

<sup>53</sup> O jansenismo é um movimento que nasceu com o holandês Cornélio Jansênio (1585-1638), que abalou os dogmas da Igreja Católica. Buscava especialmente nas obras de Santo Agostinho (354-430) uma possibilidade de conciliação entre as ideias do catolicismo e da Reforma protestante.

<sup>54</sup> Cf. Vico (1999, p. 162).

<sup>55</sup> No original: “Generally speaking, metaphor makes up the bulk of vocabulary in all languages”.

fábulas, dotando corpos físicos de capacidades sensíveis e emocionais<sup>56</sup>. Esta ideia de Vico adianta o que séculos depois é explorado minuciosamente em termos da importância da metáfora na criação de fábulas e narrativas, tema que também será trabalhado por nós ao final desta tese.

Outro estudioso que também exerceu grande influência nos estudos da linguagem do ponto de vista filosófico foi John Locke (1632-1704). Filósofo, cientista político e médico inglês, exerceu enorme influência nos pensadores do seu tempo e constituiu importante referência teórica especialmente para líderes políticos a partir do século XVIII. Cânone incontestável do Iluminismo, Locke é famoso pela defesa da teoria da *tabula rasa*, segundo a qual o homem é considerado como uma folha de papel em branco ao nascer, e as suas experiências sensoriais de mundo vão preenchendo essa folha à medida que o indivíduo vive.

O empirismo de Locke se manifesta também nos estudos da linguagem. Sobre ideias, palavras e associações de significados, o autor afirma o seguinte:

Algumas de nossas ideias têm uma natural correspondência e conexão entre si (...). Ao lado disso existe outra conexão de ideias totalmente devida ao acaso ou costume; ideias que em si mesmas não são de todo próximas, vêm a ser tão unidas em algumas mentes humanas, que é muito difícil separá-las; elas sempre se mantêm juntas (LOCKE, 1819, p. 417-418)<sup>57</sup>.

A respeito do fragmento acima, Brittan (2003, p. 129) ressalta que o que Locke chama de acaso ou costume “parece indicar que a interpretação depende do contexto do interpretante, e isso é absolutamente crucial para o moderno debate sobre ‘significado’ e resposta do leitor.”<sup>58</sup>

A importância do contexto na associação de ideias que permeia a criação de metáforas bem como a questão da corporificação ou corporeidade – fenômeno muito conhecido na LCog através do termo *embodiment* – ficam patentes nesta sequência apresentada por Locke:

---

<sup>56</sup> Uma exposição sucinta das ideias de Vico em relação às metáforas é bem apresentada no artigo de Zir (2009).

<sup>57</sup> No original: “Some of our ideas have a natural correspondence and connexion one with another (...). Besides this there is another connexion of ideas wholly owing to chance or custom; ideas that in themselves are not at all of kin, come to be so united in some men’s minds, that it is very hard to separate them; they always keep in company”.

<sup>58</sup> No original: “seems to indicate that interpretation depends upon the context of the interpreter, and this is absolutely central to the modern debate on ‘meaning’ and reader response.”

Essa forte combinação de ideias, não aliadas pela Natureza, a mente faz nela própria voluntária ou ao acaso, e então ela surge em diferentes seres humanos de modo bem diferente, de acordo com suas diferentes inclinações, educação, interesses etc. O costume estabelece hábitos de pensamento e raciocínio, bem como de determinação da vontade e de movimentos corporais (LOCKE, 1819, p. 418).<sup>59</sup>

Ainda dentro de um raciocínio eminentemente lógico, em 1892, o matemático alemão Gottlob Frege instaura um modelo de interpretação do sentido que primordialmente não apresentava nenhuma pretensão de análise da linguagem verbal, no qual se inserem todos os tipos de expressão linguística, inclusive metáforas, perífrases, epítetos etc. A ênfase de Frege é a existência de um triângulo sógnico em cujos vértices se situam os seguintes elementos: *Sinn* (sentido), *Bedeutung* (referência, o objeto do discurso) e *Zeichen* (expressão linguística)<sup>60</sup>. Através desse modelo, depreende-se que o sentido é estabelecido na relação entre a expressão utilizada e o próprio objeto. Essa teoria, embora pouca inovação direta tenha trazido para os estudos da metáfora, foi um divisor de águas dentro dos estudos da linguagem – e conseqüentemente contribuiu para uma melhor compreensão do fenômeno de processamento dos sentidos, inclusive o metafórico – por dois motivos: primeiro, porque se opôs radicalmente à lógica binária, que entendia que o sentido se atrelava diretamente à palavra ou expressão; depois, porque incorporou um importante elemento no processamento do sentido, o objeto.

### 3.4 O século XX e o surgimento da noção de metáfora conceitual

Na segunda metade do século XX, vários estudos são empreendidos com foco no aspecto cognitivo. Essa característica se faz sentir em várias áreas do conhecimento humano, e não ocorre diferente em relação aos estudos da linguagem. Com Noam Chomsky e seus sucessores, conforme vimos anteriormente, o processamento mental da linguagem é o centro da atenção das pesquisas linguísticas. Essa preocupação com o

---

<sup>59</sup> No original: “This strong combination of ideas, not allied by nature, the mind makes in itself either voluntary or by chance; and hence it comes in different men to be very different, according to their different inclinations, education, interests, &c. Custom settles habits of thinking in the understanding, as well of determining in the will, and of motions in the body”.

<sup>60</sup> No artigo original em alemão *Über Sinn und Bedeutung*, o autor faz uma análise minuciosa de vários exemplos de expressões e sentenças utilizando esse triângulo sógnico. Cf. tradução do artigo para o português em Frege (1978, p. 61-86).



aspecto mentalista da linguagem vem desembocar nos estudos cognitivos, e com o advento da Gramática Cognitiva de Langacker esse espaço se consolida, desenvolvendo-se cada vez mais nos últimos decênios.

Em 1979, é amplamente difundida uma noção explicativa sobre o funcionamento da linguagem humana através de um clássico artigo de Michael Reddy. Segundo o autor, as palavras são concebidas como contêineres das ideias, e estas são transmitidas como que passando por um tubo de indivíduo para indivíduo. Dessa forma, as palavras podem ser entendidas como vazias de sentido ou plenas de significado, e o processo de transmissão de ideias pode ser entendido como susceptível a quaisquer vicissitudes típicas da passagem de objetos por um canal. É sobre essa noção que Reddy desenvolve o que ele denomina “metáfora do tubo” (*conduit metaphor*)<sup>61</sup>.

Finalmente, em 1980, foi publicada uma obra que revolucionou o pensamento acerca da metáfora, inclusive alargando a sua concepção e relacionando-a à experiência corporal, cultura, usos e costumes dos indivíduos. Lakoff e Johnson (1980) defendem a ideia de que as metáforas não são recursos especiais de linguagem, como era costume supor, específicos da linguagem literária ou retórica, mas fazem parte da linguagem corriqueira. E, mais do que isso, a metáfora também está presente no pensamento e nas ações humanas, não sendo tão somente um aspecto da linguagem verbal; nosso sistema conceitual é metafórico por natureza. O homem pensa, age e comunica através de metáforas.

Os autores apresentam metáforas fundamentais, a partir das quais muitos elementos comunicativos como expressões linguísticas, gestos e posturas são criados, como “para cima é bom; para baixo é ruim”, “argumentar é lutar”, “tempo é dinheiro”, “ideias são objetos”, “palavras são contêineres”, “abstrato é concreto”, “seres abstratos são entidades físicas”, “comunicar é enviar” etc. A título de exemplo, a primeira metáfora orientacional desta lista se manifesta através de uma série de expressões linguísticas (*A bolsa de valores fechou em alta, Fulano está no fundo do poço, Beltrano está em alto astral, Ela se encontra deprimida (= em depressão), Subir na vida, Chegar ao topo da carreira, Fazer parte do alto escalão, Hoje estou meio down, Os planos caíram por terra*), de gestos (polegar apontado para cima para indicar estado bom, polegar apontado para baixo para indicar estado ruim; referência ao céu para indicar o paraíso religioso, referência

---

<sup>61</sup> Cf. Reddy (1979).

ao subterrâneo para indicar o inferno) e de posturas (ficar de cabeça erguida é bom, ficar cabisbaixo é ruim). Uma importante ideia defendida por Lakoff e Johnson é que não existe, a rigor, nenhum tipo de necessidade humana para se operarem tais conceitualizações; o que existe, e que justifica a concepção de uma ideia em termos de outra, é o apego à cultura da sociedade em que o indivíduo se encontra, além das suas experiências corporais. A metáfora orientacional que foi explicada acima, por exemplo, pode ser justificada pela própria experiência do ser humano, em seu primeiro ano de vida, ao tentar vencer a força gravitacional e manter-se de pé, em postura ereta.

É importante ressaltar que esses esquemas metafóricos não são propriamente universais semânticos, como poderia supor algum radical dentro dessa teoria. Trata-se, na verdade, de tendências de conceitualização manifestadas pelo ser humano de acordo com fatores ligados à sua vivência, cultura, constituição biológica. Portanto, apresentam um grau de uniformidade bastante considerável dentro da espécie humana.

Existem casos que fogem a essa padronização, justamente por estarem ligados a culturas que apresentam uma maneira particular de vislumbrar certos conceitos. Por exemplo, quando se concebe o tempo em termos de espaço, como vários estudiosos já salientaram – entre eles Lakoff e Johnson – encara-se o futuro como o espaço que vem à frente, e o passado como o espaço deixado para trás. Esse esquema se confirma na nossa cultura, mas é diferente em algumas outras, como nos mostra Ribas (2008). Em artigo que resgata aspectos da tradição cultural andina, o autor trata de duas línguas específicas, o aymara e o quetchua, que são idiomas amplamente difundidos entre os povos dos Andes, sendo inclusive ensinados nas escolas locais. Segundo Ribas (*op. cit.*, p. 52), a linguagem desses povos revela uma

curiosa percepção temporal dos povos andinos, igualmente contrária à visão ocidental, pois a tradição andina “enxerga” o passado à frente e o futuro às suas costas. Para compreender esse extravagante paradigma (ao menos aos olhos ocidentais), devemos recorrer às principais línguas nativas andinas, o quetchua e o aymara, pois elas revelam a curiosa relação entre passado e futuro na perspectiva desses povos. Nessas línguas, os termos que se referem ao passado, *nayrapacha*, *ñawpa* e *ñawpaq*, encontram sua raiz etimológica nos vocábulos *nayra* e *ñawi* (aymara e quetchua respectivamente), que significam olhos. Portanto, o que se vê “adiante” é o passado.

Já o vocábulo *quepa/quipa* (aymara e quetchua), que significa “costas”, é usado para descrever o futuro. (...) Assim, para essa tradição andina o futuro está “para trás” e o passado “adiante”.

Muitos estudiosos partem da concepção de Lakoff e Johnson e empreendem estudos arrojados dentro do escopo dessa teoria, destacando-se, entre eles, Kövecses (2002), que desenvolve muito bem a distinção entre a metáfora conceitual e expressões linguísticas metafóricas, com todos os desdobramentos dessa diferenciação. No primeiro capítulo dessa obra, ao conceituar metáfora, Kövecses apresenta um extenso rol de metáforas conceituais, desenvolvendo, nos capítulos subsequentes, questões básicas sobre esse fenômeno, como os tipos de metáfora, os sistemas metafóricos, a relação entre metáfora e metonímia, a universalidade das metáforas conceituais, variação cultural etc.

O surgimento das ideias sobre a metáfora conceitual impulsionou os estudos desse fenômeno sob a ótica da cognição humana e constituiu um grande impacto provocado sobre uma tradição de muitos séculos que encarava a metáfora como uma relação de simples-troca de expressões – com ressalva, obviamente, para importantes estudos empreendidos por filósofos desde alguns séculos passados que adiantam essa postura que veio consolidar-se ao final do século XX e que adentra o século XXI.

### *3.5 O conceito de metáfora gramatical*

A noção de metáfora gramatical é utilizada dentro dos estudos da Linguística Sistemico-Funcional (doravante LSF), idealizada pelo britânico Michael Halliday. A metáfora gramatical se opõe ao que os praticantes da LSF chamam de “metáfora lexical”. Esta corresponderia ao tipo de metáfora estudado nas outras linhas de pesquisa, que não afeta o sistema gramatical de uma língua – em suma, todo tipo de metáfora linguística a respeito de que comentamos até agora. Já a metáfora gramatical corresponde a uma mudança de estatuto que ocorre no estrato léxico-gramatical.

De acordo com a LSF, existem três metafunções primordiais, fundamentais para a compreensão da noção de metáfora gramatical e outros fenômenos da linguagem, as quais expomos com base em Halliday e Matthiessen (1999) e que sintetizam várias outras funções na linguagem:

- i) ideacional – relativa ao conteúdo da linguagem; é o nível no qual, através da linguagem, construímos nossa experiência intelectual do mundo.
- ii) interpessoal – relativa ao estabelecimento de relações entre pessoas na linguagem, através da qual se firmam papéis sociais, inclusive os comunicativos; nesse nível se define nosso próprio lugar na sociedade.

iii) textual – relativa ao modo como as pessoas organizam a fala e a escrita, de acordo com as características da situação em que a linguagem é empregada; nesse nível, a linguagem – elemento criador de informação e articulador do discurso – não só cria a realidade, mas também faz parte dela.

Para entendermos o conceito de metáfora gramatical, é preciso compreender a noção de congruência e não congruência dentro da LSF. O uso congruente da linguagem corresponde ao uso da realização direta, tomado como padrão, não marcado. A extrapolação do uso congruente acarreta consequências no sistema linguístico, produzindo uma tensão. A formação de uma metáfora gramatical enquadra-se justamente nesse contexto de tensão.

A metáfora gramatical pode acontecer dentro das metafunções ideacional e interpessoal. Exemplifiquemos cada uma delas.

No uso congruente da linguagem, existem papéis semântico-discursivos relacionados a cada categoria no nível léxico-gramatical<sup>62</sup>: os verbos são relacionados com processos, os substantivos com participantes do discurso, os adjetivos com qualidades e as conjunções com relações lógicas. Numa realização direta, enunciaríamos, por exemplo:

(13) A Santillana comprou as editoras Moderna e Salamandra.

Se, no lugar dessa sentença em que a ação é expressa por meio de um verbo, utilizarmos a nominalização, como abaixo:

(14) A compra das editoras Moderna e Salamandra pela Santillana<sup>63</sup>

estaremos diante de uma metáfora gramatical no nível ideacional.

A metáfora gramatical na metafunção interpessoal acontece quando não se usa o modo congruente num determinado enunciado. Da mesma forma como acontece com as categorias léxico-gramaticais, existem relações diretas entre oração declarativa e declaração, oração interrogativa e pergunta, oração imperativa e comando. Ao utilizarmos uma declarativa ou interrogativa para realizar o modo imperativo, por exemplo, estamos

---

<sup>62</sup> Nível que se situa entre outros dois, de acordo com a teoria da LSF: o nível fonológico/grafológico e o nível semântico-discursivo.

<sup>63</sup> Exemplo baseado em trecho de corpus utilizado na dissertação de mestrado de Novodvorski (2008), em que o autor realiza uma extensa análise da representação de atores sociais, na linha da LSF.

diante desse tipo de metáfora. É o caso de empregarmos expressões do tipo “Você deve fazer tal coisa.” ou “Você pode fazer tal coisa?” exprimindo uma ordem ou comando. Nitidamente esse tipo de metáfora possui uma correlação direta com a clássica teoria dos atos de fala de Austin (1962).

### *3.6 O conceito de metáfora sistemática*

Embora a área de estudos de metáfora sistemática não se tenha consolidado propriamente como uma teoria, ela apresenta um programa de estudos bastante promissor. Essa linha resulta praticamente de algumas questões levantadas em relação à metáfora conceitual (de Lakoff e Johnson e outros) somadas a alguns conceitos e aspectos utilizados na LCorp. Nascida das ideias de Lynne Cameron, essa abordagem se apoia nas pesquisas empreendidas por grandes nomes como Bakhtin, Vygotsky, Firth e Sinclair.

Em síntese, a metáfora sistemática corresponde ao uso habitual de construções metafóricas, evidenciado através de metodologias de estudo da língua em uso, com o objetivo de entender o comportamento de indivíduos e grupos específicos, bem como de determinados tipos de discurso. Berber Sardinha (2007, p. 37-38) esclarece que

o nome metáfora sistemática advém da crença de que o ponto de partida devam ser as metáforas recorrentes, que sistematicamente indiquem que os participantes de alguma interação estão ativando algum tipo de representação metafórica mental. O principal ponto dessa abordagem é a primazia dada à metáfora em uso. (...) Na metáfora sistemática, só podemos fazer alegações de que os usuários da língua acessam alguma metáfora abstrata e mental se houver várias instâncias de uso de metáforas linguísticas (expressões metafóricas) que as indiquem. Ou seja, antes de tudo, é preciso uma ocorrência sistemática de metáforas linguísticas para podermos alegar que alguma metáfora mental está em jogo em determinado contexto.

Em Cameron (2008, p. 45-62), a autora descreve o que acontece com as metáforas a partir do momento em que elas são empregadas pela primeira vez num determinado discurso. Cameron se baseia em duas situações de fala diferentes: uma num contexto didático em sala de aula e outra num discurso de conciliação, em que se encontram duas pessoas, sendo uma delas a responsável pela morte por atentado do pai da outra. A autora mostra que a mudança da natureza das metáforas em uso se dá em diferentes níveis. Partindo da análise dos veículos (termos metafóricos do domínio-fonte),

Cameron descreve os procedimentos que acontecem nesses discursos, que se resumem na repetição de veículos, na sua relexicalização, na explicação da metáfora e no contraste (com o emprego de termos antonímicos ou contrastantes). À medida que transcorre o discurso, metáforas do tipo “a vida é uma viagem” vão sendo modificadas através dos procedimentos acima, especializando-se de acordo com a situação, diferindo-se nesse ponto das metáforas conceituais de Lakoff e Johnson (1980), cuja diferença crucial a autora aponta nos seguintes termos:

A teoria da metáfora cognitiva estabelece que metáforas conceituais são mapeamentos estáticos, fixos entre os domínios tópico (ou alvo) e veículo (ou fonte). Quando nós estudamos a metáfora no contexto dinâmico do uso da linguagem, nossa preocupação é com os mapeamentos linguísticos que são adaptativos e mutáveis. Esses são acompanhados por sucessivos usos e mudanças no termo que se constitui como veículo, além de palavras e sentenças relacionadas (CAMERON, 2008, p. 46)<sup>64</sup>.

Esse procedimento de análise é bastante próximo ao empreendido por Goatly (1997), com a diferença de que este realiza análises baseadas na teoria da relevância e na teoria funcional, oferecendo um modelo de compreensão de como a metáfora funciona em situações comunicativas reais. Além de discutir os limites do sentido literal e metafórico, Goatly realiza análises sobre vários gêneros diferentes, incluindo conversações, reportagens, novelas, peças e poemas literários.

### *3.7 A metáfora analisada sob o prisma da LCorp*

Esta seção destina-se a apresentar os pressupostos básicos da pesquisa linguística baseada em corpora, sendo importante salientar que não se trata propriamente de um segmento histórico dentro dos estudos da metáfora, nem tampouco um programa de pesquisa exclusivo dos estudos metafóricos. Inserimos este assunto no presente capítulo porque, de fato, a aplicação de métodos da LCorp com vistas ao tratamento da metáfora tem proporcionado avanços notáveis, e cabe-nos dar uma mostra desses avanços.

Nas últimas décadas, têm crescido em larga escala os estudos linguísticos baseados em dados autênticos de linguagem, seja na modalidade oral ou escrita. Os

---

<sup>64</sup> No original: “Cognitive metaphor theory holds that conceptual metaphors are static, fixed mappings between Topic (or target) and Vehicle (or source) domains. When we study metaphor in the dynamic context of language use, our concern is with linguistic mappings that are adaptive and changing. These are tracked by successive uses of and changes in the Vehicle term, and related words and phrases.”

avanços na área de Informática vêm proporcionando ganhos incomensuráveis nesse aspecto, fazendo com que a LCorp enriqueça-se cada vez mais em termos de consistência técnica, teórica e metodológica, impulsionando o nível das pesquisas em todas as áreas da linguagem.

No Brasil, pesquisas nesse campo têm alcançado muito êxito, principalmente com a criação de programas específicos para análises linguísticas, como os etiquetadores, concordanciadores etc. Juntamente a isso, a montagem e o incremento de extensos bancos de textos disponíveis para análise – os corpora – têm proporcionado às nossas pesquisas enormes vantagens.

Berber Sardinha (2004) oferece uma boa visão desse tipo de pesquisa, reunindo os aspectos fundamentais para os estudos baseados em corpora, desde o histórico sobre essa área, a descrição de bancos de textos, até os detalhes de ordem técnica para utilização de ferramentas eletrônicas. Nas palavras do próprio autor:

Há um debate na definição do status da área: a Linguística de Corpus é disciplina ou metodologia? Claramente, a Linguística de Corpus não é uma disciplina tal qual psicolinguística, sociolinguística ou semântica, pois seu objeto de pesquisa não é delimitado como em outras áreas. A Linguística de Corpus não se dedica a um assunto definido (...). Ao contrário, ocupa-se de vários fenômenos comumente enfocados em outras áreas (léxico, sintaxe, textura). É então uma metodologia da qual outras áreas podem se fazer valer? A princípio, sim. (...)

Se a Linguística de Corpus é metodologia ou não, depende da definição de metodologia que está sendo usada. Entendendo metodologia como *instrumental*, então é possível aplicar o instrumental da Linguística de Corpus livremente e manter a orientação teórica da disciplina original. (BERBER SARDINHA, 2004, p. 35-36)

Uma clara contribuição dessa chamada “metodologia” para a Linguística é o fato de o pesquisador lidar com dados reais da linguagem, e não chegar a conclusões baseadas em exemplos construídos artificialmente, ainda que correspondendo à intuição dos falantes. E mais: com esse procedimento, o número de informações com que o linguista é capaz de lidar é inúmeras vezes maior, alcançando enorme fidedignidade entre as conclusões alcançadas em relação a um corpus e as conclusões que podem ser imputadas à língua como um todo. Enfim, quase todos os estudos quer da linha diacrônica, quer da sincrônica encontram na LCorp um suporte jamais alcançado na história da pesquisa em linguagem.

Como os demais temas de pesquisa, os estudos sobre a metáfora também voltam os olhares para as técnicas e métodos proporcionados pela LCorp, especialmente quando se pretende investigar as ocorrências dessa modalidade de linguagem no cotidiano dos usuários da língua. Berber Sardinha (2009, p. 1) destaca, na introdução de um texto ainda não publicado, que

Tem existido um crescente interesse na utilização de corpora na pesquisa sobre metáfora nos últimos anos, e como resultado disso um certo número de ferramentas e técnicas tem sido proposto e utilizado para identificação de metáforas. No entanto, muito pouco se sabe a respeito de suas habilidades para recuperar todas e somente metáforas a partir dos corpora.<sup>65</sup>

Apesar dessa dificuldade, é inegável a contribuição que modernas tecnologias vêm dando à ciência no âmbito do estudo da metáfora. Questões jamais imaginadas até então passam a ser investigadas, como: qual a relação entre a metáfora e o processamento cognitivo humano? Quais são os limites entre o sentido literal e não literal na linguagem? Em que situações os falantes fazem uso de construções metafóricas em vez das correspondentes construções não metafóricas? Qual o grau de ocorrência de construções metafóricas numa dada língua?

Muita contribuição no sentido de possíveis respostas a esses questionamentos vem sendo dada por dois grandes estudiosos do assunto: Anatol Stefanowitsch e Stefan Gries. Stefanowitsch (2005), por exemplo, realiza um estudo de extrema relevância com vistas a explicar se o uso da linguagem metafórica é motivado por questões estilísticas ou por princípios cognitivos. O autor desenvolve essa questão analisando as ocorrências de algumas expressões metafóricas da língua inglesa, comparando as situações de uso das mesmas em contraposição à situação de uso das respectivas expressões não metafóricas.

Nesse artigo, o autor defende a hipótese cognitiva sobre a metáfora, segundo a qual ela é um elemento sistemático e pervasivo na linguagem cotidiana, um fenômeno conceitual/mental que nos possibilita a compreensão de uma ideia (mais abstrata) em termos de outra ideia (mais concreta), em oposição à hipótese estilística, cujos adeptos defendem que a metáfora é um recurso extraordinário de linguagem, uma figura de

---

<sup>65</sup> No original: “There has been growing interest in using corpora in metaphor research in recent years, and as a result a number of tools and techniques have been proposed and used for metaphor identification. However, very little is known about their ability to retrieve all and only metaphors from corpora.”



linguagem empregada para obter efeitos estéticos, largamente empregada na literatura, retórica e outros registros que utilizam a linguagem como “ornamento” das ideias (STEFANOWITSCH, 2005, p. 163). Como argumentos em favor da hipótese cognitiva, são apresentados os seguintes:

- i) se a metáfora fosse um fenômeno estilístico simples, ela não apresentaria tão alto grau de sistematicidade e ocorrência;
- ii) se a metáfora fosse um recurso ornamental da linguagem, existiria sempre uma expressão literal correspondente a cada expressão metafórica;
- iii) nas metáforas, o mapeamento é sempre unidirecional, acontecendo do domínio mais concreto para o mais abstrato, e não vice-versa. Se a metáfora fosse um recurso puramente estilístico, a unidirecionalidade seria acidental, e não sistemática.

A ideia central sobre a linguagem metafórica na hipótese cognitiva é que o seu uso pode reduzir dificuldades de processamento do sentido. Assim, a metáfora pode ser descrita como um elemento que oferece “suporte conceitual” para a nossa apreensão de conceitos complexos. Daí o fato de concebermos os conceitos mais abstratos dentro de um domínio mais concreto.<sup>66</sup>

Estudos desse porte desmistificam a ideia de que o modo básico de utilização da linguagem humana é o uso do sentido literal e que o sentido metafórico é um mero correspondente opcional daquele. Tais estudos vêm demonstrando que a linguagem metafórica – e, por extensão, o raciocínio metafórico – é um elemento essencial da cognição humana. Gibbs Jr. (2002) já expusera em seu artigo que não faz sentido simplesmente contrapor o sentido literal ao sentido não literal, uma vez que não existe uma linha divisória entre essas duas formas de processamento do sentido, além de que não existe uma única forma de sentido literal nem tampouco uma única forma de sentido não literal. No bojo deste, existem, por exemplo, o sentido metafórico, o idiomático, o irônico, o metonímico etc. No processamento de uma sentença não literal, diferentes tipos de sentido são ativados em diferentes pontos da sentença.

Voltando a Stefanowitsch (2005), o autor analisa o grau de distintividade (*distinctiveness*) de alguns lexemas, que ele mesmo define como sendo uma “associação

---

<sup>66</sup> Um bom exemplo disso é o fato de conceitualizarmos o tempo (abstrato) em termos de dinheiro (concreto), no emprego de várias expressões verbais: *gastar tempo*, *ganhar tempo*, *economizar tempo*, *perder tempo*, *ceder tempo*, *tomar tempo* etc. O contrário não ocorre, ou seja, não conceitualizamos dinheiro em termos de tempo, medindo-o em segundos, minutos, horas etc.

estatisticamente significativa com um membro de um par de padrões”<sup>67</sup>. Ele toma, a título de exemplo, as expressões “no coração de” (*in the heart of*) e “no centro de” (*in the centre of*), buscando, por intermédio dos recursos oferecidos pela LCorp, os colexemas dessa expressão num dado corpus<sup>68</sup>. Stefanowitsch (2005, p. 166) chama de “colexema” o “lexema ocorrente num lugar específico dentro de um padrão”.<sup>69</sup>

Stefanowitsch percebe que os colexemas significativamente distintivos da expressão literal “no coração de” seguida de um sintagma nominal são nomes referentes a localizações geográficas, tanto na forma de nomes próprios quanto de nomes comuns. Por outro lado, os colexemas de “no centro de” são nomes bastante heterogêneos referentes a localizações, tais como partes de construções, móveis e itens domésticos, grupos de pessoas e partes do corpo.

O autor foi buscar nas premissas da psicologia da Gestalt uma explicação para essa diferença de uso entre expressões metafóricas e não metafóricas correspondentes, que foi detectada também na análise de várias outras expressões além das mencionadas acima. Com base nessas premissas, Stefanowitsch (2005, p. 170) elabora várias assunções, que ele mesmo afirma, em nota de fim de documento, não serem infalíveis, mas que se aplicam muito bem aos padrões investigados e oferecem larga adequação dentro dos estudos da LCorp. Essas assunções são as seguintes:

- i) como decorrência do princípio de figura e fundo da Gestalt, conceitos representando entidades pequenas são menos complexos do que aqueles que representam entidades grandes, uma vez que os objetos são mais fáceis de conceitualizar na sua totalidade;
- ii) conceitos representando entidades que têm formas simples ou limites definidos são menos complexos do que aquelas de formas complexas ou limites difusos, por serem mais facilmente delineáveis;
- iii) conceitos de objetos percebidos holisticamente são mais simples do que conceitos de detalhes ou partes componentes do todo;
- iv) conceitos representando ações atribuíveis aos seres humanos são mais simples do que processos não atribuíveis a eles, porque aquelas são mais próximas da nossa experiência diária e da nossa interação com o ambiente;

---

<sup>67</sup> No original: “statistically significant association with one member of a pair of patterns” (STEFANOWITSCH, 2005, p. 166).

<sup>68</sup> Trata-se do BNC – British National Corpus, que Berber Sardinha (2004, p. 8) caracteriza como um dos principais corpora da língua inglesa, criado em 1995, composto por 100 milhões de palavras do inglês britânico escrito e falado.

<sup>69</sup> No original: “lexeme occurring in a particular slot in a pattern”.

v) conceitos representando objetos concretos são menos complexos do que os que representam abstrações, uma vez que aqueles são mais acessíveis à nossa experiência direta.

Retomando a ideia do autor de que as metáforas servem de suporte conceitual para a nossa compreensão de conceitos mais complexos, Stefanowitsch observa que o emprego da expressão metafórica “no coração de” é restrito a localizações geográficas, que são objetos grandes; portanto, de conceitualização mais complexa, conforme a premissa (i) acima. Já a expressão literal “no centro de” se aplica a todo tipo de nomes locativos, que se referem a objetos bem menores que as localizações geográficas; portanto, mais fáceis de serem conceitualizados. A premissa (ii) acima também reforça essa conclusão, uma vez que a percepção dos indivíduos em relação a cidades, estados, países etc. não envolve a visão de limites definidos como na percepção de peças de mobiliários e outros itens domésticos, por exemplo. Daí a recorrência da expressão metafórica no primeiro caso, de acordo com o autor.

Diante dessas considerações realizadas no âmbito da LCorp, evidencia-se uma clara concepção da metáfora que vai de encontro à tradição aristotélica, rechaçando a questão estilística em que se envolve esse fenômeno da linguagem e valorizando os pontos defendidos pela gramática baseada no uso e pela gramática cognitiva. Por outro lado, o próprio Stefanowitsch (2005, p. 174-175) afirma que

Isso não significa que os fatores estilísticos podem ser completamente ignorados na escolha entre as duas alternativas; claramente, a expressão *no centro de SN* é estilisticamente neutra e igualmente encontrada em todos os gêneros e registros, enquanto *no coração de SN* é associada a gêneros escritos. Então, num nível bem geral, considerações estilísticas claramente desenvolvem um papel. No entanto, esse papel não pode ser tomado como suporte para a hipótese estilística, uma vez que considerações estilísticas meramente influenciam a *disponibilidade* da escolha entre a expressão literal e a metafórica – elas não surgem para influenciar a escolha por si própria.<sup>70</sup>

---

<sup>70</sup> No original: “This does not mean that stylistic factors can be completely ignored in the choice between the two alternatives; clearly, the expression *in the center of NP* is stylistically neutral and likely to be found in all genres and registers, while *in the heart of NP* is associated with written genres. Thus, at a very general level, stylistic considerations clearly play a role. However, this role cannot be seen as support for the stylistic hypothesis, as stylistic considerations merely influence the *availability* of the choice between the literal and the metaphorical expression – they do not appear to influence the choice itself.”

Stefanowitsch utiliza em várias de suas pesquisas um procedimento bastante comum na LCorp, que é a análise dos colocados, isto é, as palavras que ocorrem com frequência considerável na vizinhança de alguns nódulos (palavras e expressões) escolhidos para análise. Com esse procedimento, numa extensão da análise colocacional, Stefanowitsch e Gries desenvolveram um método através do qual é investigada a interação de lexemas e as estruturas gramaticais a eles associadas, com aplicação no estudo de expressões linguísticas de vários níveis (palavras, expressões fixas, estruturas de argumento etc.). A esse procedimento os autores chamam de análise colostrucional (*collostructional analysis*)<sup>71</sup>.

Stefanowitsch e Gries (2003, p. 210) afirmam que “recentemente (...) o foco dentro da linguística de corpus mudou para uma visão mais holística da língua”<sup>72</sup>, chamando a atenção para o fato de que gramática e léxico não são elementos fundamentalmente diferentes, da maneira como essa antiga dicotomia tem sido vista nos estudos da linguagem, existindo muitas expressões ignoradas ao longo dos tempos que servem de importantes elos entre esses dois polos. Trata-se de um estudo que toma por base preceitos da chamada Gramática de Construções, aplicando-se de forma muito pertinente ao estudo de *collocations*, *chunks*<sup>73</sup> e outras expressões linguísticas. Não se trata especificamente de uma metodologia para estudo da metáfora, mas como a língua é plena de expressões metafóricas entrincheiradas, esse tipo de estudo também nos é de grande valia.

### 3.8 Outros estudos

Muitos estudos que realizam descrições sobre a metáfora e estudos que, em algum ponto, utilizam a metáfora de algum modo como suporte para análise linguística vêm sendo realizados, contribuindo para enriquecer a compreensão da linguagem humana sob os mais diversos prismas. Várias dessas abordagens não foram mencionadas neste trabalho por se distanciarem mais do nosso objeto de investigação. Porém, revestem-se de uma importância crucial tanto para uma melhor descrição da estrutura linguística quanto

---

<sup>71</sup> Cf. Stefanowitsch e Gries (2003).

<sup>72</sup> No original: “recently (...) the focus within corpus linguistics has shifted to a more holistic view of language”.

<sup>73</sup> Mantivemos aqui os originais em inglês por não existirem, até o momento, boas traduções para esses termos em português.

para uma melhor compreensão de fenômenos que residem além da superfície da língua, remetendo a fatores contextuais, culturais e sociais mais amplos.

Em Linguística Aplicada, várias pesquisas vêm sendo realizadas abordando-se a metáfora como elemento de investigação de fatores relacionados ao processo de ensino e aprendizagem de língua materna e de línguas estrangeiras. Nessa área, a metáfora é tratada, entre várias outras coisas, como um importante recurso de manifestação de ideologias acerca da prática docente, do processo de aprendizagem, das instituições etc. Esse tipo de estudo proporciona ganhos enormes à prática pedagógica, em relação à qual novas metodologias são elaboradas de forma a atender os objetivos educacionais de forma mais eficiente e produtiva.

Além disso, existem muitos trabalhos que realizam análises das metáforas presentes em textos humorísticos, textos políticos, textos religiosos, cartuns etc. Como exemplos de coletâneas de artigos com esse teor destacamos as obras de Pontes (1990) e de Paiva (1998), além do artigo de Zanoto (1995), que inter-relaciona a metáfora e o ensino de leitura, explorando o processo de compreensão de metáforas em textos poéticos e charadas.

### *3.9 A correlação entre metáfora e metonímia*

Nesta seção, vamos nos dedicar à apresentação e discussão de características de outro recurso de linguagem muito parecido com a metáfora, cujo tratamento em grande parte também pode ser enquadrado na abordagem desta, não sendo raras as confusões que ocorrem entre uma e outra. Trata-se da metonímia, que, tanto quanto a metáfora, pode ser tratada no âmbito estilístico ou cognitivo e cujos limites não são tão claramente demarcados. Também já foi evidenciada nos estudos linguísticos e filosóficos há muitos séculos, como explicamos mais no início deste capítulo, nascendo da concepção aristotélica e subsistindo até hoje com várias mudanças de abordagem.

Não vamos apresentar aqui um percurso histórico-evolutivo das concepções particulares sobre a metonímia, uma vez que o que nos interessa é a sua inter-relação com a metáfora. Por isso, vamos esboçar um tratamento da mesma já no âmbito da LCog e das representações mentais, sabendo-se que esse recurso de linguagem estará presente também nas nossas análises textuais. Para isso, aproveitaremos o ensejo para descrevê-la no âmbito de um fenômeno cognitivo muito importante que também se aplica às metáforas e que possui forte relação com o processo de MC: a compressão (*compression*).

De fato, a mesclagem, da maneira como já a descrevemos, é uma ferramenta de compressão por excelência, conforme afirmam Fauconnier e Turner (2002, p. 114). A compressão ocorre quando projetamos, num mesmo domínio, informações em estado de fusão que podem encerrar diferentes tempos e espaços, ou apresentar relações fundamentais de mudanças, intencionalidade, causa e efeito, parte e todo – e é especialmente nestes dois últimos casos que entra em cena a metonímia.

A compressão acontece em várias situações do nosso cotidiano, como, por exemplo, quando entramos em uma loja, visualizamos um utilitário doméstico e imaginamos como ficaria aquele objeto em nossa própria casa. Nesse caso, comprimimos a imagem do objeto na loja e a imagem do ambiente doméstico em questão num só espaço. Nesse exemplo, o processo de compressão pode ser representado da seguinte maneira, mesclando o objeto no domínio à esquerda com a imagem da casa representada no domínio à direita:

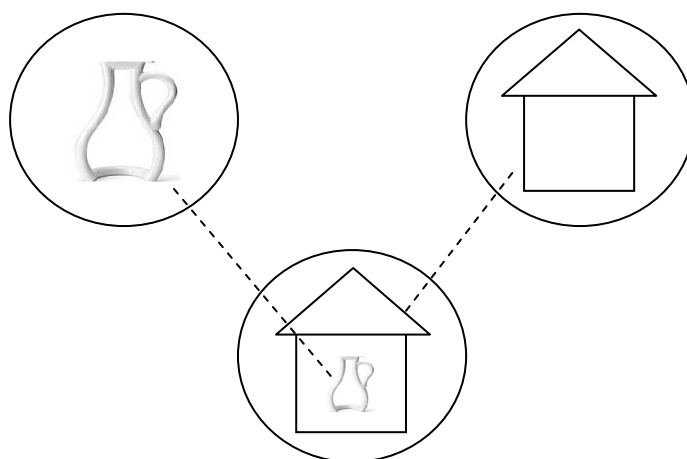


Figura 13 – Compressão de imagens num mesmo domínio

Também ocorre a compressão no nível das ideias, quando imaginamos, por exemplo, os efeitos que a fala de um grande líder mundial poderia causar em outros lugares ou mesmo em outras épocas. E, claro, ocorre a compressão também na linguagem, quando se utilizam expressões do tipo “Canadá recebe estudantes de braços abertos”<sup>74</sup>, “Aids mata uma criança a cada 15 minutos”<sup>75</sup>, as quais envolvem, respectivamente, as relações parte-

<sup>74</sup> Transcrito de <[http://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/cursos-exterior/materia\\_404276.shtml](http://guiadoestudante.abril.com.br/universidades/cursos-exterior/materia_404276.shtml)>. Acesso em: 12 fev. 2010.

<sup>75</sup> Transcrito de <<http://www.sistemas.aids.gov.br/imprensa/Noticias.asp?NOTCod=62907>>. Acesso em: 12 fev. 2010.

todo (o nome do país representa os habitantes, os homens do Governo, as pessoas do sistema educacional etc.) e causa-efeito (a AIDS seria, *a priori*, uma consequência – crianças morrem de AIDS –, e no enunciado aparece como um agente causador de mortes).

O fenômeno da compressão, que permeia a formação de metáforas e metonímias, é atrelado ao que Fauconnier e Turner (2000) chamam de “descompressão” (*decompression*), ou seja, a capacidade que os indivíduos possuem de fazer o trajeto inverso da mistura de elementos, um processo de “esticamento” a partir do domínio que apresenta a compressão. Tomemos o seguinte enunciado para visualizarmos esse processo:

(15) Somos pentacampeões mundiais e nunca deixamos de participar de uma Copa do Mundo.<sup>76</sup>

Ao enunciar-se (15), é estabelecida uma relação metonímica através da qual o “nós” se apresenta na forma de uma compressão que envolve indivíduos presentes e ausentes na atualidade, não só jogadores da Seleção Brasileira de Futebol, mas também qualquer cidadão brasileiro. A partir da mescla, somos capazes de operar a descompressão, refazendo o caminho contrário de sua formação.

Fazemos aqui, porém, a mesma observação que apresentamos em relação aos princípios da otimalidade (FAUCONNIER; TURNER, 1998), em relação ao desempacotamento (capítulo 2, seção sobre a teoria da MC): acreditamos que não há como proceder à descompressão de elementos em todas as situações, especialmente nos casos em que temos expressões já entrincheiradas na nossa língua, da mesma forma que, em várias situações, não conseguimos refazer todo o percurso dos elementos de uma MC.

Fauconnier e Turner (2000) apresentam um caso bastante diferente de compressão, envolvendo qualificação de indivíduos. Enunciados do tipo: “Ele parece violento”, “Ele parece um criminoso” etc., para os autores, constituem-se casos típicos de compressão, nos quais o indivíduo denotado por “ele” assume traços de um indivíduo violento, criminoso etc.<sup>77</sup>

---

<sup>76</sup> Transcrito de <<http://www.museudofutebol.org.br/historia/salas/copas-do-mundo>>. Acesso em: 13 fev. 2010.

<sup>77</sup> Esses e outros casos são bem explanados por Fauconnier, além das publicações escritas, em palestra proferida por ocasião da Ninth Conference on Conceptual Structure, Discourse, and Language, ocorrida em 18/10/2008, intitulada “How Compression Gives Rise to Metaphor and Metonymy”, promovida pelo Departamento de Ciência Cognitiva da Case Western University, disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=kiHw3N6d1Js>>. Acesso em: 14 fev. 2010.

Um outro item que clama por grande interesse pela descrição do fenômeno da compressão é apresentada por Sweetser (2000). A autora mostra a relação que esse fenômeno possui com o aspecto da performatividade, baseando-se na descrição de rituais que comprimem ações presentes e futuras. Ela exemplifica com um ritual em que se encena uma caça a búfalos bem sucedida, realizado antes de acontecer a caça real. Com essa prática, o sucesso da caça (diga-se, o espaço de entrada 2) é influenciado pelo sucesso ocorrido no espaço da simulação da caça (diga-se, espaço de entrada 1), numa típica relação de causa e efeito.

Retomando especificamente a questão da metonímia, vejamos algumas características fundamentais nos dizeres de estudiosos de renome internacional no assunto. Conferimos destaque, aqui, a importantes pesquisas realizadas na Espanha, nas quais se destacam Antonio Barcelona (Universidade de Murcia) e Francisco José Ruiz de Mendoza (Universidade de La Rioja).

Barcelona desenvolve várias ideias sobre metáforas e metonímias no âmbito da cognição. Afirma o autor que

A metonímia tem recebido muito menos atenção por parte dos linguistas cognitivos do que a metáfora, embora ela seja provavelmente ainda mais básica para a linguagem e a cognição. A metonímia é uma projeção conceitual através da qual um domínio experiencial (o alvo) é parcialmente entendido em termos de um outro domínio experiencial (a fonte) incluído *no mesmo domínio experiencial*.<sup>78</sup> (Cf. BARCELONA, 2000a, p. 4)

O que particulariza a metonímia, conforme podemos depreender da definição de Barcelona acima, é que o domínio-fonte e o domínio-alvo – que podem ser vislumbrados também na teoria da metáfora – possuem a mesma natureza experiencial, ou seja, as informações se encontram num mesmo domínio cognitivo. Esboçando uma representação para a expressão abaixo, muito comum nos dias atuais:

(16) Apenas um rosto bonito na TV

---

<sup>78</sup> No original: “Metonymy has received much less attention from cognitive linguists than metaphor, although it is probably even more basic to language and cognition. Metonymy is a conceptual projection whereby one experiential domain (the target) is partially understood in terms of another experiential domain (the source) included *in the same common experiential domain*.” (grifo do autor).



teríamos o seguinte (entendendo-se “pessoa”, nesse caso, em relação ao corpo físico – do qual o “rosto” faz parte –, e não em termos de comportamentos, personalidade etc.):

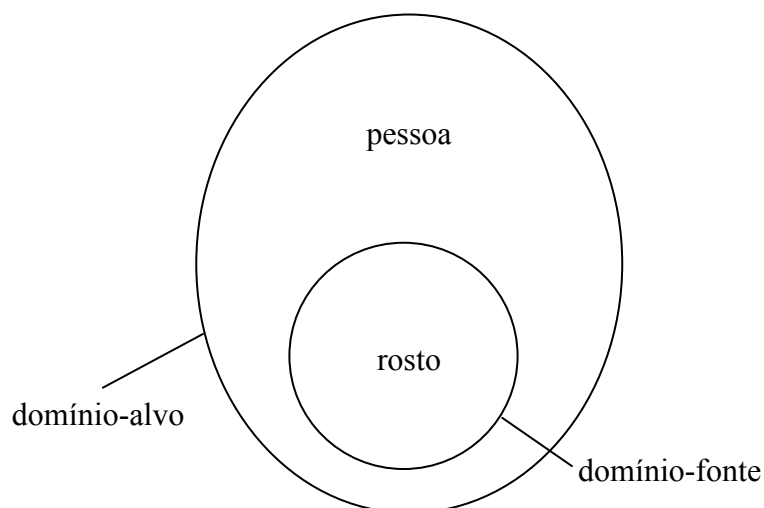


Figura 14 – Representação metonímica envolvendo os domínios fonte e alvo

Não queremos estender aqui a questão da maior ou menor importância da metonímia em relação à metáfora para os estudos cognitivos, aventada nos dizeres acima de Barcelona (2000a), mas é importante destacar que Mendoza também compartilha desse pensamento. Em entrevista concedida a Joseph Hilferty em 2005, afirma o pesquisador que “muito mais trabalho tem sido realizado em relação a molduras, protótipos, metáfora e esquemas imagéticos, enquanto muito pouca atenção tem sido dispensada à metonímia”<sup>79</sup>. Além disso, também para Mendoza, “a metonímia é talvez um fenômeno ainda mais central para a linguagem do que a metáfora”<sup>80</sup>.

Barcelona, também em entrevista a Hilferty, justifica, de certa forma, o interesse maior que existe no estudo das metáforas em comparação com o das metonímias em vista da maior abrangência alcançada pelo primeiro. O autor afirma o seguinte:

O papel da metáfora parece ser mais “genérico”, no sentido de que a maioria das construções gramaticais podem ser vistas como extensões metafóricas dentro de domínios abstratos da nossa esquematização de experiências corporais básicas (...). A metonímia, por outro lado, parece ser mais diretamente envolvida no campo da forma gramatical e do significado, isto é, na motivação de novos sentidos de formas gramaticais,

<sup>79</sup> No original: “so much work had gone into frames, prototypes, metaphor, and image schemas while so little attention had been paid to metonymy” (HILFERTY, 2005, p. 3).

<sup>80</sup> No original: “[I realized that] metonymy was perhaps even a more central phenomenon to language than metaphor” (*ibid.*, p. 4).

na motivação para a reclassificação transitória ou permanente de certas construções gramaticais (...), ou (com menos frequência) na motivação de formas de um lexema ou uma construção (...). A metonímia parece ser particularmente pervasiva na estrutura léxico-gramatical.<sup>81</sup>

Há que se levar em consideração que falta até hoje, dentro dos estudos cognitivos, uma base que seja capaz de discriminar uma tipologia teórica para a metonímia, além de dizer que são estabelecidas relações como causa e efeito, parte e todo, conteúdo e continente, autor e obra etc. entre os domínios envolvidos na compressão. O próprio papel referencial que caracteriza em grande parte esse recurso de linguagem é muito discutido entre os estudiosos, a ponto de alguns defenderem não se tratar de uma característica exclusiva das metonímias<sup>82</sup>.

Barcelona (1997, p. 28-30; 2000b, p. 43-44) acrescenta duas situações que tornam o quadro ainda mais complexo: existem metáforas que são conceitualmente motivadas por metonímias, e metonímias conceitualmente motivadas por metáforas. Não se trata de casos em que os estudiosos sejam totalmente acordes, mas na atualidade Barcelona é um dos que mais têm desenvolvido pesquisas nesse campo, apresentando uma abordagem bastante consistente, razão pela qual a apresentamos sucintamente aqui.

De fato, encontramos o desenvolvimento desse estudo realizado por Antonio Barcelona em alguns textos a partir de 1986, quando Lakoff e Kövecses<sup>83</sup> apresentam o esquema ESTAR TRISTE = PARA BAIXO, que serve de suporte para uma série de expressões em várias línguas, as quais retratam algum tipo de postura corporal “caída” para retratar situações de infelicidade<sup>84</sup>. Barcelona mostra que existe uma motivação metonímica para a formação dessas expressões metafóricas. Quando se diz, por exemplo, em português: “Ele ficou cabisbaixo (= de cabeça baixa)”, “Ela andava com os

---

<sup>81</sup> No original: “The role of metaphor seems to be more ‘generic’, in the sense that most grammatical constructions can be seen as metaphorical extensions into abstract domains of our schematization of basic bodily experiences (...). Metonymy, on the other hand, seems to be more directly involved in the extension of grammatical form and meaning, i.e. in the motivation of the new senses of grammatical forms, in the motivation of the transient or permanent reclassification of certain grammatical constructions (...), or (less often) in the motivation of forms of a lexeme or a construction (...). Metonymy seems to be particularly pervasive in lexicogrammatical structure.” (*ibid.*, p. 8).

<sup>82</sup> A esse respeito, ver, por exemplo, Taylor (1989) e Barcelona (1997). Dirven (2002) também trata exaustivamente da questão tipológica em que se envolvem as metonímias, partindo dos polos metafórico e metonímico estabelecidos por Jakobson (1956). Para Jakobson, há uma correlação direta entre a metáfora e operações paradigmáticas baseadas em seleção, substituição, similaridade e contraste, e entre a metonímia e operações sintagmáticas baseadas em combinação e contiguidade. Dirven, no entanto, amplia esse quadro através de uma série de análises.

<sup>83</sup> Cf. Kövecses (1986) e Lakoff (1987).

<sup>84</sup> Esquema metafórico decorrente de outro mais geral aventado por Lakoff e Johnson (1980): “para cima é bom; para baixo é ruim”.

ombros caídos”, “Eles nos fitavam com os olhos baixos”, em que todos os enunciados denotam situação de tristeza, funciona o seguinte esquema: “cabeça”, “ombros” e “olhos” estão no domínio-fonte de uma compressão metonímica que atinge o domínio-alvo do corpo físico inteiro do indivíduo em questão. A parte do corpo representa o todo do indivíduo, e isso é uma metonímia. Ora, existe uma orientação espacial dentro do domínio corporal, mas não existe nenhum tipo de orientação espacial no domínio dos sentimentos, como a tristeza. A partir daí é que se processa a metáfora, quando a postura corporal constitui-se um domínio que é mapeado com um outro domínio diferente, o da tristeza, numa típica relação de causa (o sentimento) e efeito (corpo caído). Temos aí, então, a metáfora conceitualmente motivada pelo esquema metonímico anterior.

Destacamos, em relação à explicação acima, que a mencionada anterioridade de formação do esquema metonímico em relação ao mapeamento metafórico é uma questão de entendimento sobre o processo de formação semântica do enunciado. Isso não implica afirmar que os usuários de uma língua têm consciência desse processo – até porque se trata de uma questão ainda pouco estabelecida mesmo no campo da ciência – e nem que, na prática, aconteça primeiro um processo para depois suceder o outro. De toda forma, da maneira como é apresentado, esse modelo é um grande avanço para a compreensão do procedimento cognitivo da linguagem, revelando que por detrás da formação de metáforas existem vários fatores, além dos mapeamentos *stricto sensu*, que devem ser focalizados e que também entram em jogo quando da elaboração das mesmas.

Retomando a outra situação descrita por Barcelona, o autor explica que, inversamente ao apresentado acima, existem metonímias somente compreensíveis a partir de mapeamentos metafóricos. Barcelona (1997, p. 30-31) exemplifica esse caso lançando mão do esquema metafórico ATENÇÃO = ENTIDADE FÍSICA (NORMALMENTE MOVENTE). Por essa entidade física, entende-se algo que normalmente é possível de ser pego, atraído ou mesmo chamado, e o autor analisa enunciados que, em português, são semanticamente próximos à expressão metafórica “puxar as orelhas de alguém” – que, fora do domínio da linguagem verbal, possui o correspondente ato de se puxar uma orelha quando se quer recriminar sobre alguma atitude reprovável de quem sofre a ação nessa parte do corpo.

Trata-se de uma metonímia, pois temos aí uma parte do corpo representando todo o indivíduo – o sentido da expressão “puxar as orelhas de alguém” está ligado a uma intenção no nível pragmático da linguagem de chamar a atenção do indivíduo; é a parte do

corpo sendo utilizada como fonte para representar o corpo inteiro. Essa metonímia, no entanto, acontece com o elemento “atenção” metaforizado em “orelha”, atendendo ao esquema metafórico ABSTRATO É CONCRETO<sup>85</sup>.

Esses e vários outros casos são muito bem discutidos também por Geeraerts (2002). O autor procede à análise de vários *idioms* e compostos na língua holandesa, utilizando as noções dos eixos sintagmático e paradigmático, mostrando como as metáforas e as metonímias atuam ao longo desses eixos. A integração entre esses dois recursos é tão grande e tão produtiva em termos morfossintáticos, que levou a autores como Louis Goossens e o próprio Geeraerts a adotarem a expressão “metaftonímia” (*metaphonymy*) para se referirem a esse fenômeno<sup>86</sup>.

### 3.10 Algumas tomadas de posição em face do panorama dos estudos da metáfora

Antes de prosseguirmos no nosso trabalho, partindo para a descrição e análise dos textos de nosso corpus, convém esclarecer nossas considerações sobre o conceito de metáfora sobre o qual iremos trabalhar, estabelecendo o nosso recorte teórico, bem como a abordagem que pretendemos dentre as várias possibilidades oferecidas pela LCOg.

Faremos isso na forma de tópicos, visando a um clareamento prévio das posturas que empreenderemos frente ao nosso objeto, diante dos mais variados pontos de vista apresentados nestes capítulos iniciais da tese:

- i) Nossa pesquisa se insere claramente nos preceitos da LCOg, o que está evidenciado desde as primeiras linhas deste trabalho, no âmbito das representações mentais. Dessa forma, eximimo-nos de realizar qualquer empreendimento cujo enfoque, ainda que inserido nos parâmetros gerais dos estudos de cognição, não esteja voltado para a descrição de como se processa o sentido na mente humana em termos de representações mentais. Dentro desse ponto de vista, lançaremos mão, em larga escala, dos conceitos de domínio cognitivo, EM, MC, mapeamentos e outros que estejam diretamente relacionados a esses, constituindo-se elementos fundamentais para as nossas análises.
- ii) Entre os vários estudos empreendidos no âmbito da LCOg que selecionamos para apresentar neste trabalho, destinamos um capítulo em especial para apresentação dos EM e

---

<sup>85</sup> Também de Lakoff e Johnson (1980).

<sup>86</sup> A respeito desse termo, cf. Goossens (2002).

da MC em razão da importância que eles terão para as nossas análises e também pela proximidade de abordagem que faremos nos textos do nosso corpus, coincidindo em grande parte com o modo como Fauconnier e Turner abordam as representações mentais em suas análises de frases e textos. A diferença evidente estará na amplitude maior que empreenderemos no nível da organização textual, como um alargamento dos estudos desses dois pesquisadores.

iii) Pela exposição feita neste capítulo desde os primórdios dos estudos sobre a metáfora até as abordagens mais contemporâneas, destacando pontos diferentes – e até divergentes – sobre ela, é necessário que nos detenhamos um pouco mais nesse aspecto a fim de delimitarmos bem o nosso objeto de inquirição. Stefanowitsch contrapõe muito bem as duas visões que se pode ter sobre a metáfora: a estilística, que tem origem em Aristóteles e perpassou estudos em vários séculos da história da humanidade, tendo sido influenciada por uma ou outra postura que acrescentou informações especialmente sobre a importância do contexto, mas permanecendo a ideia central da metáfora como elemento de adorno; e a cognitiva, que considera a metáfora como um importante recurso de facilitação do raciocínio, defesa esboçada em estudiosos de alguns séculos atrás e consolidada pelas pesquisas empreendidas no século XX. Tomaremos por base esta segunda ideia, que se coaduna plenamente com os propósitos da LCOg, empreendida muito bem pelo próprio Stefanowitsch, por Gries e outros pesquisadores dessa linha. Além de ser esse recurso de facilitação do pensamento, que promove a acessibilidade a conceitos mais complexos com a utilização de conceitos menos complexos, a metáfora também manifesta posturas individuais; os indivíduos, no ato da interlocução, escolhem conceber uma coisa em termos de outra, de acordo com os seus conhecimentos de mundo, sua história de leitura das coisas do ambiente ao seu redor, os conhecimentos que eles julgam pré-existentes em seus interlocutores, as ideologias envolvidas no ato comunicativo etc. Nesse aspecto, tomamos emprestada a concepção de metáfora de Lakoff e Johnson, restringindo-nos, no entanto, às metáforas linguísticas, que são o nosso objeto de análise, não nos atendo àquelas que dizem respeito à corporeidade.

iv) A escolha acima em relação ao conceito de metáfora nos leva a concebê-la como um recurso de linguagem, e não um elemento ou fenômeno da comunicação humana, que seriam condizentes com outras abordagens dos estudos da linguagem.

Adotando essas concepções, acreditamos ter feito uma boa delimitação dentro de todo o arsenal teórico que expusemos anteriormente, estabelecendo o nosso

recorte para lidar com a análise de textos. Com isso, acreditamos que vamos estabelecer um procedimento de pesquisa bastante coerente com os propósitos estabelecidos para este trabalho, contribuindo de alguma maneira para o avanço das pesquisas na área.

## CAPÍTULO 4

### DESCRIÇÃO E ANÁLISE LINGUÍSTICA DO CORPUS

#### *4.1 Introdução*

Uma vez apresentados e discutidos os aspectos gerais da LCog, os elementos e fatos relacionados à teoria dos EM e da MC e as características da metáfora sob o prisma de várias escolas – com uma breve incursão no estudo das metonímias –, vamos partir para a descrição e a análise do nosso corpus de textos escritos, atendendo à nossa proposta de mostrar as inter-relações entre a metáfora e a organização textual.

Neste capítulo, procuraremos aplicar o máximo do arcabouço teórico que apresentamos nos capítulos precedentes, procurando, ao mesmo tempo, estabelecer um procedimento de análise cabível a outros textos da língua portuguesa e ampliar os limites de estudo da metáfora alcançados até então em relação a aspectos textuais mais amplos.

#### *4.2 Descrição do corpus para análise*

Procederemos à análise de textos escritos em língua portuguesa, de forma que os resultados alcançados possam mostrar-se aplicáveis a uma ampla variedade de textos dentro da língua. Em outras palavras, nosso objetivo é chegar a resultados que possam expressar, na máxima medida possível, a realidade da inter-relação entre a metáfora e a organização textual dentro da modalidade do nosso corpus, mas não se fechando para os outros tipos de texto. Tendo isso em vista, e começando com um procedimento que seja favorável à consecução desse intento, partiremos da análise de

exemplares do nosso corpus, que vem descrito logo a seguir, e posteriormente aplicaremos o modelo de tratamento do nosso objeto de pesquisa a outros textos fora do corpus, testando a viabilidade de adoção da nossa proposta.

Nos estudos da linguagem, acirram as controvérsias em relação aos parâmetros a serem estabelecidos para a definição sobre tipos e gêneros textuais. Nosso trabalho não tem como objetivo oferecer algum tipo de contribuição nesse aspecto, mas como lidaremos diretamente com essa questão, vamos esboçar algumas considerações nesse sentido.

Os tipos textuais são definidos pela predominância de alguns elementos linguísticos, a saber: aspectos lexicais, aspectos sintáticos, tempos verbais, relações lógicas etc. Trata-se de formas de organização do texto, que é constituído por construtos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas<sup>87</sup>. Os tipos textuais mais citados são o narrativo, descritivo, expositivo ou dissertativo, argumentativo e injuntivo.

Ao apresentar-se, portanto, um tema para redação de processo seletivo para o ingresso de alunos no ensino superior, exige-se do candidato o enquadramento do texto num tipo específico; no caso dos textos do nosso corpus, o tipo expositivo ou dissertativo, amplamente difundido nas aulas de redação do Ensino Médio.

Por outro lado, o tipo textual não define exatamente o gênero a que pertence um texto. A noção de gênero está diretamente ligada à finalidade comunicativa do texto. Na constituição do gênero, entram em jogo outros elementos, tais como características sócio-comunicativas, definição de conteúdos, propriedades funcionais, características de composição etc. Diferentemente dos tipos textuais, que se restringem a poucos, os gêneros são inúmeros e praticamente ilimitados, podendo comportar um ou vários tipos textuais. Como exemplos de gêneros, temos: telefonema, sermão, correspondência oficial, carta, e-mail, bilhete, bula de remédio, receita culinária, romance, horóscopo, lista de compras, cardápio, manual de instruções, outdoor, resenha, edital, piada etc. A redação de vestibular pode ser considerada um gênero específico, uma vez que é produzida para atender a uma determinada demanda social, embora não se constitua uma forma de comunicação espontânea.

Entre tipos e gêneros textuais, existe uma relação muito grande, embora a existência de um não seja pré-requisito para a existência específica de outro. Para a

---

<sup>87</sup> Sobre essa definição, cf. Marcuschi (2005, 2008), entre outras referências.



constituição do gênero redação de vestibular, por exemplo, atrela-se à exigência do tipo textual indicado no comando dado no momento da elaboração do texto.

A importância da constituição do gênero textual é muito bem explicada por Bakhtin (1992, p. 302), que afirma que

as formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente. (...) Aprender a falar é aprender a estruturar enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas e, menos ainda, é óbvio, por palavras). Os gêneros do discurso organizam nossa fala da mesma maneira que a organizam as formas gramaticais (sintáticas). Aprendemos a moldar nossa fala às formas do gênero e, ao ouvir a fala do outro, sabemos de imediato, bem nas primeiras palavras, pressentir-lhe o gênero, adivinhar-lhe o volume (extensão aproximada do todo discursivo), a dada estrutura composicional, prever-lhe o fim, ou seja, desde o início, somos sensíveis ao todo discursivo que, em seguida, no processo da fala, evidenciará suas diferenciações. Se não existissem os gêneros do discurso e se não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo da fala, se tivéssemos de construir cada um de nossos enunciados, a comunicação verbal seria quase impossível.

Embora o autor se tenha centrado mais na questão da fala no excerto acima, fica claro que a identificação dos gêneros textuais (atrelados aos tipos textuais), mais do que mera questão classificatória ou didática, reflete uma necessidade típica do processo de comunicação verbal humana.

Voltando especificamente para o nosso corpus de análise, optamos pelo gênero textual redação de vestibular. Trata-se de um tipo de produção textual muito difundido no meio escolar, cujo propósito é autorrecursivo, ou seja, o objetivo principal é treinar ou demonstrar habilidades de comunicação escrita dentro da norma padrão da língua. As redações de vestibular, sejam do estilo tradicional (realizado ao final do Ensino Médio) ou seriado (realizado ao longo dos anos que compõem o Ensino Médio), são produzidas num contexto específico de avaliação de desempenho de escrita e concatenação de ideias em torno de um tema. Elas não atendem a um propósito comunicativo externo à instituição de ensino e correspondem a um tipo de produção induzida, não espontânea. Essas características, no entanto, não invalidam estudos sobre esse tipo de produção. Nas palavras de Bezerra (2008, p. 138),

Embora defendamos a utilização de situações efetivas de escrita em sala de aula, não estamos eliminando o fato de que o texto, ao chegar aí, perde parte da carga comunicativa que tem, já que se torna objeto de

ensino/aprendizagem. Com isso, observamos que o trabalho com a redação (entendida como um texto inerte), com a produção textual (concebida como um texto produzido em uma situação comunicativa) e com o gênero textual (entendido como um enunciado produzido em uma situação comunicativa específica, de acordo com um tema, uma composição e um registro linguístico) tem um ponto comum, que é ser objeto de ensino. Por isso, não se deve desfazer-se dessa característica, a ponto de não mais se ensinar a produzir um texto em sala de aula, sob o pretexto de que o importante é respeitar as práticas sociais da escrita e seus usos.

Em outras palavras, ressalvado o fato de que redações escolares – e aí incluímos as redações de vestibular – não atendem a um propósito comunicativo espontâneo, trata-se de um tipo textual muito difundido na prática escolar, capaz de revelar muitos fatos no âmbito do raciocínio com a linguagem.

O nosso corpus foi composto por um total de 500 (quinhentas) redações produzidas entre os anos de 2005 e 2007 em diferentes processos seletivos para ingresso no ensino superior da Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), instituição multicampi da rede particular cuja sede se localiza na cidade de Barbacena (MG) e que possui unidades de ensino em várias outras cidades, incluindo uma unidade no estado de Tocantins (ITPAC – Instituto Tocantinense Presidente Antônio Carlos).

A escolha desses textos foi aleatória. Esse procedimento faz parte do método estatístico da pesquisa científica, aplicando-se a seleção de amostragem casual simples, em que todos os conjuntos de textos disponíveis tinham igual probabilidade de serem escolhidos. Com isso, pretendemos detectar construções de uso metafórico no corpus e sobre elas realizar nossa análise qualitativa, de forma que tais construções tenham a probabilidade de serem representativas de todo o montante de textos à nossa disposição.

Encontramos em Popper (2001) o suporte lógico-matemático para esse procedimento. Sobre sequências aleatórias ou casualoides, que é o caso com que lidaremos na nossa pesquisa, afirma o autor que

O fato de nossas estimativas de frequência em sequências empíricas aleatórias serem hipóteses não tem qualquer influência sobre a maneira de podermos calcular essas frequências. Com respeito a classes *finitas*, não tem a menor importância, é claro, a maneira como obtemos as frequências de que partem nossos cálculos. Essas frequências podem ser obtidas por contagem real, pela aplicação de uma regra matemática ou de uma hipótese desta ou daquela espécie. Ou podemos, simplesmente, inventá-las. Ao calcular as frequências, aceitamos algumas como dadas e delas derivamos outras.<sup>88</sup>

---

<sup>88</sup> Cf. Popper (2001, p. 184).

A proposta de analisar textos escritos autênticos justifica-se pelo objetivo de lidar com elementos da língua em uso real e efetivo (ainda que a produção dos textos seja induzida, conforme comentamos), e não criados para satisfazer a alguma hipótese de pesquisa. Na composição do corpus, mantivemos a escrita original dos textos, a fim de evitar qualquer tipo de interferência que pudesse prejudicar os nossos resultados, ferindo a autenticidade dos mesmos.<sup>89</sup>

Para se ter uma noção da dimensão do nosso corpus, ele possui um total de 84.450 palavras, conforme se pode levantar através do listador de palavras do WordSmith Tools<sup>®</sup> (doravante WST), um programa muito utilizado como suporte para vários tipos de análises linguísticas, como será detalhado mais adiante. Desse total de ocorrências (*tokens*), são identificadas 8.734 palavras diferentes, ou tipos (*types*). Vejam-se os dados na Figura 15 abaixo, em que está destacado o total de palavras ocorrentes no corpus:

---

<sup>89</sup> A escolha dos textos para a composição do corpus foi anterior ao trabalho de correção que a equipe do processo seletivo realiza para a classificação dos candidatos. Foram incluídas, assim, redações de níveis muito diferenciados, de candidatos que tanto foram aprovados quanto reprovados nos concursos. Portanto, a nota obtida pelos candidatos nas redações em nenhum momento influenciou a nossa escolha.

N	Overall
text file	Overall
file size	515,559
tokens (running words) in text	84,450
tokens used for word list	84,378
sum of entries	
types (distinct words)	8,734
type/token ratio (TTR)	10.35
standardised TTR	45.45
standardised TTR std.dev.	53.07
standardised TTR basis	1,000
mean word length (in characters)	4.85
word length std.dev.	2.91
sentences	87,701
mean (in words)	25.39
std.dev.	3.25
paragraphs	77,613
mean (in words)	2,675.33
std.dev.	159.29
headings	0
mean (in words)	
std.dev.	
sections	1
mean (in words)	84,378.00
std.dev.	
numbers removed	72
stoplist tokens removed	0
stoplist types removed	0
1-letter words	9,056
2-letter words	11,338
3-letter words	13,132
4-letter words	10,134

frequency   alphabetical   statistics   filenames   notes

Figura 15 – Descrição geral do corpus obtida através do listador de palavras do WST

De acordo com Berber Sardinha (2004, p. 26), um corpus dessa natureza é classificado como pequeno-médio, em classificação baseada na observação dos corpora normalmente utilizados em pesquisas (um corpus pequeno-médio, segundo o autor, possui de 80.000 a 250.000 palavras).

Na montagem desse banco de textos, eles foram numerados de 001 a 500. A tabela a seguir apresenta uma descrição geral dos subconjuntos de redações que compõem o corpus, compreendendo a quantidade produzida em cada local, os locais em que as mesmas foram escritas e o tema que serviu de motivação para a produção de cada subconjunto:

REDAÇÕES	QUANTIDADE	LOCAL	TEMA
001 a 181	181	Araguaína (TO)	Crimes virtuais
182 a 229	48	Araguaína (TO)	A pirataria no Brasil
230 a 246	17	Medina (MG)	A felicidade
247 a 256	10	Teófilo Otoni (MG)	Sonhos de simplicidade
257 a 466	210	Araguaína (TO)	A internet
467 a 500	34	Barbacena (MG)	A destruição da natureza

Tabela 1 – Dados gerais dos textos do corpus, separados por grupos

#### *4.3 Procedimentos de tratamento do corpus*

Como se trata da composição de um corpus de pesquisa que futuramente pode servir também a outros tipos de investigação, e com o intuito de não incorrerem em falhas metodológicas, seguimos os procedimentos gerais para tratamento do corpus, que normalmente integram esse tipo de abordagem, a saber:

- i) Uma vez que as redações são manuscritas, após selecionadas elas foram transcritas ao computador utilizando-se o programa Microsoft Word for Windows<sup>®</sup>, em espaço simples, fonte Times New Roman tamanho 12, alinhamento de margem à esquerda. Seguimos um procedimento corriqueiro desse tipo de montagem de corpus: deixar um espaço em branco entre os parágrafos, apesar de não interessar diretamente para a nossa pesquisa a identificação de tais. Entre o título da redação – quando existente – e o primeiro parágrafo, deixaram-se dois espaços em branco para a identificação daquele.
- ii) Após organizados em pastas no computador, os textos foram salvos também como “texto sem formatação” (com a extensão .txt), procedimento fundamental para que a aplicação de ferramentas eletrônicas como o WST não seja prejudicada com a identificação de caracteres estranhos ao programa.

iii) A partir daí, levantamos as informações gerais sobre o corpus, a exemplo dos dados da Figura 15, para se ter uma noção geral do ambiente de pesquisa com que estamos lidando. O software utilizado serviu como ponto de partida para a identificação das características gerais do banco de textos e também para realizar buscas de palavras e expressões no corpus à medida que fomos realizando leituras e análises de cunho qualitativo.

As buscas de palavras e expressões no corpus com o apoio de recurso eletrônico são de fundamental importância num trabalho desse porte, uma vez que proporcionam levantamentos que seriam impossíveis de serem feitos somente através da chamada leitura manual. O grau de precisão dessas buscas é altíssimo, além da capacidade de obtenção de dados importantes para a análise em tempo imediato.

#### *4.4 Descrição da ferramenta eletrônica: o WordSmith Tools<sup>©</sup>*

Esse programa possui uma ampla aplicação nos estudos que envolvem corpus para análise, pela eficiência das ferramentas que o compõem e pela capacidade de lidar com bancos de textos muito extensos. Ele é da autoria de Mike Scott, tendo sido publicado pela Oxford University Press anos antes de 2000, com versão demonstrativa disponível na internet<sup>90</sup>. Antes da versão usual moderna, o programa passou por vários protótipos que eram lançados em pequena escala, segundo Berber Sardinha (2004, p. 86). No nosso trabalho, estamos utilizando a versão 5.0, de 18/06/2009.

O WST possui três ferramentas básicas: o concordanciador (*Concord*), o listador de palavras (*WordList*) e o listador de palavras-chave (*KeyWords*).

O recurso do concordanciador permite que o analista visualize os “colocados”, que são os itens lexicais que ocorrem com um nóculo de uma busca. Essa busca pode ser realizada com alcances diferenciados, chamados de “janelas” ou “horizontes”, que consiste em quantidades de palavras à esquerda e à direita escolhidas pelo pesquisador. O concordanciador também fornece a “frequência”, que é o número de ocorrências tanto do nóculo quanto de seus colocados.

Através do listador de palavras, outro recurso do WST, é possível obter informações do corpus analisado em três segmentos diferentes: um relativo às informações gerais do banco de textos (número de palavras, tipos e ocorrências; número de parágrafos;

---

<sup>90</sup> Disponível em: <<http://www.liv.ac.uk/~ms2928/>> e vários outros sites.

razão entre tipos e ocorrências; extensão média das palavras e dos parágrafos etc.); outro relativo à frequência de ocorrência de cada palavra do corpus, medida em porcentagem em relação às demais palavras do texto, da mais frequente até a menos frequente do corpus; e o último relativo à listagem de todas as palavras do corpus em ordem alfabética, acompanhadas da frequência em que ocorrem.

Por fim, o listador de palavras-chave estabelece uma comparação entre as palavras de um texto ou conjunto de textos selecionados em relação a um corpus que serve como referência. No caso de nossa pesquisa, não utilizamos esse recurso.

#### *4.5 Análise do corpus*

O grande desafio para os estudos sobre metáfora baseados em corpora é a identificação de nódulos que podem ser considerados metafóricos, extensivo também ao estudo das metonímias, já que os mapeamentos entre domínios cognitivos não estão ligados a formas linguísticas específicas. Na tentativa de dar um rumo à nossa análise tendo em vista essa dificuldade, buscamos algum suporte em Stefanowitsch (2006). O autor apresenta algumas estratégias para contornar esse problema, que se resumem no seguinte<sup>91</sup>:

- i) busca manual – Muitos estudos se baseiam na coleta manual das ocorrências de construções metafóricas, o que limita muito o trabalho do pesquisador, evidentemente, no caso de trabalhos baseados em corpora extensos.
- ii) busca por vocabulário de domínio-fonte – Algumas expressões metafóricas baseiam-se em itens lexicais específicos do domínio-fonte. Constitui, portanto, uma estratégia de pesquisa realizar a busca começando por elementos do léxico ou conjuntos de elementos que são potencialmente formadores de metáforas.
- iii) busca por vocabulário de domínio-alvo – Muitos estudos sobre a metáfora são realizados tendo-se em vista domínios-alvo específicos, bem como os mapeamentos conceituais que os estruturam; assim, esse tipo de busca pode ser bastante produtivo. Existem algumas restrições quanto a esse aspecto, especialmente o fato de que esse método se aplica muito bem quando se trata de um corpus muito representativo de textos que lidem com um domínio-alvo específico, além de funcionar bem, obviamente, quando se trata de

---

<sup>91</sup> Cf. Stefanowitsch (2006, p. 2-6). O autor confere especial importância às três primeiras estratégias apresentadas.

construções cujo domínio-fonte apresente uma associação sistemática e previsível com o domínio-alvo em questão.

iv) busca por sentenças que contenham itens lexicais tanto do domínio-fonte quanto do domínio-alvo – Os dois tipos de busca apresentados anteriormente podem combinar-se no mesmo processo. E, assim como os dois procedimentos anteriores não são completos, este também pode apresentar problemas. Trata-se de um processo que funciona muito bem em se tratando de expressões cujo mapeamento conceitual é conhecido de antemão – ou, para utilizar uma expressão do próprio Stefanowitsch, no caso de “padrões metafóricos” (*metaphorical patterns*).

v) busca de metáforas baseada nos “marcadores de metáfora” (*markers of metaphors*) – Existe um certo número de expressões na língua, muitas vezes de natureza metalinguística, que sinalizam explicitamente a presença de metáforas, tais como “metaforicamente falando”, “figurativamente falando”, “literalmente” etc., bem como o recurso gráfico das aspas. Esse tipo de busca, no entanto, não apresenta total aceitação entre os estudiosos da metáfora com base em corpora, existindo algumas pesquisas que mostram a ineficácia desse procedimento.<sup>92</sup>

vi) extração a partir de um corpus etiquetado por campos/domínios semânticos – A primeira estratégia descrita acima pode ser estendida da seguinte forma: pode-se especificar um domínio-fonte e operar a busca por todos os itens lexicais pertencentes a esse domínio, em vez de trabalhar com conjuntos de lexemas, que ficam sempre incompletos. Stefanowitsch qualifica esse método como bastante promissor.

vii) extração a partir de um corpus etiquetado por mapeamentos conceituais – Esse tipo de busca seria grandemente valioso para os estudos da metáfora, mas o grande problema em relação a ele é justamente realizar as marcações que discriminem os mapeamentos conceituais.

A etiquetagem é muito produtiva em análises textuais, mas, no caso de pesquisas envolvendo metáforas, ainda se constitui um procedimento muito complexo. A identificação de metáforas realizada por recursos eletrônicos é feita, atualmente, em termos

---

<sup>92</sup> Em relação a esse procedimento, Goatly (1997) destina um capítulo especial à descrição dos chamados “marcadores de metáforas”, como recursos linguísticos explícitos que sinalizam a ocorrência de processos metafóricos nos textos. Por outro lado, Wallington *et al* (2003) demonstram que esses marcadores não se constituem, de fato, uma sinalização consistente da presença de metáforas, não sendo, portanto, um recurso eficiente para um trabalho com corpora. De qualquer forma, a área necessita de estudos mais pormenorizados acerca da utilização desse método.



de probabilidade de emprego metafórico de uma determinada expressão com base na comparação com a co-ocorrência desse mesmo nódulo em outros corpora pré-analisados<sup>93</sup>.

Levando-se em consideração todos os aspectos levantados, e tendo em vista o foco da nossa pesquisa voltado para uma análise qualitativa envolvendo metáforas e organização textual, diante dos recursos colocados à disposição para a nossa pesquisa que nos levem a um grau de total confiabilidade em relação aos resultados alcançados, estabelecemos os seguintes procedimentos metodológicos para análise dos textos:

i) busca manual de metáforas mais relevantes em textos escolhidos aleatoriamente nos seis subgrupos de redações apresentados na Tabela 1, de maneira a contemplar uma análise preliminar em textos elaborados sob diferentes propostas de tema. Como os subgrupos de redações variam muito entre si, em relação ao número de textos que os compõem, estabelecemos a proporção de escolha de um texto para cada conjunto de no máximo setenta redações dentro de cada tema. Assim:

SUBGRUPO	TOTAL DE REDAÇÕES DO SUBGRUPO	NÚMERO DE REDAÇÕES ESCOLHIDAS PARA A BUSCA MANUAL
I) redações 001 a 181	181	3
II) redações 182 a 229	48	1
III) redações 230 a 246	17	1
IV) redações 247 a 256	10	1
V) redações 257 a 466	210	3
VI) redações 467 a 500	34	1
TOTAL GERAL	500	10

Tabela 2 – Número de redações escolhidas para busca manual por metáforas, em cada subgrupo do corpus

ii) identificação de possíveis vocabulários de domínio-fonte e domínio-alvo a partir da busca manual nos dez textos mencionados acima. Embora esse procedimento não garanta o

<sup>93</sup> São muito raros os programas de identificação de metáforas, sendo o único disponível na Internet o do CEPRIIL – Centro de Pesquisa, Recursos e Informação em Linguagem, da PUC-SP (disponível em: <http://www.corpuslg.org/tools/>), que realiza buscas em língua portuguesa e língua inglesa. Esse identificador funciona como um etiquetador, apresentando, para cada palavra do corpus a que o usuário pode submeter, uma informação correspondente à probabilidade de ela ser metafórica. Essa probabilidade varia de 0,01% (zero vírgula zero um por cento, ou seja, praticamente nenhuma probabilidade) a 100% (cem por cento, isto é, certeza de uso metafórico), que o programa oferece através da indicação “Avg.Prob”.

alcance de grande número de ocorrências metafóricas no corpus como um todo, pode constituir-se um ponto de partida para buscas mais minuciosas em etapas posteriores.

iii) levantamento de construções metafóricas em outros textos do corpus, além dos dez textos iniciais, num processo que mescla a busca manual e a busca realizada através do WST com base nos possíveis vocabulários de domínio-fonte e domínio-alvo mencionados acima.

iv) análise qualitativa de variados textos do corpus, de acordo com a relevância dos levantamentos feitos até então, com vistas ao comportamento da metáfora dentro desses textos.

Observe-se que traçamos os passos metodológicos acima com base nas estratégias i), ii), iii) e iv) de Stefanowitsch (2006), que julgamos bastante pertinentes ao tipo de pesquisa que estamos empreendendo. Com isso, procuraremos identificar os padrões metafóricos recorrentes no nosso corpus a fim de que, a partir dos mesmos, possamos identificar o papel que a metáfora assume no âmbito da organização textual.

#### *4.5.1 Busca manual de metáforas*

Nesta parte do trabalho, procederemos a uma leitura geral dos dez textos selecionados para levantamento prévio de construções metafóricas, conforme definido na seção precedente. Cumpre salientar que não se pretende levantar todas as ocorrências metafóricas nesses textos, tarefa que exigiria uma metodologia mais apurada. A intenção é destacar as metáforas mais relevantes nos textos, especialmente aquelas que se enquadram em padrões recorrentes ao longo dos mesmos.

##### *4.5.1.1 Levantamento metafórico inicial no Subgrupo I*

Neste subgrupo, onde se encontram as redações de número 001 a 181, realizaremos a busca manual em três textos, conforme já foi especificado. O tema sobre o qual versam as redações é “crimes virtuais”, e a partir daí já esperamos encontrar a ocorrência de expressões ligadas à informática, tanto metafóricas quanto não metafóricas.

Por se tratar de textos pequenos – especialmente porque, no formato digitado, as redações têm o seu tamanho bastante diminuído em comparação com o

manuscrito – vamos apresentá-los aqui mesmo no corpo do capítulo, seguidos respectivamente das considerações que temos sobre eles.

(17) O mundo sem lei da Internet<sup>94</sup>

Nos dias atuais, ficar em frente à um computador navegando pela internet, em sites de relacionamentos é muito legal. Mas para alguns jovens não é apenas isso que eles querem, pois seu desejo é ter uma identidade secreta e fazer justiça com as próprias mãos, uma vez que a justiça é lenta e ineficaz.

Com esse raciocínio, um grupo de jovens decidiu assumir o papel de justiceiros da rede, invadindo sites que contêm pregações racistas, anti-semitas, mensagens homofóbicas ou fotos de pedofilia.

O desejo desses jovens é de ajudar a justiça, fazendo com que sejam descobertas estas redes que anunciam estas pregações, por isso consideram-se hackers com uma missão, ou seja de ajuda a justiça.

Na prática, alguns ferem tanto a lei quanto quem invade computadores alheios para xeretar e fazer piadas de mau gosto, no entanto satisfazem seu desejo adquirindo uma identidade secreta.

Graças a eles, muitos sites como esses vem sendo descobertos e entregues as autoridades competentes, e como dizem eles, é um serviço que alguém tem de fazer, uma vez que a justiça é lenta e ineficaz.

Como o próprio tema sugere, existem muitas referências a elementos do mundo informatizado, a partir mesmo do título: Internet, computador, sites, rede, hackers. E, paralelamente a esses elementos, que se inserem num domínio cognitivo específico, um outro domínio é explorado, o da justiça, também suscitado pelo tema proposto, que se manifesta em elementos como: lei, justiça, justiceiros, autoridades.

Uma vez que identificamos esses dois domínios cognitivos básicos no texto (17), vamos expandir os elementos destacados dentro de cada domínio, procurando associar a eles as palavras com as quais co-ocorrem, seja na função de núcleo quanto em alguma função complementar ou adjunta, no âmbito da metáfora.

No domínio da Informática, vislumbramos as seguintes construções metafóricas: “navegar pela internet”, “invadir sites”, “redes que anunciam pregações”, “invadir computadores”, “sites são entregues a autoridades”. De antemão, verifica-se aí a existência de duas metáforas conceituais básicas: ELEMENTOS DE INFORMÁTICA SÃO LUGARES, e no texto tais lugares se mostram como navegáveis (internet) e passíveis de serem invadidos (sites, computadores); e o outro esquema metafórico resume-se a ELEMENTOS DE INFORMÁTICA SÃO PESSOAS, revelando-se como agentes que anunciam pregações (redes) e indivíduos entregues às autoridades legais (sites).

---

<sup>94</sup> Redação nº 133 do corpus.

Quanto à expressão “navegar pela Internet”, trata-se de algo tão utilizado no nosso dia-a-dia, na linguagem falada e na escrita, que já parece apresentar um bom grau de entrincheiramento na nossa língua, não só pelo seu índice de ocorrência como também pela cristalização desse composto, co-ocorrendo com a forma similar “navegar na Internet”. A título de confirmação desse fato, operamos uma busca rápida no nosso corpus por essa expressão, através da ferramenta Concord do WST, com as possíveis flexões da forma verbal, e encontramos vinte e duas ocorrências, como mostra a figura a seguir:

N	Concordance	Set	Tag	Word #	t. #	%
1	diversos e também de perigo. portanto muita atenção. navegar na internet pode ser muito bom, mas cuidado com os			47,791	898	1%
2	mais popular no Brasil. Além de ser legal e divertido navegar na internet, cabe notar que existe o lado bom e o ruim.			55,708	198	0%
3	afim que todos pudessem ter mais privacidades. Justiça Navegar na internet é uma das melhores coisas. Frequentar			27,010	036	0%
4	sendo lezadas. Alguns pais tem medo de deixar seus filhos navegar na internet pois sabem que o racismo existe, a			23,626	927	3%
5	dez anos o que ela gosta de fazer, ela responderá que gosta de navegar na internet, msn e orkut. As garotas passam o tempo			25,274	964	1%
6	computadores e trazendo prejuisos irrepairaveis. Com certeza navegar pela internet e muito, bom podemos falar com os nossos			58,532	305	9%
7	personais, como conta Bancaria é etc. Muitas vezes, navegamos na Internet, ficamos bobo com tatos pronografia,			72,641	886	3%
8	entra em nosso mundo da internete. A Internet Passar o dia navegando na internet é legal, descobrir site novos, fazer novas			77,231	044	3%
9	conta pela internet. Os justiceiros virtuais recomendam para os navegadores da internet que é preciso bastante cuidado. Informar			72,152	866	3%
10	mundo globalizado mas precisamos de tranquilidade para navegar na internet, os hackers estão cada dia mais presente			62,542	445	9%
11	de muitas pessoas, em especial dos jovens, é passar horas navegando pela internet. Uma opção que pode ser considerada			63,766	501	3%
12	navegando se é seguro. Algumas pessoas quando começa à navegar na internet pede a noção do tempo e não querem mais			4,242	154	1%
13	entanto é inútil querer ser justiceiros desse mundo virtual, todos navegadores da internet são alvo de hackers. Não há leis só			7,179	269	8%
14	que existam e que vem a incomodar todos aqueles que navegam na internet. O mundo virtual Apartir do acesso à			3,027	102	6%
15	nos estudos, pois crianças deixam de estudar para ficar navegando na internet. Internet é bom mais precisamos ter um			623	23	7%
16	que à disfrutam causando injustiças com o próximo. Ao navegar pela internet a pessoa pode optar por uma identidade			1,306	54	6%
17	Os pais não tem mais tranquilidade em deixar seu filho navegando na internet, pois a internet não é mais aquela amiga			10,687	422	4%
18	lei da Internet Nos dias atuais, ficar em frente à um computador navegando pela internet, em sites de relacionamentos é muito			21,959	857	5%
19	que você se coloca a frente de um computador e opta por navegar na internet automaticamente o mundo encontra-se em			23,534	924	1%
20	informação do mundo, só é preciso saber nosso limite virtual. Navegar na internet é bom, frequentar orkut, Para conhecer			20,659	799	1%
21	Vantagens e desvantagens na internet Realmente é muito bom navegar na internet, pois é um meio útil, eficiente e prático pra			18,657	727	5%
22	Justiceiros Virtuais Sabe-se que muitas pessoas ficam horas navegando na Internet, frequentando vários sites, como o Orkut			20,039	775	3%

Figura 16 – Ocorrências da expressão “navegar pela Internet” e similares, no corpus da tese

A recorrência do uso dessa construção metafórica no nosso corpus é um reflexo da conceitualização existente sobre essa expressão. O ato de se associar a utilização da Internet com a ação de navegar corresponde a mapear itens desses dois domínios cognitivos. Nesse caso, imputa-se à Internet muitas características pertinentes à navegação, tais como: a amplitude do espaço disponível à exploração, a sensação de aventura frente a um mundo ainda em parte desconhecido, a possibilidade de deparar com surpresas e perigos, o desafio de não ser “atacado por piratas” etc. Nas sequências transcritas na Figura 16 é possível identificar todas essas interpretações.

Examinemos agora os elementos do domínio Justiça, procurando relacioná-los com as metáforas. A própria palavra “justiça” aparece cinco vezes no texto, sendo todas elas metafóricas: “fazer justiça com as próprias mãos”, “a justiça é lenta e ineficaz” (duas

ocorrências) e “ajudar a justiça” (duas ocorrências). Só em relação a essa palavra, vislumbramos a existência de dois esquemas metafóricos: A JUSTIÇA É UM OBJETO, que, como tal, é manipulável, factível pelas mãos de alguém; e A JUSTIÇA É UMA PESSOA, e, como tal, ela é caracterizada como lenta e ineficaz, além de ser passível de receber a ajuda de outrem.

Vejamos o que ocorre em termos metafóricos em relação aos outros elementos do domínio cognitivo Justiça: lei, justiceiros e autoridades. A maioria das referências a esses elementos no texto não são metafóricas, destacando-se, no entanto, a construção “ferir a lei”, que atende a um padrão metafórico muito parecido com um dos que foram identificados em relação à justiça: A LEI É UMA PESSOA, conceitualizada como um indivíduo que pode ser ferido. Podemos juntar esse esquema metafórico com o outro sobre o elemento “justiça” e enunciar que, dentro desse texto, vigora a metáfora ELEMENTOS DA JUSTIÇA SÃO PESSOAS.

Pois bem, esse levantamento já nos capacita a traçar algumas conclusões preliminares sobre o texto transcrito em (17) e nos fornece subsídios para buscas em outros textos, principalmente do Subgrupo I, que compartilham a mesma temática.

Representando os dois domínios cognitivos básicos que encontramos no texto, com seus respectivos elementos, e associando a eles os esquemas metafóricos encontrados, temos o seguinte:

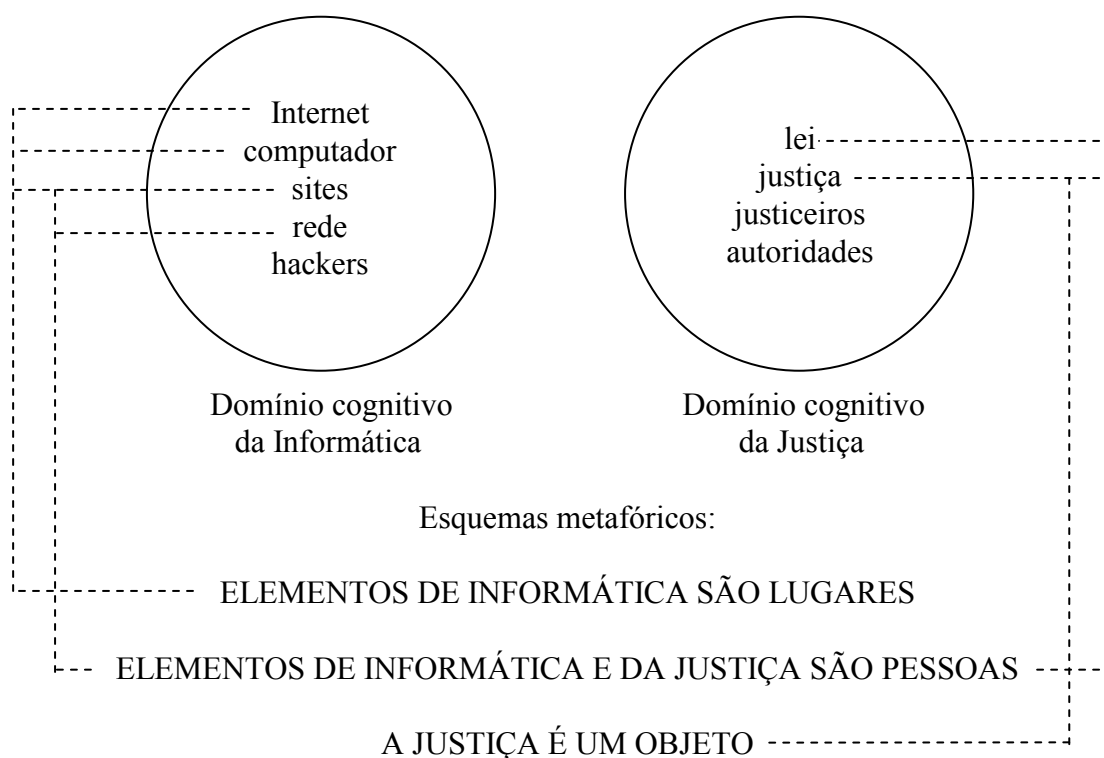


Figura 17 – Representação dos domínios cognitivos, elementos e esquemas metafóricos do texto (17)

No caso da conceitualização da justiça e da lei como pessoas, remetemo-nos também à ocorrência da metonímia, nos moldes como explicamos ao final do capítulo anterior, ou, mais especificamente, das metaftonímias de Goossens (2002). Quando se afirma que a justiça é lenta e ineficaz, da mesma forma quando se diz sobre ferir a lei, esses elementos – justiça e lei – são apresentados como um domínio-fonte que tem como alvo as pessoas, os processos e as instituições que compõem esse conjunto maior. Ou seja, existe um mapeamento entre domínios contíguos, paralelamente à personificação na forma de metáfora. Representando esquematicamente o enunciado sobre a justiça, temos o seguinte:

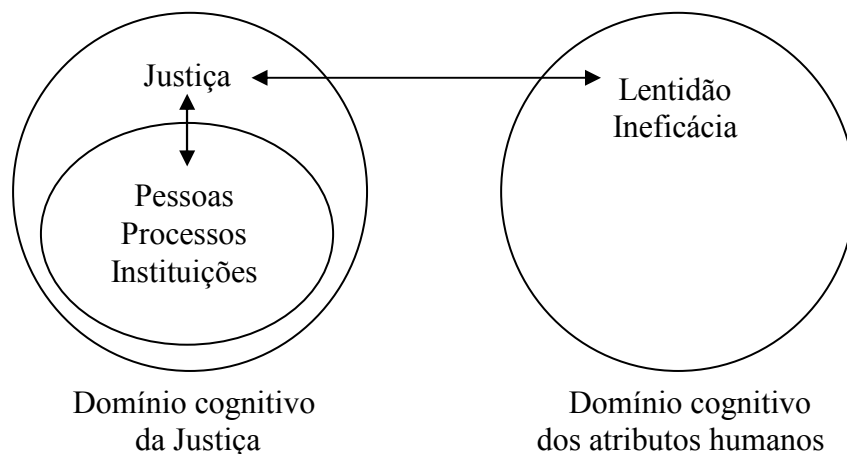


Figura 18 – Representação de caso de metaftonímia em redação do corpus

Na figura acima, a seta vertical representa a metonímia, e a horizontal representa o mapeamento metafórico. Esse caso é parecido com o que foi apresentado anteriormente com base nas ideias de Barcelona, sendo uma metáfora que possui, embutida no mapeamento entre dois domínios cognitivos diferentes (da Justiça e dos atributos humanos), uma relação metonímica na qual o todo (Justiça) representa a parte (pessoas, processos, instituições). Há que se salientar também que o processo metonímico representado acima é inverso ao processo do exemplo (16), em que o domínio que representava a parte (rosto) era a fonte que atingia o alvo, o domínio do todo (corpo). Neste caso, a Justiça, que é o todo, é que funciona como fonte em relação ao domínio-alvo (parte), que são os elementos componentes da Justiça.

Em termos de produção textual, percebemos que esse processo enriquece sobremaneira a carga semântica do texto, pois envolve um complexo jogo de palavras e sentidos no qual diferentes elementos são envolvidos. No caso do texto (17), quando se afirma que “seu desejo é ter uma identidade secreta e fazer justiça com as próprias mãos, uma vez que a justiça é lenta e ineficaz”, a caracterização de lentos e ineficazes incide diretamente sobre pessoas, processos e instituições, mas, realizada à maneira de metonímia, ocultam-se os verdadeiros alvos da caracterização. Ou seja, a utilização da metáfora tem como efeito a reificação de uma noção abstrata, a justiça, tornando-a um elemento concreto; e, paralelamente a isso, a metonímia também exerce um papel importante, colocando os possíveis alvos da crítica num patamar de generalização e indefinidade. Note-se que o processo metaftonímico nesse trecho distingue dois tipos de justiça: a justiça 1, digamos, “a se fazer com as próprias mãos”, que se subentende rápida e

eficiente; e a justiça 2, a que vigora oficialmente no nosso mundo, lenta e ineficaz. Vemos aí, portanto, uma importante característica das metáforas e das metonímias, como elementos de referência dentro do texto.

Com base no que vimos até agora em relação ao texto, os elementos abstratos Informática e Justiça são concebidos, genericamente, como lugares, pessoas e objetos. Sobre a concepção metafórica de lugar, discutiremos mais adiante lançando mão de levantamentos realizados em outros textos do corpus. Sobre a concepção de pessoas e objetos, convém desenvolvermos aqui algumas considerações à luz da teoria da metáfora conceitual.

Existe uma tendência muito grande em conceitualizarmos entidades abstratas como entidades concretas, e isso ocorre – conforme já foi discutido anteriormente – por uma questão de facilitação do raciocínio ou mesmo para acesso ao mundo das ideias. Tratar entidades abstratas como elementos concretos, manipuláveis, com delimitação física definida é mais acessível do que tratar daquelas entidades em termos também abstratos. Muitas vezes, nem existe vocabulário específico no domínio abstrato, sendo o mapeamento dos elementos num domínio concreto não só uma alternativa de tratamento, mas, sim, a única forma de tratamento. Sobre essa questão, vimos que Stefanowitsch (2005) argumenta muito bem em favor de uma visão cognitiva da metáfora com base nas premissas da psicologia da Gestalt.

Queremos acrescentar aqui as considerações que fazem Lakoff e Johnson (1980) a respeito dos dois casos específicos de conceitualizações de entidades abstratas como objetos físicos e como pessoas. No primeiro caso, os autores classificam esse tipo como metáfora ontológica, afirmando que

nossas experiências com objetos físicos (especialmente nossos próprios corpos) oferecem a base para uma variedade extraordinariamente grande de metáforas ontológicas, ou seja, modos de conceber eventos, atividades, emoções, ideias etc. como entidades e substâncias.<sup>95</sup> (*op. cit.*, p. 25)

E continuam, fazendo referência às personificações:

Talvez as mais óbvias metáforas ontológicas são aquelas em que o objeto físico é especificado como sendo uma pessoa. Isso nos leva a compreender uma ampla variedade de experiências com entidades não humanas em

---

<sup>95</sup> No original: “our experiences with physical objects (especially our own bodies) provide the basis for an extraordinarily wide variety of ontological metaphors, that is, ways of viewing events, activities, emotions, ideas, etc., as entities and substances.”



termos de motivações, características e atividades humanas.<sup>96</sup> (*op. cit.*, p. 33)

Vejamos se esses esquemas metafóricos se repetem nos outros textos deste subgrupo, e mesmo nos outros textos do corpus, a começar da próxima redação<sup>97</sup>, pertencente ao mesmo subgrupo que a anterior:

(18) A internet é um dos meios de comunicação e informação mais utilizados no mundo, com a ajuda dela nós podemos montar sites expondo ideias, costumes, gostos, etc.

Ela serve como uma grande fonte de pesquisa onde encontramos tudo o que quisermos, o único problema é que além do que é útil e interessante existe o que, diante dos conceitos da sociedade, é inútil, vergonhoso e, muitas vezes, criminoso, como é o caso de sites sobre pedofilia, pornografia, racismo e inúmeras outras formas de agressão a sociedade, além dos hackers que invadem os computadores em busca de senhas bancárias, arquivos particulares ou só para infectar os arquivos com vírus e mensagens de mau gosto.

Esse é um problema difícil de ser resolvido, pois é muito complicado rastrear o computador de onde vem essa informação, além do mais não existe, no Brasil, leis contra esse tipo de crime, a única saída é tentar ignorar esse tipo de informação agressiva e proteger o computador contra invasões aprendendo a utilizar a internet de uma forma mais produtiva e divertida

No texto transcrito em (18) são mais frequentes as remissões feitas à Internet do que ao campo da Justiça, mas podemos identificar aí alguns pontos em comum com o texto (17).

Com relação ao esquema metafórico ELEMENTOS DE INFORMÁTICA SÃO LUGARES, vislumbramos, de imediato, construções linguísticas como: “hackers que invadem os computadores”, “rastrear o computador de onde vem essa informação”, “proteger o computador contra invasões”. Nesses enunciados, o elemento “computador” é conceitualizado em termos de um local passível de ser invadido e que deve ser protegido contra essas possíveis invasões. No segundo enunciado acima, temos também a informação de que existem possíveis rastros para se chegar a esse lugar (computador) e que nele existem informações importantes, ou seja, ele abriga elementos nocivos à sociedade.

Em alguns pontos do texto visualizamos outras conceitualizações feitas em relação aos elementos do domínio cognitivo da Informática. Ora eles são concebidos como objetos, ora como pessoas, no domínio da metáfora.

---

<sup>96</sup> No original: “Perhaps the most obvious ontological metaphors are those where the physical object is further specified as being a person. This allows us to comprehend a wide variety of experiences with nonhuman entities in terms of human motivations, characteristics, and activities.”

<sup>97</sup> Redação nº 10 do corpus.

No caso da conceitualização ELEMENTOS DE INFORMÁTICA SÃO OBJETOS, as referências feitas não se dão através de objetos concretos muito explícitos, sendo utilizados substantivos de abrangência semântica mais ampla. No primeiro parágrafo, por exemplo, a Internet é concebida como um “meio de comunicação e informação”, com a ajuda da qual “nós podemos montar sites”. “Meio de comunicação” é um hiperônimo de objetos concretos, tais como telefone, televisão, rádio etc., e a Internet é inserida no rol desses objetos concretos. E, com relação ao outro enunciado, já que somos capazes de montar sites com a ajuda da Internet, ela é conceitualizada como uma ferramenta que podemos manipular.

Ao enunciar que “com a ajuda dela nós podemos montar sites”, vigora também o esquema metafórico ELEMENTOS DE INFORMÁTICA SÃO PESSOAS, uma vez que, além da noção de ferramenta, a Internet é investida da capacidade de realizar a ação de “ajudar”. Nesse ponto, percebemos que a formação de esquemas metafóricos no desenrolar da tessitura textual é interpenetrativa, ou seja, diferentes domínios cognitivos podem ser compreendidos numa única construção linguística, sem que um afete a compreensão do outro. Pelo contrário, esse fenômeno parece enriquecer o texto em termos de possibilidades de interpretação, gerando ambiguidades (não contraditórias, mas complementares) no escopo da metaforização. Vejamos o comportamento dos elementos desses domínios – lugares, objetos e pessoas – no restante do texto.

Em “Ela serve como uma grande fonte de pesquisa onde encontramos tudo o que quisermos”, assim como foi feito o levantamento em relação a “computador”, também a Internet é concebida como lugar. E, nesse lugar, encontramos elementos caracterizados como “úteis e interessantes”, bem como elementos “inúteis, vergonhosos e até criminosos”. Nessas passagens, reforça-se o esquema ELEMENTOS DE INFORMÁTICA SÃO PESSOAS, já que se revestem dessas qualidades típicas de seres humanos.

Em relação ao enunciado “rastrear o computador de onde vem essa informação”, já salientamos que o computador é concebido aí como lugar, mas é importante destacar que acontece mais uma vez o processo de interpenetração de domínios conceituais. Não só lugares podem ser rastreados, mas indivíduos também o podem, principalmente se tomarmos a acepção de “rastrear” em seu sentido original relacionado a rastros, pegadas deixadas, evidentemente, por seres vivos em caminhos por onde passam<sup>98</sup>.

---

<sup>98</sup> Cf. definição em Bueno (1988, p. 3368).

Nota-se que essa possibilidade de co-ocorrência de diferentes conceitualizações metafóricas em relação a uma mesma construção linguística – ou conjunto de construções linguísticas – no texto não é aleatória ou ocasional, por dois motivos básicos: primeiro, porque a ocorrência desse fenômeno se dá mais de uma vez num mesmo texto, o que nos leva a querer descartar o seu caráter da ocasionalidade; depois, porque os esquemas metafóricos se mantêm coesos ao longo de todo o texto, independentemente de os domínios conceituais co-ocorrerem com outros em relação às mesmas construções linguísticas. A conceitualização dos elementos da Informática como lugares transcorre normalmente no texto independente da conceitualização dos mesmos elementos em termos de objetos e de pessoas. Esse fenômeno nos leva a esboçar a seguinte representação da organização do texto (18), na qual os esquemas metafóricos são representados pelos quadriculados e os enunciados representativos desses esquemas estão inseridos nos domínios cognitivos (círculos):

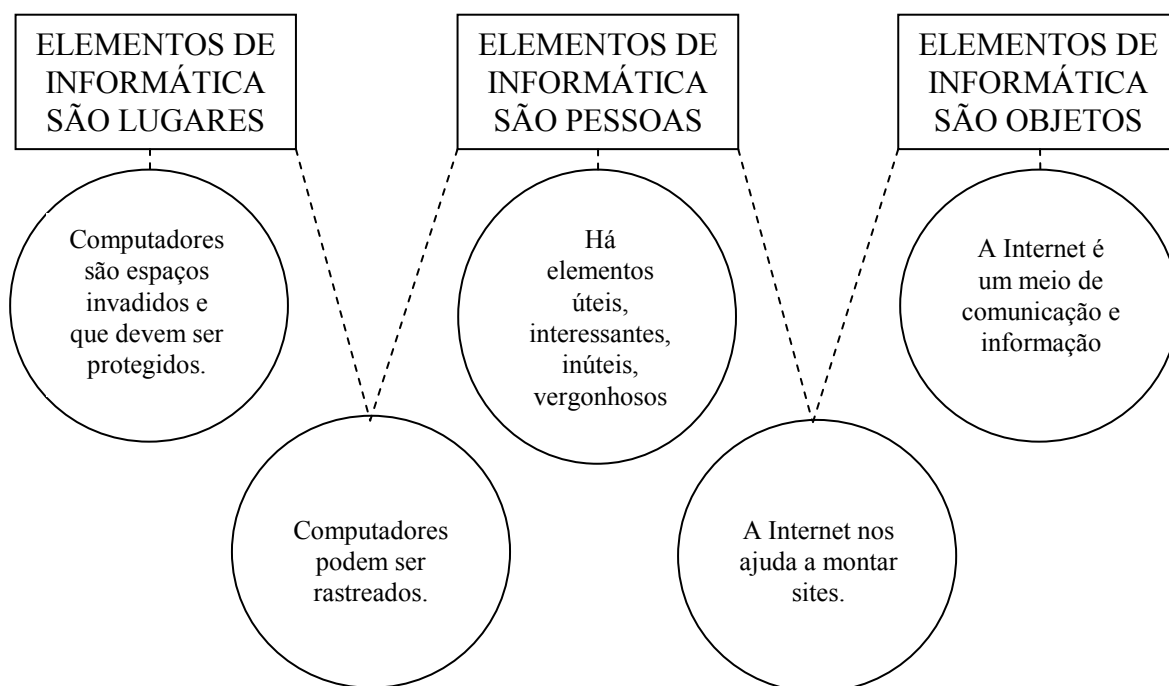


Figura 19 – Representação da interpenetração dos esquemas metafóricos do texto (18)

Existem ainda outras construções metafóricas dentro da redação transcrita em (18), a exemplo de uma que confirma a concepção metafórica de elementos da Informática como pessoas, através da utilização de adjetivo específico para tal, “agressivo” (“tentar ignorar esse tipo de informação agressiva”) e também uma construção metafórica altamente recorrente no mundo contemporâneo, em que os processos da Informática são

concebidos simultaneamente em dois domínios cognitivos: o domínio de escritórios de trabalho (constituído por pastas, arquivos, blocos de nota, lixeira, papel de parede etc.)<sup>99</sup> e o domínio do sistema fisiológico humano (constituído por vírus, antivírus, vacinas etc.), manifestados no enunciado “infectar os arquivos com vírus e mensagens de mau gosto”.

Vejamos, agora, o comportamento das metáforas em outro texto do primeiro subcorpus, que segue abaixo, em comparação com os fenômenos apresentados até agora.

#### (19) Sites Incriveis<sup>100</sup>

No mundo da internet, temos acesso a varios sites interessantes, atraves deles podemos nos dividir como também trabalhar. Esses sites facilita nossa vida na sociedade, assim podendo conhecer pessoas novos e lugares diferentes.

Mais a internet não é só maravilhas, como por exemplo fazer amigos, arrumar namorado, fazer compra ou vender. Pois há pessoas que invade seu site para fazer brincadeira sem graça, te ameaça, manda fotos de pedofilia, descobrem seu endereço e acaba destruindo seu interior.

Com toda essa polêmica temos que ficar mais atentos, saber bem com quem estamos conectando, que site estamos navegando se é seguro. Algumas pessoas quando começa à navegar na internet pede a noção do tempo e não querem mais sair, mais tudo tem que ter limite, pois essas pessoas podem estar sendo prejudicadas sem saber.

Existem varios casos de pessoas que perderam tudo, todos os bens por se envolverem com alguém da internet, se conhecem marcam encontros e por fim acaba sem nada.

Assim é a história de muitos pessoas brasileiros que sofre por ter perdido um filho ou seus bens por falta de limite ou desinteresse. Achando a internet incrível e muito legal.

Alguns esquemas metafóricos já identificados nos textos anteriores se repetem na redação acima. Em relação à forma como a Internet é apresentada, por exemplo, vemos mais uma vez a sua concepção como lugar – um local em que se pode tanto divertir quanto trabalhar, comprar e vender, conhecer pessoas diferentes etc. A ideia do espaço invadido também se encontra nesse texto, manifestada no enunciado “há pessoas que invade seu site”, bem como a ideia do espaço navegável (“que site estamos navegando”, “Algumas pessoas quando começa à navegar na internet pede a noção do tempo e não querem mais sair”).

---

<sup>99</sup> A respeito da conceitualização metafórica da interface do computador como uma área de trabalho, ver Rohrer (1998). Nesse trabalho, o autor desenvolve importantes considerações a respeito da carga ideológica presente nas chamadas “mesclas visuais” (*visual blends*), que, segundo Rohrer, “são representações visuais de uma ou mais metáforas conceituais que, da mesma maneira que na mesclagem conceitual (...), induzem um considerável trabalho de inferenciação por parte do usuário.” (*op. cit.*). No original: “are visual representations of one or more conceptual metaphors which, like conceptual blends (...), prompt considerable inferential work on the part of the viewer.”

<sup>100</sup> Redação nº 26 do corpus.

Há indícios também da conceitualização dos elementos relacionados à Internet – quando não ela própria – a seres humanos, mas esse aspecto não é explorado tão intensamente nesse texto, em comparação com os dois anteriores. Pela adjetivação conferida a alguns elementos, dá a entender um processo de metaforização nesse sentido, ou, pelo menos, direcionado para uma visão desses elementos como objetos concretos. Eis algumas passagens que nos levam a essa observação: “Sites Incríveis” (título), “sites interessantes”, “a internet não é só maravilhas”, “Achando a internet incrível e muito legal”. Em “Esses sites facilita nossa vida na sociedade”, acontece um reforço do processo de personificação, uma vez que aos “sites” é imputado o traço de agentividade em relação à ação “facilitar”.

Há que se destacar também a concepção de elementos da Internet como objetos, meios ou ferramentas de acesso a alguma coisa. Algumas dessas construções, envolvendo tanto as metáforas quanto as não metáforas, refletem o esquema da ligação (*link schema*) de Lakoff (1987), sobre o qual já falamos no primeiro capítulo. Os enunciados que realizam esse tipo de conceitualização são os seguintes: “No mundo da internet, temos acesso a varios sites interessantes”, “atraves deles podemos nos divertir [divertir] como também trabalhar”, “temos que (...) saber bem com quem estamos conectando”.

No ponto a que chegamos dos nossos levantamentos sobre as construções metafóricas nos textos, cumpre-nos salientar algo sobre a fronteira entre o sentido metafórico e o não metafórico na linguagem. Ao destacarmos algumas sentenças do nosso corpus, deparamo-nos com palavras e expressões claramente metafóricas, outras claramente não metafóricas, mas o limite entre um campo e outro não é bem delineado. O esquema da ligação mencionado no parágrafo acima, que se faz ver em alguns enunciados da redação, não se reflete só num nível ou só no outro. Na prática, o texto mescla vários tipos de sentido, e as próprias concepções metafóricas – por exemplo, de lugar, objetos e pessoas – são ratificadas no âmbito da não metáfora. Por exemplo, no texto (19) aparece uma referência a “lugares diferentes” em que a noção de espaço, aí, não é necessariamente metafórica.

Gibbs Jr. (2002) desenvolve muito bem essa questão, mostrando que o sentido das palavras se processa em diferentes pontos da linguagem figurada, não existindo um limite definido entre esta e a linguagem não figurada. O autor afirma ainda que

existem numerosos, talvez muitas dúzias de tipos de sentido. Por exemplo, há muitos tipos de sentido figurado, incluindo metáforas, *idioms*, metonímias, ironias, sátiras, provérbios, hipérboles, oxímoros etc. (...) Os estudiosos frequentemente consideram, no contexto de um conjunto simplificado de pesquisa, que existem dois processos que funcionam na compreensão do sentido figurado, tais como literal x idiomático, literal x metafórico ou literal x irônico.<sup>101</sup> (GIBBS JR., 2002, p. 467)

Para Gibbs Jr. (*op. cit.*, p. 468), é mais razoável considerar que “alguns aspectos do significado das palavras se revelam durante o processamento da linguagem figurada”.<sup>102</sup> Portanto, coadunando com as ideias do autor, não desenvolvemos um trabalho centrado no estudo das metáforas excluindo o não metafórico presente nos textos. A noção de uma linha divisória entre metáfora e não metáfora não explica a realidade do processamento do sentido. Nos textos, percebemos que esses dois níveis da linguagem – que costumamos separar para efeitos didáticos e de compreensão – se mesclam e se completam.

Com base nessas três leituras de redações do Subgrupo I do nosso corpus, acompanhadas das teorias que nos servem de suporte, importantes características sobre o comportamento da metáfora na organização textual já podem ser ressaltadas, as quais resumimos no seguinte:

- i) os esquemas metafóricos altamente recorrentes nos textos são a conceitualização de elementos como lugares, como objetos e como pessoas;
- ii) podem-se identificar diferentes esquemas metafóricos vigentes numa mesma construção linguística, sem que isso afete negativamente tanto uma forma de leitura quanto a outra;
- iii) a compreensão de muitas conceitualizações se dá no âmbito da metáfora conceitual, mas ela se dá também no âmbito não metafórico.

Vamos dar prosseguimento às nossas análises iniciais partindo para o Subgrupo II do nosso corpus, verificando se os esquemas identificados até então e as observações acima continuam válidos dentro da nossa pesquisa.

---

<sup>101</sup> No original: “there are numerous, perhaps many dozens of, types of meaning. For instance, there are many types of figurative meaning, including metaphoric, idiomatic, metonymic, ironic, satirical, proverbial, hyperbolic, oxymoronic, and so on (...). Scholars often assume within the context of a single set of studies that there are two processes at work during figurative language understanding, such as literal vs. idiomatic, literal vs. metaphoric, or literal vs. ironic.”

<sup>102</sup> No original: “some aspects of word meaning are processed during figurative language processing”.

#### 4.5.1.2 Levantamento metafórico inicial no Subgrupo II

Este subgrupo de redações é formado por 48 textos, produzidos a partir do tema “A pirataria no Brasil”. Para representar esse conjunto, escolhemos aleatoriamente a redação que segue transcrita abaixo, de número 210 do nosso corpus:

(20) Brasil o país da pirataria.

Atualmente, este país era conhecido internacionalmente como: “Samba, futebol, Pelé, Rio de Janeiro, ...”; porém hoje ele é conhecido como “País da Pirataria”.

Especula-se que este surgimento, deu-se fruto das desigualdades sociais, principalmente de uma cultura esfacelada, onde a corrupção, impunidade arraigada em todas partes do Estado Brasileiro, propiciou-se a violência, “o jeitinho brasileiro” de burlar as leis, bem como a sobrevivência da grande maioria da população, por meio de atos ilícitos como a tão temida pirataria.

Entretanto, este tipo de clonagem de produtos para sua comercialização sem respeitar os direitos autorais e a legislação, não deve ser justificada, pois ela lesa diretamente os autores e artistas das obras, bem como só favorece a criminosos, que geralmente pertencem ao crime organizado, e lesa também as produtoras, gravadoras, coautores, profissionais direta e indiretamente envolvidos na criação, desenvolvimento destes produtos e principalmente o país que não recolhe impostos para subsidiar no atendimento das necessidades básicas da população (Saúde, Segurança, Infra-estrutura,..).

Portanto, este crime vêm crescendo neste país e pouco se faz para reduzir esta atividade. Contudo, este mal e muitos outros arraigados no Brasil só serão extintos através de uma reforma que não é a “Reforma do Judiciário”, “Reforma do Executivo” e sim a “Reforma Cultural”, que pode até levar 50 anos, mas seu benefício ou seus frutos deixarão 1000 anos, assim nunca haverá pirataria, pois se não há demanda, não existirá oferta.

Começamos por destacar algumas construções metafóricas relevantes, a exemplo de como procedemos nos textos anteriores.

A partir do próprio título, e por motivação do tema proposto, temos a ocorrência da palavra “pirataria”, que aparece mais três vezes ao longo do texto. Trata-se de um vocábulo empregado metaforicamente, haja vista que os elementos que fazem parte desse domínio cognitivo (piratas, contrabando, produtos, roubos etc.) podem ser mapeados com os do domínio da ilegalidade em que se envolve a prática da qual trata o texto.

“Pirataria” e “pirata” (na sua acepção como substantivo ou como adjetivo), bem como as formas do derivado verbal “piratear”, são termos muito utilizados na linguagem moderna no âmbito do sentido metafórico, referindo-se à prática e aos indivíduos ligados à cópia de produtos protegidos por direitos autorais, para usufruto próprio ou para comercialização. Trata-se de metáforas já entrincheiradas na nossa prática

comunicativa, em que, partindo do espaço da mescla, é possível vislumbrar os elementos pertencentes aos dois espaços de entrada.

Foi realizada uma busca dos nódulos “pirata” e “pirataria”, no singular e no plural, no nosso corpus, bem como um levantamento de ocorrências da forma verbal “piratear” e suas flexões, e outras formas possíveis. O resultado foi o seguinte:

Nódulos “pirata/piratas”	40 ocorrências, sendo muitas de valor adjetivo qualificando nomes como “cópia”, “mercadoria”, “produto”, “CD”, “DVD”, “mundo” etc.
Nódulos “pirataria/piratarias”	160 ocorrências, referindo-se à prática ilegal de cópias de produtos.
Forma verbal “piratear” e flexões	18 ocorrências, cuja maioria se encontra na forma de participio verbal ( <i>produtos pirateados</i> etc.).
Nódulo “pirateiros”	1 ocorrência
TOTAL	219 ocorrências

Tabela 3 – Ocorrências de nódulos com o radical “pirat-” no corpus

É importante ressaltar que, entre as 219 ocorrências de palavras com o radical “pirat-” no corpus, nenhuma é empregada no espaço não metafórico, nem na forma de comparações simples. Esse fato nos mostra quão enraizadas essas metáforas estão na nossa linguagem.<sup>103</sup>

Veamos como esse esquema metafórico envolvendo a pirataria e seus elementos se comporta dentro do texto transcrito em (20). As referências metafóricas feitas à pirataria são as seguintes:

- i) Ela é fruto das desigualdades sociais;
- ii) Ela é temida;
- iii) Ela lesa diretamente os autores e artistas das obras, produtoras, gravadoras, co-autores e outros profissionais;
- iv) Ela vem crescendo no país;
- v) Ela é um mal arraigado no Brasil só podendo ser extinto através de uma reforma cultural.

<sup>103</sup> Ressalte-se também que consideramos, entre essas ocorrências, as formas ortográficas não oficiais, como “piratiados” etc.



Através dessas imagens exploradas no texto, podemos identificar os dois esquemas relacionados à pirataria: A PIRATARIA É OBJETO, com base nas ideias apresentadas em i) e v); e A PIRATARIA É PESSOA, baseando-se no que foi exposto em ii), iii) e iv). Isso faz incluir a pirataria nas mesmas metáforas conceituais de Lakoff e Johnson (1980) explicadas anteriormente.

Há outros elementos metafóricos que co-ocorrem com a pirataria nessa mesma redação. Podemos identificar uma série de entidades abstratas que são apresentadas como objetos concretos, a saber:

- i) a cultura, em “cultura esfacelada”;
- ii) a impunidade, em “impunidade arraigada”;
- iii) a reforma cultural, em “seus frutos deixarão 1000 anos”.

E há outro elemento que também é apresentado na forma de personificação: o país, em “o país não recolhe impostos”.

Portanto, confirmamos a existência de esquemas metafóricos nos quais entidades abstratas são conceitualizadas como entidades concretas e também na forma de personificação de seres a princípio não humanos.

Buscamos, no texto, também as referências feitas a lugares, já que esta foi muito recorrente nos textos anteriores. Encontramos uma remissão metafórica, através da qual o espaço “em todas as partes do Estado Brasileiro” é concebido como terra, solo, já que nelas se encontra arraigada a impunidade<sup>104</sup>. Outras concepções de espaço aparecem no texto de forma não metafórica, como “neste país” e “no Brasil”.

Em se tratando de um corpus formado por redações, que são uma modalidade de texto em que é avaliado, entre vários itens, o emprego da norma padrão da língua portuguesa, é visível que essa norma nem sempre prevalece, não sendo raras as construções linguísticas nas quais acontecem alguns desvios mais ou menos previsíveis. No corpo da nossa discussão a respeito das metáforas conceituais de lugar, resolvemos desenvolver algumas considerações a respeito do uso bastante difundido da palavra “onde” no português contemporâneo em contextos que não apresentam informações sobre lugar, já que esse caso se manifestou na redação analisada acima.

---

<sup>104</sup> Faça-se aqui uma ressalva: essa concepção de espaço só é considerada metafórica se tomarmos a origem da palavra “arraigada”, de “raízes”. Conforme acontece em relação a muitas outras construções que estamos tratando como metafóricas nesta pesquisa, na prática, nem todos os usuários da língua têm essa noção, dependendo de sua história de leituras, contexto, formação, nível de escolaridade etc.

Começemos por considerar os casos em que o “onde” é empregado de acordo com a norma padrão, sendo visível a remissão feita a algum elemento que exprima a noção de lugar. A dinâmica do emprego desse conectivo envolve duas sentenças, como podemos ver abaixo na transcrição de um fragmento de outra redação do nosso corpus:

(21) (...) ao verem suas obras valorizadas nas vitrines de lojas onde clientes se dão por satisfeitos ao adquirirem produtos de alta qualidade.<sup>105</sup>

No trecho acima, o pronome “onde” faz remissão a “lojas”, dando sequência à ideia de que “nas lojas os clientes se dão por satisfeitos ao adquirirem produtos de alta qualidade”.

Seguindo o princípio de que o nível linguístico é a porta de entrada para a compreensão dos fenômenos cognitivos, entendemos que o emprego da palavra “onde” está associado a algum tipo de processamento mental que justifique o seu uso. No caso de (21), o pronome em questão é um conector que completa uma lacuna na Oração 2, fazendo-se referência a “lojas”, mencionado na oração anterior. Assim:

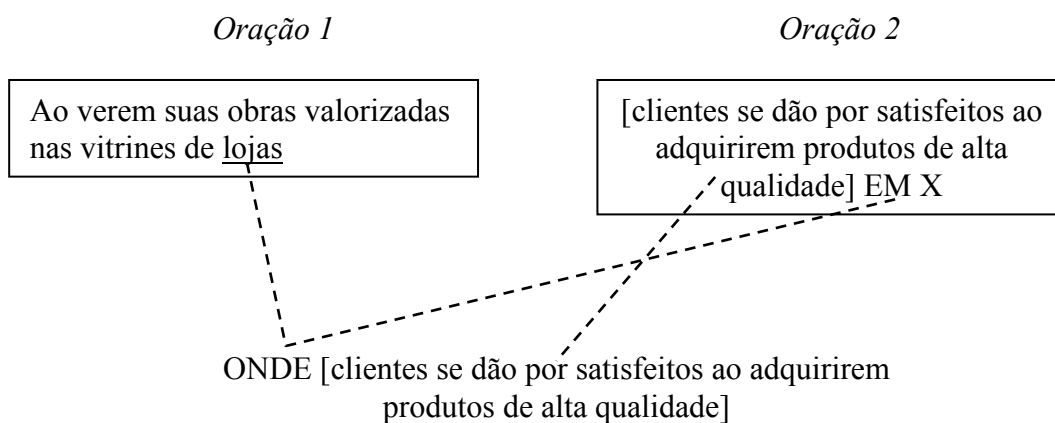


Figura 20 – Análise de emprego do pronome “onde” em fragmento do corpus, dentro da norma padrão

Voltando à redação (20), vamos nos ater especificamente à construção que apresenta o pronome relativo “onde”, motivador das nossas elucubrações:

<sup>105</sup> Fragmento transcrito da redação n° 213 do corpus, dentro do Subgrupo II. Grifo nosso.

(22) “Especula-se que este surgimento, deu-se fruto das desigualdades sociais, principalmente de uma cultura esfacelada, onde a corrupção, impunidade arraigada em todas partes do Estado Brasileiro, propiciou-se a violência” (grifo nosso)

De acordo com a norma padrão do português, a palavra “onde”, na categoria de pronome relativo, só pode ser empregada se houver um antecedente que possa ser por ela substituído correspondendo nitidamente a uma informação de lugar. Na prática, percebe-se que o uso de “onde” é bem mais generalizado, como um conectivo que liga termos e orações sem existir, necessariamente, um antecedente que exprima ideia de espaço. Mas, continuamos com a ideia de que o nível linguístico é o indicador do que ocorre no nível da cognição, e se esse uso do “onde” é bastante generalizado na nossa prática linguística, é sinal de que acontece algo em termos cognitivos que a norma padrão não adota como oficial.

No caso de (22), não existe, a rigor, um antecedente com essa característica. Porém, o “onde” retoma “cultura esfacelada”, e a oração relativa segue dizendo que a corrupção propicia o surgimento da violência *NESSA CULTURA ESFACELADA*. Em outras palavras, o pronome “onde” funciona como um conectivo (em termos sintáticos) e um conector (em termos semântico-cognitivos) responsável pela metaforização de “cultura” como espaço.

Nesse caso, em que não se encontra um correspondente explícito com sentido de lugar na Oração 1, retoma-se algum outro elemento, que passa a ser conceitualizado em termos de lugar. Assim:

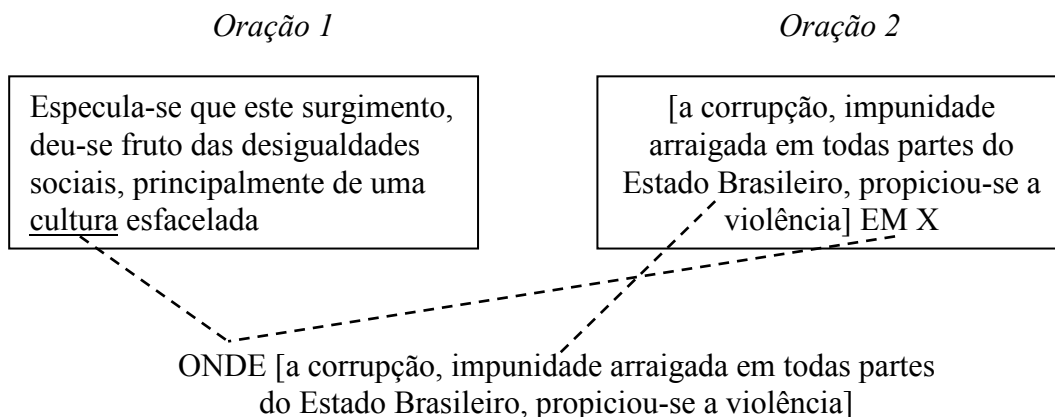


Figura 21 – Análise de emprego do pronome “onde” em fragmento do corpus, envolvendo metaforização de lugar

Esse caso ainda é considerado aceitável dentro da norma padrão por alguns gramáticos, mas há outras sentenças que fogem completamente da normatização oficial do português, como a que encontramos em nosso levantamento, que segue transcrita abaixo, não apresentando, a princípio, nenhum antecedente a que pudéssemos imputar a noção de lugar para que se fizesse a correspondência com o pronome “onde”.

(23) Em grande escala tal ato fere o orgulho de produtos pirateados, que por sua vez são injustiçados na medida que sofrem “solitariamente” as conseqüências, onde muito se encontram incapacitados.<sup>106</sup>

Com relação ao fragmento acima, o caso se torna mais complexo, não por se tratar de uma construção fora do padrão oficial da língua, mas pelo fato de que a retomada feita pelo conector “onde” não é feita claramente a alguma palavra da Oração 1. Ou seja, se, de fato, existe a intenção de um mapeamento da lacuna na Oração 2 em termos de lugar, ele é preenchido com algum elemento que pode estar explícito ou implícito na Oração 1. No caso de um elemento explícito, pode tratar-se de qualquer palavra da oração; no caso de informação implícita, pode tratar-se de algum subentendido<sup>107</sup>, cuja apreensão é totalmente dependente das intenções comunicativas do falante. Assinalamos, no nosso esquema, essa situação com um sinal de interrogação na Oração 1, representando da seguinte maneira:

---

<sup>106</sup> Fragmento transcrito da redação nº 185 do corpus, dentro do Subgrupo II. Grifo nosso.

<sup>107</sup> Segundo Ducrot (1977), o subentendido é um tipo de informação que integra o implícito discursivo, tendo de ser recuperado abducativamente, isto é, não existe nenhuma marca linguística que possa ser utilizada para se proceder a algum tipo de dedução lógica. Como exemplo baseado no próprio autor, se enunciarmos “Ele come caviar todos os dias no café da manhã”, um dos subentendidos possíveis em relação a essa sentença é “Ele é rico”. Trata-se, portanto, de uma informação totalmente dependente do seu contexto de uso, envolvendo conhecimentos de mundo, intenções do falante etc.

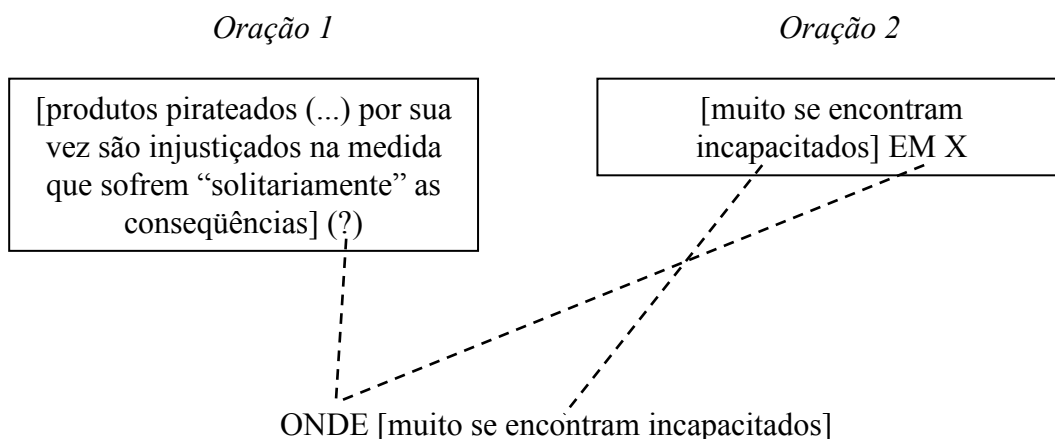


Figura 22 – Análise de emprego do pronome “onde” em fragmento do corpus, fora da norma padrão

Ao fazermos uso da interrogação na Oração 1 dentro do esquema acima, queremos resguardar as possibilidades interpretativas, não centrando numa única possibilidade. Entendemos que, no caso desse fragmento, o elemento da Oração 1 a projetar-se para o ONDE podem ser, por exemplo, informações do tipo: “na atual sociedade”, “na situação descrita”, “nesse estado de solidão” etc., ou até a palavra “conseqüências”, no caso sendo concebida como lugar.

Encontramos uma situação parecida em outro fragmento do nosso corpus, que transcrevemos abaixo:

(24) A cada tecnologia lançada no mercado, seja ela desde brinquedos à eletrônicos, vem-se avançando as táticas da pirataria, onde a venda atrai os consumidores, na maioria das vezes, menos favorecidos, atrapalhando o trabalho de pessoas que lutaram para fazer esse produto entrar no mercado.<sup>108</sup>

O emprego do “onde” acima enquadra-se no mesmo caso do esquema da Figura 21, podendo a interrogação corresponder a “no mercado” (retomando um elemento explícito da sentença), ou a “na pirataria”, “no mundo da pirataria” (metaforizando um elemento explícito da sentença como lugar), ou a quaisquer outros elementos implícitos no enunciado.

Só para termos uma noção da frequência com que ocorrem os casos de emprego do relativo “onde” no nosso corpus inteiro, realizamos uma busca através do WST, começando pelo levantamento de todas as ocorrências da palavra no nosso banco de

<sup>108</sup> Fragmento transcrito da redação nº 196 do corpus, dentro do Subgrupo II. Grifo nosso.

redações. A figura abaixo apresenta a primeira tela dos enunciados que contêm esse nóculo:



Figura 23 – Primeira tela de listagem das ocorrências da palavra “onde” no corpus

Através do concordanciador, identificou-se o total de 174 ocorrências da palavra “onde” no conjunto das redações. Apurando melhor esses dados, manualmente, identificamos o seguinte: num total de 139 ocorrências (79,88% do total de vezes em que a palavra aparece no corpus), a palavra “onde” funciona como pronome relativo, sendo que em 39 enunciados ela é empregada com um antecedente que possui o sentido claro de lugar; em 60 enunciados ela é empregada com um antecedente metaforizado na forma de lugar; e em 40 enunciados a palavra se enquadra no mesmo uso exemplificado em (23), sem uma referência a um lugar específico.

Observe-se que, comparando o número de cada tipo de ocorrência, são muito relevantes os casos em que o relativo “onde” não remete a nenhum antecedente explícito com sentido de lugar, fugindo totalmente da norma padrão, mas, de fato ele é utilizado. Esse caso corresponde a 28,77% do total de ocorrências desse pronome relativo

no nosso corpus, fato que não pode ser desconsiderado num estudo em que a noção de uso linguístico é fundamental para a compreensão dos aspectos da cognição.

Enfim, o que é importante salientar no breve estudo que fizemos em relação ao anafórico “onde” pode resumir-se no seguinte: trata-se de um elemento que pode estabelecer conexões entre espaços em diferentes níveis: i) retomando elementos explícitos numa das orações de entrada para a mescla, com ideia clara de lugar; ii) retomando elementos explícitos numa das orações de entrada para a mescla, metaforizando-os em termos de lugar; iii) retomando elementos não claramente depreendidos numa das orações de entrada para a mescla, quer no nível explícito, quer no implícito, metaforizando-os ou não em termos de lugar, sendo essa retomada totalmente dependente das intenções do usuário da língua.

#### 4.5.1.3 Levantamento metafórico inicial no Subgrupo III

Passemos, agora, à análise de uma redação representativa do terceiro subgrupo de textos do corpus da tese, cuja temática é bem diferente da dos subgrupos anteriores. Tomamos a redação número 232, que segue transcrita abaixo:

(25) Você é realmente feliz?

A maioria das pessoas não são mais felizes porque pensam que a felicidade está nos bens materiais. Alguns acham que seriam bem mais felizes se comprassem um carro, uma casa ou se tivessem uma grande poupança no banco.

Quando conseguem, descobrem que não era isso e continuam insatisfeitos.

E para o ser humano encontrar a verdadeira felicidade, deve procurar nas pequenas coisas; como o abraço de um irmão, o sorriso de uma criança quando ela está feliz, dar uma palavra de conforto a um necessitado e não críticas maldosas como a maioria faz, ter um momento de lazer, sair com a família e ler um bom livro.

Assim, realmente serás bem mais feliz.

Mais uma vez, encontramos, com alto grau de recorrência, o esquema metafórico ABSTRATO É CONCRETO, através do qual o elemento “felicidade” é conceitualizado em termos de um objeto que se encontra em certos lugares.

Logo na primeira linha da redação, deparamos com um introdutor de espaço mental, a forma verbal “pensam”, que cria um domínio no qual serão inseridos elementos e ideias os quais serão contestados *a posteriori*. Imediatamente nesse espaço se instaura o elemento “felicidade”, já metaforizado como um objeto concreto que se encontra no espaço

– também metaforizado – “bens materiais”. Esses bens materiais são pormenorizados na forma de uma remissão catafórica, resumindo-se em “casa”, “carro” e “poupança”.

Mais adiante no texto, o autor torna a falar sobre a felicidade, mas diferente da anterior; desta feita, ele fala sobre a “verdadeira felicidade”, que, mais uma vez, aparece na forma de um objeto concreto que se encontra no espaço metaforizado das “pequenas coisas”: “abraço de um irmão”, “sorriso de uma criança”, “palavra de conforto” etc.

O texto inteiro pode ser representado na forma de um esquema metafórico da concretização de elementos abstratos, conjugado com outro esquema metafórico, segundo o qual OBJETOS SÃO LUGARES. Esses esquemas se manifestam em relação aos dois grandes elementos do texto (“felicidade” e “verdadeira felicidade”), da maneira como representamos abaixo:

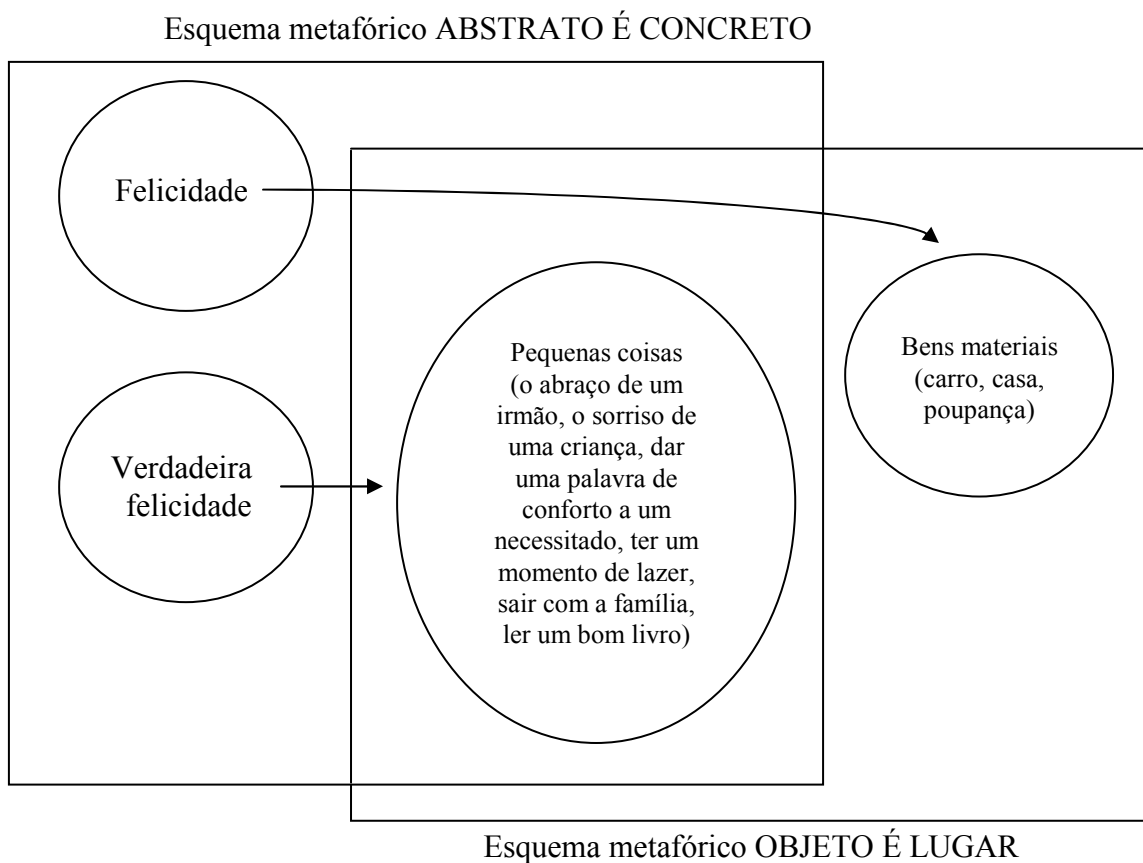


Figura 24 – Esquema da organização metafórica do texto (25)

No quadriculado à esquerda do esquema acima se encontram inseridos todos os elementos que se apresentam sob a metáfora ABSTRATO É CONCRETO. A “felicidade” e a “verdadeira felicidade” são duas entidades abstratas que, no texto, são reificadas, como objetos que se encontram em determinados lugares. No caso da



“felicidade”, segundo o conteúdo da redação, alguns supõem que ela se encontra nos “bens materiais”, que já são elementos concretos apresentados no texto (carro, casa, poupança); daí a razão de alocarmos o domínio fora desse primeiro esquema metafórico. No caso da “verdadeira felicidade”, que se encontra nas “pequenas coisas”, alocamos os dois domínios no esquema metafórico da concretização das entidades abstratas. Observe-se que, nesse caso, também as ações (dar uma palavra de conforto a um necessitado, ter um momento de lazer, sair com a família, ler um bom livro) são metaforizadas em lugares concretos onde se encontra a “verdadeira felicidade”. O esquema metafórico OBJETO É LUGAR, representado no quadriculado mais à direita do esquema, engloba tanto os elementos concretizados (pequenas coisas) quanto os objetos concretos (bens materiais).

A oposição apresentada no texto entre o caráter material e o imaterial dos lugares onde se encontrariam, respectivamente, a felicidade e a verdadeira felicidade acompanha a defesa central da redação de que a felicidade está ligada à concretude das coisas do mundo, enquanto a verdadeira felicidade se liga a sentimentos e ações, que são entidades abstratas.

É interessante notar também, em relação ao texto (25), que a noção de felicidade, em sua natureza primária, é apresentada lançando-se mão do recurso da marcação, através da expressão “a verdadeira felicidade”, levando o leitor à dedução de que existe também, no caso, “a falsa felicidade”. Esta última é apresentada em relação aos bens materiais, de forma não marcada no texto, simplesmente como “felicidade”.

#### *4.5.1.4 Levantamento metafórico inicial no Subgrupo IV*

O tema em torno do qual giram as redações desse subgrupo, assim como no anterior, é bastante abstrato (“sonhos de simplicidade”), o que de certa forma nos prepara para o fato de que deve ser muito explorado o uso das metáforas, já que, conforme vimos especialmente através das ideias de Stefanowitsch, conceitos envolvendo entidades abstratas são menos acessíveis à nossa experiência imediata, existindo uma predisposição a que se manifestem metaforicamente mais do que os conceitos relacionados a entidades concretas.

Para análise, tomamos aleatoriamente como representante do Subgrupo IV a seguinte redação, de número 247 do nosso corpus:

(26) No Piloto-automático

Em meio à tanta correria, confusão cotidiana e da busca pela sobrevivência em meio à lei da selva imposta pela modernidade urbana, o homem não toma consciência de como sua vida é automática e em busca... sabe-se lá de quê. Vive-se como máquina, sem sonho, sem poesia.

São dois caminhos paralelos: a busca incessante pelo glamour para estar sempre em evidência, quase uma estrela de cinema e a busca pela simplicidade bucólica. Para não ser atropelado é preciso parar um pouco, às vezes e refletir para onde caminhamos e para quem estamos vivendo. Se não pisarmos nos freios e tomarmos a direção poderemos chegar em qualquer lugar, isto é, em um lugar qualquer. Temos que ser atentos aos pequenos detalhes do caminho, aqueles que fazem toda a diferença da viagem, dão graça e beleza. Por outro lado se a marcha for muito lenta poderemos não chegar a tempo e até mesmo sermos atropelados no meio do caminho, atrapalharemos o trânsito, precisaremos de socorro.

Toda viagem tem um roteiro; um plano de partida e de chegada. É importante não vivermos no piloto-automático.

Logo de início, identifica-se que o texto todo é estruturado nos moldes da metáfora conceitual A VIDA É UMA VIAGEM, tratada exhaustivamente por vários autores dentro dos estudos cognitivos<sup>109</sup>. Através desse esquema metafórico, fatos e elementos da vivência diária são concebidos como ocorrências de uma grande jornada, manifestando-se da seguinte maneira no texto (26):

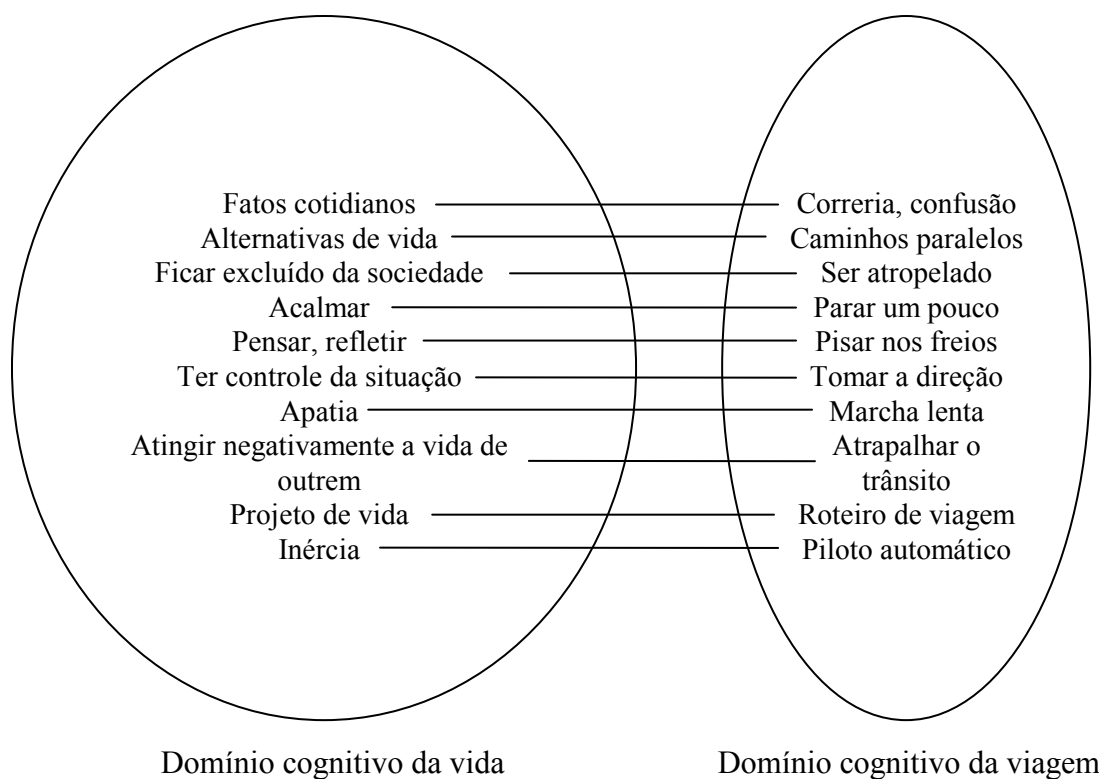


Figura 25 – Mapeamentos entre elementos de domínios cognitivos do texto (26)

<sup>109</sup> Entre eles, Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (1993).

A maioria dos mapeamentos apresentados na figura acima é comum em vários estudos que tratam desse tipo de esquema metafórico, do qual derivam outros bastante comuns também, a exemplo de O AMOR É UMA VIAGEM, RELACIONAMENTOS PESSOAIS SÃO UMA VIAGEM etc. Um aspecto relevante que se percebe no texto (26) é que, uma vez desenvolvido o esquema metafórico A VIDA É UMA VIAGEM, dentro dele vários elementos praticamente novos podem surgir, a exemplo de “piloto automático”, no domínio cognitivo da viagem, que corresponde a uma postura semelhante à inércia daqueles indivíduos que vivem a vida sem grandes emoções, sem tomar atitudes ativas em relação à própria vida. É nesse ponto que entra em cena a criatividade do usuário da língua, com o desafio de se manter a coerência de mapeamentos entre os elementos de ambos os domínios.

Afora essas questões relativas ao esquema metafórico acima descrito, vejamos se ocorrem outros tipos de metáfora, nos moldes dos textos de redação analisados anteriormente.

Existem algumas ocorrências que se enquadram na metáfora ABSTRATO É CONCRETO, como nos seguintes enunciados: “em meio à lei da selva imposta pela modernidade urbana” (a modernidade urbana é concretizada, e até personificada, ao tornar-se agente da imposição da lei da selva); “os pequenos detalhes do caminho (...) fazem toda a diferença da viagem, dão graça e beleza” (os detalhes também são apresentados à maneira de elementos concretos, além de animados).

Há outras expressões que expressam metaforicamente a noção de espaço, como atestam os seguintes enunciados, nos quais sublinhamos o elemento que exprime essa ideia: “Em meio à tanta correria, confusão cotidiana”; “em meio à lei da selva imposta pela modernidade urbana” etc.

Nas primeiras linhas do texto (26), surge também uma construção metonímica, representada pelo substantivo “homem”, já que ele está sendo empregado no sentido mais amplo do que ao referir-se a um simples indivíduo; ele representa toda a humanidade. Trata-se de uma metonímia bastante comum na nossa prática linguística. A título de ilustração, resolvemos fazer o levantamento de quantas vezes o nódulo “homem” aparece no corpus inteiro da pesquisa, analisando também a proporção em que se enquadra na metonímia. A primeira tela dos resultados é a seguinte:

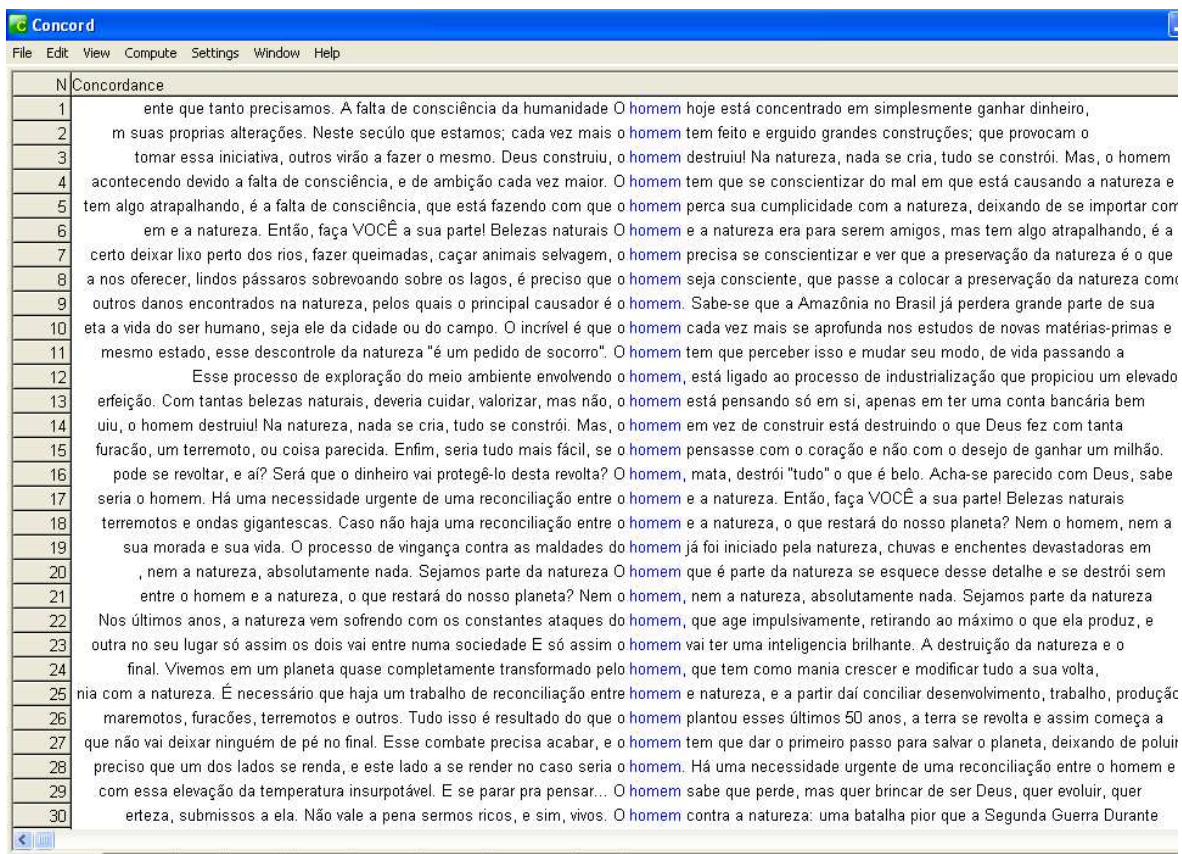


Figura 26 – Primeira tela de listagem das ocorrências da palavra “homem” no corpus

Foi detectado o total de 132 ocorrências do nódulo “homem” no conjunto das redações, e, através de busca manual, constatou-se que em sua grande maioria (130 enunciados – 98,48% das ocorrências) essa palavra é empregada metonimicamente. Os únicos casos em que “homem” não está associado à metonímia são quando o autor faz um relato à moda das clássicas narrativas, centrando a atenção em algum indivíduo<sup>110</sup>. Nessa situação, o nódulo em questão é precedido pelo artigo indefinido “um”. No entanto, existem outras três ocorrências no corpus que, mesmo na presença do artigo indefinido como o colocado imediato à esquerda de “homem”, não se referem a um indivíduo em

<sup>110</sup> Cf. os trechos das redações em que acontece esse caso: “Quinta-feira (13/07/2006) passou no programa Linha Direta o caso de Edson, um homem que seduzia as mulheres e as destabilizavam financeiramente, o mesmo mostrou várias comunidades do Orkut que foram criadas pelas vítimas de Edson, uma delas é ‘Eu odeio Edson’, as vítimas postam fotos do infrator solicitando ajuda.” (redação n° 40) e “Morava em uma fazenda um homem muito triste. Todos os dias, o pobre, levantava muito cedo, para cuidar dos seus afazeres.” (redação n° 243). Grifos nossos.

especial<sup>111</sup>. É visível que a maioria dos casos em que “homem” remete a toda a humanidade ocorre quando está precedido pelo artigo definido “o”.

Buscamos também as ocorrências do nódulo “humanidade”, e notamos que o seu uso é mais restrito do que o de “homem” em sua acepção metonímica: há 26 ocorrências em todo o corpus, o que corresponde à exata proporção de 20%. Dentre as ocorrências, somente uma se refere à humanidade na forma de sentimento, não ao conjunto de homens, conforme podemos observar na linha 7 da tela abaixo:

N	Concordance	Set	Tag	Word #	t. #	%
1	contra o sistema financeiro de pessoas físicas e jurídicas, a <b>humanidade</b> já está mesmo é saturada. O perigo anda por toda a			56,993	253	1%
2	com cenas obscenas é uma agressão muito violenta agredida à toda <b>humanidade</b> é cruel, não pode continuar assim, elas são o futuro			63,008	469	4%
3	inovações, onde se acreditava serem de cunho beneficente à <b>humanidade</b> . Entretanto as fantásticas invenções tomaram-se			70,245	784	0%
4	A internet passou a ser algo de extrema necessidade para há <b>humanidade</b> pois podemos resolver inúmeras coisas sem			48,278	913	2%
5	e fazer suas próprias leis, atropelando a moral e o respeito da <b>humanidade</b> . Por tanto conectado a rede nós estaremos a			49,062	943	0%
6	Com a globalização, a internet tornou-se essencial na vida da <b>humanidade</b> . Tem-se uma geração com livre acesso a			50,523	996	0%
7	vinte e um, o mundo continua tendo pessoas sem caráter, sem <b>humanidade</b> , só querem fazer o mal as pessoas inocentes, até			73,088	909	1%
8	ambiente que tanto precisamos. A falta de consciência da <b>humanidade</b> O homem hoje está concentrado em simplesmente			80,911	187	1%
9	de fábricas sem filtros, enfim, são vários os erros que a <b>humanidade</b> está cometendo em relação a natureza. Para cada			80,974	188	6%
10	situação. Uma atitude urgente deve ser tomada; é preciso que a <b>humanidade</b> se conscientize do estrago que a ganância humana			82,104	234	0%
11	doença incontrolável, que está de certa forma prejudicando a <b>humanidade</b> . Essa tecnologia está em todo lugar, tudo ao nosso			73,937	938	0%
12	de poluir e reparar os estragos já feitos. Assim, um dia enfim, a <b>humanidade</b> voltará a viver em paz com a natureza, retirando dela			80,026	155	1%
13	global, e a natureza está devolvendo em dobro para nossa <b>humanidade</b> que não tem culpa; mas seus antepassados tenha			80,166	162	1%
14	de computadores. Não basta-se os problemas enfrentados pela <b>humanidade</b> no milênio passado, adentramos num novo século			16,477	647	1%
15	que vem causando desconforto e ao mesmo tempo conforto a <b>humanidade</b> . Pois por meio desta tecnologia chamada internet é			16,805	660	0%
16	de está se expondo, e expondo sua família, ou melhor toda a <b>humanidade</b> a serem vítimas dos mais cruéis crimes tecnológicos.			19,721	761	9%
17	lenta mais que devidamente favorável para toda e qualquer <b>humanidade</b> . O mundo virtual Atualmente a internet está sendo			5,971	221	0%
18	possitivos, como pesquisas, atualidade, jornais o problema da <b>humanidade</b> é o lado negativo de conversar com um			12,894	511	3%
19	Foi um avanço tecnológico muito significativo para a <b>humanidade</b> e tem facilitado o progresso de tal forma, que nos			13,017	516	1%
20	é a informatização Essa a cada dia está surpreendendo toda <b>humanidade</b> . Por um lado ajuda muito, pois através da mesma			20,371	787	0%
21	decreto procuramos algo que venha trazer firmeza suficiente a <b>humanidade</b> . Sabemos que há uma certa hierarquia, a sociedade			30,116	154	0%
22	tem sido usado de maneira inadequada, levando para o seio da <b>humanidade</b> , fatos obscuros decorrentes de vários delitos			46,176	838	6%
23	(É um meio de conhecimento virtual muito avançado e útil para a <b>humanidade</b> ), mas através de todas essas causadas por essas			46,242	840	8%
24	internet, que foi criado especificamente, para o conhecimento da <b>humanidade</b> tornando assim mais fácil, nas informações através da			25,151	960	0%
25	sites e acabam praticando milhares de crimes. Sabendo a <b>humanidade</b> do real acontecimento, tem então o máximo de			25,626	977	2%
26	acompanhando. A rede de comunicação facilitou o trabalho da <b>humanidade</b> , diminuiu a distância. Mas tem outro lado que é a			25,797	983	7%

Figura 27 – Listagem das ocorrências do nódulo “humanidade” no corpus

Nota-se que, no nosso corpus, é nítida a preferência pelo uso da metonímia baseada no substantivo “homem” ao uso do seu sinônimo abstrato “humanidade”. A explicação que aventamos para esse fato, com base na função das metáforas e das metonímias como recursos facilitadores para a compreensão de ideias, é que preferimos utilizar elementos concretos – uma vez que são mais acessíveis à nossa experiência de mundo, conforme o que já foi explicado em relação aos estudos realizados por

<sup>111</sup> Nesses casos, a ideia que parece mais apropriada é mesmo a de indefinição de indivíduo. Cf. os trechos, com grifos nossos: “Nota-se hoje um homem totalmente parasita de seu computador, podendo realizar pequenas compras e até mesmo satisfazer prazeres através de um só click.” (redação n° 309); “Pois a qualquer instante somos vítimas de uma grande força destruidora, como pode gerar o próprio fim de um homem.” (redação n° 496); “Os sonhos de um Homem” (título da redação n° 251).

Stefanowitsch – a utilizar nomes abstratos, que não possuem plasticidade nem limites definidos. Assim, falar de “humanidade” utilizando o hipônimo “homem” proporciona uma compreensão mais clara e acessível aos interlocutores.

#### *4.5.1.5 Levantamento metafórico inicial no Subgrupo V*

Vejamos, agora, o comportamento das metáforas em três redações do Subgrupo V do nosso banco de textos, na tentativa de confirmar a existência dos esquemas já identificados nos levantamentos anteriores e de identificar novas ocorrências envolvendo metáforas e metonímias que sejam relevantes para o nosso trabalho.

Começemos com o texto abaixo, correspondente à redação número 363 do nosso corpus:

##### (27) Justiceiros da rede

Ter um computador em casa virou uma necessidade, tanto para o trabalho quanto pesquisas e trabalhos escolares. Mas os pais tem que estar alertas aos filhos para não ficarem dependentes, viciados em jogos e ao se comunicarem com estranhos.

Os justiceiros virtuais invadem sites para pregarem piadas de mau gosto, fotos explícitas, até mesmo de crianças, roubam dinheiros de contas alheias. As mensagens de racismo como negros e gays os ofendem sem nada ter como fazer justiça.

Na maioria dos casos são jovens de classe média que até mesmo traficam pela internet, sem falar nos casos de sequestro e estupro de jovens que marcam encontros com estranhos a procura de um namoro. Na internet você tem muitas diversidades como bancos, shopping etc. sem sair de casa.

No texto acima, confirmamos a existência do esquema metafórico ELEMENTOS DE INFORMÁTICA SÃO LUGARES através dos seguintes enunciados: “Os justiceiros virtuais invadem sites para pregarem piadas de mau gosto” (sites são espaços passíveis de invasão); “jovens de classe média que até mesmo traficam pela internet” (a Internet é um local em que acontece o tráfico); “Na internet você tem muitas diversidades como bancos, shopping etc. sem sair de casa.” (a Internet é concebida como um lugar parecido com uma cidade).

Nessa redação, encontramos também outros elementos sobre os quais comentamos anteriormente, a exemplo do que foi discorrido em relação à palavra “justiça”.

No título do texto, “Justiceiros da rede”, há uma ambiguidade em relação a “rede”, podendo ela ser interpretada metaforicamente como um ser animado que possua

justiceiros, ou como um lugar – também metafórico – que apresenta justiceiros. Pelos elementos levantados no decorrer do texto, esta última interpretação parece mais aplicável, mantendo-se a coerência dentro do esquema explicado acima.

O espaço metafórico da Internet co-ocorre com o espaço não metafórico “casa”, que é mencionado nos seguintes trechos: “Ter um computador em casa virou uma necessidade” e “Na internet você tem muitas diversidades como bancos, shopping etc. sem sair de casa.” (grifos nossos). A importância das metáforas de lugar, nesse caso, está, mais uma vez, no fato de que o autor traz para o domínio concreto, mais perceptível para os indivíduos em decorrência de sua experiência cotidiana, o que, *a priori*, faz parte do mundo imaginário. A ideia de Internet seria pouco acessível à compreensão humana se fosse elaborada lançando mão somente de conceitos do campo da Informática e da Eletrônica. Ao ser concebida como um espaço concreto, no entanto, seus limites e constituintes tornam-se mais facilmente visualizáveis, justificando aí a função cognitiva da metáfora.

Passemos a outra redação desse mesmo subgrupo, tendo sido escolhida aleatoriamente a de número 259 do nosso corpus, que segue transcrita abaixo:

#### (28) O mundo sem limite da Internet

A Internet é um mundo paralelo, onde é possível se ter acesso a janelas de toda e qualquer natureza. É um mundo sem limite, o qual “o que se procura acha” e encontram também o que não procuram. E para a infelicidade de muitos, há essa última opção, a qual um número grande número pessoas são lesadas, através da Internet, não apenas pelos inumeros danos morais que ocorrem, mas principalmente roubos de dinheiro de contas bancárias.

Existem sites inseguros e ou suspeitos, e-mails enviados com falsas propagandas ou cartões virtuais que, por falta de maiores esclarecimentos, as pessoas clicam sobre o link (endereço), sem a devida atenção na extensão do mesmo - exe, ser que é vírus - e então têm acesso a página, ou melhor, dão ao vírus – o qual os anti- vírus podem ser incapazes de acusar – acesso a seus computadores. Vírus são programas criados por hackers para terem acesso aos computadores alheios – para simplesmente xeretar ou causar aborrecimentos e danos morais ou até mesmo maiores transtornos como roubar – acesso esse que hackers adquirem quando outrem clica no link, sendo o de vírus, então ele se instala automaticamente no computador, ficando este a mercê do hacker. Portanto, assim eles podem conseguir senhas, como as bancárias e estorquir seus respectivos dinheiros.

Sendo a Internet um mundo paralelo ao nosso, ela é também como o nosso, onde há muita cultura, laser e informação: entretanto, há “também” muita maldade, com uma certa diferença, no mundo virtual não existem leis e muitos malfeitores, ainda, se mantêm impunes.

A partir do título da redação, “O mundo sem limite da Internet”, existe a concepção da Internet em termos de lugar, que é confirmada ao longo de todo o texto através de outros enunciados, mas sob um aspecto relevante para o nosso estudo. Vimos



que a metáfora possui a função de trazer para a realidade dos indivíduos conceitos que seriam muito complexos de serem apreendidos na forma não metafórica – alguns, até inexistentes nesta forma (por exemplo, a noção de lidar com o tempo, que sempre é manifestada em situações nas quais este se apresenta como um objeto concreto). Quando o autor se refere ao mundo da Internet como um espaço ilimitado, faz isso com base na noção de limite de espaço dentro da nossa concepção de mundo concreto, sensível. Ou seja, mesmo que a noção de espaço apresentada seja a mais ampla possível, ela o é com base no nosso espaço concreto, relativamente ao que somos capazes de entender como “sem limite” no nosso dia-a-dia.

São os seguintes os enunciados que confirmam a presença do esquema metafórico ELEMENTOS DE INFORMÁTICA SÃO LUGARES no texto (28): “A Internet é um mundo paralelo, onde é possível se ter acesso a janelas de toda e qualquer natureza.”; “[A Internet] É um mundo sem limite”; “ele [o vírus] se instala automaticamente no computador”; “Sendo a Internet um mundo paralelo ao nosso, ela é também como o nosso, onde há muita cultura, laser e informação”.

Identifica-se no texto também a metáfora da personificação de elementos da Informática, especialmente através da construção “Existem sites inseguros e ou suspeitos”, cuja adjetivação, embora não seja exclusiva para seres humanos, é empregada em ampla escala para tal.

Podemos identificar também, nesse texto, a presença de um dos esquemas postulados por Lakoff (1987), “origem-caminho-destino”. Normalmente, a comunicação humana é concebida nesses termos, e nela se inclui a comunicação realizada através da Internet. Quando se fala sobre “e-mails enviados com falsas propagandas”, o autor está reproduzindo o esquema de Lakoff, manifestado em várias outras expressões facilmente encontradas no nosso quotidiano, como “receber e-mail”, “e-mail devolvido”, “enviar e-mail”, “interceptar uma mensagem”, “remetente”, “destinatário” etc. A comunicação por meio eletrônico que se instaurou há poucas décadas na nossa vida diária incorporou praticamente por completo as formas de linguagem utilizadas na comunicação via postal, que em grande parte foi substituída.

Nessa mesma construção linguística, temos a presença também da metáfora do contêiner: os e-mails são concebidos como recipientes capazes de conter objetos, que, no caso, são as “falsas propagandas”. Isso também é um reflexo das expressões comumente utilizadas na comunicação verbal humana, seja via oral, escrita, eletrônica etc. Além disso,



é válida a relação entre essa forma comunicativa com a metáfora do tubo, de Reddy (1979), também já explicada anteriormente. O percurso da comunicação eletrônica, no caso, é metaforizado na forma de um conduto que liga emissor e receptor, concepção que também gera uma série de outras construções metafóricas.

O que queremos demonstrar com essa rápida explanação sobre esquemas e metáforas é que, na organização de um texto, esses elementos se sobrepõem em função da busca da maior clareza possível sobre as ideias a serem apresentadas. Ou seja, não existe um esquema metafórico único num texto. Muitas vezes, uma mesma construção linguística corresponde a mais de um tipo de esquema ou metáfora.

Vejamos outro exemplar desse mesmo subgrupo de redações para esse mesmo tipo de levantamento a que estamos procedendo. Trata-se da redação número 400, que segue transcrita abaixo:

(29) Luto inútil

No mundo inteiro os órgãos que exercem a justiça não conseguem ou não querem atender as necessidades mundiais. Em uma grande quantidade de países o sistema judiciário é falho, corrupto e ineficaz, dando espaço para grupos justiceiros.

Esses grupos já cansados de esperar tomaram uma atitude ofensiva ao que eles consideram errado. Atacando sites de pedofilia e discriminação eles nos livram dessas más influências temporariamente. Já era hora de parar de esperar tudo e agir.

Porém a forma que eles escolheram para agir não é a melhor opção. Não se pode combater os assassinatos assassinando, assim o indivíduo se tornaria o próximo alvo. Muitas outras alternativas pode ser aplicadas com mesma eficácia e menor risco.

Para o combate tanto da divulgação de material ofensivo, quanto da questão desses justiceiros, é necessário uma maior atuação das autoridades que praticamente ignoram essa questão. Uma forte atuação da justiça não inibiria, mas diminuiria e muito esse problema.

Os justiceiros existem para aqueles que as autoridades não alcançam essa lei a única alternativa encontrado, lutar numa guerra sem fim; pois as paginas que vão sendo destruídas são rapidamente reconstruídos.

No primeiro parágrafo dessa redação, surge uma metáfora construída através de uma sequência de adjetivos que levam à concepção do “sistema judiciário” como uma pessoa, investido da caracterização “falho, corrupto e ineficaz”. Dentro desse esquema metafórico ELEMENTOS DA JUSTIÇA SÃO PESSOAS, emergem outras construções, cujo elemento personificado foi grifado por nós: “No mundo inteiro os órgãos que exercem a justiça não conseguem ou não querem atender as necessidades mundiais.”; “Esses grupos já cansados de esperar tomaram uma atitude ofensiva ao que eles consideram errado.”;

“Atacando sites de pedofilia e discriminação eles [esses grupos] nos livram dessas más influências temporariamente”.

Um aspecto de interesse para os nossos estudos surge na redação ora analisada, e nos leva a desenvolver algumas considerações que podem ser interessantes para a compreensão da presença de metáforas na organização textual. Ele se centra na construção “assim o indivíduo se tornaria o próximo alvo”, em que aparece um verbo relacional (“tornar-se”), que, da mesma forma que o verbo “ser”, é um elemento investido de grande potencialidade para a formação de metáforas, especialmente quando estabelece ligação entre formas substantivas.

No trecho em questão, observamos um movimento contrário ao processo de personificação, pois, nesse caso, fala-se de um ser animado (“indivíduo”) que é concebido como um ser não animado (“alvo”), denotando destituição de traços humanos em relação ao primeiro. Embora essa construção não possua a mesma estrutura das metáforas de personificação, ambas tratam de processos que envolvem seres animados e não animados, e como esse par dicotômico é muito recorrente no nosso levantamento, detivemo-nos um pouco mais nesse assunto.

Analisando as ocorrências em que aparece o nóculo “tornar” no corpus, em todas as suas variações verbais possíveis, percebemos que é muito ampla a diversidade de casos a que se relaciona esse verbo, podendo ser descritos à luz dos elementos da LCog. Com auxílio da ferramenta de concordância do WST, identificamos 149 ocorrências do nóculo em todo o banco de textos, cuja primeira tela de resultados segue abaixo:

N	Concordance	Set	Tag	Word #	t.	#	os.	#	os.
1	em programar sites. Verdadeiramente a internet se tornou uma "terra sem lei", de tal forma que a divulgação de			54,515	160	1%	2	0%	
2	uma identidade, é difícil de controlar mas, na internet se tornaria impossível já que não requer de nenhuma			53,703	124	0%	2	8%	
3	pessoas, através de rastreamento desses computadores, tornando a vida das pessoas mais tranquilas, e facilitando o			55,642	194	9%	2	3%	
4	sabe, é que não está sendo usado corretamente, pois estão tornado o meio, uma máquina que defama e destroe a vida das			55,462	191	2%	2	3%	
5	ela se tornou um meio de informação importante, que acaba tornando fundamental pra muitos casos, concordo plenamente			53,413	113	4%	2	7%	
6	como em todo lugar existe um pouco de banalidade acaba se tornando um meio viável para o crime. Citando por exemplo os			53,212	106	0%	2	6%	
7	indevidamente. Com isto faremos que a nossa justiça se torne mais ágil, ao nosso favor. Pois se for preciso torna			53,127	100	7%	2	6%	
8	ser melhor se to dos tivessem uma boa intenção, a final ela se tornou um meio de informação importante, que acaba tornando			53,405	113	8%	2	7%	
9	que façamos o bom uso dela para mais tarde não nos tornarmos um alvo desses atos de vandalismo. Enfim podemos			53,267	109	3%	2	6%	
10	click tudo se torna possível. Essa falta de limites ao navegar, torna este mundo on-line, que foi criado com o intuito de trazer			57,658	271	1%	2	9%	
11	é um mundo inilimitado, onde apenas com um click tudo se torna possível. Essa falta de limites ao navegar, torna este			57,650	270	9%	2	9%	
12	abusar da tecnologia, que veio com a intenção de nos auxiliar tornando prazeroso e eficaz o trabalho humano, quando nem			59,090	323	1%	2	3%	
13	sites, os mesmos acabam passando dos limites, se tornando chackers "ladrões", que pra eles nunca há um limite			58,076	286	2%	2	0%	
14	própria dignidade sossegada virtualmente. A internet está se tornando um mundo sem lei, existem varias leis em todo o			56,642	244	2%	2	6%	
15	para tal, dizendo-se prontos para combater o mal, poderão se tornarem vulneráveis para outras praticas ilegais junto a sites			56,443	235	5%	2	6%	
16	Hoje em dia passar horas em frente a um computador se tornou comum aos internautas. Freqüentar o orkut, o flogão o			55,680	196	1%	2	3%	
17	A invasão de privacidade em suas páginas pessoais já se tornou um abuso, falta de respeito. Assim não podendo ter			56,622	242	1%	2	6%	
18	justiceiros farão mesmo a justiça. O mundo virtual está se tornando cada vez mais popular na vida de quase toda			56,538	239	9%	2	6%	
19	dos meios de comunicação mais eficaz do momento, tem-se tornado alvo de pessoas inescrupulosas que usam-na com o			52,129	058	2%	2	3%	
20	de pedofilia e muito mais, a cada dia que passa a internet se torna-se mais podre. A justiça é muito lenta, e diante de tudo			45,029	799	7%	2	3%	
21	mais usado de todos os tempos; Essa tecnologia tornou-se indispensável em nossas vidas. É da mesma			44,679	784	5%	2	2%	
22	ou mesmo meio de interterimento a internet foi tornando-se o acesso mais fácil e prático de invasão da			48,986	941	6%	2	4%	
23	Contudo suas idéias são conhecidas por todo país, o que torna bem mais fácil e eficaz sua divulgação. Os bancos e			47,398	880	3%	2	0%	
24	de nosso problemas? Com o passar dos anos a internet tornou-se o meio de comunicação mais usado de todos os			44,666	784	5%	2	2%	
25	passam a maior parte do seu tempo na internet, a mesma torna-se tão necessaria quanto ter ao menos três refeições por			43,196	716	2%	2	7%	
26	demonstra eficácia para o combate de tais atos e acaba se tornando ociosa. Frente à isso, hackers tendo em vista a			42,819	708	5%	2	6%	
27	se mistura com a real. E se assim continuar o problema se tornará irreversível podendo ganhar dimensões muito maiores.			43,927	747	0%	2	0%	
28	mais usado atualmente é a internet. Isso ocorre pois ela se tornou um mecanismo barato e acessível a todos. Apesar de			43,689	735	0%	2	9%	
29	apesar de comemorável está viciando os nossos jovens, tornando-os prisioneiros de sala de bate-papo, orkut, msn.			50,567	999	0%	2	9%	
30	nele. Educação de valores Com a globalização, a internet tornou-se essencial na vida da humanidade. Tem-se uma			50,518	996	7%	2	8%	

Figura 28 – Primeira tela da lista de ocorrências da forma verbal “tornar” e suas flexões verbais

Para descrever essas ocorrências, tomamos a noção sobre compressão, explicada sucintamente ao final do terceiro capítulo deste trabalho. Segundo Fauconnier e Turner (2000), um enunciado como “Ele parece violento” apresenta o fenômeno da compressão porque se misturam duas imagens num só domínio: a do indivíduo em questão e a de um indivíduo violento. Ao arrolar as ocorrências no corpus com a forma verbal “tornar”, percebemos que muitas delas apresentam adjetivos como seus colocados imediatos à direita, podendo ser enquadradas no mesmo caso acima de Fauconnier e Turner. Tomemos um exemplo para uma descrição mais detalhada:

(30) Com a globalização, a internet tornou-se essencial na vida da humanidade.<sup>112</sup>

A forma verbal “tornou-se” funciona como um conector de espaços que viabiliza a conceitualização do elemento “internet” em termos de algo “essencial”, sob o

<sup>112</sup> Trecho transcrito da redação número 303 do corpus.

processo de compressão, semelhante ao representado na Figura (13) no capítulo anterior. Acontece uma mesclagem para cujo domínio são projetados os elementos “internet” (sem a característica de ser essencial na vida da humanidade) e a caracterização “essencial” típica de qualquer elemento na vida da humanidade.

Outras ocorrências envolvendo a construção “*tornar* + adjetivo” (sem que, necessariamente, o adjetivo seja o colocado imediato à direita do verbo) foram encontradas no corpus, a exemplo das seguintes: “tornando a vida das pessoas mais tranquilas”<sup>113</sup>, “um meio de informação importante, que acaba tornando fundamental pra muitos casos”<sup>114</sup>, “que a nossa justiça se torne mais ágil”<sup>115</sup>, “com um click tudo se torna possível”<sup>116</sup>, “tornando prazeroso e eficaz o trabalho humano”<sup>117</sup>, “passar horas em frente a um computador se tornou comum aos internautas”<sup>118</sup>, “O mundo virtual está se tornando cada vez mais popular na vida de quase toda população mundial”<sup>119</sup>, “torna bem mais fácil e eficaz sua divulgação”<sup>120</sup>, “o problema se tornará irreversível”<sup>121</sup>, “a internet se tornou indispensável”<sup>122</sup>, “o ser humano se torna cada vez mais cruel”<sup>123</sup>, entre várias outras.

Não concebemos as construções acima como metafóricas propriamente, pois não existe o emprego de um elemento do domínio-fonte que atinja outro elemento de um domínio-alvo. O fenômeno da compressão, juntamente com o da MC, é de fato a melhor explicação que se tem para essas ocorrências. Com o uso de adjetivos, o que acontece nesses enunciados é a evolução de característica de um mesmo ser. Em relação ao enunciado (30), por exemplo, passa-se de uma concepção da Internet destituída do caráter “essencial” para uma nova concepção sobre a mesma, agora no âmbito de sua essencialidade na vida dos homens.

Já em relação ao enunciado identificado na redação (29) (“assim o indivíduo se tornaria o próximo alvo”), existe um mapeamento entre elementos de diferentes domínios, caracterizando um processo metafórico: a evolução do “indivíduo” denotada pela forma verbal “tornar-se” não diz respeito a uma simples incorporação de

---

<sup>113</sup> Trecho da redação nº 333.

<sup>114</sup> Trecho da redação nº 321.

<sup>115</sup> Trecho da redação nº 319.

<sup>116</sup> Trecho da redação nº 344.

<sup>117</sup> Trecho da redação nº 354.

<sup>118</sup> Trecho da redação nº 334.

<sup>119</sup> Trecho da redação nº 339.

<sup>120</sup> Trecho da redação nº 284.

<sup>121</sup> Trecho da redação nº 263.

<sup>122</sup> Trecho da redação nº 449.

<sup>123</sup> Trecho da redação nº 475.

característica, mas, sim, acontece a projeção de um domínio a outro, do humano (“indivíduo”) ao inanimado (“alvo”).

Foram identificadas várias outras ocorrências em que a forma verbal “tornar” se liga a mapeamentos entre diferentes domínios, a exemplo das seguintes: “verdadeiramente a internet se tornou uma ‘terra sem lei’”<sup>124</sup>, “a internet tornou-se o meio de comunicação mais usado de todos os tempos”<sup>125</sup>, “a internet veio se tornando um vício para a maioria dos seres humanos”<sup>126</sup>, “o perigo virtual pode se tornar uma arma contra a sociedade”<sup>127</sup>, “as fantásticas invenções tornaram-se armas nas mãos de malfeitores”<sup>128</sup>, “a internet se tornou o melhor ataque de bandidos”<sup>129</sup>, “E esse que era para ser um ‘mundo de magias’ vem se tornando um labirinto com armadilhas”<sup>130</sup>, “A internet atualmente está se tornando um vício entre os jovens brasileiros”<sup>131</sup>, “a necessidade por segurança virtual tornou-se a célula deste organismo”<sup>132</sup>, “Este fato já está se tornando uma falta de respeito”<sup>133</sup>, entre outras.

Comparando as ocorrências metafóricas nas redações anteriores e o tipo de conceitualização realizado pelas construções acima, que também são metafóricas, percebemos que os padrões aventados por Lakoff e Johnson (1980) e as premissas desenvolvidas por Stefanowitsch (2005) não se aplicam muito bem quando entra em cena no enunciado o verbo relacional “tornar”: enquanto os padrões metafóricos apresentados por esses autores são do tipo OBJETOS SÃO PESSOAS e SERES INANIMADOS SÃO SERES ANIMADOS, identificamos a possibilidade de ocorrência de padrões invertidos: SER ANIMADO TORNA-SE INANIMADO e PESSOA TORNA-SE OBJETO. Vamos desenvolver melhor essa questão, à luz dos princípios e dos elementos da Semântica Cognitiva.

---

<sup>124</sup> Trecho da redação nº 328.

<sup>125</sup> Trecho da redação nº 268.

<sup>126</sup> Trecho da redação nº 451.

<sup>127</sup> Trecho da redação nº 369.

<sup>128</sup> Trecho da redação nº 422.

<sup>129</sup> Trecho da redação nº 388.

<sup>130</sup> Trecho da redação nº 388. Nesse trecho, existe ainda a ocorrência do verbo “ser” ligando dois elementos de uma relação conceitual.

<sup>131</sup> Trecho da redação nº 4.

<sup>132</sup> Trecho da redação nº 54.

<sup>133</sup> Trecho da redação nº 219.

Analisando os enunciados do nosso corpus que apresentam o verbo “tornar”<sup>134</sup>, conseguimos divisá-los em três grupos distintos, que representamos da seguinte maneira:

i) *A torna-se A<sub>1</sub>*, em que A é um elemento de natureza substantiva e A<sub>1</sub> é o elemento A acrescido de uma caracterização típica de qualquer outro elemento X. É o caso, por exemplo, de enunciados como “o ser humano se torna cada vez mais cruel”, possíveis de serem entendidos dentro do processo de compressão. No esquema abaixo, em relação a esse mesmo exemplo, A = “ser humano”; 1 = característica “cruel”; X = qualquer elemento:

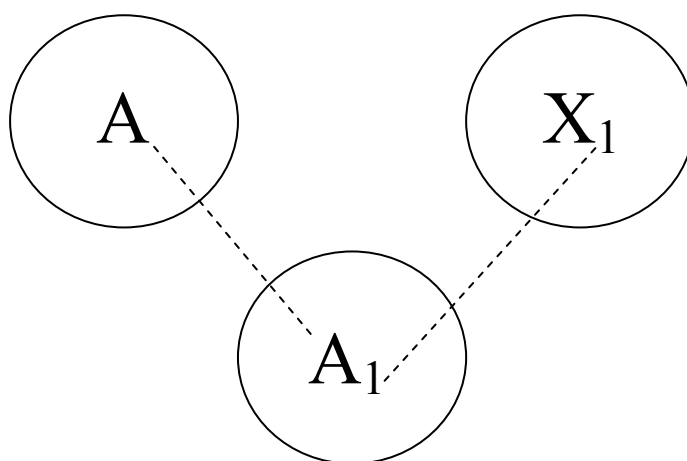


Figura 29 – Representação de enunciados do tipo “A torna-se A<sub>1</sub>”

ii) *A torna-se B*, em que A é um elemento de natureza substantiva e B é um elemento diferente de A e não metafórico. Esse caso pode ser descrito à luz da teoria dos EM, em que a forma verbal “tornar(-se)” funciona como um conector, estabelecendo uma relação de identificação de A em termos de B. É o caso de enunciados como “as maldades se tornem lealdades”<sup>135</sup>, em que A = “maldades” e B = “lealdades”<sup>136</sup>. Esquemáticamente:

<sup>134</sup> Essa análise pode estender-se também a construções com outros sinônimos relacionais, como “virar”, “transformar(-se em)”, além, evidentemente, do verbo “ser”, que é um verbo relacional por excelência utilizado nesse tipo de conceitualização, mas preferimos nos centrar somente no verbo “tornar” para não incorrerem em desvios desnecessários no nosso trabalho.

<sup>135</sup> Trecho da redação nº 249.

<sup>136</sup> Esse exemplo é bastante parecido com o clássico de Gilles Fauconnier: “A garota de olhos azuis tem olhos verdes”, já comentado anteriormente, em que elementos à primeira vista antagônicos podem ser entendidos no mesmo contexto.

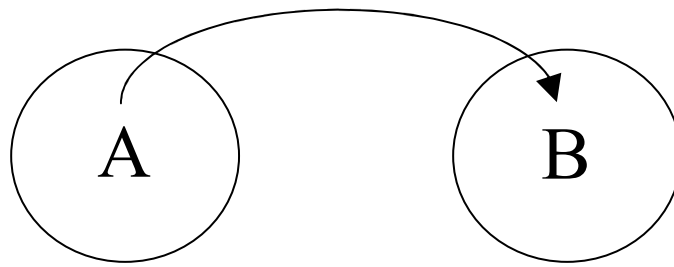


Figura 30 – Representação de enunciados do tipo “A torna-se B”

iii) *A torna-se B<sub>m</sub>*, em que A é um elemento de natureza substantiva e B<sub>m</sub> é um elemento diferente de A e metafórico. Nesse caso, cuja descrição mais adequada é via MC, incluem-se construções do tipo encontrado na redação transcrita em (29): “o indivíduo se tornaria o próximo alvo”. A diferença crucial desse modelo em relação ao anterior é que A é conceitualizado através de algum entendimento metafórico, envolvendo personificação, relação abstrato/concreto etc. No esquema abaixo, A = “o indivíduo”, B = “alvo” e B<sub>m</sub> = “alvo” metafórico. Para que “o indivíduo” seja metaforizado como “alvo”, é realizado um mapeamento com o objeto “alvo” não metafórico, e a metáfora propriamente é formada no espaço emergente da mescla:

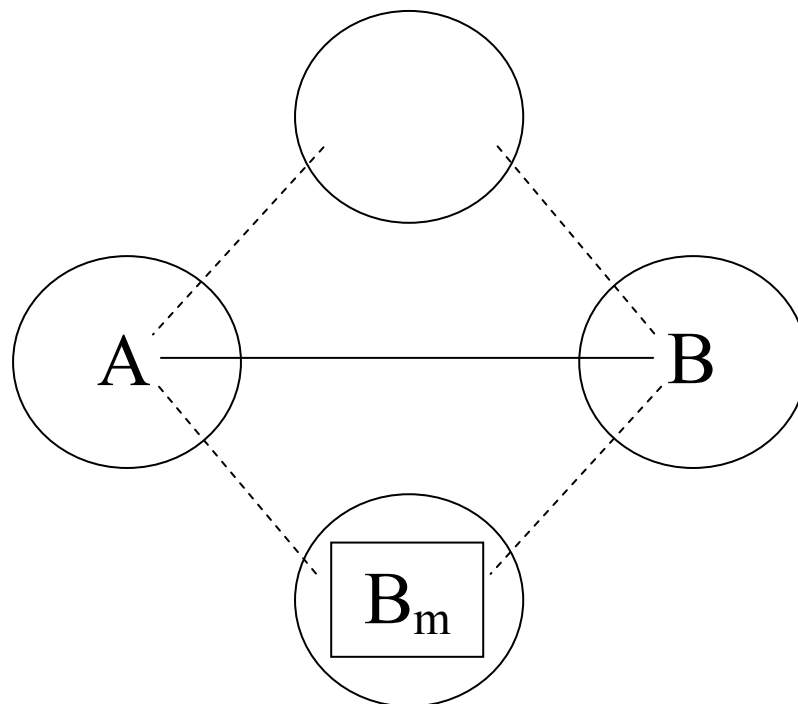


Figura 31 – Representação de enunciados do tipo “A torna-se B<sub>m</sub>”

A categoria que mais nos interessa é esta representada imediatamente acima, justamente por constituir-se uma metáfora. Na tentativa de oferecer uma explicação plausível para o fato de que, na construção metafórica exemplificada, parece ter havido uma inversão dos elementos que constituem um esquema metafórico (uma pessoa torna-se um objeto, e não o contrário, como foi encontrado em vários casos, atendendo-se ao padrão já apresentado por Lakoff, Johnson, Stefanowitsch e outros), chegamos ao seguinte: quando nos postamos diante de esquemas como ABSTRATO É CONCRETO, SERES INANIMADOS SÃO PESSOAS, ELEMENTOS DA INFORMÁTICA SÃO LUGARES etc., manifesta-se a conceitualização através do verbo “ser”, mas este não aparece, necessariamente, na superfície linguística; nós é que depreendemos a relação através da apresentação de somente um dentre os dois elementos. Quando se diz que “o sistema judiciário é falho, corrupto e ineficaz”, vigora a metáfora ELEMENTOS DA JUSTIÇA SÃO PESSOAS, mas somente o primeiro termo dessa concepção aparece explícito na sentença (“o sistema judiciário”). A conceitualização deste como uma pessoa se dá através do emprego de adjetivos próprios de pessoas.

Já em construções nas quais se utiliza a forma verbal “tornar(-se)”, ambos os elementos são explicitados na construção linguística. Nesse caso, um pode ser facilmente concebido em termos do outro, sem que a direção estabelecida seja necessariamente do abstrato para o concreto, do inanimado para o animado etc. Em outras palavras, o procedimento de trazer ambos os elementos para a superfície linguística – por exemplo, através do verbo “tornar(-se)” – parece viabilizar o duplo direcionamento da relação conceitual entre eles, justamente por estarem explícitos no enunciado.

Outras ocorrências no corpus enquadram-se nesse caso, como atestam os seguintes enunciados: “o homem contemporâneo acaba se tornando um robô”<sup>137</sup> e “criando barreiras para que crianças não aprendam para não se tornarem futuros frutos desta criminalidade virtual”<sup>138</sup>. Nesses casos, temos também seres animados (“o homem contemporâneo” – que se liga também a uma metonímia – e “crianças”) que passam a ser

---

<sup>137</sup> Trecho da redação nº 255.

<sup>138</sup> Trecho da redação nº 148.



concebidos como seres inanimados (“robô” e “frutos”).<sup>139</sup>

#### 4.5.1.6 Levantamento metafórico inicial no Subgrupo VI

Como último texto do corpus para se proceder à análise inicial das metáforas, escolhemos o que segue abaixo, correspondente ao número 499 do nosso banco de redações, cuja temática gira em torno da destruição da natureza.

##### (31) Respostas da natureza

Nestes últimos tempos, presencia-se, em todo o mundo, situações drásticas relacionadas com a natureza. São enchentes, furacões, ciclones, terremotos, maremotos, entre outros. Situações estas que abalam e transtornam a vida de muita gente; são pessoas desabrigadas, feridas e até mortas.

Os meios de comunicação, como televisão e internet têm mostrado cenas tristes de pessoas desesperadas lutando para conseguir o que comer e tentar sobreviver depois de terem perdido tudo para os ventos, para as águas, para a terra.

Vento, água, terra... todos elementos da Natureza. Mas então, por que será que eles resolveram se juntar para provocar tanto mal, para destruir tantas vidas? Muitas vezes se faz esta pergunta, mas o homem nunca parou para perguntar a si mesmo por que tantas vezes prejudicou a natureza, causando-lhe mal.

Estas “catástrofes” que têm acontecido são apenas respostas da natureza para a ação do homem sobre ela; foi o único meio que encontrou para alertá-los sobre os perigos que estes vêm lhe causando.

Mas, é claro que esta situação não pode continuar e cabe ao próprio ser humano revertê-la. E como fazer isso? Reconciliando-se com a natureza, para que esta possa mandar ao mundo respostas favoráveis.

Nesse texto, encontra-se logo de início uma remissão temporal, de forma não metafórica, que serve como um introdutor de espaço mental no qual serão inseridos todos os elementos e situações apresentados no texto: a expressão adverbial “nestes últimos tempos”. É no âmbito desse domínio temporal que se vai desenvolver todo o texto.

No segundo parágrafo da redação, os “meios de comunicação, como televisão e internet” são metaforizados como seres animados, já que são apresentados na forma de agentes do verbo “mostrar”. Nesse mesmo parágrafo, e dentro desse mesmo

---

<sup>139</sup> Existem muitos casos na nossa comunicação diária que mostram que, a partir do momento em que elementos de uma conceitualização metafórica são apresentados explicitamente no enunciado, a direção do mapeamento é facilmente reversível. Por exemplo, da mesma forma que computadores são concebidos como cérebros humanos, estes também são concebidos em termos de máquinas. Vejam-se os enunciados seguintes: “O cérebro é uma máquina extremamente complexa” (disponível em: <<http://www.portaldascuriosidades.com/forum/index.php?topic=73726.0>>. Acesso em: 17 abr. 2010) e “a máquina é o cérebro *vazio*” (disponível em: <[http://www.notisul.com.br/conteudo.php?conteudo\\_cod=19575&tipo=e&editoria\\_cod=&colunista\\_cod=&P\\_HPESSID=da8005aec52a2a65d5895c8280b992f8](http://www.notisul.com.br/conteudo.php?conteudo_cod=19575&tipo=e&editoria_cod=&colunista_cod=&P_HPESSID=da8005aec52a2a65d5895c8280b992f8)>. Acesso em: 17 abr. 2010).

esquema metafórico, as “cenas” também são personificadas, através do adjetivo que acompanha esse termo, “tristes”, típico qualificador de um estado de espírito humano.

No terceiro parágrafo também acontece a personificação de forma bastante contundente. De acordo com o texto, os elementos da Natureza (vento, água, terra) praticam uma série de ações fundamentalmente humanas: “resolveram se juntar”, “provocar tanto mal” e “destruir tantas vidas” – especialmente a primeira, que é tipicamente volitiva. Continuando dentro do esquema da personificação da natureza, surge no parágrafo seguinte a afirmação de que ela dá respostas à ação provocada pelos homens, sendo “o único meio que encontrou para alertá-los sobre os perigos que estes vêm lhe causando”.

Ao longo de todo o texto, fala-se de conflitos e possibilidades de reconciliação entre “homem” e “natureza”, no mesmo patamar, sendo ambos apresentados como seres animados, investidos de vontades e capacidades, praticantes de várias ações por vontade própria – o primeiro, em sua acepção comum; o segundo, metaforicamente. Portanto, o esquema ELEMENTOS DA NATUREZA SÃO PESSOAS vigora no decorrer de toda a redação, a partir do próprio título. Ao escrever “Respostas da natureza”, o autor já começa por personificar a “natureza”, atribuindo-lhe a capacidade de emitir respostas, ação também tipicamente humana.

Algumas ações atribuídas ao elemento “natureza” no texto – seja no sentido genérico, seja especificando seus componentes (vento, água, terra) – não são exclusivamente humanas, mas, no conjunto, percebe-se que o trabalho do autor é apresentá-la como um ser em condições de igualdade com o “homem”, que interage e dialoga com ele. Enfim, um personagem tão imbuído de *anima* quanto o próprio “homem”.

Os elementos como “enchentes, furacões, ciclones, terremotos, maremotos, entre outros”, mencionados no início da redação, não são apresentados propriamente como elementos da natureza, e sim, “situações drásticas relacionadas com a natureza”. Seriam situações decorrentes do conflito existente entre homem e natureza. Sobre essas situações também existe um procedimento de metaforização, já que elas “abalam e transtornam a vida de muita gente”. Não se chega ao ponto de tratar-se especificamente de personificação, como acontece com outros elementos, mas existe aí um grau de metaforicidade direcionado a esse tipo, já que essas “situações” são investidas de agentividade, praticam a ação de abalar e transtornar algo. No decorrer do texto, elas acabam se confundindo com “vento”, “água” e “terra”, e daí com os elementos da natureza

propriamente. Ou seja, ainda que não se confirme a ideia da personificação logo no primeiro parágrafo, na continuidade do texto essa conceitualização fica clara.

#### *4.6 Conclusões preliminares*

Tomando o levantamento inicial feito nas redações que compõem o nosso corpus de pesquisa, observa-se a recorrência de alguns esquemas metafóricos já salientados por vários estudiosos da LCOg como padrões de processamento mental existentes na espécie humana. O reconhecimento desses padrões se dá não só pelo grande número de ocorrências nos textos de redação, como também pela sistematicidade com que ocorrem. Isso nos leva a acreditar na existência de um modo de processamento de sentidos, no âmbito da cognição humana, que segue uma certa tendência na conceitualização de ideias.

Essa tendência, pelos casos levantados e discutidos acima, resume-se no seguinte:

- i) elementos de natureza diversa, quer concretos, quer abstratos, são concebidos como lugares, espaços onde acontece alguma coisa;
- ii) elementos abstratos – que, portanto, dizem respeito a ações e sentimentos – são concebidos como elementos concretos, que possuem uma corporeidade física;
- iii) elementos inanimados, quer concretos, quer abstratos, são concebidos em termos de seres animados, que possuem vida própria, que praticam ações.

Outros esquemas metafóricos foram encontrados no corpus, mas esses três têm uma presença tão marcante nos textos a ponto de todo o conteúdo girar em torno deles. Não se trata de ocorrências isoladas; muitas vezes, são até interpenetrantes, ou seja, seres inanimados podem ser metaforizados como seres animados que ao mesmo tempo praticam ações em espaços também metafóricos.

A essas alturas, cremos já ter ficado bastante claro que a metáfora não é mero recurso estilístico, sendo um elemento intrínseco do modo de raciocinar humano. Dando continuidade a esse ponto de vista, através do levantamento que fazemos no nosso corpus, mais do que corroborar esse pensamento, fica visível que a metáfora participa sistematicamente da organização do texto como um todo, estabelecendo parâmetros de inserção de conteúdos no mesmo.

Porém, a metáfora não atua sozinha nessa função. Na verdade, informações de ordem metafórica e não metafórica se juntam no decorrer do texto e atuam

concomitantemente na apresentação dos conteúdos. Ações são praticadas em espaços tanto metafóricos quanto não metafóricos, os elementos que possuem corporeidade física são apresentados no texto também de forma metafórica ou não metafórica, e assim por diante. Não se quer exaltar a importância do processo de metaforização em detrimento de outros recursos de organização textual, assaz importantes para a manutenção da coesão e da coerência textuais, mas fica claro que, sem as metáforas, esse quadro não seria instaurado – ou seria de forma incompleta, só no âmbito não metafórico.

Foi realizada uma breve incursão sobre a metonímia nesse contexto, nos pontos em que detectamos a sua ocorrência, e percebemos que esse recurso de linguagem também entra nesse jogo, juntamente com a metáfora. Ambas se situam num domínio cognitivo da organização textual capaz de nos fazer vislumbrar esses textos escritos à maneira de narrativas típicas, já que afloram, na tessitura do texto, os seguintes elementos:

i) espaço ou lugar, apresentado de maneira geral no texto, onde ocorrem todas as ações descritas, ou de forma localizada, existindo pequenos espaços para um grupo circunscrito de ações;

ii) personagens, elementos metaforizados ou não, que atuam ao longo do texto. A existência deles é vital para a compreensão dos textos como narrativas;

iii) tempo, informação nem sempre explícita nas redações, frequentemente não metafórica. Muitas vezes ele se manifesta na sequenciação das ações, sendo um importante recurso da coerência textual<sup>140</sup>;

iv) ações, apresentadas explicitamente nos textos em relação a personagens metafóricos ou não, através de formas verbais que também podem ser metafóricas.

Pelo tipo de texto que compõe o nosso corpus, não é densamente trabalhado o foco narrativo, sendo as ideias, pelo propósito das redações, apresentadas sob o ponto de vista dos próprios autores dos textos. Certamente essa característica seria diferente se a produção textual estivesse voltada para fins estilísticos ou literários.

Dentro da tipologia textual clássica, raríssimos textos ou passagens de textos do nosso banco de redações poderiam ser categorizados como narrativos, que normalmente são marcados com a existência dos elementos listados acima na própria superfície textual<sup>141</sup>. Em outras palavras, para que um texto seja considerado narrativo, é necessário que apresente explicitamente os elementos espaço, personagem, tempo e ação,

---

<sup>140</sup> Marcuschi (1983), por exemplo, afirma que a base da coerência é a continuidade de sentidos entre os conhecimentos ativados pelas expressões do texto.

ou pelo menos a maioria deles, na nossa tradição cultural. No caso do objetivo da produção de redações em processos seletivos, essa estrutura é até desaconselhável, uma vez que o comando para a elaboração dos textos direciona para a produção de ideias ou apresentação do ponto de vista dos candidatos sobre um determinado tema, ou seja, recai-se no esquema tradicional das dissertações escolares.

Quando dizemos sobre a apresentação explícita de informações relativas a espaço, personagem, tempo e ação, não queremos afirmar que a metáfora seja um elemento integrante do nível implícito da linguagem. O fato é que, quando existe metaforização, ela acontece no âmbito do processamento cognitivo da linguagem e imprime marcas desse processamento na superfície linguística. Existem metáforas bastante explícitas na linguagem, bem como outras não tão explícitas, e isso tem a ver até, conforme vimos, com o conceito de metáfora com que elegemos trabalhar. A metáfora é um recurso cognitivo, e este se manifesta tanto em relação com o nível explícito quanto com o implícito.

Na tentativa de esclarecer melhor essas questões e aprofundar um pouco mais o estudo da relação entre narração e metáfora, propomos, com base nos postulados da Gramática Cognitiva, a existência de um domínio no qual todas as informações narrativas são processadas, isto é, no qual convergem elementos como espaço, personagem, tempo e ação, cujo reflexo se manifesta no texto escrito. Retomando a imagem do *iceberg* de Fauconnier (1994) – apresentada no segundo capítulo desta tese –, é como se cada texto do nosso corpus estivesse localizado no topo do *iceberg*, enquanto o que estamos chamando de Domínio Cognitivo da Narrativa (doravante DCN) se encontrasse em algum ponto da base do *iceberg*, sustentando o texto, servindo de suporte para as criações mentais relacionadas com ele.

No quinto e último capítulo desta pesquisa, vamos descrever esse domínio com detalhes, avançando nas nossas análises de texto e justificando o porquê de centrar nosso estudo nesse âmbito. A compreensão sobre a existência desse domínio certamente lançará muitas luzes sobre a relação entre metáfora, narrativa e organização textual.

---

<sup>141</sup> Um exemplo desse caso é parte da redação número 243 do corpus: “Morava em uma fazenda um homem muito triste. Todos os dias, o pobre, levantava muito cedo, para cuidar dos seus afazeres. Trabalhava como condenado, queria ganhar muito dinheiro. Passando o tempo e ele nem percebeu que a vida não era só trabalhar e que o divertimento também é viver e viver bem. Quando isso chegou ao seu entendimento já estava com a idade um pouco avançada. Antes para ele, tudo era acumulo de recursos financeiros.”

## CAPÍTULO 5

### O DOMÍNIO COGNITIVO DA NARRATIVA

#### *5.1 Pressupostos para identificação dos DCNs*

Neste último capítulo, temos a proposta de consolidar um novo modelo de análise de metáforas em textos escritos, com base nas teorias semântico-cognitivas e no levantamento e discussão iniciais que foram realizados em diversos textos do nosso corpus, constituindo-se a contribuição maior desta tese. Essa proposta se esboçou a partir da insuficiência dos modelos existentes até então dentro da LCog para uma descrição mais apurada desse tipo de domínio cognitivo que estamos explorando, haja vista que a maioria dos procedimentos de análise existentes até então não abordam o desenvolvimento dos textos, e sim, pequenas porções deles – isso, quando não se trata de sentenças isoladas propriamente.

Através dos dados levantados na pesquisa e apresentados no capítulo anterior, somos levados a empreender um modelo que abarque as informações relativas às metáforas e à organização textual, como contribuição à continuidade e aprofundamento de estudos sob esse mesmo escopo e outros com os quais a pesquisa possa estabelecer uma interface.

Antes de descrever esse modelo, faz-se necessário sistematizar as informações gerais inerentes ao trabalho desenvolvido até aqui, que serão levadas em conta para o estabelecimento das nossas ideias. São as seguintes:

i) A metáfora é um recurso da linguagem capaz de ser descrito para além dos limites da sentença, sendo investida de uma função dentro da organização textual que vai além de mero significado não literal de palavras e expressões. Essa função pode ser descrita tanto

no âmbito da coerência textual, uma vez que tem a ver diretamente com a sequenciação de apresentação de ideias num texto, quanto no âmbito do próprio discurso, entrando em cena aspectos pragmáticos, culturais, cognitivos etc., dependendo do tipo de inserção social que os interlocutores realizam. Nesse aspecto, a metáfora não é dissociada nem de outros aspectos de organização da linguagem verbal, nem das condições extratextuais de produção enunciativa.

ii) A abordagem que fazemos da metáfora no modelo que será apresentado parte dos pressupostos básicos da metáfora conceitual. Todos os conceitos de metáfora que descrevemos, mais outros que não tenham sido mencionados neste trabalho, possuem alto grau de contribuição para a compreensão desse recurso. Todavia, acreditamos na eficácia da noção de metáfora conceitual com vistas à realização de uma abordagem da metáfora em termos de organização textual aplicável aos textos escritos, ultrapassando as barreiras das “fórmulas prontas” para análise de exemplos isolados.

iii) É de crucial importância que nos atenhamos sempre aos postulados das teorias dos EM e da MC para a compreensão deste modelo, sem as quais nossa teoria perde a sua fundamentação.

iv) Existe um padrão metafórico que perpassa a grande maioria dos textos que compõem nosso corpus, o que nos leva a crer numa sistematicidade em elevado grau presente também em outros textos escritos em língua portuguesa. Esse padrão se justifica pelo fato de que não nos prendemos ao nível de formação de sentenças, mas, sim, exploramos aspectos ligados à constituição dos textos no âmbito da cognição. Em hipótese alguma pretendemos que esse padrão seja encarado como uma fórmula ou receita para proceder a análises de textos; antes, que seja visto como um procedimento que viabiliza a compreensão dos esquemas que subjazem à composição textual.

v) Dentro desse padrão metafórico identificado em nossas análises de textos, apresenta uma frequência muito elevada a ocorrência de metáforas ontológicas que correspondem à conceitualização de seres abstratos na forma de seres concretos, obedecendo ao esquema ABSTRATO É CONCRETO, já bastante conhecido na bibliografia linguístico-cognitiva. E, dentro desse esquema, a personificação é um fenômeno que também apresenta alto grau de recorrência. Portanto, além de se tornarem concretas, muitas das entidades abstratas são concebidas como portando características humanas e realizando ações tipicamente humanas.

vi) Na organização do texto, não se distingue, *a priori*, a organização metafórica e a organização não metafórica. Só para efeito de análise é que separamos esses dois segmentos. Na prática, elementos metafóricos se coadunam com elementos não metafóricos, não sendo vislumbrado nenhum limite entre os dois. Em outras palavras: os textos se desenvolvem com absoluta naturalidade, sendo a coerência normalmente estabelecida com procedimentos de tessitura que vão e voltam do metafórico ao não metafórico, ou vice-versa, sem que isso afete negativamente o processamento dos sentidos na sequenciação dos fatos nos textos.

vii) Dentro da mencionada sistematicidade encontrada em nossas análises, é muito recorrente a apresentação de informações de tempo e espaço nos textos do corpus. Em especial, a informação sobre espaço aparece ora na forma de palavras e expressões não metafóricas, ora na forma de entidades metaforizadas assumindo as informações sobre o lugar onde acontecem as ações e onde atuam os personagens.

Diante dessas considerações, vamos ao modelo proposto, abarcando todos os itens acima.

## 5.2 Modelo teórico dos DCNs

Em função especialmente das observações feitas nos itens (v), (vi) e (vii) acima, detectadas nos levantamentos iniciais realizados em exemplares do corpus e demonstradas no capítulo anterior, somos levados à clara concepção de que os textos se organizam através de elementos metafóricos e não metafóricos conjuntamente, e mais: tanto na forma metafórica ou não, emergem elementos portadores de informações relacionadas a ação, tempo, espaço e personagem.

No que diz respeito ao elemento “ação”, ele está sempre ligado de alguma forma aos demais, especialmente aos personagens. Como ele acompanha outros elementos, não aparecerá diretamente no nosso modelo, razão pela qual nos centraremos no tempo, no espaço e no personagem.

Na concepção mais primordial da tipologia de textos, tempo, espaço e personagem são elementos típicos de narrativas, o que nos levou a conceber um domínio cognitivo dessa natureza permeando toda a composição textual. O desafio maior que abraçamos é transpor esses elementos para um quadro teórico consistente dentro da LCog,



a fim de demonstrar as relações entre a organização textual e o processamento cognitivo da linguagem.

Para conseguirmos esse intento, vamos retomar o esquema de representação da MC de Fauconnier e Turner (1994), que é um aparato que conjuga vários EM e capaz de descrever a ocorrência de metáforas no espaço emergente da mescla. Assim, temos o seguinte:

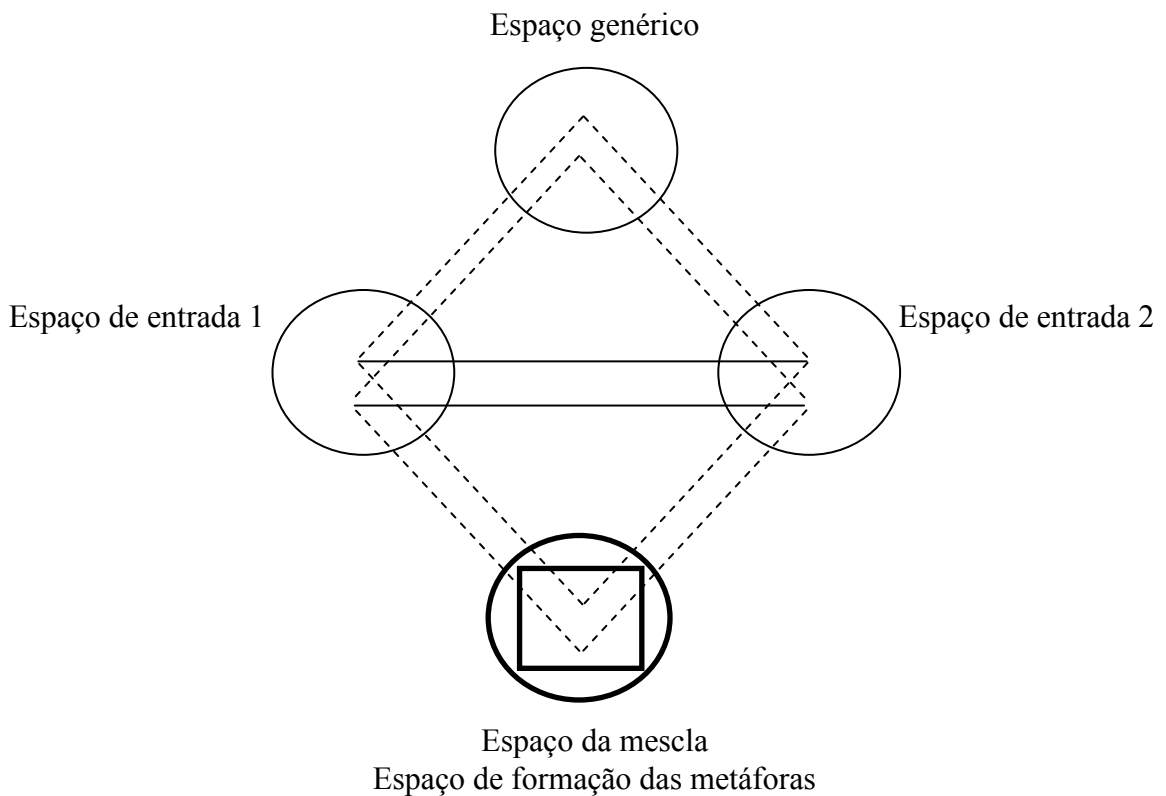


Figura 32 – Esquema da MC de Fauconnier e Turner (1994) com destaque para o espaço de formação das metáforas

Retomamos aqui também a noção de domínio, de Langacker (1987), apresentada no primeiro capítulo deste trabalho (seção 1.3.6), lembrando que se trata de uma entidade capaz de abarcar uma série de representações, conceitos, experiências etc. Como a organização textual é algo que envolve todos esses tipos de fatores, além dos linguísticos propriamente, julgamos conveniente utilizarmos a noção de domínio para inserir nele todas as ocorrências de um determinado texto, inclusive as ocorrências metafóricas.

O domínio, nos moldes como é concebido por Langacker e outros estudiosos da área, é de natureza eminentemente cognitiva. Não obstante, como o domínio

é um elemento explorado e descrito em outras áreas do conhecimento com as acepções que melhor convêm a elas, resolvemos utilizar a denominação “domínio cognitivo” sem querer incorrer em algum tipo de redundância, com o fim único de que fique bem estabelecido o nosso tipo de abordagem.

E, por fim, identificando a recorrência de informações de tempo, espaço e personagem nos textos do nosso corpus, propomos a inclusão desses elementos nesse domínio cognitivo, razão pela qual o denominamos “domínio cognitivo da narrativa” (DCN).

A natureza do DCN, conforme nomeamos esse domínio, é essencialmente cognitiva. Isso equivale a dizer que, a partir do estabelecimento da teoria, são esperados certos padrões de ocorrência em outros campos de estudo – como a Psicologia, a Neurobiologia e outros –, que podem corroborar ou não a procedência dessa teoria. O fato é que a linguagem verbal revela elementos e manifesta fenômenos de interesse para os estudos cognitivos, e a partir daí a LCog sistematiza teorias que são aplicáveis em outros ramos do conhecimento humano.

A esse respeito, Núñez (2007) afirma, com bastante propriedade, que

Para questões específicas, tais como a “realidade psicológica” de alguns fenômenos cognitivo-linguísticos em particular (por exemplo, a realidade psicológica de uma dada metáfora conceitual), o processo pode seguir as seguintes etapas: primeiro, os linguistas cognitivos descrevem e analisam o fenômeno em termos linguísticos; depois, os psicólogos realizam os experimentos para verificar se tal fenômeno possui alguma realidade psicológica.<sup>142</sup>

Da mesma forma como acontece com vários outros fenômenos estudados no bojo da LCog, acredita-se que a existência de um DCN no âmbito da linguagem verbal seja investida também de uma realidade psicológica, o que pode ser analisado no nível experimental.

No contexto dessas ideias, também defende Silva (2010) que

a investigação cognitiva da linguagem tem descoberto uma série de importantes e frequentes estruturas conceituais e pré-conceituais, entre as quais estão (...) modelos cognitivos idealizados, metáforas e metonímias

---

<sup>142</sup> No original: “For specific questions, such as the ‘psychological reality’ of some particular cognitive linguistic phenomena (e.g., the psychological reality of a given conceptual metaphor), the process may indeed follow those steps. First, cognitive linguists describe and analyze the phenomenon in linguistic terms, and then the psychologists run the experiments to find out whether the phenomenon has some psychological reality.”

conceptuais, protótipos e esquemas imagéticos. Todavia, também é certo que só estudos experimentais psicológicos, psicolinguísticos e de outras áreas da ciência cognitiva poderão justificar a *realidade psicológica* destes conteúdos da mente, expressos na linguagem.

No conjunto dessas estruturas conceituais e pré-conceituais mencionadas acima pelo autor, podemos incluir também o DCN, pelas características compartilhadas com as demais.

Ainda em relação à natureza do DCN, não é conveniente associá-lo a uma unidade textual propriamente dita, uma vez que esse domínio diz respeito a uma rede de mapeamentos e projeções que se realizam num nível subjacente à tessitura. Existe uma estreita relação entre o domínio cognitivo e o texto, servindo o primeiro de suporte para este, mas os elementos que compõem o DCN não são os mesmos identificados na superfície, revestindo-se de caráter eminentemente cognitivo.

Para o falante/escritor, bem como para o ouvinte/leitor, em situações comunicativas de rotina, é possível ter a percepção da existência do DCN, mas uma percepção certamente mais superficial por não levar em conta os esquemas metafóricos e não vislumbrar certas relações estabelecidas entre o metafórico e o não metafórico. Para o analista da linguagem – e para leitores em geral mais perspicazes – esses elementos e relações são claramente perceptíveis, mesmo que a leitura analítica se proceda num âmbito diferente do da LCOg.

O DCN é, pois, um espaço cognitivo no qual vislumbramos a conjugação de elementos metafóricos e não metafóricos na realização das ações e na apresentação do conteúdo narrativo. Os limites do DCN coincidem basicamente com os limites do texto, entendido este em sua acepção mais ampla, além da mera sequência de elementos da superfície (palavras, frases, parágrafos etc.), atingindo os fatores cognitivos envolvidos na sua organização. Esse domínio engloba, claro, informações de ordem pragmática, cultural, contextual etc., envolvidas no processo de composição textual.

O espaço da mescla é insuficiente para abarcar todas essas informações. Ele explica muito bem a ocorrência de metáforas e outros fenômenos, mas muitas informações contidas num texto estão fora da mescla, incluindo informações não metafóricas. O espaço da mescla é o espaço da compressão, e o texto não é só compressão. Em virtude disso, propomos situar o DCN de forma a englobar o espaço-mescla e, ao mesmo tempo, abrigar

as informações não metafóricas do texto e quaisquer outras informações que sejam pertinentes para a compreensão do mesmo em termos narrativos.

Assim, chegamos ao seguinte modelo de apresentação do DCN em relação ao modelo da MC:

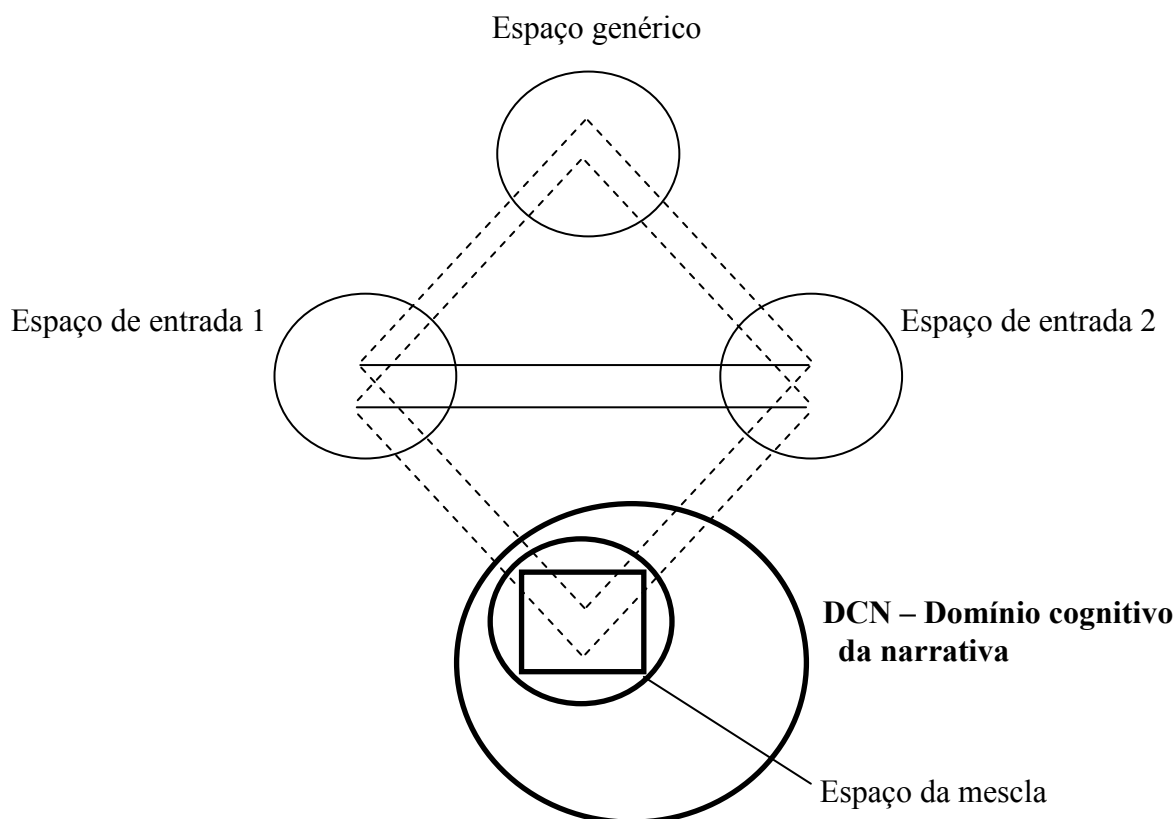


Figura 33 – Estrutura do DCN em relação ao modelo da MC

Pensando na aplicabilidade do modelo em análises textuais, e diante da desnecessidade de se refazer o percurso das construções metafóricas que se encontram nos textos em relação aos outros domínios presentes no modelo da MC (espaço genérico e espaços de entrada), podemos simplificar a representação acima, centrando-nos no espaço emergente da mescla inserido no domínio mais amplo, que é o DCN. Assim:

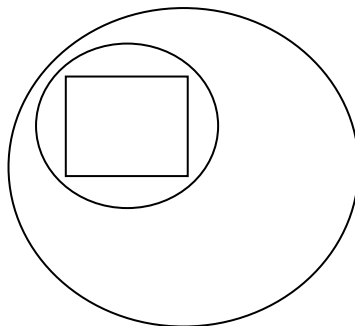


Figura 34 – Estrutura simplificada do DCN

Uma vez apresentado o modelo teórico geral, na seção seguinte vamos tecer algumas considerações a respeito do caráter narrativo presente nessa proposta e depois vamos partir para aplicações práticas desse modelo.

### *5.3 A importância da narrativa dentro dos estudos cognitivos*

Identificado o fenômeno de estruturação narrativa dos textos no âmbito metafórico aliado ao não metafórico, levantamos os seguintes questionamentos: por que os textos se organizam com uma tendência a apresentarem informações de tempo, espaço e personagem, mesmo que, de acordo com os elementos de sua estrutura linguística superficial, eles não se enquadrem na classificação tradicional das narrativas? Por que ocorre que tais textos se organizem especificamente de modo narrativo, e não de acordo com qualquer outro modo?

O estudo da narrativa é tão desenvolvido e importante para a compreensão de vários fenômenos nas diversas áreas do conhecimento humano, que existe uma ciência específica para esse objeto, a Narratologia. Dentro dela, vários pesquisadores desenvolvem estudos que mostram a importância da narrativa para a compreensão de vários aspectos do ser humano. Além disso, vários estudiosos da cognição fazem incursões nos estudos da narrativa, mostrando que a prática da narração é uma atividade que vai além da simples organização da estrutura textual.

Talmy (2000, p. 417-483), por exemplo, apresenta vários aspectos de grande importância considerando a existência de um chamado sistema cognitivo narrativo, uma espécie de faculdade mental para a geração e experimentação da narrativa, não numa abordagem modular da mente, mas integrada com outros componentes mentais.

O autor apresenta três elementos norteadores da narrativa: os domínios (áreas em que se aplicam os próximos elementos), os estratos (*strata* – propriedades estruturais da narrativa) e os parâmetros (princípios organizadores gerais). Os domínios se aplicam a relações estabelecidas entre o texto e o contexto; por seu turno, os estratos dizem respeito à estruturação interna da narrativa, considerando tempo, espaço, ação e outros elementos; e os parâmetros constituem o lugar da emergência de vários elementos, correspondendo a espécies de direcionamentos que são estabelecidos dentro da narrativa, como granularidade, vagueza, implicitação e outros.

Observe-se que, para Talmy, a importância da narrativa vai bem além da identificação dos elementos linguísticos estruturadores da mesma. O autor também chama a atenção para a grande importância que exercem os aspectos culturais e contextuais na estruturação da narrativa e para as questões psicológicas que a envolvem.

De acordo com as ideias de Talmy, a organização dos elementos ligados a tempo, espaço e personagem – como identificamos em nossa análise –, que são os elementos componentes dos estratos, atende a uma propriedade cognitiva humana, baseada em informações de cultura e contexto em que se insere o indivíduo. Antes de atender a uma estruturação dos elementos da superfície linguística, a narração corresponde a uma vicissitude cognitiva do homem, o que nos leva a entender como um procedimento natural da espécie. Isso certamente direciona para a resposta do segundo questionamento que foi feito no primeiro parágrafo desta seção.

Wallace Chafe, outro grande estudioso de narrativas, faz importantes considerações acerca da relação entre esse tipo de texto e o funcionamento da mente humana, partindo do pressuposto de que esta não recria propriamente as coisas que acontecem no mundo ao nosso redor, mas ela cria os seus próprios modelos de mundo. Sob essa ótica, Chafe (1990, p. 79) afirma que, de modos bem variados, “as narrativas oferecem evidência para a natureza da mente”.<sup>143</sup>

Numa abordagem psicológico-cognitiva que de certa forma se coaduna com os pensamentos de Talmy e Chafe, destacamos Bruner (1997). No segundo capítulo dessa obra, o autor trata especificamente da existência, segundo ele, de dois modos de pensamento: um chamado paradigmático ou lógico-científico, bastante bem desenvolvido por várias ciências exatas e que tem por objeto o estabelecimento dos valores de verdade de

---

<sup>143</sup> No original: “narratives provide evidence for the nature of the mind.”

proposições em relação aos fatos do mundo; e um outro modo de pensar, que é o narrativo, que lança mão de critérios totalmente diferentes do primeiro. “A narrativa trata das vicissitudes das intenções humanas”<sup>144</sup>, afirma o autor.

Também afirma Bruner (*op. cit.*, p. 14) que

A aplicação imaginativa do modo narrativo leva, na verdade, a histórias boas, dramas envolventes, relatos históricos críveis (embora não necessariamente “verdadeiros”). Ele trata de ações e intenções humanas ou similares às humanas e das vicissitudes e consequências que marcam seu curso. Ele se esforça para colocar seus milagres atemporais nas circunstâncias da experiência e localizar a experiência no tempo e no espaço.

No nosso entendimento, é isto que justifica a modo de procedimento narrativo que verificamos nos textos do nosso corpus: por ser a narração um procedimento diretamente ligado às ações e intenções humanas ou ações e intenções similares às humanas, nas palavras acima de Bruner, quando o indivíduo depara com a situação de tratar de um tema ligado aos aspectos sociais e culturais humanos (como todos os temas das redações que coletamos), não há como fazê-lo fora do modo de pensar narrativo – ou, pelo menos, é mais adequado fazê-lo dentro do modo narrativo. A recorrência desse modo de pensar já está patente nas pesquisas de Bruner e muitos outros, e a nossa contribuição está sendo dada no sentido de mostrar que esse modo narrativo se manifesta mesmo nos textos que, pelos elementos visíveis na estrutura superficial, não sejam tradicionalmente identificados como narrativos.

O fato de termos relacionado, em nossas análises, as informações sobre tempo, espaço e personagem com uma concepção narrativa do texto encontra em Bruner (1997, p. 41) uma justificativa bastante plausível, embora ele não trate especificamente da categoria “tempo”, mas que pode ser entendida como sendo subsumida nos outros elementos:

A inseparabilidade do personagem, ambiente e ação deve estar profundamente arraigada na natureza do pensamento narrativo. É com dificuldade que podemos conceber cada um deles isoladamente. Existem maneiras diferentes de combinar os três na construção das *dramatis personae* da ficção (ou da vida, em geral). E estas construções não são, de modo algum, arbitrarias. Elas refletem (...) nossas convicções sobre como as pessoas se enquadram na sociedade.

---

<sup>144</sup> Cf. Bruner (1997, p. 17).

A variação da combinação dos elementos que encontramos em nossas análises (personagens metafóricos e não metafóricos, espaços metafóricos e não metafóricos etc.), de certa maneira, também encontra respaldo nessas palavras de Bruner, quando ele afirma que personagem, ambiente e ação, além de não existirem separadamente, possuem diferentes modos de combinação.

É especialmente em Turner (1996) que encontramos as melhores explicações para sustentar a ideia central deste capítulo. Toda a obra desse autor é dedicada a mostrar que a mente humana é literária por natureza, e para isso o autor desenvolve importantes considerações acerca de histórias, parábolas e projeções.

Sobre histórias, que Turner associa diretamente à imaginação narrativa, o autor afirma que

[A imaginação narrativa] é o instrumento fundamental do pensamento. Capacidades de raciocínio dependem dela. Ela é nosso principal meio de olhar para o futuro, de fazer previsões, de planejar e de explicar. É uma capacidade literária indispensável à cognição humana em geral.<sup>145</sup>

Sobre as parábolas, que são projeções de uma história sobre outra, Turner afirma ser também um instrumento fundamental da cognição humana, bem como as próprias projeções de características e informações que realizamos entre diferentes domínios cognitivos, processo básico na criação de metonímias, personificações e outros. Nesse ponto, remetemo-nos aos aspectos já apresentados sobre a teoria dos EM e do fenômeno da MC. O processo da mesclagem apresenta-se, pois, além de um eficiente modelo para descrição da metáfora e outros, como “um processo básico do pensamento”, nas palavras de Turner (1996, p. 11)<sup>146</sup>.

Turner insiste na inseparabilidade da imaginação narrativa com o funcionamento da mente. Logo no prefácio, o autor afirma que

A mente literária não é um tipo separado de mente. Ela é a nossa mente. A mente literária é a mente fundamental. Embora a ciência cognitiva esteja associada a tecnologias mecânicas como robôs e instrumentos de computador que parecem não literários, as questões centrais para a ciência cognitiva são de fato as questões da mente literária.

---

<sup>145</sup> No original: “is the fundamental instrument of thought. Rational capacities depend upon it. It is our chief means of looking into the future, of predicting, of planning, and of explaining. It is a literary capacity indispensable to human cognition generally.” (TURNER, 1996, p. 4-5).

<sup>146</sup> No original: “a basic process of thought”.



A história é um princípio básico da mente. A maior parte da nossa experiência, nosso conhecimento e nosso raciocínio é organizada na forma de histórias.<sup>147</sup>

O fato de associarmos eventos e objetos, através do recurso da metaforização – especificamente a personificação – a personagens que praticam ações dentro do domínio narrativo que identificamos nos textos analisados encontra também em Turner uma explicação bem contundente, em seção do *The literary mind* que discute questões relativas à animação (*animacy*) e à agentividade (*agency*) dos personagens. O autor afirma que “Pequenas histórias que se desenvolvem no espaço envolvem eventos e objetos. Nós reconhecemos alguns desses objetos como personagens animados.”<sup>148</sup>

Em relação a essa propriedade, Turner lança um questionamento de fundamental importância para a compreensão tanto do funcionamento da mente humana quanto da importância e função da narrativa sob a ótica da cognição. O autor questiona: “O mundo não vem rotulado com pequenos signos categoriais que dizem ‘Isto é um personagem.’ Como nós formamos categorias conceituais de personagens?”<sup>149</sup> Frente aos fatos que detectamos no nosso procedimento de análise do corpus selecionado para esta pesquisa, arriscamos uma resposta a essa questão: certamente não existem rótulos para identificação de eventos e objetos como personagens de narrativas, e é justamente por essa ausência de rótulos que tais personagens em potencial emergem como personagens efetivos da narrativa através do recurso da metaforização. Assim como uma das funções da metáfora é facilitar a compreensão de conceitos mais complexos, tornando-os menos complexos (como bem nos mostram Stefanowitsch e outros), emerge também uma outra função dentro do nosso modelo de análise: transformar potenciais personagens (abstratos, mais complexos) em personagens reais (concretos, menos complexos) da narrativa que se afigura no domínio cognitivo.

---

<sup>147</sup> No original: “The literary mind is not a separate kind of mind. It is our mind. The literary mind is the fundamental mind. Although cognitive science is associated with mechanical technologies like robots and computer instruments that seem unliterary, the central issues for cognitive science are in fact the issues of the literary mind. *Story* is a basic principle of mind. Most of our experience, our knowledge, and our thinking is organized as stories.” (TURNER, 1996, p. v). Nessa obra, Turner considera sinônimos os conceitos de “narrativa” e “história”, conforme ele afirma: “o instrumento mental que eu chamo de narrativa ou história é básico para o raciocínio humano.” (No original: “the mental instrument I call narrative or story is basic to human thinking.” (*Ibid.*, p. 7)).

<sup>148</sup> No original: “Small spatial stories involve events and objects. We recognize some of these objects as animate actors.” (*Ibid.*, p. 20).

<sup>149</sup> No original: “The world does not come labeled with little category signs that say ‘This is an actor.’ How do we form conceptual categories of actors?” (*Ibid.*, p. 10).

#### *5.4 Aplicações do modelo*

Nesta parte do trabalho, vamos demonstrar como o modelo do DCN se aplica à análise de textos, tomando alguns exemplares do nosso corpus de pesquisa que já foram apresentados anteriormente, bem como outros textos que eventualmente vamos analisar para comprovação de sua eficácia.

Na subseção que segue, retomaremos uma das redações que já passaram pelo levantamento inicial das construções metafóricas, demonstrando a necessidade de ampliação do modelo da MC para compreensão do fenômeno que estamos tratando. A seguir, aplicaremos o modelo a outras redações do corpus, e finalmente empregaremos o mesmo modelo de análise a exemplares de gêneros textuais diferentes daquele que compõe o nosso corpus, a fim de verificar a aplicabilidade em outros textos escritos em língua portuguesa.

##### *5.4.1 A necessidade de ampliação do modelo da MC*

Para justificar o estabelecimento do nosso modelo de análise como uma extensão do esquema da teoria da MC, vamos tomar um dos textos comentados no capítulo anterior e analisá-lo à luz da teoria de Fauconnier e Turner, para posteriormente darmos sequência utilizando o que postulamos como a teoria dos DCNs.

Para esse trabalho, tomemos a redação número 133 do corpus, transcrita em (17), cujo título é “O mundo sem lei da Internet”. Nesse exemplar, encontram-se informações sobre tempo, espaço e personagens – metafóricos e não metafóricos –, os quais serão tratados primeiramente via MC. Além disso, esse texto encerra uma série de esquemas metafóricos que identificamos como recorrentes no levantamento realizado no quarto capítulo desta tese.

Pois bem, o texto (17) apresenta a possibilidade de ser entendido como uma grande mescla em termos de espaço e personagens. Começamos a descrevê-lo em relação ao espaço, cuja concepção começa a ser feita a partir do próprio título do texto, podendo ser visto sob a forma de compressão de dois espaços de entrada fundamentais: o espaço de entrada 1 representando o mundo físico em que vivemos, e o espaço de entrada 2 representando a área da Informática. Tomando palavras e expressões do texto concebíveis como lugares, podemos vislumbrar a mescla e os espaços de entrada da seguinte maneira:

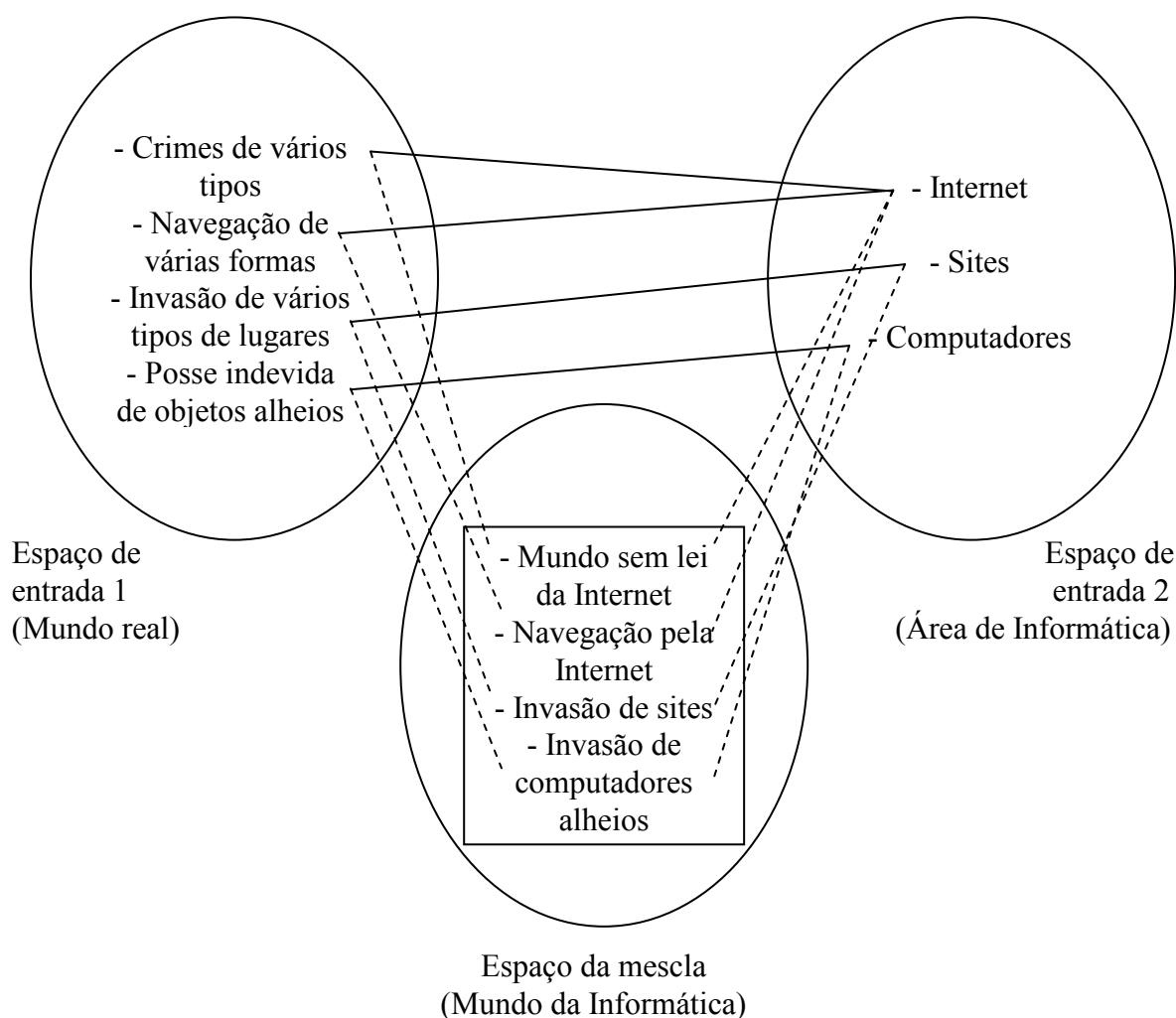


Figura 35 – Representação da MC relacionada às informações de espaço no texto (17)

De acordo com a representação feita no esquema acima, nota-se que os elementos tomados da área de Informática (Internet, sites e computadores) passam a ser concebidos em termos espaciais, uma vez mapeados com elementos e ações que integram o nosso mundo físico real.

A concepção desses elementos como lugares advém, em alguns casos, da projeção dessa informação constante no espaço de entrada 1, especificamente no caso de “navegação” e “invasão”, que supõem esse sentido locativo. Com relação aos outros dois elementos, no entanto, não há, necessariamente, a concepção suposta de lugar, sendo esse sentido emergente no espaço da mescla. Contribui para essa concepção, evidentemente, o fato de que esses elementos integram o mundo real, ou seja, inserem-se num determinado espaço físico.

Vejamos, agora, o entendimento que podemos construir em relação aos personagens do texto, utilizando os mesmos espaços do esquema anterior da MC:

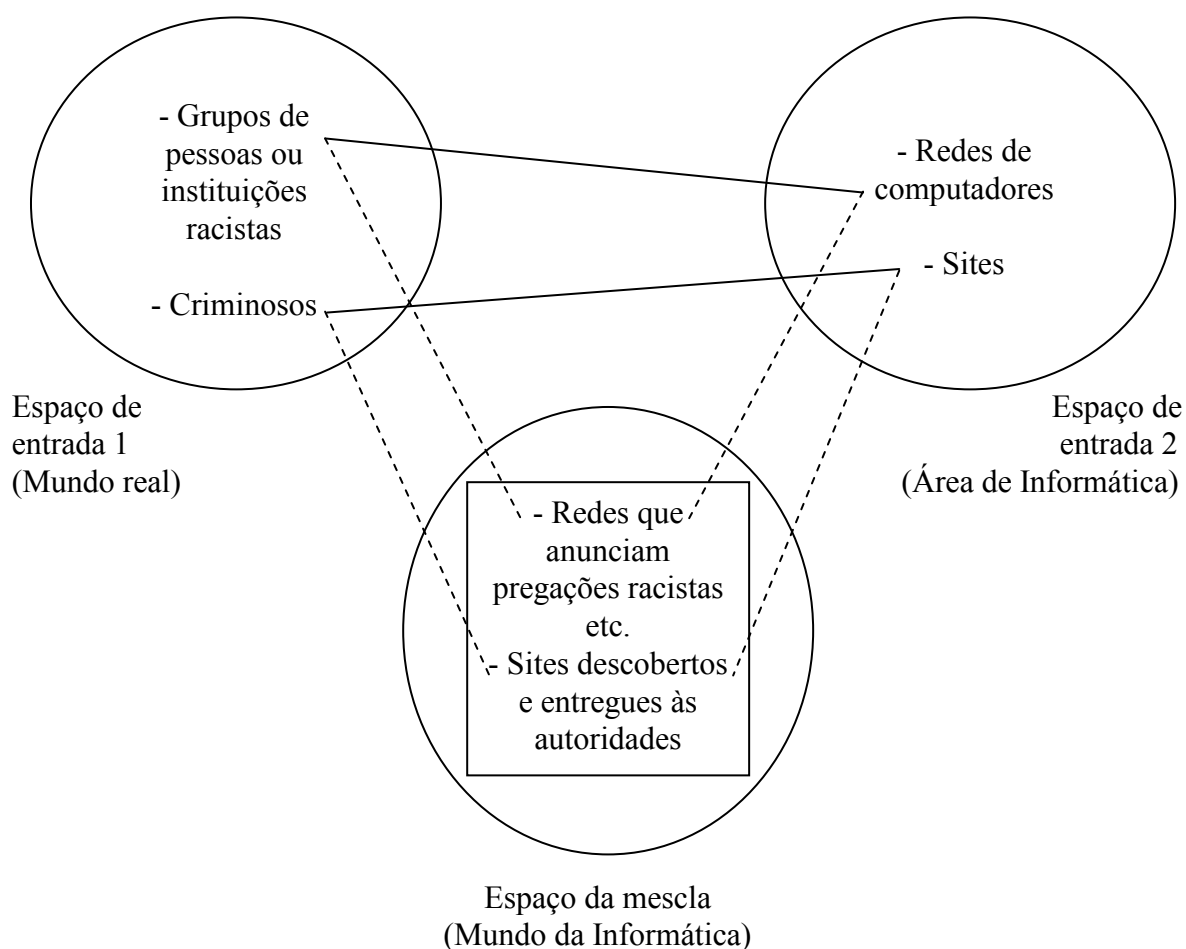


Figura 36 – Representação da MC relacionada às informações de personagens no texto (17), com a área de Informática sendo um dos espaços de entrada

Na figura acima, estão representados os personagens que aparecem sob o processo de metaforização no texto (17) dentro do campo da Informática. Redes de computadores e sites apresentam mapeamentos com pessoas e instituições do mundo real e são projetados para o espaço da mescla, onde se apresentam sob a forma personificada.

O texto apresenta também outras personificações que podem ser vislumbradas dentro do processo de MC, porém com outro tipo de espaço de entrada: o espaço da Justiça. Como foi visto anteriormente, além de os elementos da Justiça serem apresentados sob a forma de objetos, também são personificados, o que pode ser visto na seguinte representação:

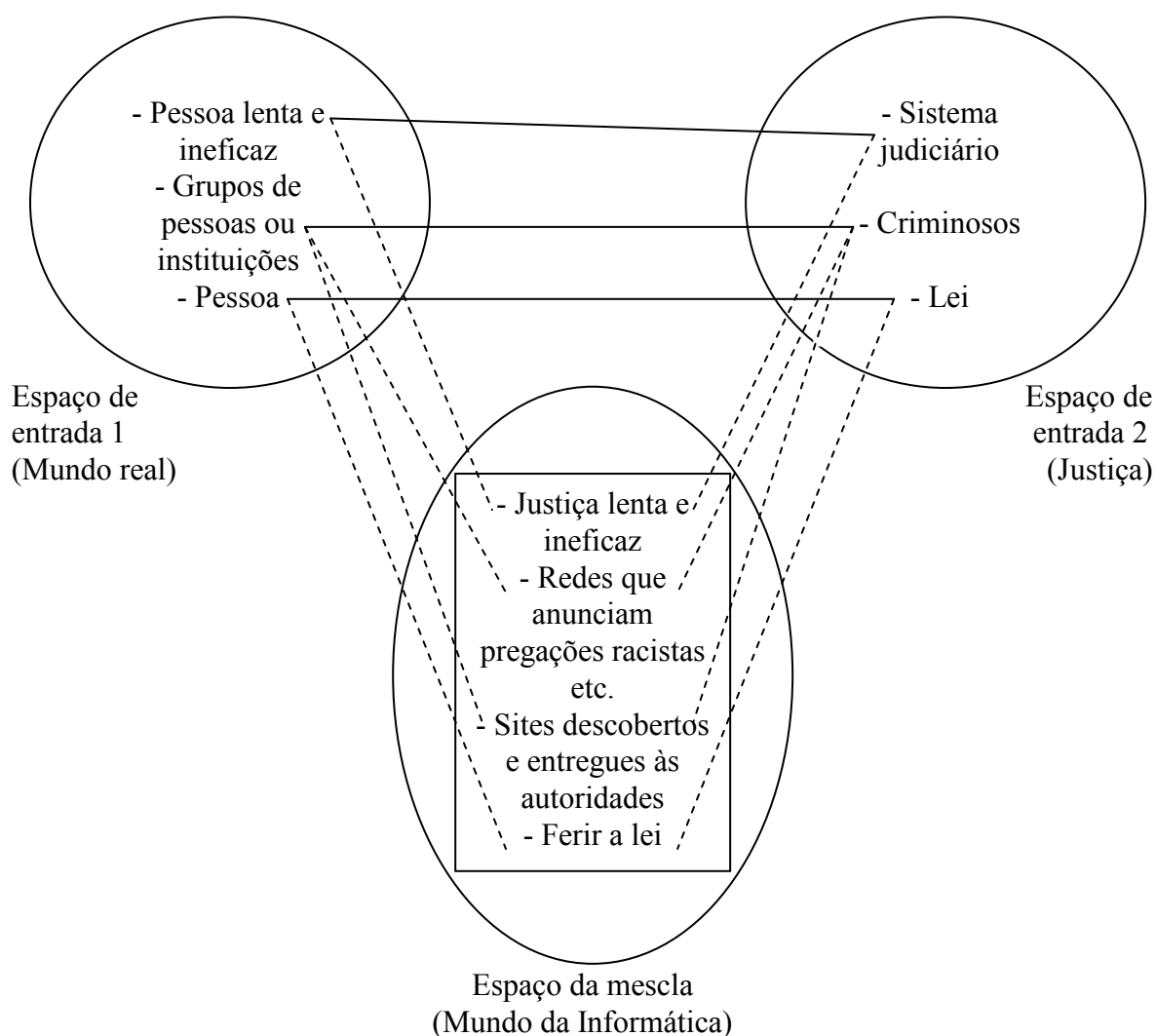


Figura 37 – Representação da MC relacionada às informações de personagens no texto (17), com a Justiça sendo um dos espaços de entrada

Como se observa acima, no espaço da mescla existem elementos apresentados também na Figura 36, quando se tinha a área de Informática como o espaço de entrada 2. Isso significa que “redes que anunciam pregações racistas etc.” e “sites descobertos e entregues às autoridades”, como projeções da área de Informática, são espaços onde acontecem pregações ilegais, alguns dos quais sendo descobertos e entregues às autoridades competentes. E esses mesmos elementos, como projeções do espaço da Justiça, são criminosos correspondentes a pessoas ou instituições, que praticam ações ilegais, sendo alguns descobertos e entregues às autoridades. Ou seja, o texto trabalha com as duas concepções metafóricas, concomitantemente.

Se juntarmos todas as representações feitas nas Figuras 35, 36 e 37, teremos uma visão geral sobre o que é o texto (17) quanto às mesclas que acontecem em relação às

noções de espaço e personagem, tendo como entradas a área da Informática e a Justiça. Vejamos como ficam dispostos esses elementos, apresentando somente o espaço da mescla:

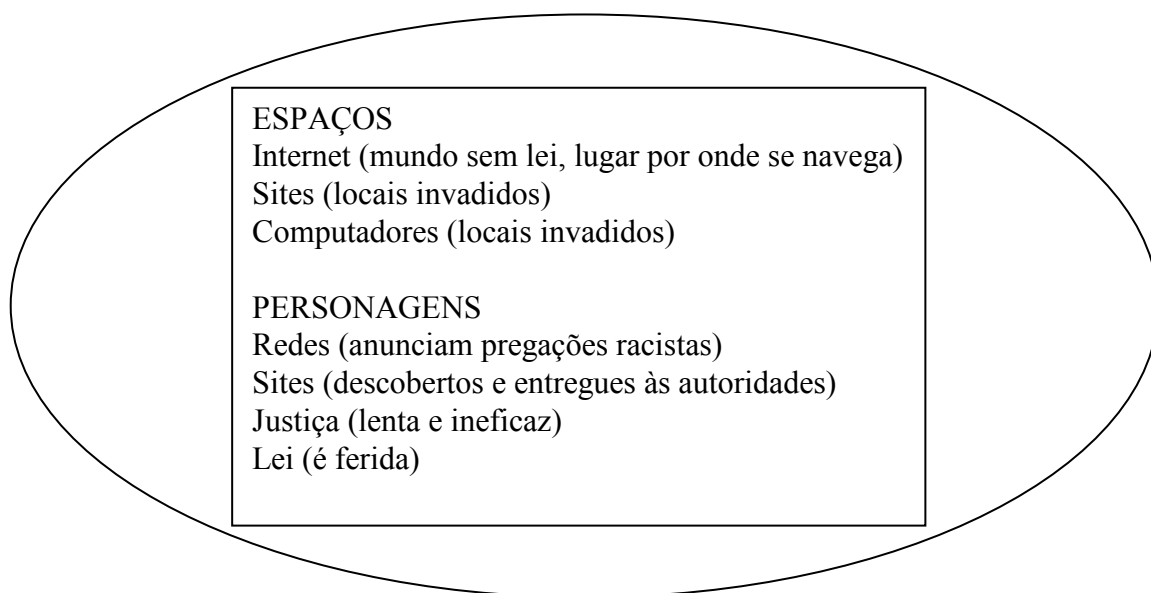


Figura 38 – Espaço da mescla englobando informações de espaço e personagens do texto (17)

Na representação acima temos, portanto, uma síntese do que é o texto (17) em termos do processo de mesclagem básico envolvendo os elementos locativos e os personagens apresentados metaforicamente.

Somente por essa representação, é possível vislumbrarmos uma organização narrativa do texto, haja vista que é viável conceber essa modalidade com a quantidade de informações disponíveis em termos de espaços e personagens. No entanto, ela não é suficiente para retratar toda a realidade narrativa do texto. Existem elementos fora desse esquema que também integram a organização cognitivo-narrativa e, mais do que isso, interagem com os elementos da Figura 38. Vamos elencá-los mostrando a relação estabelecida com os elementos da mescla, destacando-se somente os itens envolvidos diretamente nessa relação:

i) “Nos dias atuais” – Esse construtor de espaço aparece logo no início do texto, de forma não metafórica, relacionando-se com todo o conteúdo textual constituindo-se como um importante elemento – embora não obrigatório – da narrativa, que é a situação temporal dos fatos a serem apresentados.

ii) “Jovens” – Essa categoria é apresentada várias vezes no texto, de forma não metafórica, interagindo com personagens metafóricos e atuando em espaços também metafóricos. Em “seu desejo é (...) fazer justiça com as próprias mãos”, eles são apresentados como agentes de uma ação claramente metafórica. Em “um grupo de jovens decidiu assumir o papel de justiceiros da rede, invadindo sites que contêm pregações racistas, anti-semitas, mensagens homofóbicas ou fotos de pedofilia”, eles são apresentados como personagens atuando num espaço metafórico (sites). Em “O desejo desses jovens é de ajudar a justiça”, eles aparecem como aliados do personagem metafórico justiça. Em “alguns ferem tanto a lei”, os jovens são agentes diretamente relacionados com outro personagem metafórico, a lei, sobre quem praticam a ação de ferir. No último parágrafo do texto, diz-se que “Graças a eles, muitos sites (...) vem sendo descobertos e entregues as autoridades competentes”, ou seja, eles atuam diretamente na captura de personagens metafóricos tidos como fora-da-lei.

iii) “Autoridades” – Apresentadas no último parágrafo do texto, as autoridades surgem como personagens diretamente relacionados com a ação dos jovens (personagens não metafóricos) e com a recepção dos sites (personagens metafóricos), concebidos como criminosos capturados por terem realizado ações ilegais.

Com esses elementos, completamos o quadro narrativo em que se desenvolve o texto (17). “Nos dias atuais” possui uma função diferente de “jovens” e “autoridades”, já que situa todas as ações e elementos metafóricos e não metafóricos no âmbito temporal, enquanto estes dois últimos são personagens investidos de ações específicas dentro do texto.

Nossa proposta de representação do DCN se esboça da maneira como estamos fazendo pelo seguinte: o espaço da mescla, dentro da teoria da MC, é insuficiente para representar todas as relações de cunho narrativo estabelecidas no texto, uma vez que existem elementos e relações no âmbito metafórico, outros no âmbito não metafórico e outros ainda na junção do metafórico e do não metafórico. Nosso modelo de representação do DCN oferece margem para as mais variadas representações possíveis, considerando o espaço da mescla e um outro espaço restante ainda dentro do domínio da narrativa que pode abarcar elementos e relações de natureza cognitiva manifestados através da linguagem verbal. Esse domínio corresponde ao ambiente – em sua acepção mais ampla – no qual transcorre toda a narrativa, cujo limite corresponde às fronteiras de organização cognitiva do texto.

Da maneira como está sendo proposto, o DCN é capaz de englobar metáforas, metonímias e todas as formas de sentido possíveis no nível explícito e implícito da linguagem (no âmbito deste, pressupostos e subentendidos, entre outros), envolvendo quaisquer manifestações do sentido literal e do não literal relacionados ao processamento narrativo do texto.

Ainda em relação ao texto (17), podemos representar o DCN da seguinte forma:

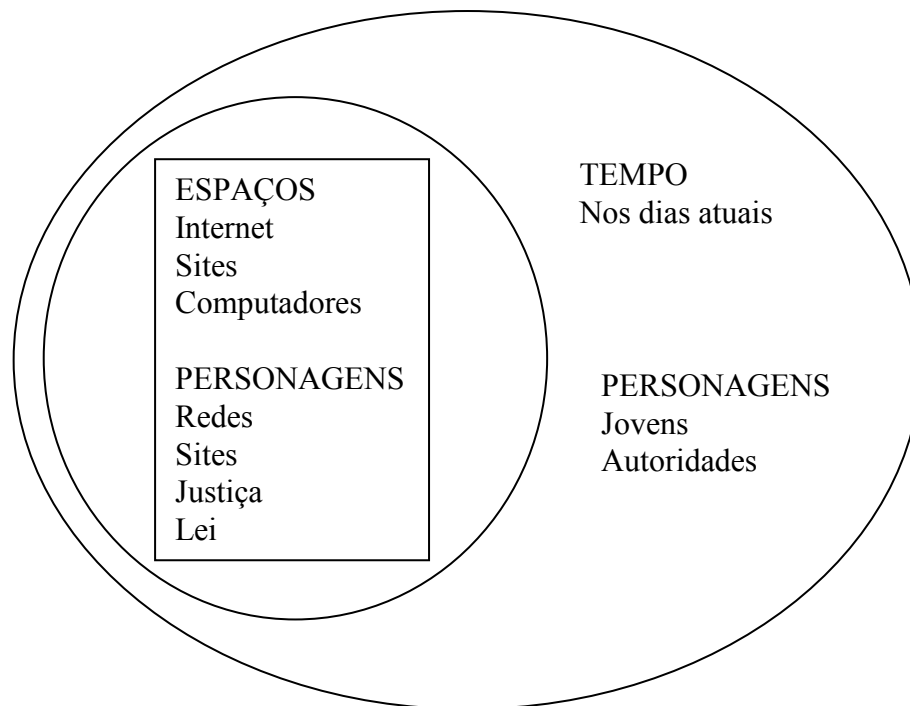


Figura 39 – Representação do DCN do texto (17)

Após essa apresentação mais detalhada acerca da estruturação do DCN, na seção seguinte será realizada uma aplicação desse modelo interpretativo a outros textos do nosso corpus de pesquisa, incluindo redações que já passaram pelo levantamento inicial de construções metafóricas e outras escolhidas aleatoriamente para enriquecer a exposição.

#### 5.4.2 Representações do DCN de outros textos do corpus

Tomaremos outro exemplar do nosso banco de textos para esboçarmos a representação do domínio em que se inserem os elementos da narrativa. A análise será feita



em relação ao texto (25), já apresentado no capítulo anterior, correspondente à redação número 232 do nosso corpus.

Nesse texto, vimos que dois espaços são instaurados metaforicamente: o espaço “bens materiais”, onde se encontra o personagem “felicidade”; e o espaço “pequenas coisas”, no qual se situa o personagem “a verdadeira felicidade”. Trata-se de dois espaços diferenciados, cada um caracterizado à sua maneira dentro do texto, que podem ser representados da seguinte forma, já no esquema do DCN:

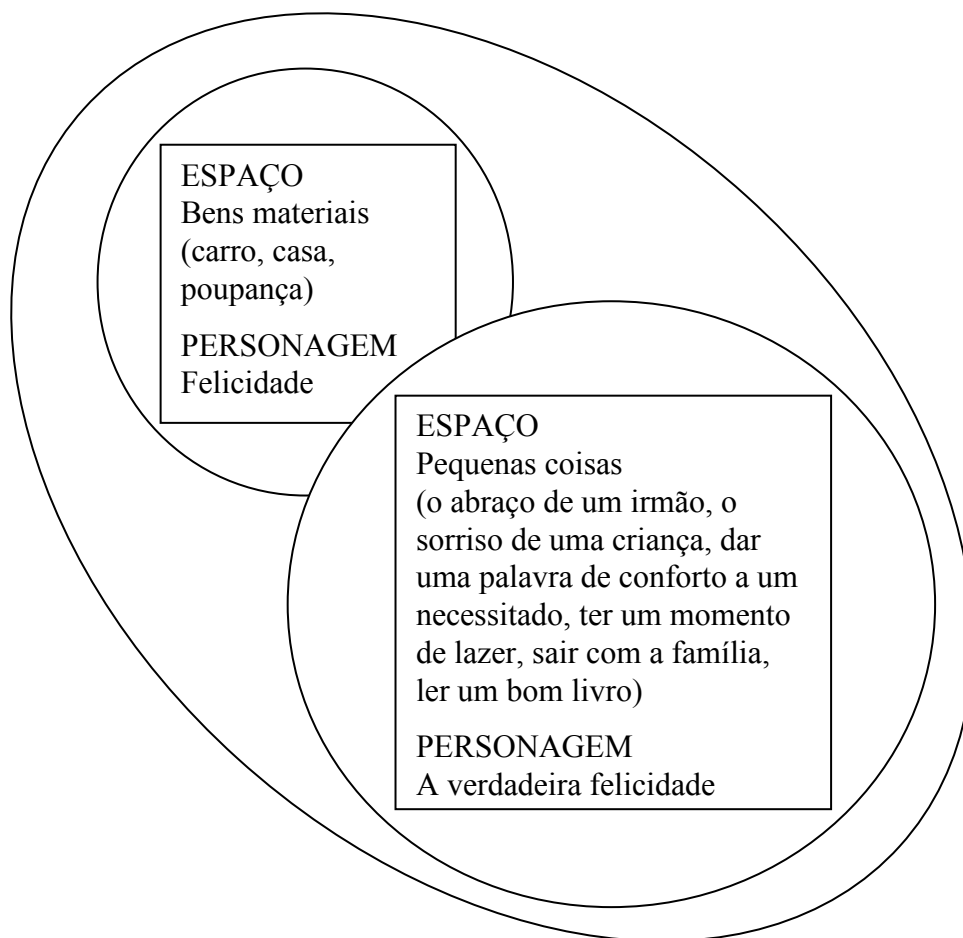


Figura 40 – Representação dos espaços metafóricos e respectivos personagens dentro do DCN do texto (25)

Os dois espaços, com seus correspondentes personagens metafóricos, poderiam ser representados num só espaço-mescla, mas a intenção de representarmos na forma de duas mesclas diferentes é mostrar que o modelo do DCN é flexível e dinâmico, podendo ser aplicado a diferentes estruturas narrativas, prestando-se a representar tantas mesclas quantas houver num determinado texto. Essa seria mais uma vantagem da adoção

desse modelo de análise em relação ao esquema da MC, que normalmente é utilizado para descrever fatos isolados.

Dentro do DCN desse texto, surgem outros personagens, não metafóricos, que se interagem harmonicamente no desenrolar da narrativa. São os seguintes: “você”, “a maioria das pessoas”, “alguns” e “ser humano”. Assim, fecha-se a representação do domínio da seguinte maneira:

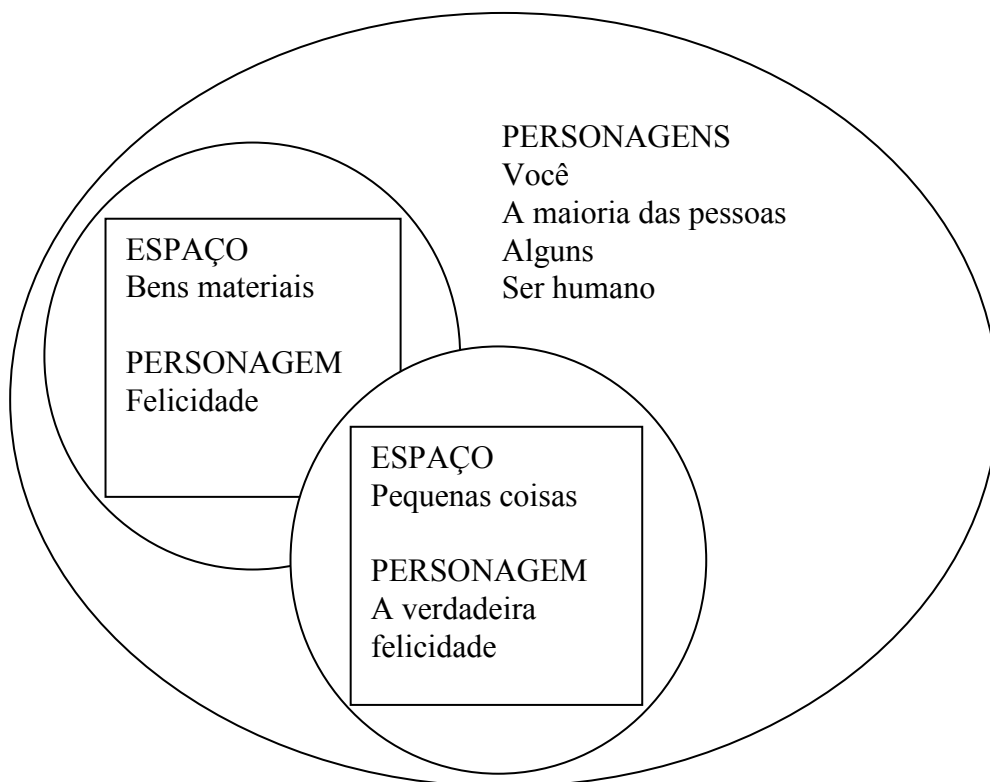


Figura 41 – Representação do DCN do texto (25)

Tomemos outro texto do corpus de pesquisa, entre os que já foram apresentados no capítulo anterior, a fim de complementar a representação em termos de DCN. Escolhemos a redação transcrita em (31), correspondente ao número 499 do nosso banco de textos, cujo tema gira em torno da relação entre o homem e a natureza.

Nesse texto, foi identificado anteriormente que muitos elementos não humanos atuam como personagens humanos: vento, água, terra, que “resolveram se juntar para provocar tanto mal, para destruir tantas vidas”. Ou seja, trata-se de elementos da natureza personificados que atuam paralelamente com outro personagem do texto, o próprio homem. No primeiro parágrafo, outros elementos da natureza também emergem

como personagens metafóricos: enchentes, furacões, ciclones, terremotos, maremotos, entre outros, que se resumem em “situações (...) que abalam e transtornam a vida de muita gente”.

Há outros seres não concretos e não humanos conceitualizados como pessoas e/ou agentes de algum tipo de ação: “os meios de comunicação, como televisão e internet” e “cenas”, que se ligam às “pessoas desesperadas” (personagens não metafóricos) que perderam tudo para “os ventos, para as águas, para a terra”, constituindo-se estes também como personagens metafóricos, integrando os elementos da natureza.

Outro importante elemento narrativo que surge no texto é a apresentação temporal não metafórica realizada pela expressão adverbial “nestes últimos tempos”, no início da redação, instaurando todo o domínio da narrativa que se vai desenvolver.

Enfim, retomamos aqui sucintamente o levantamento que já foi apresentado no capítulo anterior, com o intuito de enquadrar os elementos no esquema do DCN. Há uma gama de personagens relacionados à natureza conceitualizados metaforicamente como pessoas, agindo concomitantemente com o ser humano, que aparece no texto sob a forma não metafórica. De forma bastante genérica, no texto (31) percebe-se o embate entre esses dois personagens, homem e natureza (mesmo que nem todas as metáforas estejam ligadas à natureza propriamente, aparecem relacionadas a ela), cada um num espaço diferente. Podemos representar o DCN do texto da seguinte maneira:

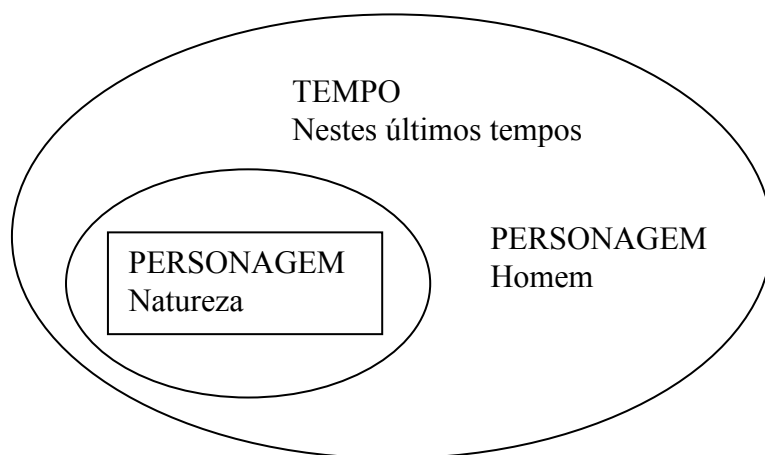


Figura 42 – Representação genérica do DCN do texto (31)

Utilizando uma representação mais detalhada do texto (especialmente em relação ao personagem “natureza” apresentado no espaço da mescla dentro do DCN), teríamos o seguinte:

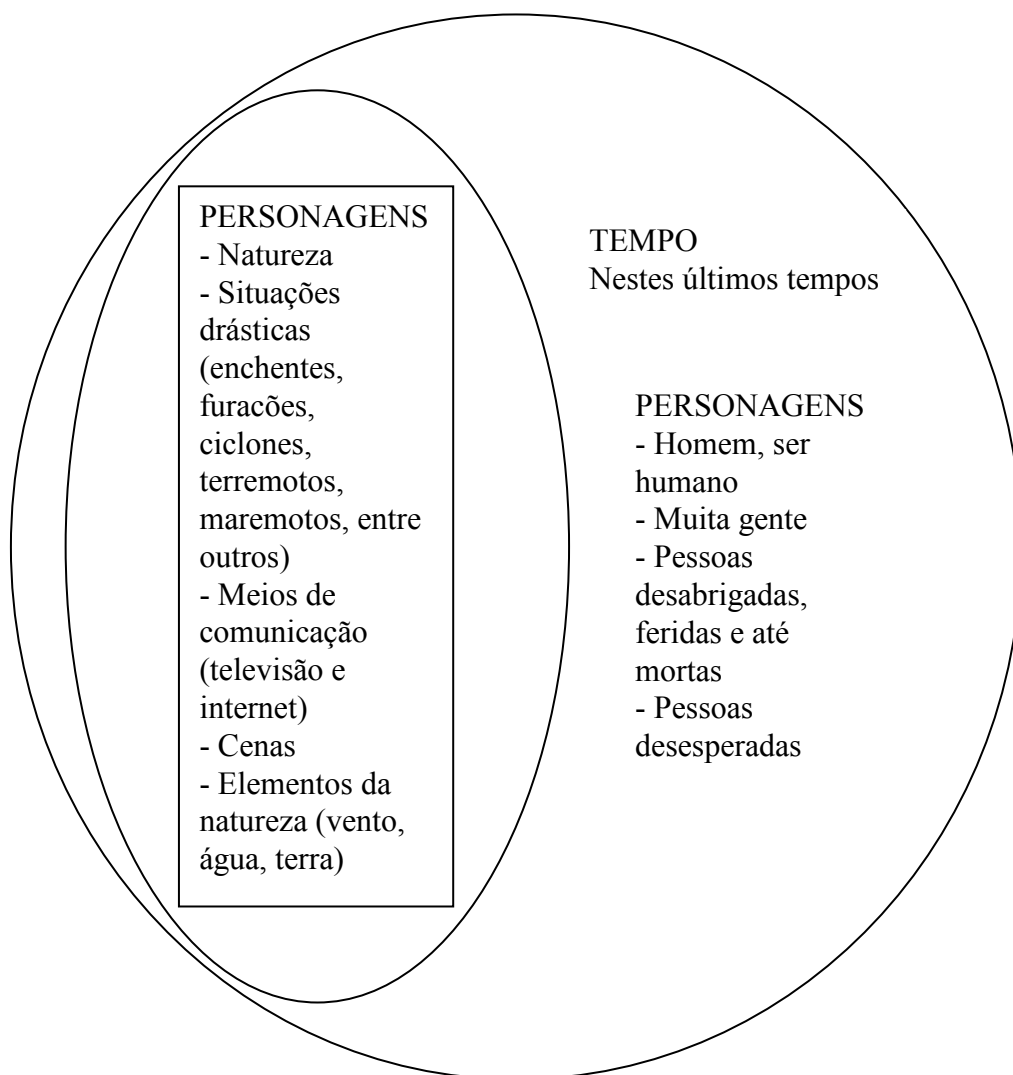


Figura 43 – Representação mais detalhada do DCN do texto (31)

Uma grande vantagem oferecida pelo modelo do DCN é a possibilidade de, além de apresentar os elementos que correspondem às informações sobre espaço, tempo e personagem, apresentar as relações estabelecidas entre esses elementos. Ainda quanto ao texto (31), se quisermos nos centrar na passagem apresentada especificamente no segundo parágrafo da redação, explicitando mais o processo narrativo, podemos fazê-lo da seguinte maneira (veja-se a representação gráfica após a transcrição do parágrafo em questão):

(32) Os meios de comunicação, como televisão e internet têm mostrado cenas tristes de pessoas desesperadas lutando para conseguir o que comer e tentar sobreviver depois de terem perdido tudo para os ventos, para as águas, para a terra.

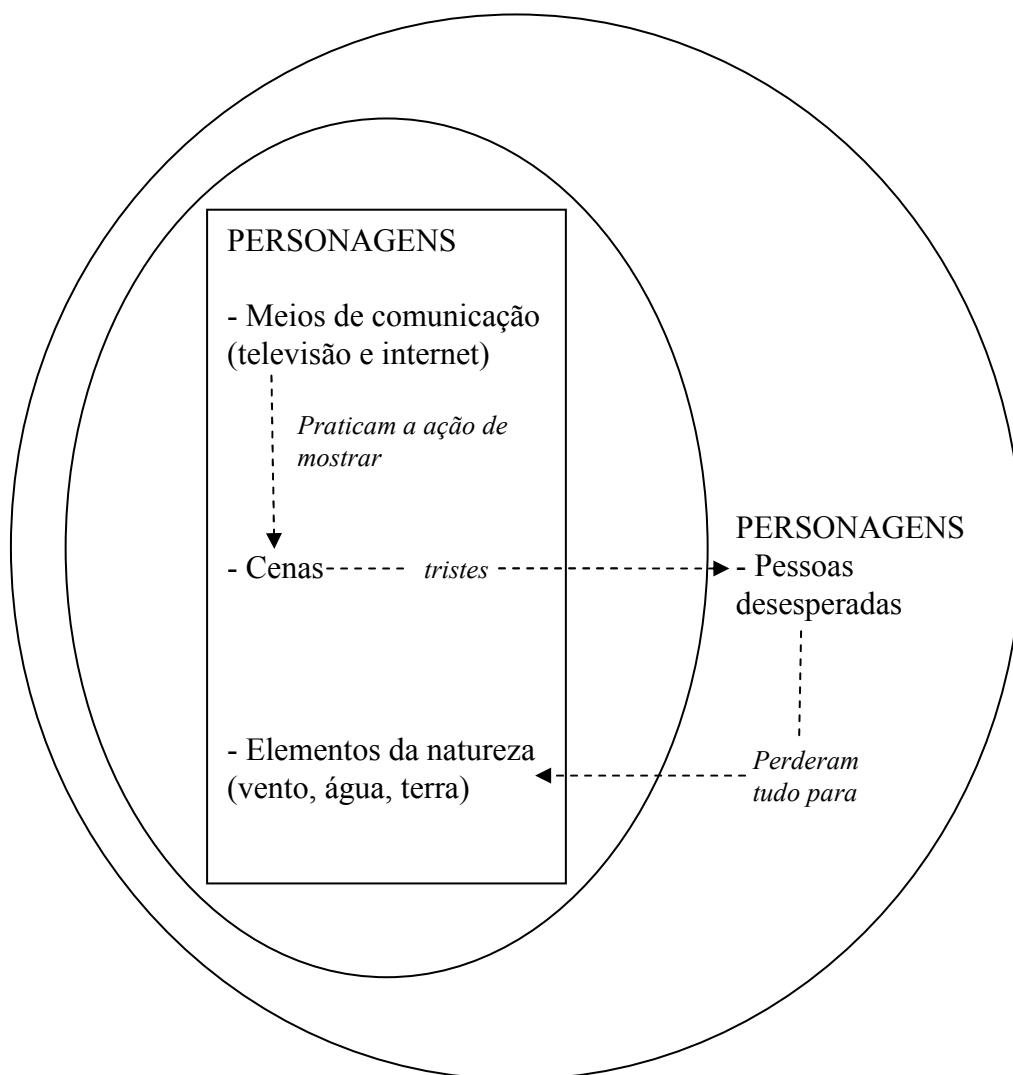


Figura 44 – Representação do DCN do segundo parágrafo do texto (31)

Em outras palavras, através do modelo de representação do DCN ora proposto, somos capazes de reconstituir o processo narrativo, explicitando as relações de sentido estabelecidas entre os elementos, mais do que simplesmente apresentar as informações relacionadas a tempo, espaço e personagem. O esquema da MC também apresenta essa potencialidade, sendo essa uma das razões pelas quais utilizamos a teoria da mesclagem como base para a descrição narrativa da forma como estamos apresentando neste trabalho.

É importante salientar que o procedimento representado na Figura 44 é bastante subjetivo, não apresentando regras formais para reconstituição da narrativa, o que torna a teoria bastante adaptável às várias situações em que ela pode ser aplicada.

Vamos reforçar esse tipo de análise aplicando-o a outro texto do banco de redações que é o alvo desta pesquisa. Desta vez, vamos tomar outro exemplar do corpus, aleatoriamente, que ainda não foi apresentado nem discutido neste trabalho. Tomemos a redação número 187:

(33) Pirataria, uma necessidade.

Como se sobressair dos problemas que atingem hoje a maioria da sociedade brasileira? A miséria está presente em muitas famílias no nosso país, e isso faz com que elas procurem vários tipos de emprego, instantâneos, para que possam ir sobrevivendo. Devido à grande carência do povo brasileiro, a pirataria tornou-se um negócio tão lucrativo, e o único para alguns.

É notável a situação em que vive a maioria do povo brasileiro, salários baixos, endividados devido ao grande consumo, e sem mão de obra qualificada. Tudo isso deixa a própria sociedade numa “saia justa”, e para não entrarem no mundo da criminalidade, as pessoas vêem como solução trabalhar com produtos pirateados. A pirataria é ilegal sim, porém, para alguns é a única base de sobrevivência.

No Brasil a pirataria tornou-se muito comum, e por ser um comércio que tanto cresceu beneficiando os mais pobres, e por ser também de baixo custo, causou abalo no mercado dos produtos originais, que por possuírem um alto custo para compra não são viáveis à comunidade mais pobre.

É certo que em todo o mundo a pirataria é ilegal, um crime. Porém, dentro dos padrões de criminalidade do Brasil, esse é um crime suave, e por uma boa causa. Comparado com outros crimes atuais, a pirataria deve ser classificada como um bem, pois está dando comida e dignidade às famílias brasileiras que necessitam de apoio.

No texto acima, podemos apontar os seguintes elementos componentes da narrativa:

- Tempo (não metafórico): hoje.
- Personagens não metafóricos: a maioria da sociedade brasileira; o povo brasileiro; famílias brasileiras.
- Personagens metafóricos: miséria (ela está presente no espaço metafórico “muitas famílias”); famílias (elas procuram vários tipos de emprego para sua sobrevivência); a sociedade (fica numa “saia justa”); pirataria (está dando comida e dignidade às famílias brasileiras).
- Espaços não metafóricos: no nosso país; Brasil; todo o mundo.
- Espaços metafóricos: muitas famílias (local onde se encontra a “miséria”); mundo da criminalidade (onde as pessoas tentam não entrar); mercado dos produtos originais (sofreu abalo causado pela pirataria); saia justa (onde fica a sociedade).

No texto (33), da mesma maneira como acontece em outros textos, o tempo é marcado não metaforicamente, através do introdutor de espaço “hoje”. Em relação a esse

tempo, personagens e espaços são apresentados, no âmbito da metáfora e da não metáfora, conforme a listagem apresentada acima.

Em relação aos espaços metafóricos estabelecidos no texto, percebe-se que eles se ligam exclusivamente a alguns personagens, não funcionando como locais de ação de vários deles. Por isso, uma representação mais detalhada no modelo do DCN é capaz de representar melhor essa situação.

Os personagens e os espaços não metafóricos aparecem, em alguma proporção, repetidas vezes, através de expressões linguísticas bem similares, podendo ser resumidos no seguinte:

- Personagens não metafóricos: brasileiros.
- Espaços não metafóricos: Brasil; mundo.

Já em relação aos personagens e espaços metafóricos, nota-se uma variedade muito maior, não sendo possível resumi-los, como fizemos com os não metafóricos.

Diante desse quadro, podemos traçar a seguinte representação do DCN do texto transcrito em (33):

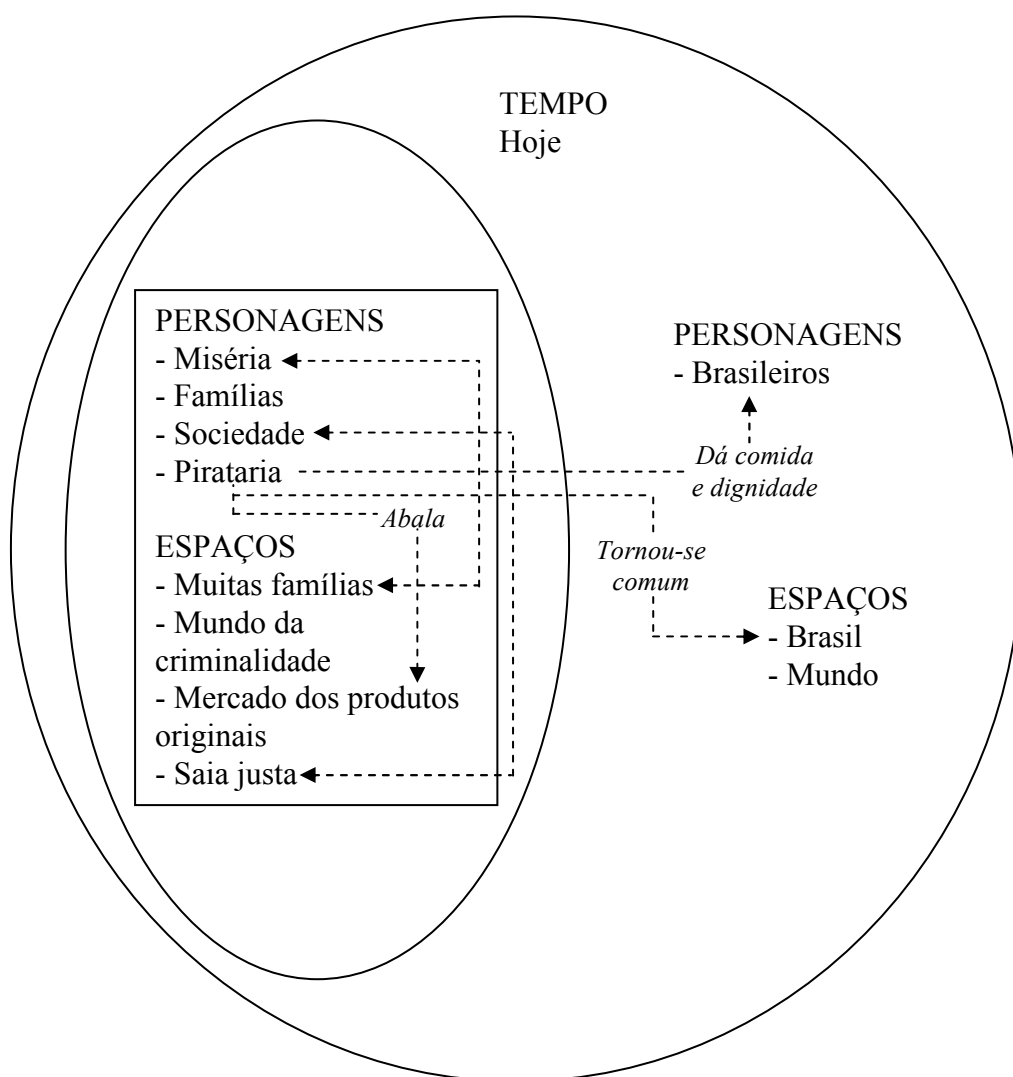


Figura 45 – Representação detalhada do DCN do texto (33)

Nem todas as relações de sentido estão representadas na figura acima; portanto, a narrativa não se esgota com as relações que foram apresentadas. Essa é uma maneira de exemplificarmos como se dão tais relações, envolvendo diferentes elementos metafóricos e não metafóricos, para a constituição narrativa do texto no âmbito de sua representação semântico-cognitiva.

#### 5.4.3 Aplicação em textos diferentes dos que compõem o corpus

O estabelecimento de uma representação do DCN nos moldes como está sendo proposto nesta tese não implica afirmar que todos os textos do corpus se enquadrem exatamente nesse modelo, muito menos que aconteça em relação a qualquer redação de



vestibular. O modelo está sendo proposto como uma tendência a encarar tais produções textuais em termos de narrativas no âmbito semântico-cognitivo, tendência que se confirma a cada exemplar do corpus que vamos tomando para análise, e mesmo nas redações que não foram analisadas, mas que passaram por nossa leitura prévia.

Há que se considerar também que estamos tratando de textos de produção induzida, não espontânea, e esse aspecto pode interferir nas estatísticas. Ou seja, o vislumbre da organização textual em termos de narrativas pode ficar condicionado, em algum grau, ao gênero textual de que se trata, à modalidade discursiva, aos propósitos comunicativos e vários outros fatores. Nossa contribuição é mostrar que o modelo do DCN é uma tendência que se confirma muito claramente no nosso corpus e que certamente se aplica em outros corpora ou outros gêneros textuais, ficando aqui, desde já, lançada a ideia de expansão desse estudo no âmbito do que acabamos de mencionar.

De toda forma, ao tratar dessa teoria, somos impelidos a investigar um pouco além do nosso traçado inicial, verificando se existem outros contextos de aplicação do modelo. Mesmo que isso não signifique que o modelo deve aplicar-se a toda a gama de textos escritos em língua portuguesa ou em qualquer outra língua, por uma questão de convicção teórica outros textos também devem ser investigados, confirmando a possibilidade de que o modelo apresente um grau de aplicabilidade mais amplo do que no corpus de redações.

Nossa hipótese é que o modelo se aplica tão bem em outros tipos textuais como acontece com os exemplares do nosso corpus, pelo menos naqueles textos que apresentam uma certa organização de ideias, uma vez que, conforme desenvolvemos anteriormente, o ato de narrar é uma característica intrínseca do ser humano; portanto, integraria os procedimentos de escrita de uma forma geral a tendência à narrativa, dada a sua importância na organização do pensamento humano.

Para confirmar ou não essa hipótese, selecionamos os seguintes textos para análise de seus constituintes semântico-cognitivos e para apreciação do comportamento da metáfora e seu entrelaçamento com a organização narrativa do texto:

- i) discurso do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de posse de seu primeiro mandato presidencial, proferido no Congresso Nacional Brasileiro em 01/01/2003, escrito por Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria Geral da Presidência;
- ii) editorial da Revista Veja, datado de 27 de janeiro de 2010, da edição número 2.149 dessa publicação;

iii) outros textos e fragmentos de textos, sobre os quais teceremos alguns comentários, sem operar uma análise linguística específica como nos anteriores. A saber, serão: um texto técnico-didático, uma bula de remédio e uma receita culinária.

Nesse pequeno apanhado de textos, acreditamos na possibilidade de confirmar a existência, na maioria deles, de uma malha narrativa que envolve a composição textual em termos da organização cognitiva que subjaz ao processo de elaboração dos mesmos.

#### *5.4.3.1 Análise textual de exemplar do discurso político*

Tendo em vista a ampla repercussão mundial da cerimônia de posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que ocorreu no dia 01/01/2003, escolhemos o seu discurso de posse para tentar representá-lo nos moldes do DCN.

Outro elemento motivador para essa escolha é a tão afamada característica metafórica das falas do Presidente Lula, que a imprensa especialmente alguns anos atrás insistiu em divulgar enfaticamente. Para uma pesquisa que tem como o cerne de sua atenção a metáfora, achamos pertinente tecer breves comentários sobre essa questão, sem sair, obviamente, dos nossos rumos de análise linguístico-cognitiva.

A fama dos discursos eivados de metáforas do Presidente rendeu até a publicação de um livro pelo diretor de jornalismo Ali Kamel<sup>150</sup>, em que o autor acompanha e organiza as falas de Lula em boa parte de sua trajetória na Presidência da República. Segundo Kamel, uma das razões para a boa performance comunicativa do Presidente é o uso de metáforas<sup>151</sup>, mas evidentemente tanto o autor quanto a mídia de uma forma geral centram a atenção no conceito de metáfora nos moldes da Estilística, que a trata como elemento de adorno da comunicação verbal, conforme já discutimos anteriormente.

As metáforas estilísticas de Lula rendem também muitas críticas negativas, por parte dos adeptos da ideia de que se trata de uma banalização da linguagem, ao que Possenti (2009) rebate dizendo que

as falas de Lula são genericamente classificadas como metáforas. (...) Claro, deve haver muitas (o linguista Roman Jakobson mostrou que

---

<sup>150</sup> Cf. Kamel (2009).

<sup>151</sup> Cf. reportagem transcrita do Jornal Gazeta do Povo, de Curitiba, datada de 06/09/2009. Disponível em: <<http://www.ediouro.com.br/frog/upload/gazetadopovo.pdf>>. Acesso em: 04 maio 2010.

metáfora e metonímia são as leis básicas da língua), mas o que se classifica aqui de metáfora quase sempre foi outra coisa.

Talvez se devesse começar por um esboço de classificação das falas de Lula. Simplificando muito: há pequenas "parábolas", gafes, quebras de etiqueta (ou sinceridade inusitada) e passagens que podem lembrar metáforas, mas são mais propriamente comparações (...). E, sim, eventuais metáforas.

Afora as questões estilísticas envolvidas nesse assunto, a veracidade ou não sobre a intermitência de ocorrências metafóricas nas falas do Presidente Lula não interferem na nossa investigação, principalmente pelo fato de que no nosso foco de trabalho estão as metáforas conceituais, o processamento cognitivo da linguagem, e não o nível superficial em que se encontram as famosas formações metafóricas tão perseguidas pela mídia.

Assim, continuando a nossa abordagem, vamos tratar do texto selecionado realizando um levantamento de alguns elementos de interesse para os estudos cognitivos, conduzindo para a tentativa de representá-lo dentro do modelo da MC e do DCN. O discurso em questão corresponde ao Anexo A.

#### *5.4.3.1.1 Levantamento inicial de metáforas, metonímias e outros recursos*

Logo no primeiro parágrafo do texto do discurso político que está sendo analisado, deparamos com a apresentação de alguns elementos metafóricos, especialmente na forma de personagens: “a sociedade brasileira” (responsável por emitir uma “grande mensagem” e pela decisão de “trilhar novos caminhos”), “esperança” e “medo” (“A esperança finalmente venceu o medo”). É apresentado também um construtor de espaço mental, a expressão adverbial “nas eleições de outubro”, que de certa forma é responsável por instaurar o tempo-espaço em que tudo acontece – além da informação temporal relativa ao mês de outubro, a forma de introduzir essa expressão por meio da preposição “em” alude também ao espaço metafórico das eleições, lugar onde a sociedade brasileira manifestou a grande mensagem.

Além desses elementos, já no primeiro parágrafo do texto, é utilizada também uma expressão que se enquadra no esquema origem-caminho-destino, de Lakoff (1987), quando o autor insere um personagem metafórico no enunciado “a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos”.

O segundo e o terceiro parágrafos são construídos em função da sociedade brasileira como um personagem investido de agentividade e volição. Nesses parágrafos, vários elementos são apresentados metaforicamente como lugares, concepção que se realiza através da expressão “diante de”: “Diante das ameaças à soberania nacional”, “da precariedade avassaladora da segurança pública”, “do desrespeito aos mais velhos” etc. Trata-se de pequenos espaços que se instauram nesses parágrafos diante dos quais “a sociedade brasileira escolheu mudar e começou (...) a promover a mudança necessária”.

No quarto parágrafo, o elemento metafórico “a sociedade brasileira” muda para “o povo brasileiro”, que pratica a ação de eleger o Presidente da República. O referente é o mesmo, e destacamos aqui a presença da metonímia, já que se emprega o todo (sociedade, povo) pela parte (cidadão, indivíduo).

No quinto parágrafo do discurso, acontece um fenômeno bastante relevante em termos semântico-cognitivos: a construção metonímica, que até então fazia referência aos atos de decidir os rumos, trilhar novos caminhos, promover a mudança etc., nesse ponto do texto é desfeita, passando-se a referir à parte desse conjunto (“todo cidadão e cidadã do meu País”), a fim de que o autor reitere a cada um “o significado de cada palavra dita na campanha”. Em outras palavras, enquanto o elemento representativo do todo é apresentado como agente, a parte é vista como a receptora da ação – tanto é que ela surge na forma de um objeto indireto de “reiterar”. Ou seja, percebe-se que, dentro de uma mesma construção metonímica, os elementos podem se investir de diferentes funções dentro do texto. Esquemáticamente:

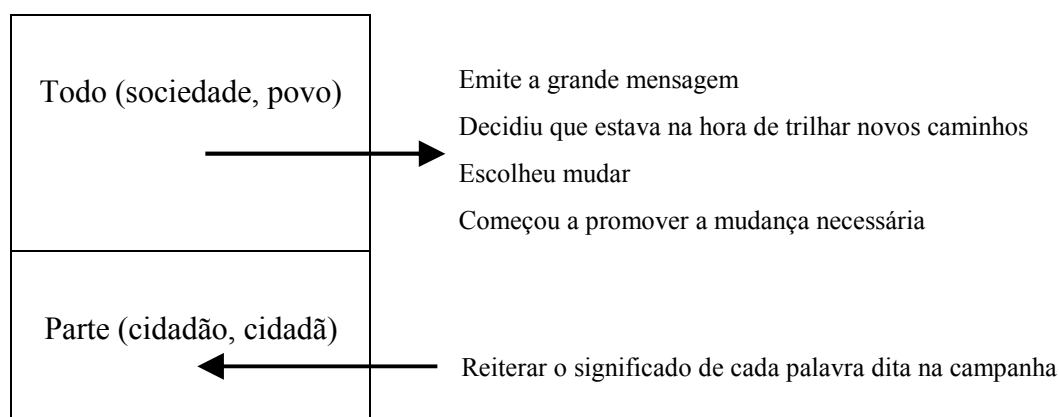


Figura 46 – Representação das funções diferenciadas dos elementos de construção metonímica do discurso político

Entre os possíveis efeitos de sentido decorrentes dessa quebra da metonímia com diferenciação de funções dentro do texto está o fato de que o autor enfatiza a força que todo o conjunto possui para praticar as ações mencionadas e, ao mesmo tempo, retribui a realização dessas ações – favoráveis ao autor – a cada indivíduo, separadamente, e não a todo o bloco de maneira vaga e indefinida.

O fenômeno da compressão envolvendo construção linguística é bastante visível também nesse quinto parágrafo, nos mesmos moldes apresentados por Fauconnier e Turner (2000), quando o autor fala sobre “transformar o Brasil naquela nação com a qual a gente sempre sonhou”. Nesse caso, comprime-se a imagem do Brasil com a de uma nação sempre sonhada, sendo essa compressão relacionada diretamente com a metáfora, uma vez que tal nação se apresenta como “soberana, digna, consciente da própria importância no cenário internacional” e “capaz de abrigar, acolher e tratar com justiça todos os seus filhos”. Nesse caso, a nação é conceitualizada como personagem e também como um espaço.

No sétimo parágrafo do texto, encontra-se mais uma vez uma construção linguística que manifesta o esquema origem-caminho-destino, de maneira mais especializada, já que o Brasil é metaforizado como uma embarcação: “Não podemos deixá-lo seguir à deriva, ao sabor dos ventos”. Trata-se basicamente do mesmo elemento que no início do texto também se inseria nesse esquema metafórico, a “sociedade brasileira”. Surge também, nesse mesmo parágrafo, uma construção que reforça a metáfora orientacional de Lakoff e Johnson (1980): PARA CIMA É BOM, PARA BAIXO É RUIM. Trata-se do enunciado “todos possam andar de cabeça erguida”.

No parágrafo seguinte, é empregado novamente o esquema origem-caminho-destino, mas, desta vez, não voltado para algum elemento metafórico, e sim direcionado a “nós”, conjunto de pessoas no qual se inclui o autor: “teremos que pisar na estrada com os olhos abertos e caminhar com os passos pensados, precisos e sólidos”. Temos nesse trecho também uma série de conceitualizações relacionadas a “olhos” e “passos”, vigorando, entre elas, o esquema ABSTRATO É CONCRETO. A ideia da temporalidade é expressa também de forma metafórica: “ninguém pode colher os frutos antes de plantar as árvores”.

No nono parágrafo, reforça-se o esquema origem-caminho-destino, através do enunciado “uma longa caminhada começa pelos primeiros passos”.

Por tratar-se de um texto de extensão bem maior que as redações de vestibular analisadas, é possível identificarmos partes organizacionais diferentes no decorrer do mesmo. Por exemplo, a partir do décimo parágrafo, nota-se uma mudança em termos de organização por meio de esquemas conceituais e metáforas. O autor faz várias remissões a lugares, mas desta vez não metafóricos, como as referências a regiões e estados da Federação: Amazônia, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Vale do Paraíba etc. Já não aparecem mais, com tanta ênfase, os personagens metafóricos apresentados nos parágrafos anteriores nem expressões reveladoras do esquema origem-caminho-destino. O uso de palavra metafórica que se destaca nessa porção do texto se encontra no décimo terceiro parágrafo. Trata-se de “Brasil”, conceitualizado como um ser concreto e animado, nos seguintes enunciados: “O Brasil conheceu a riqueza dos engenhos e das plantações de cana-de-açúcar”, “[o Brasil] não venceu a fome”, “[o Brasil] proclamou a independência nacional”, “[o Brasil] aboliu a escravidão”, “[o Brasil] conheceu a riqueza das jazidas de ouro (...) e da produção de café”, “[o Brasil] industrializou-se e forjou um notável e diversificado parque produtivo”. Passa por esse mesmo tipo de conceitualização o elemento “campos do Brasil”, apresentado como um ser vivo, animado, nas seguintes frases do décimo nono parágrafo: “para que os campos do Brasil produzam mais e tragam mais alimentos para a mesa de todos nós, tragam trigo, tragam soja, tragam farinha, tragam frutos, tragam o nosso feijão com arroz”.

No parágrafo seguinte, há uma interação de personagens no âmbito da metáfora e da não metáfora: apresenta-se o “homem do campo”, no desejo do autor de que ele recupere sua dignidade, e a ele se relaciona a metáfora “cada movimento de sua enxada ou do seu trator irá contribuir para o bem-estar dos brasileiros do campo e da cidade”. Em outros termos, o elemento abstrato “movimento” é reificado e até personificado através da metáfora.

A metáfora do Brasil como um ser vivente volta a ser empregada no vigésimo terceiro parágrafo, utilizando o hiperônimo “país”: “é absolutamente necessário que o país volte a crescer, gerando empregos e distribuindo renda”.

No parágrafo seguinte, há uma conceitualização espacial, em que o “mercado de trabalho” é visto como um lugar de inserção de indivíduos apresentados não metaforicamente: “jovens, que hoje encontram tremenda dificuldade em se inserir no mercado de trabalho”. Fica patente, mais uma vez, a importância da interação da metáfora

e da não metáfora para a apresentação de ideias do texto no âmbito da teoria que estamos postulando.

Nota-se um aspecto importante na organização desse discurso político: quando se vai operar uma mudança na exposição do conteúdo, delimitando partes específicas do texto, tal mudança é assinalada de forma veemente pelo tipo de metaforização empregado. Percebe-se um novo turno de ideias a partir do parágrafo de número 26, e nesse mesmo parágrafo já uma série de metáforas diferentes são empregadas: volta-se ao esquema origem-caminho-destino (“Para avançar nessa direção”); surge outro elemento imaterial (“inflação”) apresentado metaforicamente como um ser vivo, reforçando o padrão de Lakoff e Johnson (1980) (“travar combate implacável à inflação”); uma informação espacial é também apresentada metaforicamente (“nos solos internacionais do comércio globalizado”).

Independentemente dessas partes nas quais o texto se organiza, pelo próprio teor do discurso político em pauta, os elementos “Brasil”, “país” e similares aparecem inúmeras vezes, algumas correspondendo a metáforas e outras não. Por essa razão, não vamos citá-los mais neste levantamento que estamos operando, voltando a enquadrá-los posteriormente no nosso modelo do DCN.

O “mar aberto do desenvolvimento econômico e social” é o lugar metafórico apresentado ao final do parágrafo 27, onde o autor do texto deseja que o país navegue.

No parágrafo 30, ao falar sobre a união de indivíduos e entidades, o autor apresenta a irmandade de homens, mulheres, velhos e jovens, mas apresenta também a união entre elementos envolvendo metonímia e não metonímia: “O empresariado, os partidos políticos, as Forças Armadas e os trabalhadores estão unidos”.

No parágrafo 31, a metáfora exerce um papel muito importante. Através dela, caracterizações próprias de indivíduos são imputadas para as ações desses mesmos indivíduos, numa espécie de adjetivação indireta. Ocorre com os elementos “adesão” e “energia”: “contamos também com a adesão entusiasmada de milhões de brasileiros e brasileiras”, “uma poderosa energia solidária que a nossa campanha despertou” e “energia ético-política extraordinária”. Em meio a essa conceitualização surge também a metáfora da personificação do elemento “campanha”, no segundo trecho transcrito acima.

Da mesma forma como ocorre com o elemento “inflação” personificado no parágrafo 26, no trigésimo terceiro parágrafo são apresentados outros elementos com os

quais é empreendida metaforicamente uma batalha: “corrupção” e “cultura da impunidade”.

No parágrafo seguinte, mais elementos abstratos são personificados, cuja ação se dá sobre o elemento “população”: “a corrupção, a sonegação e o desperdício continuam privando a população de recursos que são seus”.

No parágrafo 39, surge mais uma vez a metáfora do desenvolvimento como uma caminhada, envolvendo o “nós”, e não propriamente um elemento metafórico: “O ponto principal do modelo para o qual queremos caminhar é a ampliação da poupança interna e da nossa capacidade própria de investimento”.

Construções metafóricas e metonímicas com características já comentadas anteriormente são empregadas no parágrafo seguinte, no enunciado “A riqueza que conta é aquela gerada por nossas próprias mãos, produzida por nossas máquinas, pela nossa inteligência e pelo nosso suor”.

Nos parágrafos subsequentes, o autor expõe perspectivas envolvendo as relações internacionais com as quais o Brasil há de estabelecer. Além da metáfora do país como um ser concreto e animado, após fazer menção à Alca, Mercosul, União Europeia e Organização Mundial do Comércio (não metafórica propriamente), fala-se da “construção de uma América do Sul politicamente estável, próspera e unida” (parágrafo 50). Nesse ponto do texto, nota-se que a metaforização de espaços geográficos abrange porções maiores que regiões e países (principalmente o Brasil), atingindo o continente todo. No parágrafo seguinte, dando sequência a esse raciocínio, ao fazer referência ao Mercosul, afirma metaforicamente o Presidente Lula que “esse projeto repousa em alicerces econômico-comerciais que precisam ser urgentemente reparados e reforçados”. Reitera-se aí a metáfora da construção da América do Sul utilizada no parágrafo anterior, além da personificação do “projeto”, que é apresentado em estado de repouso. Outra metáfora marcante nessa parte do texto é a empregada no enunciado “para que possa florescer uma verdadeira identidade do Mercosul e da América do Sul” (parágrafo 53).

Até o parágrafo 62, outras construções metafóricas e metonímicas aparecem, sob a temática das relações internacionais. No parágrafo 63, o autor volta-se para as questões internas do país, e aí novos esquemas metafóricos são esquadrihados, a começar por “temos uma mensagem a dar ao mundo”. Nesse enunciado, é visível o emprego da metáfora do tubo (REDDY, 1979), uma vez que um conteúdo comunicativo (mensagem) é



apresentado como que passando de um ponto ao outro de um conduto que interliga emissor e receptor.

Uma série de pequenas metáforas se apresenta no parágrafo 64: “a deterioração dos laços sociais no Brasil nas últimas duas décadas decorrentes de políticas econômicas que não favoreceram o crescimento trouxe uma nuvem ameaçadora ao padrão tolerante da cultura nacional”. Além de os “laços sociais” serem concretizados, a “deterioração” dos mesmos é personificada por praticar a ação de trazer algo – no caso, “uma nuvem ameaçadora”, que metaforiza uma situação indesejável à cultura nacional.

Outros elementos são concretizados metaforicamente no sexagésimo quinto parágrafo: “Crimes hediondos, massacres e linchamentos crisparam o país e fizeram do cotidiano (...) uma experiência próxima da guerra”.

Desse ponto do texto até o final, abundam as construções metafóricas de personificação do Brasil. Fala-se também a respeito da posse do novo Presidente da República como “um novo capítulo na história da Brasil” (parágrafo 72) e também como o dia do “reencontro do Brasil consigo mesmo” (parágrafo 74).

Outra característica textual que marca o desfecho do texto é o emprego da primeira pessoa do singular nos parágrafos 70, 75 e 76, não estando relacionado diretamente com metáforas.

#### *5.4.3.1.2 Enquadramento do texto no modelo do DCN*

O levantamento apresentado na seção anterior revela algumas construções metafóricas e mesmo algumas não metafóricas que já foram direcionando para o construto do DCN desse discurso político. Tomando uma pequena porção do texto e mesmo o discurso por completo, somos capazes de esboçar as relações estabelecidas entre o metafórico e o não metafórico nos moldes de uma grande narrativa cognitiva. Esse texto encerra partes que se enquadram basicamente em quase todos os tipos textuais apresentados na seção 4.2, não sendo somente narrativo. Porém, levando-se em conta os esquemas cognitivos utilizados, somos, sim, levados a compreendê-lo como uma narrativa por excelência.

O que difere entre a representação de pequenas partes do texto e a representação do texto completo utilizando o esquema do DCN é a quantidade de elementos e informações dentro dos espaços que compõem o modelo. De qualquer

maneira, a contribuição maior da teoria não é propriamente a sua forma de representação escrita, mas a ciência da existência desse tipo de domínio em textos de diferentes tipos e gêneros no nível de sua organização cognitiva.

Todavia, para o fim de exemplificação de aplicação do modelo, tomemos algumas partes do texto, procurando representar alguns elementos e as relações estabelecidas entre eles.

Começemos por representar a narrativa que se desenvolve no primeiro parágrafo. Vimos que vários elementos são apresentados de forma personificada, além de ter sido feita a situação dos fatos no âmbito do espaço e do tempo. Assim, temos a seguinte representação:

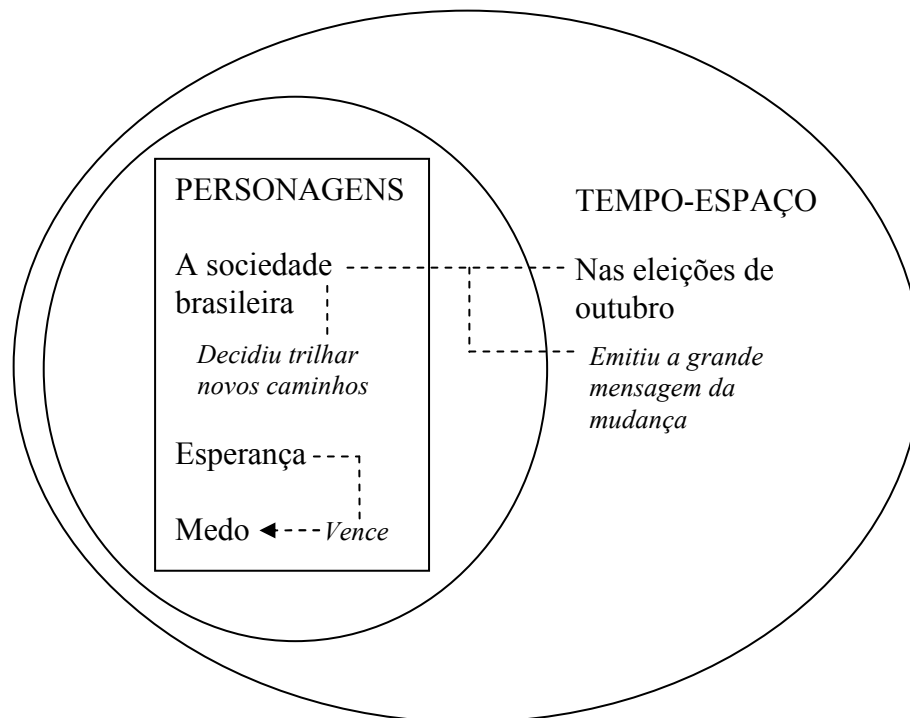


Figura 47 – Representação do DCN do primeiro parágrafo do discurso político

Observe-se que optamos por alocar “Decidiu (que estava na hora de) trilhar novos caminhos”, praticada pelo personagem metafórico “a sociedade brasileira” no domínio da mescla pelo fato de se tratar também de uma ação metafórica (“trilhar novos caminhos”). No nosso modelo, essa não é uma forma de representação obrigatória, mas constitui mais uma potencialidade representativa do nosso diagrama. Não fizemos o mesmo a respeito de “Emitiu a grande mensagem da mudança” pelo fato de ter sido

apresentado pelo texto apenas o enunciado “Mudança: (...) esta foi a grande mensagem”. Existem nesse parágrafo as metáforas criadas com a forma verbal “é” (“esta é a palavra chave”) e com a forma verbal “foi” (“foi a grande mensagem”), mas essas conceitualizações não estão representadas na figura acima.

A metonímia presente em grande parte do texto, através da qual se vislumbra a sociedade brasileira como um todo representando cada cidadão e cidadã do país pode ser inserida também no modelo do DCN, sendo que cada elemento se enquadra numa parte diferente do esquema: o todo é metafórico, e a parte é não metafórica. Essa relação metonímica, que culmina no quinto parágrafo do texto, pode ser representada da seguinte maneira:

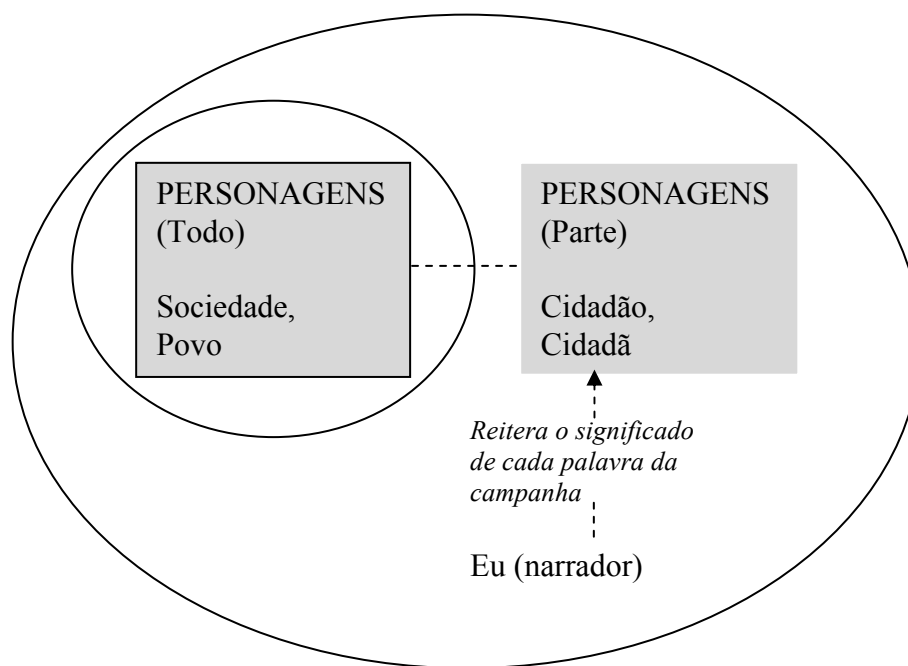


Figura 48 – Representação de relação metonímica no discurso político no esquema do DCN

As partes sombreadas no esquema acima evidenciam os termos constituintes da relação metonímica descrita, que, no caso, por envolver também uma relação metafórica do elemento que representa o todo, remete-nos à existência de uma metaftonímia, nos termos de Goossens (2002) e outros autores.

Outro aspecto importante dentro desse modelo é a possibilidade de interação do narrador, na forma de um personagem não metafórico do texto, com outros

personagens. No caso acima, o narrador (“eu”) pratica a ação de reiterar o significado de cada palavra do seu discurso para cada cidadão e cidadã brasileiros.

Enfim, se tomarmos partes específicas do discurso político, nota-se a possibilidade de representação das informações especialmente relacionadas a personagens e espaços através do modelo do DCN, como mostram os casos acima, cuja sistemática não varia muito em relação aos demais casos.

Uma vez que identificamos diferentes esquemas metafóricos de acordo com as partes organizacionais do texto, tentemos sintetizar cada uma dessas partes a fim de chegar a uma representação do texto todo dentro do nosso modelo analítico. Basicamente, vimos que o discurso, de acordo com a predominância de alguns grupos de metáforas, pode ser dividido da seguinte maneira:

- i) Primeira parte – parágrafos 1 a 9 – esquema metafórico predominante com os elementos “Brasil”, “sociedade”, “povo” sendo apresentados como personagens metafóricos investidos de volição e ações concretas, relacionados metonimicamente com “cidadão”, “cidadã” como elementos não metafóricos sendo alvos de ações. Predomina também a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM (esquema origem-caminho-destino) especialmente voltada para os elementos que representam o “todo” da relação metonímica mencionada, já que a “vida”, nesse esquema, diz respeito à vida em sociedade, à vida política.
- ii) Segunda parte – parágrafos 10 a 25 – predominam as conceitualizações do Brasil como um personagem praticante de várias ações, o qual interage com vários outros, bem como elementos relacionados ao país (inclusive abstratos) sendo também personificados. Há muitas referências a lugares, a maioria dos quais não metafóricos.
- iii) Terceira parte – parágrafos 26 a 44 – volta-se à imagem metafórica das viagens, além de serem apresentados muitos elementos abstratos como concretos, implementando-se também a metáfora da guerra, do combate a esses elementos. Fala-se de muitas instituições sociais e aspectos culturais do próprio país, misturando-se elementos metonímicos, metafóricos e não metafóricos.
- iv) Quarta parte – parágrafos 45 a 68 – as conceitualizações sobre o Brasil voltam-se agora para as relações internacionais. Nessa parte, metaforizam-se projetos e relações internacionais, e até mesmo os próprios países com os quais o personagem “Brasil” mantém contato.
- v) Quinta parte – parágrafos 69 a 77 – volta-se a tratar especificamente sobre o Brasil, através de várias construções metafóricas, inserindo-se o narrador no próprio texto, com a

utilização da primeira pessoa do singular. O discurso nessa parte é bastante laudatório, até o desfecho do texto.

Inserindo os elementos dessa síntese no modelo de representação do DCN, temos o seguinte:

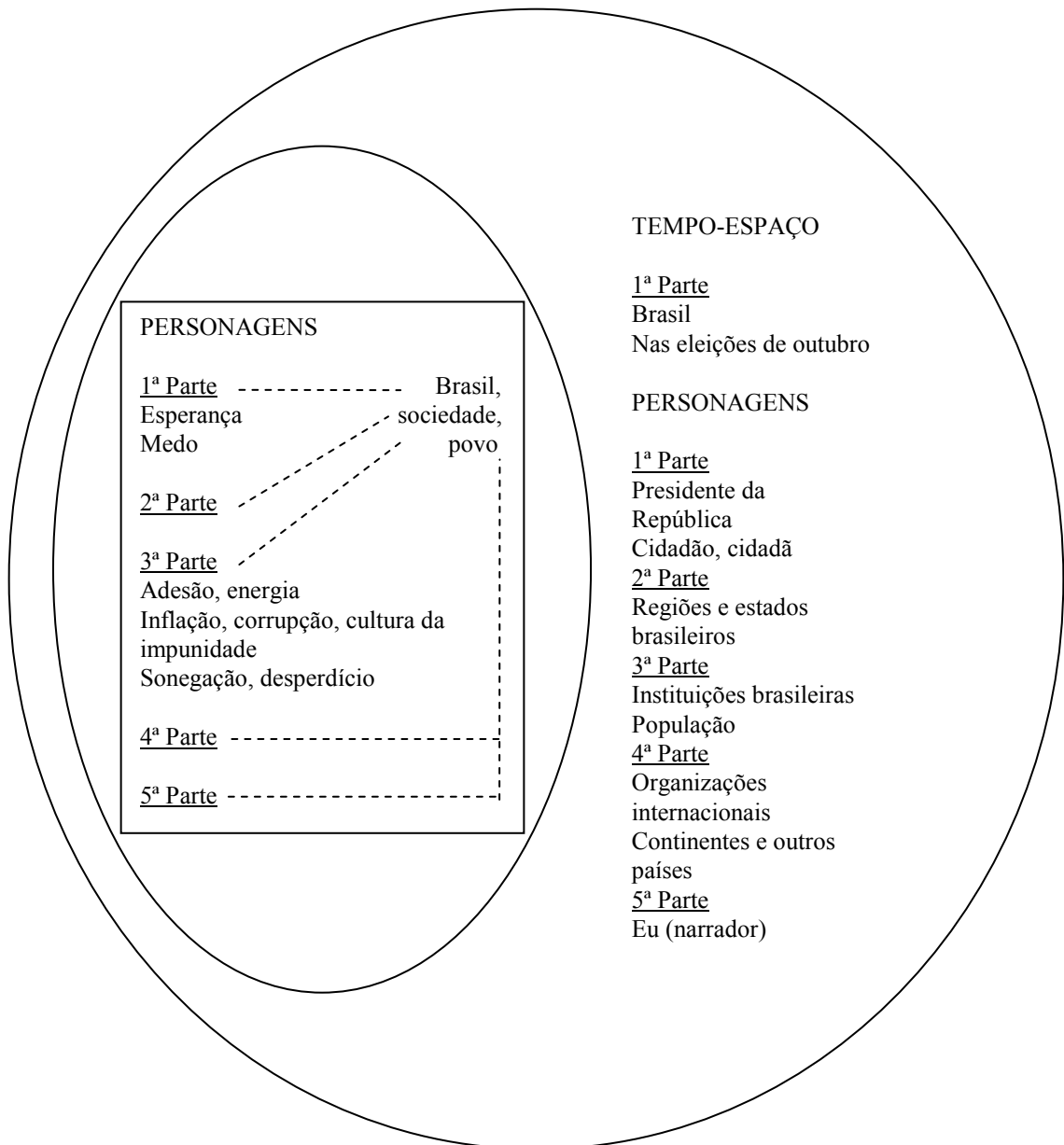


Figura 49 – Representação geral do DCN do discurso político

Na representação acima ficam subsumidos, evidentemente, uma série de outros elementos, repetidos e novos, que se encontram presentes no texto, bem como as relações estabelecidas entre os elementos da mesma parte do texto e entre as partes. Com a

ausência de tais nessa representação geral, através dela é possível termos uma visão mais ampla do discurso político que analisamos em termos de domínio da narrativa.

Passemos, agora, para a análise de outro gênero textual, sempre na tentativa de representação do texto nos moldes da teoria e da representação do DCN.

#### 5.4.3.2 *Análise textual de exemplar de editorial*

Como texto representante de outro gênero da escrita em língua portuguesa, escolhemos um editorial da Revista Veja, publicação de ampla repercussão e distribuição no país. Trata-se do texto do Anexo B, de publicação recente, sobre o qual vamos nos deter agora.

Em comparação com o texto do Anexo A, o editorial é bem menor, aproximando-se mais da estrutura típica das redações de vestibular analisadas – evidentemente apresentando características próprias, em termos de nível vocabular, organização da linguagem e maior inserção nos fatos da realidade, além de eventual passagem metalinguística, que é bastante encontrada nesse gênero.

O editorial como gênero textual “está inserido no domínio discursivo jornalístico, mais especificamente no jornalismo opinativo”, conforme destaca Figueiredo (2008, p. 47)<sup>152</sup>. Trata-se de um tipo de produção textual que não leva a assinatura do autor, refletindo, em grande parte, a ideologia do meio de comunicação escrita onde ele é veiculado.

O exemplar que analisaremos trata mais especificamente sobre o trágico terremoto que assolou o Haiti no mês de janeiro de 2010. Com base nesse acontecimento, o autor tece uma série de comentários a respeito do comportamento humano em geral.

##### 5.4.3.2.1 *Levantamento inicial de metáforas, metonímias e outros recursos*

No início do texto, várias construções linguísticas são utilizadas na forma de metonímias, fazendo-se referência a ações praticadas por grupos de indivíduos, no lugar dos indivíduos propriamente, ou mesmo sobre a situação em que tais grupos se encontram. São estas: “uma população vivendo quase em *estado natural*”, “Gangues armadas

---

<sup>152</sup> A esse respeito, cf. também Marcuschi (2005).

saqueiam, roubam, estupram e matam” e “Grupos de haitianos desabrigados pelo terremoto se entrelaçam nas calçadas”.

Neste último enunciado da sequência, vislumbra-se também a personificação de “terremoto”, como o agente responsável por desabrigar grupos de haitianos. Outras construções metafóricas personificando fenômenos da natureza são utilizadas no primeiro parágrafo, uma das quais repetidamente para “terremoto”: “um país que, antes de ser arrasado pelo terremoto” e “A catástrofe natural fez emergir no Haiti o que há de pior na espécie humana”.

O autor emprega também, no primeiro parágrafo, algumas construções metafóricas aproveitando-se do campo semântico explorado nessa temática do editorial: “É um quadro aterrador mesmo para um país que, antes de ser arrasado pelo terremoto, há duas semanas, já era um dos mais abalados pelo banditismo e pela miséria.”<sup>153</sup> O adjetivo “aterrador”, que qualifica “quadro”, remete ao conceito de “terra”; e “abalados” que qualifica “países”, remete à ideia de “abalo” – são duas metáforas ligadas diretamente ao tema do abalo sísmico sofrido pelo Haiti. A forma participial “arrasado”, presente nesse fragmento, pode também ser considerada metafórica, embora o seu uso já esteja mais entrincheirado na nossa língua, considerando-se a sua origem a partir de “raso”. Com isso, remete-nos também à metáfora orientacional de Lakoff e Johnson, PARA BAIXO É RUIM, já que a imagem evocada por “raso” nos remete à visão de proximidade do chão.

No trecho transcrito acima, identifica-se também a personificação dos elementos “banditismo” e “miséria”, os quais praticam a ação de abalar o país.

Em relação à metáfora orientacional, encontramos também, ao final do primeiro parágrafo, outra expressão que se enquadra nesse esquema: “A catástrofe natural fez emergir no Haiti o que há de pior na espécie humana”. Apesar de a forma verbal “emergir” significar “ir para cima, ir à tona”, o seu sentido no texto não é positivo, como poderia atestar o esquema PARA CIMA É BOM. Apesar do sentido “para cima” manifestado pelo verbo, ele faz referência a algo que se encontra abaixo, metaforicamente no subterrâneo do país, que seria, no caso, o aspecto ruim da espécie humana.

Outra construção metafórica que surge nesse parágrafo é “tapetes humanos”, fazendo-se referência aos montes de pessoas amontoadas nas calçadas, numa espécie de coisificação (como tapetes), destituídas de suas características humanas. E encontramos

---

<sup>153</sup> Grifos nossos.

também o elemento “vida humana” caracterizado como “solitária, miserável, sórdida, brutal e curta”, aproveitando-se o autor das palavras do escritor Thomas Hobbes.

No segundo parágrafo desse editorial, logo no início, continua vigorando a conceitualização do “terremoto” como um ser vivo e praticante de ações. Nesse caso, ele pratica uma ação também metafórica, a de fazer “brotar a solidariedade” – ou seja, a solidariedade é metaforizada como uma planta ou uma flor, imagem bastante recorrente em vários outros textos e contextos.

Também as “ofertas de ajuda” são metaforizadas, concebidas como seres que viajam, através da expressão “partiram (...) de todas as partes do planeta”.

Ainda no segundo parágrafo, várias instituições, grupos de profissionais e países são mencionados, mas não necessariamente na forma de metáforas.

Se a solidariedade, nesse parágrafo, foi concebida como uma planta ou flor, no início do terceiro parágrafo emerge a imagem da solidariedade como outro elemento natural: “a onda sem precedentes de solidariedade”. Essa nova metaforização vem acrescentar conteúdo à outra metáfora: enquanto planta, ela brota do chão que sofrera o abalo sísmico; já como onda, ela se movimenta e vai ganhando proporções maiores. Ou seja, o jogo metafórico vai acompanhando as ideias do autor do texto, já que ele fala das proporções internacionais que o sentimento de solidariedade alcançara.

Nessa mesma parte do texto, o “desastre haitiano” é personificado, uma vez que é ele que promove “a onda sem precedentes de solidariedade”.

Termina-se o texto fazendo-se referência a “outros países” que são vítimas de “catástrofes naturais”, dando sequência a tudo que foi falado a respeito do Haiti.

#### *5.4.3.2.2 Enquadramento do texto no modelo do DCN*

Alguns dos elementos mencionados na seção acima se constituem como claros elementos organizadores de uma narrativa, capazes de mostrar como o texto se compõe nesses moldes.

Tais elementos são os seguintes:

- i) Espaço não metafórico: Haiti.
- ii) Personagens no âmbito metafórico-metonímico:
  - População, gangues, grupos de haitianos – resumiremos utilizando “população”;
  - Terremoto, catástrofe natural, desastre haitiano – resumidos por “terremoto”;



- Banditismo;
- Miséria;
- Solidariedade;
- Ofertas de ajuda.

iii) Personagens no âmbito não metafórico:

- Haiti;
- Outros países.

Ressalte-se, mais uma vez, que não estão sendo levantados exatamente todos os elementos metafóricos e não metafóricos; trata-se de listar os elementos de maior destaque no texto capazes de oferecer a visão de que o mesmo se constitui como uma grande narrativa em termos cognitivos.

Podemos fazer a seguinte representação dos elementos da narrativa dentro do nosso modelo proposto do DCN:

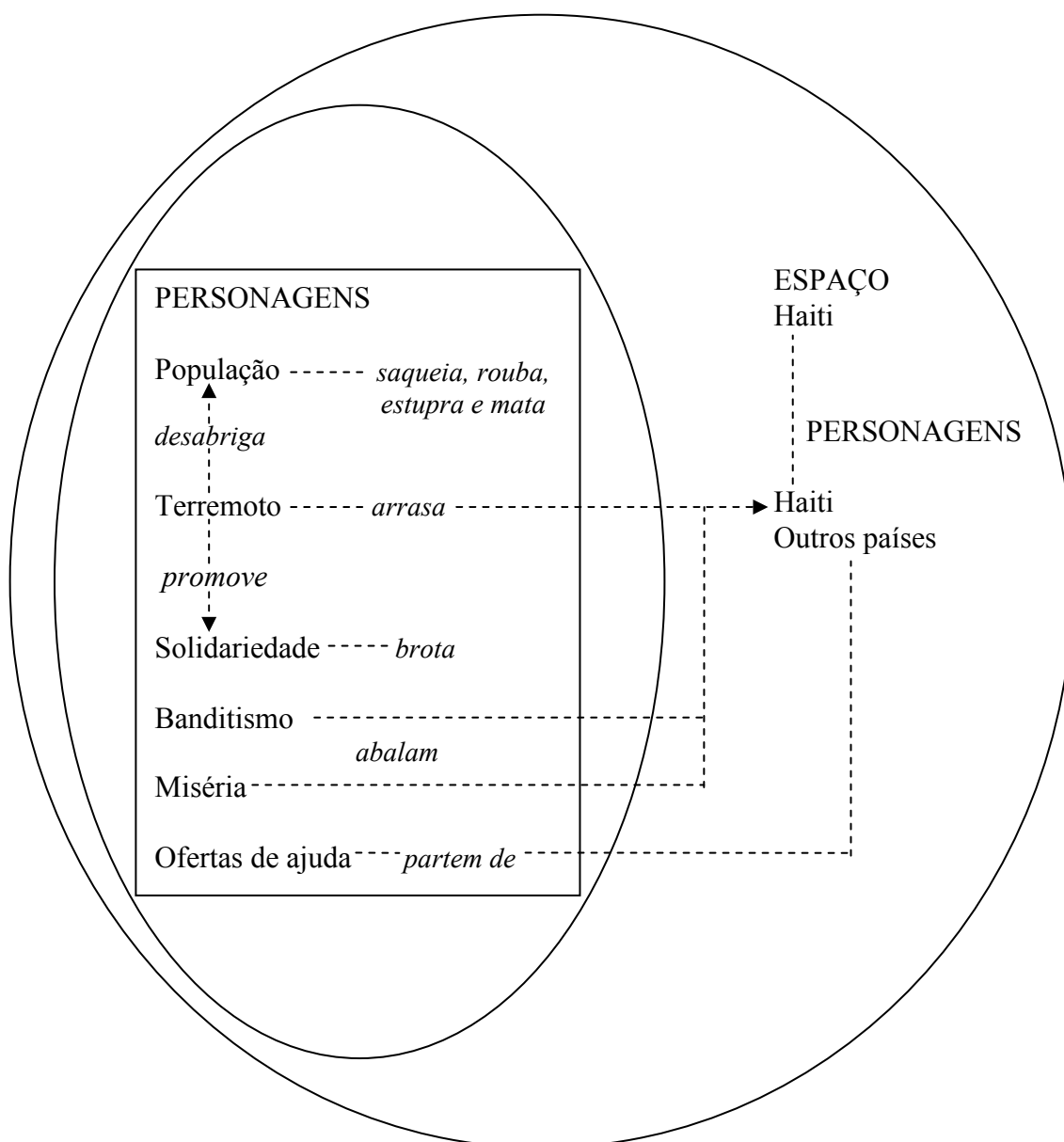


Figura 50 – Representação do DCN do editorial

Note-se que estabelecemos uma ligação entre o espaço “Haiti” e o personagem “Haiti”. A razão é que, de fato, esse elemento é concebido tanto em termos geográficos como um personagem que interage com outros personagens do texto, metafóricos e não metafóricos.

Da mesma forma que nas análises anteriores, ressaltamos que não estão representados todos os elementos que compõem o texto, restringindo-nos àqueles principais capazes de revelar a tessitura do editorial como uma grande narrativa.

#### *5.4.4 Algumas considerações a respeito da aplicabilidade do modelo em outros gêneros textuais*

Uma vez desenvolvida a aplicação do modelo do DCN em textos diferentes do nosso corpus, cumpre esclarecer alguns aspectos a respeito da possibilidade de aplicação desse mesmo modelo de análise em outros gêneros textuais diferentes de discursos políticos e editoriais, além das redações de vestibular, evidentemente.

Ao tomarmos um exemplar do discurso político e um editorial para tentarmos entendê-los de forma atrelada à narração, foi feita uma seleção aleatória e que atendeu à nossa suposição inicial. Outros textos de outros gêneros também atendem, certamente, ao modelo de narrativas, sendo possível identificar neles elementos associados a tempo, espaço e personagem – metafóricos e não metafóricos – possíveis de serem enquadrados no modelo do DCN. Bem genericamente, citamos aqui textos didáticos, históricos, religiosos, humorísticos, bem como sermões, cartas, romances, etc. Textos de alguns outros gêneros podem não se enquadrar nesse modelo, dada a sua estrutura na forma de tópicos ou a sua extensão pequena, a exemplo de receitas, bulas de remédio, horóscopo, lista de compras, outdoor etc. Mas, claro, pode haver casos dentro desses grupos que, ainda que minimamente, enquadrem-se no modelo.

De uma forma geral, o que percebemos é que, diante de textos estruturados na forma de frases nominais agrupadas em blocos ou parágrafos, a exemplo das redações, discursos políticos e editoriais, o modelo se aplica muito bem, com maior ou menor intensidade, dependendo da extensão do texto e do rol de elementos apresentados pelo autor, independentemente da temática desenvolvida.

O fragmento abaixo, por exemplo, pertence a um texto técnico-didático transcrito da Internet, e ele claramente não pertence ao chamado tipo narrativo. No entanto, somos capazes de identificar vários personagens e espaços metafóricos, que formariam o DCN relativo ao mesmo em conjunção com as informações não metafóricas:

(34) Quando não é possível eliminar totalmente um invasor, podem ser construídas paredes para aprisioná-lo. Essas paredes são formadas por células especiais e são denominadas granulomas. A tuberculose é um exemplo de infecção que não é totalmente eliminada; as bactérias causadoras da tuberculose são aprisionadas no interior de um granuloma. A maioria dos indivíduos saudáveis expostos a essas bactérias rechaça a infecção tuberculosa, mas algumas bactérias sobrevivem indefinidamente, geralmente no pulmão, circundadas por um granuloma. Se o sistema imune

enfraquecer (mesmo 50 ou 60 anos depois), as paredes da prisão desmoronam e as bactérias causadoras da tuberculose recomeçam a multiplicar-se.<sup>154</sup>

Por outro lado, existem textos que apresentam mais dificuldade em vislumbrar o DCN, justamente porque a sua forma de elaboração é baseada em tópicos quase independentes, com uma malha textual em que não se identifica um fio condutor através do qual os elementos se interajam. Um exemplo dessa situação é o texto abaixo, que se enquadra no gênero de bula de remédio:

(35) Quadriderm creme ou pomada é uma preparação dermatológica tópica altamente eficaz no tratamento de numerosas afecções cutâneas. Quadriderm é indicado para uso tópico nas dermatoses causadas, complicadas ou ameaçadas por alguns tipos de infecção bacteriana ou fúngica, inclusive monilíase. É indicado para a prevenção e o tratamento de infecções causadas por bactérias ou fungos em grande variedade de eczemas e outras dermatoses alérgicas e inflamatórias. Foi usado com sucesso no tratamento da dermatose inguinal, das dermatoses crônicas das extremidades, eritrasma, otite do ouvido externo, balanopostite, herpes zóster, dermatite eczematoide, dermatite de contato, dermatite microbiana, dermatite folicular, disidrose, paraqueratose, paroníquia (cândida), prurido anal, eczema seborreico, intertrigo, dermatite seborreica, acne pustulosa, impetigo do couro cabeludo, neurodermatite, estomatite angular, zona occipital, dermatite por fotossensibilidade, dermatofitose inguinal liquenificada e infecções por tinea, como: Tinea pedis, Tinea cruris e Tinea corporis. (...) Uma pequena quantidade de Quadriderm creme ou pomada deverá ser aplicada suavemente nas lesões, 2 ou 3 vezes por dia. A frequência da aplicação deverá ser baseada na gravidade da afecção. A duração do tratamento será determinada pela resposta do paciente. Em casos de Tinea pedis pode ser necessário um tratamento mais prolongado (2 a 4 semanas).<sup>155</sup>

No texto (35), existem algumas pequenas passagens em que podemos visualizar um resquício narrativo, mas com poucas informações a ponto de podermos caracterizar uma narrativa propriamente dita. Em “A duração do tratamento será determinada pela resposta do paciente”, pode-se entender “a resposta do paciente” como um personagem responsável por determinar “a duração do tratamento”; e “dermatoses” pode ser concebido como o lugar em que se dá o “uso tópico”, mas a narração não iria muito longe desse ponto.

Casos mais difíceis ainda de serem considerados como textos narrativos no nível semântico-cognitivo podem ser exemplificados com a receita que segue transcrita abaixo:

---

<sup>154</sup> Disponível em: <[http://www.msd-brazil.com/msdbrazil/patients/manual\\_Merck/mm\\_sec16\\_167.html](http://www.msd-brazil.com/msdbrazil/patients/manual_Merck/mm_sec16_167.html)>. Acesso em: 04 dez. 2009.

<sup>155</sup> Disponível em: <<http://www.bulario.net/quadriderm/>>. Acesso em: 04 dez. 2009.

(36) Filé de merluza ao molho de camarão

Ingredientes:

1 kg de filé de merluza lavado e cortado ao meio  
500g de camarão fresco  
2 tomates picados  
1 cebola grande picada  
1 pimentão médio picado  
1 xícara de coentro picado  
5 colheres de azeite  
6 dentes de alho bem amassados  
1 colher de sopa de amido de milho dissolvido em 1 xícara de água  
2 colheres de sopa de coloral  
1/2 colher de sopa de tempero baiano  
Sal a gosto

Modo de Preparo:

Em uma panela grande coloque o azeite, alho, tomate, cebola, pimentão, coloral e tempero baiano deixando fritar até que os temperos fiquem cozidos. Coloque o camarão lavado mexendo até levantar fervura. Acrescente a xícara de amido sempre mexendo. Por último coloque o filé de merluza já com o sal e deixe cozinhar por 10 minutos em fogo baixo. Depois de cozido jogue o coentro e sirva em seguida com arroz branco e purê de batatas.<sup>156</sup>

No texto de receita, somos capazes de identificar alguns elementos relacionados a lugar (“Em uma panela grande”), tempo (“por 10 minutos”), mas não se identifica um fio condutor entre esses elementos a ponto de considerarmos o texto como uma narrativa. A estrutura em tópicos, como nesse caso e no de bulas de remédio, dificulta a concepção do texto como uma narrativa, pelo menos de maneira mais completa como vislumbramos nas análises anteriores.

### *5.5 Conclusão – perspectivas da consideração da existência dos DCNs dentro dos estudos linguístico-cognitivos*

Considerar que, no processo de produção de textos de variados gêneros, a mente humana apresenta o funcionamento próprio da estruturação narrativa é, em outras palavras, apresentar a narração como o principal procedimento linguístico-textual, o princípio organizador das ideias, mesmo que, na estrutura superficial, o texto resulte numa não narrativa de acordo com a clássica tipologia textual.

O que se mostra como novidade no contexto da nossa pesquisa é a forma como esse processo se desenvolve, envolvendo metáfora e não metáfora.

---

<sup>156</sup> Disponível em: <<http://receitas.maisvoce.globo.com/>>. Acesso em: 11 out. 2009.

A partir dessa constatação, o esquema dos DCNs pode ser incorporado pela Linguística Textual, que é a área por excelência que deu impulso às descobertas dos aspectos de coesão e coerência textuais aplicados a textos de natureza diversa; pode ser aproveitado também para os diversos tipos de estudo realizados no bojo da Semântica, área que trata dos processos de produção do sentido e sua correlação com aspectos que vão além do texto, interagindo com a Pragmática; o modelo se constitui também como um bom subsídio para os estudos empreendidos nas diversas vertentes da Análise do Discurso, uma vez que as informações sobre tempo, espaço e personagens são claramente relacionadas a fatores de ordem pragmática, histórica e linguística a que essa área comumente recorre; e, apesar de apresentar embasamentos teóricos e formas de abordagem diferentes das teorias linguísticas, o modelo também pode ser utilizado em estudos literários, uma vez que seja feita a necessária equalização dos conceitos de metáfora e narrativa. Mais do que uma contribuição teórica para a Literatura, pensa-se na possibilidade de aproveitamento do modelo de análise para esclarecer aspectos que não são exclusivos da teoria linguística.

Sendo mais específico em nossa abordagem, o trabalho apresenta também ampla abertura para a aplicabilidade de ferramentas eletrônicas da LCorp, não só empreendendo pesquisas em direção ao grau de eficácia das mesmas quando o tema é a metáfora, mas contribuindo para mostrar também o nível de dificuldade e o alcance de procedimentos quando do seu uso efetivo. Nesta tese não desenvolvemos um aparato dentro dessa vertente, mas lidamos com elementos de um corpus organizado, e cada trabalho que é feito com a utilização de corpora específicos constitui um ganho tanto no âmbito da análise linguística em si, quanto em relação à avaliação dos procedimentos técnicos capazes de serem empreendidos nessa análise.

Ademais, outras áreas do conhecimento humano podem ser beneficiadas de alguma maneira com a adoção do modelo proposto, desde que estejam interessadas na descrição das representações mentais envolvidas na articulação textual. Referimo-nos aqui superficialmente a algumas áreas mais ligadas à cognição humana, tais como a Psicologia, a Psicanálise, algumas vertentes da Pedagogia, a Ciência da Informação etc. Enfim, são muitas as possibilidades que se abrem a partir da adoção desse modelo, dentro e fora dos estudos linguísticos – na mesma proporção em que cada descoberta científica numa determinada área acarreta, no mínimo, muitas responsabilidades de investigação na própria área e nas suas correlatas. Não vamos nos enveredar aqui nessas possibilidades de

aplicação do modelo em outras áreas, pois isso requereria conhecimentos específicos dentro das mesmas, mas lembramos que os termos “cognição” e, por extensão, “domínio cognitivo” aplicam-se muito bem a praticamente todo tipo de estudo que envolve processamento de sentido, raciocínio lógico, processos mentais, redes neurais, estados psicológicos etc. E, conforme mostramos, sendo a narração um processo inerente à espécie humana, a adoção de um modelo que considere a existência de um domínio cognitivo em que se processa a narração certamente é capaz de trazer muitos benefícios em termos de uma melhor compreensão de como funciona a mente humana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este trabalho, espera-se ter oferecido aos estudiosos de questões da linguagem um subsídio para melhor compreensão de vários aspectos: i) os fundamentos da Gramática Cognitiva; ii) o mecanismo de funcionamento de mapeamentos e projeções de elementos envolvendo diferentes domínios cognitivos; iii) as diferentes abordagens sobre a metáfora; iv) a relação entre a metáfora e a articulação textual; v) um modelo de tratamento de textos considerando-se a relação entre metáfora e narrativa.

Num âmbito mais amplo, a maior contribuição que se pretende oferecer com esta pesquisa é uma compreensão mais aprofundada a respeito do funcionamento da mente humana. O mundo da ciência se encontra em plena e franca ascensão, principalmente com o aumento de recursos de investigação à disposição dos pesquisadores. E, nesse contexto, a pesquisa linguística não pode ficar alheia a esses avanços, presa que esteve durante séculos à superficialidade dos textos, e em tratamento de pequenas porções destes. Mais do que realizar descrições que se voltam única e exclusivamente para a própria área, ela deve incluir em seu programa de estudos a preocupação com aspectos que vão além da organização textual *stricto sensu*. A partir principalmente da década de 1960 ficou patente que os estudos da linguagem devem ir além do nível literal. Agora, mais do que isso, o rumo em que a ciência do século XXI se encontra exige que sejam considerados os aspectos de processamento mental se quisermos empreender pesquisas efetivas em vários campos do conhecimento humano. Com vistas nisso é que se propôs o presente trabalho.

Considerar que lidamos o tempo todo com elementos de um domínio cognitivo estruturado em termos de uma grande narrativa e que abarca indistintamente informações metafóricas e não metafóricas não é mera questão de organização textual. Trata-se de uma propriedade da mente humana, a todo momento influenciada e enriquecida



por fatores de ordem cultural, comportamental, histórica, pragmática, filosófica etc. Afirmar a existência desse domínio cognitivo nos gêneros textuais aqui trabalhados equivale a afirmar que, enquanto nos interagimos através desses gêneros, estamos colocando em funcionamento essa propriedade básica da mente humana.

Essa investigação pode ser ampliada para além da comunicação escrita, pesquisando-se a pertinência dessas ideias na comunicação oral, por exemplo, e mesmo em várias outras modalidades comunicativas, como a gestual. É óbvio que nesses casos necessitamos de outros aportes teóricos, outras coletas de dados, outras metodologias de pesquisa, principalmente por sabermos que o discurso oral é mais livre e espontâneo e se pauta também nas lacunas, que se constituem importantes elementos na formação do sentido – isso, sem mencionar outras características que integram essa modalidade. Mas, pela bibliografia estudada no desenvolvimento desta tese e pela observação de fatos da nossa comunicação cotidiana, há indícios de que essa ideia procede. Fica aqui, portanto, mais essa contribuição: a sugestão de que o fenômeno que tratamos exaustivamente neste trabalho seja investigado em outras formas comunicativas.

Centramos nossas análises em textos de língua portuguesa, porém o nosso embasamento teórico e o modelo de análise que oferecemos não são exclusivos dessa língua, até mesmo porque a dinâmica de mapeamentos e projeções de elementos entre diferentes domínios é uma propriedade da mente humana independente de qualquer língua em que ela se manifeste. *A priori*, não vemos nenhuma restrição à aplicabilidade do modelo do DCN em textos de outras línguas. A escolha de efetuar a pesquisa em textos do português se justifica no nosso recorte teórico meramente pela maior facilidade do pesquisador em manejar os aspectos de coesão e coerência textuais nessa língua. A partir do modelo e dos resultados que estamos oferecendo, também é possível pensar em pesquisas em que seja feito um cotejamento de características de formação de domínios cognitivos narrativos na superfície de diferentes línguas. Obviamente, tratar-se-ia de estudos que levassem em conta as formações metafóricas nesses idiomas, já que podem apresentar diferenciações – e normalmente apresentam – em virtude de diferenças culturais que acarretam variações na elaboração de conceitos em seus falantes.

Voltando especificamente para a questão da metáfora, esperamos ter oferecido uma clara visão da mesma sob a concepção de um importante recurso cognitivo com alto grau de pervasividade na linguagem humana. Entre as várias abordagens sobre a metáfora que foram empreendidas ao longo de séculos e séculos de investigação, destaca-

se para nós a sua função como reveladora de conceitos ligados à formação cultural e ideológica dos seus usuários, bem como o seu papel como um facilitador da compreensão de conceitos mais complexos pelo homem. O ato de projetar elementos de um domínio para outro não é fortuito, e acaba por revelar uma série de características pela escolha de espaços envolvidos nesse processo. E é nessa escolha que se revelam importantes dados de ordem social, pragmática, ideológica etc.

Cabe aqui ainda uma importante consideração sobre a metodologia que utilizamos para a realização deste trabalho quanto ao auxílio do software e sobre o traçado do modelo do DCN a partir dos resultados obtidos. No caso do WST, ele vem sendo aprimorado através das várias versões que vêm sendo lançadas nos últimos anos, tanto que lançamos mão da versão mais atual de que dispomos, a fim de usufruirmos de recursos e procedimentos mais recentes e que, portanto, foram aprimorados por especialistas de várias áreas ligadas ao programa.

Sobre o traçado do modelo do DCN, uma vez identificada a existência desse tipo de domínio em textos de diversos gêneros, ele pode ser aplicado diretamente a qualquer corpus, sem a necessidade de utilização de qualquer ferramenta eletrônica. É óbvio que, conforme demonstramos, há textos em que não é tão visível a existência do DCN, e, a bem da verdade, não é necessário visualizar esse domínio em absolutamente qualquer tipo de texto para que a teoria tenha validade. Num trabalho dessa natureza com qualquer outro tipo de texto ou de corpus, basta identificar elementos relacionados a personagens, tempo e espaço – sabendo-se especialmente que muitas informações acerca de personagens e espaço são metafóricas – e identificar relações de significado estabelecidas entre eles, que já se estará lidando dentro de um DCN. O suporte teórico desse procedimento e o percurso para se chegar a esse ponto são basicamente a essência desta tese.

Por fim, queremos lembrar aqui os postulados fundamentais da LCoG, que foram apresentados no primeiro capítulo deste trabalho, reafirmando o nosso objetivo geral de contribuir com algum avanço nessa área. Ao elegermos a metáfora, que permeia toda a comunicação e é um complexo recurso da cognição humana, dentro da delimitação de nossa pesquisa, e ao conseguirmos relacioná-la com a prática da narração também nos moldes da cognição humana, esperamos ter alcançado esse objetivo a contento.

## REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**, vol. 1. Trad. de José Pedro Xavier Pinheiro. São Paulo: Leia, 1946.
- ANDRÉ, Hildebrando A. de. **Gramática ilustrada**. 4 ed. São Paulo: Moderna, 1993.
- AQUINO, Santo Tomás de. **Summa theologiae** - vol. 1. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- ARNAULD, Antoine *et al.* **Logique de Port-Royal**. Paris: Librairie de L. Hachette et Cie., 1861.
- AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**; palavras e ação (1962). Tradução de Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 (série Discurso Psicanalítico). Original inglês.
- AZEVEDO, Adriana Maria Tenuta de. **Estrutura narrativa e espaços mentais**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2006.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARCELONA, Antonio. Clarifying and applying the notions of metaphor and metonymy within Cognitive Linguistics. **Atlantis XIX** (1), p. 21-48, 1997.
- \_\_\_\_\_. (Ed.). **Metaphor and metonymy at the crossroads**; a cognitive perspective. The Hague: Mouton, 2000a (Topics in English Linguistics).
- \_\_\_\_\_. On the plausibility of claiming a metonymic motivation for conceptual metaphor. In: Barcelona, Antonio (Ed.). **Metaphor and metonymy at the crossroads**; a cognitive perspective. The Hague: Mouton, 2000b. p. 31-58 (Topics in English Linguistics).
- BARLOW, Michael. Usage, blends, and grammar. In: BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (Eds.). **Usage-based models of language**. Staford: CSLI Publications, 2000, p. 315-345.

BARLOW, Michael; KEMMER, Suzanne (Eds.). **Usage-based models of language**. Stamford: CSLI Publications, 2000.

BERBER SARDINHA, Tony. *An assessment of metaphor retrieval methods*. 2009. 25 p. Draft.

\_\_\_\_\_. **Linguística de corpus**. Barueri: Manole, 2004.

\_\_\_\_\_. **Metáfora**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007 (Lingua(gem) 24).

BEZERRA, Maria Auxiliadora. Da redação ao gênero textual: a didatização da escrita na sala de aula. In: MOURA, Denilda (Org.). **Os desafios da língua**: pesquisas em língua falada e escrita. Maceió: EDUFAL, 2008. p. 135-138.

BUENO, Francisco da Silveira. **Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa** – Vol. V e VII. São Paulo: Lisa, 1988.

BRITTAN, Simon. **Poetry, symbol, and allegory**: interpreting metaphorical language from Plato to the present. Virginia: University of Virginia Press, 2003.

BRUNER, Jerome. **Realidade mental, mundos possíveis**. Tradução de Marcos A. G. Domingues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. Original inglês.

CAMERON, Lynne. Metaphor shifting in the dynamics of talk. In: ZANOTTO, Mara Sophia; CAMERON, Lynne; CAVALCANTI, Marilda C. (Eds.). **Confronting metaphor in use**: an applied linguistic approach. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2008. p. 45-62 (Pragmatics & Beyond New Series).

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 36 ed. São Paulo: Nacional, 1993.

CHAFE, Wallace. Some things that narratives tell us about the mind. In: BRITTON, Bruce K.; PELLEGRINI, Anthony D. (Eds.). **Narrative thought and narrative language**. Hillsdale: Lawrence Earlbaum Associates, 1990. p. 79-98.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the theory of syntax**. Massachusetts: The MIT Press Cambridge, 1965.

\_\_\_\_\_. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.

COSCARELLI, Carla Viana. Uma conversa com Gilles Fauconnier. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 5, n. 2, p. 291-303, 2005.

COULSON, Seana. **Semantic leaps**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

COULSON, Seana; OAKLEY, Todd. Blending basics. In: **Cognitive Linguistics**, 11, 3/4, p. 175-196, 2000.

CROFT, William; CRUSE, D. Alan. **Cognitive linguistics**. Disponível em: <<http://lings.ln.man.ac.uk/Info/staff/WAC/WACpubs.html>>. Acesso em: 17 jun. 2003.

CUTRER, L. Michelle. **Time and tense in narrative in everyday language**. Tese de doutorado. San Diego: University of California, 1994.

DIRVEN, René. Metonymy and metaphor: different mental strategies of conceptualisation. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (Eds.). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002. p. 75-112 (Cognitive Linguistics Research).

DUCROT, Oswald. Présupposés et sous-entendus. In: **Langue française**, 1 (4), p. 30-43, 1969.

\_\_\_\_\_. **Princípios de semântica linguística: dizer e não dizer**. Tradução de Vogt, Ilari e Figueira. São Paulo: Cultrix, 1977. Original francês.

FAUCONNIER, Gilles. **Espaces mentaux: aspects de la construction du sens dans les langues naturelles**. Paris: Minuit, 1984.

\_\_\_\_\_. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. **Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Blending as a central process of grammar. In: GOLDBERG, Adele (Ed.). **Conceptual structure, discourse, and language**. Stanford: Center for the Study of Language and Information (CSLI) / Cambridge University Press, 1996. p. 113-129.

\_\_\_\_\_. Conceptual integration networks. In: **Cognitive science**, vol. 22 (2), p. 133-187, 1998.

\_\_\_\_\_. **Conceptual projection and middle spaces** (1994). Report 9401. University of California, San Diego. Disponível em <<http://www.cogsci.ucsd.edu/research/files/technical/9401.pdf>>. Acesso em: 08 fev. 2008.

\_\_\_\_\_. Compression and global insight. In: **Cognitive Linguistics** 11 – 3/4, p. 283-304, 2000.

\_\_\_\_\_. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

FIGUEIREDO, Irislane Rodrigues. A heterogeneidade tipológica no gênero editorial. **Cadernos do Circulo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos**, vol. XII, nº 07, p. 42-53, 2008.

- FINKE, Ronald A. **Principles of mental imagery**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1989.
- FODOR, Jerry A. **The modularity of mind: an essay on faculty psychology**. Cambridge / Massachusetts: Bradford / The MIT Press, 1983.
- FREGE, Gottlob. Über Sinn und Bedeutung (1892). Trad. de Paulo Alcoforado: Sobre o sentido e a referência. In: **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1978. p. 61-86.
- GEERAERTS, Dirk. The interaction of metaphor and metonymy in composite expressions. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (Eds.). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002. p. 435-468 (Cognitive Linguistics Research).
- GIBBS JR., Raymond W. A new look at literal meaning in understanding what is said and implicated. **Journal of pragmatics**, 34, p. 457-486, 2002.
- GOATLY, Andrew. **The language of metaphors**. London/New York: Routledge, 1997.
- GOOSSENS, Louis. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In: DIRVEN, René; PÖRINGS, Ralf (Eds.). **Metaphor and metonymy in comparison and contrast**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002. p. 349-378 (Cognitive Linguistics Research).
- GRADY, Joseph E.; OAKLEY, Todd; COULSON, Seana. Blending and metaphor. In: GIBBS JR., Raymond W.; STEEN, Gerard J. (Eds.). **Metaphor in cognitive linguistics; selected papers from the Fifth International Cognitive Linguistics Conference**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997. p. 101-124.
- GRICE, H. Paul. Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo (Org.). **Fundamentos metodológicos da linguística**, IV – Pragmática. Tradução de João Wanderley Geraldi. Campinas: Ed. do autor, 1982. p. 81-103. Título original: **Logic and conversation**.
- HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, Christian M. I. M. **Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition**. London: Cassell, 1999.
- HILFERTY, Joseph. An interview with Antonio Barcelona and Francisco José Ruiz de Mendoza. In: **Barcelona Language and Literature Studies**. Barcelona: Edicions de la Universidad de Barcelona, 2005. p. 1-14.
- ILARI, Rodolfo. **Perspectiva funcional da frase portuguesa**. Campinas: Editora da Unicamp, 1992 (Série Teses).
- JAKOBSON, Roman. The metaphoric and metonymic poles. In: JAKOBSON, Roman; HALLE, Maurice (Eds.). **Fundamentals of language**. Vol. 2. The Hague/Paris: Mouton, 1956. p. 90-96.

JANDA, Laura. **Cognitive linguistics**. University of North Carolina, 2000. Disponível em: <<http://www.seelrc.org/glossos/issues/8/janda.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2008.

JOHNSON, Mark. **The body in the mind**: the bodily basis of meaning, imagination, and reason. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KAMEL, Ali. **Dicionário Lula**: um presidente exposto por suas próprias palavras. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

KARTTUNEN, Lauri. Presuppositions of compound sentences. **Linguistic inquiry**, 4, p. 169-193, 1973.

KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor**: a practical introduction. Oxford: Oxford University Press, 2002.

\_\_\_\_\_. **Metaphors of anger, pride, and love**; a lexical approach to the structure of concepts. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1986 (Pragmatics and Beyond, VII:8).

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew (Ed.). **Metaphor and thought**. 2<sup>nd</sup> Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

\_\_\_\_\_. **Women, fire, and dangerous things**: what categories reveal about the mind. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald W. **Foundations of cognitive grammar**, volume I – Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

\_\_\_\_\_. **Foundations of cognitive grammar**, volume II – Descriptive Application. Stanford: Stanford University Press, 1991.

LIDDELL, Scott K. **Grammar, gesture, and meaning in American sign language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

\_\_\_\_\_. Real, surrogate, and token space: grammatical consequences in ASL. In: EMMOREY, K.; REILLY, J. (Eds.). **Language, gesture, and space**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1995. p. 19-41.

LOCKE, John. **An essay concerning human understanding** - vol. I. London: Hackett Publishing Company, 1819.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel e BEZERRA, Maria Auxiliadora (Orgs.). **Gêneros textuais & ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

\_\_\_\_\_. **Linguística de texto: o que é e como se faz.** Recife: Editora da UFPE, 1983.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gênero e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2008.

NOVODVORSKI, Ariel. **A representação de atores sociais nos discursos sobre o ensino de espanhol no Brasil em corpus jornalístico.** 2008. 279 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

NUNBERG, G. **The pragmatics of reference.** Bloomington: Indiana University Linguistics Club, 1978.

NÚÑEZ, Rafael. Inferential statistics in the context of empirical cognitive linguistics. In: GONZALEZ-MARQUEZ, Monica; MITTELBERG, Irene; COULSON, Seana; SPIVEY, Michael J. (Eds.). **Methods in cognitive linguistics.** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007. p. 87-118.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e (Org.). **Metáforas do cotidiano.** Belo Horizonte: Ed. do Autor, 1998.

PALMER, Gary B. **Toward a theory of cultural linguistics.** Austin: University of Texas Press, 1996.

OS PENSADORES. **Aristóteles.** São Paulo: Nova Cultural, 2000.

PONTES, Eunice (Org.). **A metáfora.** 2 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990 (série Pesquisas).

POPPER, Karl R. **A lógica da pesquisa científica.** 13 ed. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix, 2001. Original alemão.

POSSENTI, Sírio. Metáforas e metonímias oficiais. **O Estado de S. Paulo**, 04/04/2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/suplementos,metaforas-e-metonimias-oficiais,350145,0.htm>>. Acesso em: 04 maio 2010.

REDDY, Michael J. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, Andrew (Org.). **Metaphor and thought.** Cambridge: Cambridge University Press, 1979. p. 284-324.

RIBAS, Wanderson Ka. Resistência, valorização e resgate da tradição cultural andina. **Cadernos de História**, vol. 10, nº 13, p. 47-55, 2008.

ROHRER, Tim. **Even the interface is for sale: metaphors, visual blends and the hidden ideology of the internet.** 1998. Disponível em: <<http://www.tulane.edu/~howard/LangIdeo/Rohrer/Rohrer.html>>. Acesso em: 28 fev. 2010.



SILVA, Augusto Soares da. **A linguística cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em linguística.** Disponível em: <<http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2010.

SOUZA, Heberth Paulo de. **A pressuposição linguística na estrutura da língua portuguesa.** 2000. 211 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

STALNAKER, Robert C. Pragmatics. In: DAVIDSON, Donald; HARMAN, Gilbert (Eds.). **Semantics of natural language.** Dordrecht: Reidel, 1972. p. 380-397.

STEFANOWITSCH, Anatol. Corpus-based approaches to metaphor and metonymy. In: STEFANOWITSCH, Anatol; GRIES, Stefan Th. (Eds.). **Corpus-based approaches to metaphor and metonymy.** Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006. p. 1-16 (Trends in Linguistics 171).

\_\_\_\_\_. The function of metaphor. **International Journal of Corpus Linguistics**, 10:2, p. 161-198, 2005.

STEFANOWITSCH, Anatol; GRIES, Stefan Th. Collostructions: investigating the interaction of words and constructions. **International Journal of Corpus Linguistics**, 8:2, p. 209-243, 2003.

SWEETSER, Eve. Blended spaces and performativity. In: **Cognitive Linguistics** 11 – 3/4, p. 305-334, 2000.

SWEETSER, Eve; FAUCONNIER, Gilles. Cognitive links and domains: basic aspects of mental space theory. In: FAUCONNIER, Gilles; SWEETSER, Eve (Eds.). **Spaces, worlds, and grammar.** Chicago/London: The University of Chicago Press, 1996. p. 1-28.

TAYLOR, John R. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory.** Oxford: Clarendon, 1989.

TALMY, Leonard. **Toward a cognitive semantics**, vol. II – Typology and process in concept structuring. Massachusetts: MIT Press, 2000.

TURNER, Mark. **The literary mind: the origins of thought and language.** New York / Oxford: Oxford University Press, 1996.

TURNER, Mark; FAUCONNIER, Gilles. Conceptual integration and formal expression. In: JOHNSON, Mark (Ed.). **Journal of metaphor and symbolic activity**, vol. 10, n. 3, p. 183-203, 1995.

VICO, Giambattista. **New science: principles of the new science concerning the common nature of nations.** 3 ed. Tradução de David Marsh. New York: Penguin Books, 1999. Original italiano.

WALLINGTON, Alan; BARNDEN, John A.; BARNDEN, Marina A.; FERGUSON, Fiona J.; GLASBEY, Sheila R. **Metaphoricity signals**: a corpus-based investigation (2003). Technical report CSPP-03-5. School of Computer Science – The University of Birmingham.

ZANOTO, Mara Sophia. Metáfora, cognição e ensino de leitura. **Delta**, vol. 11, nº 2, p. 241-254, 1995.

ZIR, Alessandro. A tese da primazia da metáfora, defesa e problematização: um estudo a partir de Vico. **Linguagem em (Dis)curso**, vol. 9, n. 1, jan./abr. 2009.

## ANEXOS

### ANEXO A

Discurso do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, proferido na cerimônia de posse de seu primeiro mandato presidencial, no Congresso Nacional Brasileiro, em 01/01/2003.<sup>157</sup>

"Mudança"; esta é a palavra chave, esta foi a grande mensagem da sociedade brasileira nas eleições de outubro. A esperança finalmente venceu o medo e a sociedade brasileira decidiu que estava na hora de trilhar novos caminhos.

Diante do esgotamento de um modelo que, em vez de gerar crescimento, produziu estagnação, desemprego e fome; diante do fracasso de uma cultura do individualismo, do egoísmo, da indiferença perante o próximo, da desintegração das famílias e das comunidades.

Diante das ameaças à soberania nacional, da precariedade avassaladora da segurança pública, do desrespeito aos mais velhos e do desalento dos mais jovens; diante do impasse econômico, social e moral do país, a sociedade brasileira escolheu mudar e começou, ela mesma, a promover a mudança necessária.

Foi para isso que o povo brasileiro me elegeu Presidente da República: para mudar. Este foi o sentido de cada voto dado a mim e ao meu bravo companheiro José Alencar.

<sup>(5)</sup> E eu estou aqui, neste dia sonhado por tantas gerações de lutadores que vieram antes de nós, para reafirmar os meus compromissos mais profundos e essenciais, para reiterar a todo cidadão e cidadã do meu País o significado de cada palavra dita na campanha, para imprimir à mudança um caráter de intensidade prática, para dizer que chegou a hora de transformar o Brasil naquela nação com a qual a gente sempre sonhou: uma nação soberana, digna, consciente da própria importância no cenário internacional e, ao mesmo tempo, capaz de abrigar, acolher e tratar com justiça todos os seus filhos.

Vamos mudar, sim. Mudar com coragem e cuidado, humildade e ousadia. Mudar tendo consciência de que a mudança é um processo gradativo e continuado, não um simples ato de vontade, não um arroubo voluntarista. Mudança por meio do diálogo e da

---

<sup>157</sup> Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44275.shtml>>. Acesso em: 04 maio 2010. Para facilitar a referência a elementos do texto em nossa análise e a identificação dos mesmos durante a leitura, numeramos os parágrafos através dos dígitos que se encontram no início de cada conjunto de cinco parágrafos.

negociação, sem atropelos ou precipitações, para que o resultado seja consistente e duradouro.

O Brasil é um país imenso, um continente de alta complexidade humana, ecológica e social, com quase 175 milhões de habitantes. Não podemos deixá-lo seguir à deriva, ao sabor dos ventos, carente de um verdadeiro projeto de desenvolvimento nacional e de um planejamento de fato estratégico. Se queremos transformá-lo, a fim de vivermos em uma nação em que todos possam andar de cabeça erguida, teremos de exercer quotidianamente duas virtudes: a paciência e a perseverança.

Teremos que manter sob controle as nossas muitas e legítimas ansiedades sociais, para que elas possam ser atendidas no ritmo adequado e no momento justo; teremos que pisar na estrada com os olhos abertos e caminhar com os passos pensados, precisos e sólidos, pelo simples motivo de que ninguém pode colher os frutos antes de plantar as árvores.

Mas começaremos a mudar já, pois como diz a sabedoria popular, uma longa caminhada começa pelos primeiros passos.

<sup>(10)</sup> Este é um país extraordinário. Da Amazônia ao Rio Grande do Sul, em meio a populações praieiras, sertanejas e ribeirinhas, o que vejo em todo lugar é um povo maduro, calejado e otimista. Um povo que não deixa nunca de ser novo e jovem, um povo que sabe o que é sofrer, mas sabe também o que é alegria, que confia em si mesmo em suas próprias forças. Creio num futuro grandioso para o Brasil, porque a nossa alegria é maior do que a nossa dor, a nossa força é maior do que a nossa miséria, a nossa esperança é maior do que o nosso medo.

O povo brasileiro, tanto em sua história mais antiga, quanto na mais recente, tem dado provas incontestáveis de sua grandeza e generosidade, provas de sua capacidade de mobilizar a energia nacional em grandes momentos cívicos; e eu desejo, antes de qualquer outra coisa, convocar o meu povo, justamente para um grande mutirão cívico, para um mutirão nacional contra a fome.

Num país que conta com tantas terras férteis e com tanta gente que quer trabalhar, não deveria haver razão alguma para se falar em fome. No entanto, milhões de brasileiros, no campo e na cidade, nas zonas rurais mais desamparadas e nas periferias urbanas, estão, neste momento, sem ter o que comer. Sobrevivem milagrosamente abaixo da linha da pobreza, quando não morrem de miséria, mendigando um pedaço de pão.

Essa é uma história antiga. O Brasil conheceu a riqueza dos engenhos e das plantações de cana-de-açúcar nos primeiros tempos coloniais, mas não venceu a fome; proclamou a independência nacional e aboliu a escravidão, mas não venceu a fome; conheceu a riqueza das jazidas de ouro, em Minas Gerais, e da produção de café, no Vale do Paraíba, mas não venceu a fome; industrializou-se e forjou um notável e diversificado parque produtivo, mas não venceu a fome. Isso não pode continuar assim.

Enquanto houver um irmão brasileiro ou uma irmã brasileira passando fome, teremos motivo de sobra para nos cobrirmos de vergonha.

<sup>(15)</sup> Por isso, defini entre as prioridades de meu governo um programa de segurança alimentar que leva o nome de "Fome Zero". Como disse em meu primeiro pronunciamento após a eleição, se, ao final do meu mandato, todos os brasileiros tiverem a possibilidade de tomar café da manhã, almoçar e jantar, terei cumprido a missão da minha vida.

É por isso que hoje conclamo: vamos acabar com a fome em nosso país. Transformemos o fim da fome em uma grande causa nacional, como foram no passado a criação da Petrobras e a memorável luta pela redemocratização do país.

Essa é uma causa que pode e deve ser de todos, sem distinção de classe, partido, ideologia. Em face do clamor dos que padecem o flagelo da fome, deve prevalecer o

imperativo ético de somar forças, capacidades e instrumentos para defender o que é mais sagrado: a dignidade humana.

Para isso, será também imprescindível fazer uma reforma agrária pacífica, organizada e planejada.

Vamos garantir acesso à terra para quem quer trabalhar, não apenas por uma questão de justiça social, mas para que os campos do Brasil produzam mais e tragam mais alimentos para a mesa de todos nós, tragam trigo, tragam soja, tragam farinha, tragam frutos, tragam o nosso feijão com arroz.

<sup>(20)</sup> Para que o homem do campo recupere sua dignidade sabendo que, ao se levantar com o nascer do sol, cada movimento de sua enxada ou do seu trator irá contribuir para o bem-estar dos brasileiros do campo e da cidade, vamos incrementar também a agricultura familiar, o cooperativismo, as formas de economia solidária.

Elas são perfeitamente compatíveis com o nosso vigoroso apoio à pecuária e à agricultura empresarial, à agroindústria e ao agronegócio, são, na verdade, complementares tanto na dimensão econômica quanto social. Temos de nos orgulhar de todos esses bens que produzimos e comercializamos.

A reforma agrária será feita em terras ociosas, nos milhões de hectares hoje disponíveis para a chegada de famílias e de sementes, que brotarão viçosas com linhas de crédito e assistência técnica e científica. Faremos isso sem afetar de modo algum as terras que produzem, porque as terras produtivas se justificam por si mesmas e serão estimuladas a produzir sempre mais, a exemplo da gigantesca montanha de grãos que colhemos a cada ano.

Hoje, tantas e tantas áreas do país estão devidamente ocupadas, as plantações espalham-se a perder de vista, há locais em que alcançamos produtividade maior do que a da Austrália e a dos Estados Unidos. Temos que cuidar bem – muito bem – deste imenso patrimônio produtivo brasileiro. Por outro lado, é absolutamente necessário que o país volte a crescer, gerando empregos e distribuindo renda.

Quero reafirmar aqui o meu compromisso com a produção, com os brasileiros e brasileiras, que querem trabalhar e viver dignamente do fruto do seu trabalho. Disse e repito: criar empregos será a minha obsessão. Vamos dar ênfase especial ao Projeto Primeiro Emprego, voltado para criar oportunidades aos jovens, que hoje encontram tremenda dificuldade em se inserir no mercado de trabalho.

<sup>(25)</sup> Nesse sentido, trabalharemos para superar nossas vulnerabilidades atuais e criar condições macroeconômicas favoráveis à retomada do crescimento sustentado para a qual a estabilidade e a gestão responsável das finanças públicas são valores essenciais.

Para avançar nessa direção, além de travar combate implacável à inflação, precisaremos exportar mais, agregando valor aos nossos produtos e atuando, com energia e criatividade, nos solos internacionais do comércio globalizado. Da mesma forma, é necessário incrementar – muito – o mercado interno, fortalecendo as pequenas e microempresas. É necessário também investir em capacitação tecnológica e infraestrutura voltada para o escoamento da produção.

Para repor o Brasil no caminho do crescimento, que gere os postos de trabalho tão necessários, carecemos de um autêntico pacto social pelas mudanças e de uma aliança que entrelace objetivamente o trabalho e o capital produtivo, geradores da riqueza fundamental da nação, de modo a que o Brasil supere a estagnação atual e para que o país volte a navegar no mar aberto do desenvolvimento econômico e social.

O pacto social será, igualmente, decisivo para viabilizar as reformas que a sociedade brasileira reclama e que eu me comprometi a fazer: a reforma da Previdência, reforma

tributária, reforma política e da legislação trabalhista, além da própria reforma agrária. Esse conjunto de reformas vai impulsionar um novo ciclo do desenvolvimento nacional.

Instrumento fundamental desse pacto pela mudança será o Conselho Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social que pretendo instalar já a partir de janeiro, reunindo empresários, trabalhadores e lideranças dos diferentes segmentos da sociedade civil.

<sup>(30)</sup> Estamos em um momento particularmente propício para isso. Um momento raro da vida de um povo. Um momento em que o Presidente da República tem consigo, ao seu lado, a vontade nacional. O empresariado, os partidos políticos, as Forças Armadas e os trabalhadores estão unidos. Os homens, as mulheres, os mais velhos, os mais jovens, estão irmanados em um mesmo propósito de contribuir para que o país cumpra o seu destino histórico de prosperidade e justiça.

Além do apoio da imensa maioria das organizações e dos movimentos sociais, contamos também com a adesão entusiasmada de milhões de brasileiros e brasileiras que querem participar dessa cruzada pela retomada pelo crescimento contra a fome, o desemprego e a desigualdade social. Trata-se de uma poderosa energia solidária que a nossa campanha despertou e que não podemos e não vamos desperdiçar. Uma energia ético-política extraordinária que nos empenharemos para que se encontre canais de expressão em nosso governo.

Por tudo isso, acredito no pacto social. Com esse mesmo espírito constituí o meu Ministério com alguns dos melhores líderes de cada segmento econômico e social brasileiro. Trabalharemos em equipe, sem personalismo, pelo bem do Brasil e vamos adotar um novo estilo de Governo com absoluta transparência e permanente estímulo à participação popular.

O combate à corrupção e a defesa da ética no trato da coisa pública serão objetivos centrais e permanentes do meu governo. É preciso enfrentar com determinação e derrotar a verdadeira cultura da impunidade que prevalece em certos setores da vida pública.

Não permitiremos que a corrupção, a sonegação e o desperdício continuem privando a população de recursos que são seus e que tanto poderiam ajudar na sua dura luta pela sobrevivência.

<sup>(35)</sup> Ser honesto é mais do que apenas não roubar e não deixar roubar. É também aplicar com eficiência e transparência, sem desperdícios, os recursos públicos focados em resultados sociais concretos. Estou convencido de que temos, dessa forma, uma chance única de superar os principais entraves ao desenvolvimento sustentado do País. E acreditem, acreditem mesmo, não pretendo desperdiçar essa oportunidade conquistada com a luta de muitos milhões e milhões de brasileiros e brasileiras.

Sob a minha liderança o Poder Executivo manterá uma relação construtiva e fraterna com os outros Poderes da República, respeitando exemplarmente a sua independência e o exercício de suas altas funções constitucionais.

Eu, que tive a honra de ser Parlamentar desta Casa, espero contar com a contribuição do Congresso Nacional no debate criterioso e na viabilização das reformas estruturais de que o País demanda de todos nós.

Em meu governo, o Brasil vai estar no centro de todas as atenções. O Brasil precisa fazer em todos os domínios um mergulho para dentro de si mesmo, de forma a criar forças que lhe permitam ampliar o seu horizonte. Fazer esse mergulho não significa fechar as portas e janelas ao mundo.

O Brasil pode e deve ter um projeto de desenvolvimento que seja ao mesmo tempo nacional e universalista, significa, simplesmente, adquirir confiança em nós mesmos, na capacidade de fixar objetivos de curto, médio e longo prazos e de buscar realizá-los. O ponto principal do modelo para o qual queremos caminhar é a ampliação da poupança

interna e da nossa capacidade própria de investimento, assim como o Brasil necessita valorizar o seu capital humano investindo em conhecimento e tecnologia.

<sup>(40)</sup> Sobretudo vamos produzir. A riqueza que conta é aquela gerada por nossas próprias mãos, produzida por nossas máquinas, pela nossa inteligência e pelo nosso suor.

O Brasil é grande. Apesar de todas as crueldades e discriminações, especialmente contra as comunidades indígenas e negras, e de todas as desigualdades e dores que não devemos esquecer jamais, o povo brasileiro realizou uma obra de resistência e construção nacional admirável.

Construiu, ao longo do século, uma nação plural, diversificada, contraditória até, mas que se entende de uma ponta a outra do território. Dos encantados da Amazônia aos orixás da Bahia; do frevo pernambucano às escolas de samba do Rio de Janeiro; dos tambores do Maranhão ao barroco mineiro; da arquitetura de Brasília à música sertaneja.

Estendendo o arco de sua multiplicidade nas culturas de São Paulo, do Paraná, de Santa Catarina, do Rio Grande do Sul e da Região Centro-Oeste. Esta é uma nação que fala a mesma língua, partilha os mesmos valores fundamentais, se sente que é brasileira.

Onde a mestiçagem e o sincretismo se impuseram dando uma contribuição original ao mundo. Onde judeus e árabes conversam sem medo, onde toda migração é bem-vinda, porque sabemos que em pouco tempo, pela nossa própria capacidade de assimilação e de bem-querer, cada migrante se transforma em mais um brasileiro.

<sup>(45)</sup> Esta nação que se criou sob o céu tropical tem que dizer a que veio; internamente, fazendo justiça à luta pela sobrevivência em que seus filhos se acham engajados; externamente, afirmando a sua presença soberana e criativa no mundo. Nossa política externa refletirá também os anseios de mudança que se expressaram nas ruas.

No meu governo, a ação diplomática do Brasil estará orientada por uma perspectiva humanista e será, antes de tudo, um instrumento do desenvolvimento nacional. Por meio do comércio exterior, da capacitação de tecnologias avançadas, e da busca de investimentos produtivos, o relacionamento externo do Brasil deverá contribuir para a melhoria das condições de vida da mulher e do homem brasileiros, elevando os níveis de renda e gerando empregos dignos.

As negociações comerciais são hoje de importância vital. Em relação à Alca, nos entendimentos entre o Mercosul e a União Europeia, que na Organização Mundial do Comércio, o Brasil combaterá o protecionismo, lutará pela eliminação e tratará de obter regras mais justas e adequadas à nossa condição de país em desenvolvimento.

Buscaremos eliminar os escandalosos subsídios agrícolas dos países desenvolvidos que prejudicam os nossos produtores privando-os de suas vantagens comparativas. Com igual empenho, esforçar-nos-emos para remover os injustificáveis obstáculos às exportações de produtos industriais. Essencial em todos esses foros é preservar os espaços de flexibilidade para nossas políticas de desenvolvimento nos campos social e regional, de meio ambiente, agrícola, industrial e tecnológico.

Não perderemos de vista que o ser humano é o destinatário último do resultado das negociações. De pouco valerá participarmos de esforço tão amplo e em tantas frentes se daí não decorrerem benefícios diretos para o nosso povo. Estaremos atentos também para que essas negociações, que hoje em dia vão muito além de meras reduções tarifárias e englobam um amplo espectro normativo, não criem restrições inaceitáveis ao direito soberano do povo brasileiro de decidir sobre seu modelo de desenvolvimento.

<sup>(50)</sup> A grande prioridade da política externa durante o meu governo será a construção de uma América do Sul politicamente estável, próspera e unida, com base em ideais democráticos e de justiça social. Para isso é essencial uma ação decidida de revitalização

do Mercosul, enfraquecido pelas crises de cada um de seus membros e por visões muitas vezes estreitas e egoístas do significado da integração.

O Mercosul, assim como a integração da América do Sul em seu conjunto, é sobretudo um projeto político. Mas esse projeto repousa em alicerces econômico-comerciais que precisam ser urgentemente reparados e reforçados.

Cuidaremos também das dimensões social, cultural e científico-tecnológica do processo de integração. Estimularemos empreendimentos conjuntos e fomentaremos um vivo intercâmbio intelectual e artístico entre os países sul-americanos.

Apoiaremos os arranjos institucionais necessários, para que possa florescer uma verdadeira identidade do Mercosul e da América do Sul. Vários dos nossos vizinhos vivem hoje situações difíceis. Contribuiremos, desde que chamados e na medida de nossas possibilidades, para encontrar soluções pacíficas para tais crises, com base no diálogo, nos preceitos democráticos e nas normas constitucionais de cada país.

O mesmo empenho de cooperação concreta e de diálogos substantivos teremos com todos os países da América Latina.

<sup>(55)</sup> Procuraremos ter com os Estados Unidos da América uma parceria madura, com base no interesse recíproco e no respeito mútuo. Trataremos de fortalecer o entendimento e a cooperação com a União Europeia e os seus Estados-Membros, bem como com outros importantes países desenvolvidos, a exemplo do Japão.

Aprofundaremos as relações com grandes nações em desenvolvimento: a China, a Índia, a Rússia, a África do Sul, entre outros.

Reafirmamos os laços profundos que nos unem a todo o continente africano e a nossa disposição de contribuir ativamente para que ele desenvolva as suas enormes potencialidades.

Visamos não só a explorar os benefícios potenciais de um maior intercâmbio econômico e de uma presença maior do Brasil no mercado internacional, mas também a estimular os incipientes elementos de multipolaridade da vida internacional contemporânea.

A democratização das relações internacionais sem hegemonias de qualquer espécie é tão importante para o futuro da humanidade quanto a consolidação e o desenvolvimento da democracia no interior de cada Estado.

<sup>(60)</sup> Vamos valorizar as organizações multilaterais, em especial as Nações Unidas, a quem cabe a primazia na preservação da paz e da segurança internacionais. As resoluções do Conselho de Segurança devem ser fielmente cumpridas. Crises internacionais como a do Oriente Médio devem ser resolvidas por meios pacíficos e pela negociação. Defenderemos um Conselho de Segurança reformado, representativo da realidade contemporânea com países desenvolvidos e em desenvolvimento das várias regiões do mundo entre os seus membros permanentes.

Enfrentaremos os desafios da hora atual como o terrorismo e o crime organizado, valendo-nos da cooperação internacional e com base nos princípios do multilateralismo e do direito internacional.

Apoiaremos os esforços para tornar a ONU e suas agências instrumentos ágeis e eficazes da promoção do desenvolvimento social e econômico do combate à pobreza, às desigualdades e a todas as formas de discriminação da defesa dos direitos humanos e da preservação do meio ambiental.

Sim, temos uma mensagem a dar ao mundo: temos de colocar nosso projeto nacional democraticamente em diálogo aberto, como as demais nações do planeta, porque nós somos o novo, somos a novidade de uma civilização que se desenhou sem temor, porque se



desenhou no corpo, na alma e no coração do povo, muitas vezes, à revelia das elites, das instituições e até mesmo do Estado.

É verdade que a deterioração dos laços sociais no Brasil nas últimas duas décadas decorrentes de políticas econômicas que não favoreceram o crescimento trouxe uma nuvem ameaçadora ao padrão tolerante da cultura nacional.

<sup>(65)</sup> Crimes hediondos, massacres e linchamentos crisparam o país e fizeram do cotidiano, sobretudo nas grandes cidades, uma experiência próxima da guerra de todos contra todos.

Por isso, inicio este mandato com a firme decisão de colocar o governo federal em parceria com os Estados a serviço de uma política de segurança pública muito mais vigorosa e eficiente. Uma política que, combinada com ações de saúde, educação, entre outras, seja capaz de prevenir a violência, reprimir a criminalidade e restabelecer a segurança dos cidadãos e cidadãs.

Se conseguirmos voltar a andar em paz em nossas ruas e praças, daremos um extraordinário impulso ao projeto nacional de construir, neste rincão da América, um bastião mundial da tolerância, do pluralismo democrático e do convívio respeitoso com a diferença.

O Brasil pode dar muito a si mesmo e ao mundo. Por isso devemos exigir muito de nós mesmos. Devemos exigir até mais do que pensamos, porque ainda não nos expressamos por inteiro na nossa história, porque ainda não cumprimos a grande missão planetária que nos espera.

O Brasil, nesta nova empreitada histórica, social, cultural e econômica, terá de contar, sobretudo, consigo mesmo; terá de pensar com a sua cabeça; andar com as suas próprias pernas; ouvir o que diz o seu coração. E todos vamos ter de aprender a amar com intensidade ainda maior o nosso País, amar a nossa bandeira, amar a nossa luta, amar o nosso povo.

<sup>(70)</sup> Cada um de nós, brasileiros, sabe que o que fizemos até hoje não foi pouco, mas sabe também que podemos fazer muito mais. Quando olho a minha própria vida de retirante nordestino, de menino que vendia amendoim e laranja no cais de Santos, que se tornou torneiro mecânico e líder sindical, que um dia fundou o Partido dos Trabalhadores e acreditou no que estava fazendo, que agora assume o posto de supremo mandatário da nação, vejo e sei, com toda a clareza e com toda a convicção, que nós podemos muito mais.

E, para isso, basta acreditar em nós mesmos, em nossa força, em nossa capacidade de criar e em nossa disposição para fazer.

Estamos começando hoje um novo capítulo na história do Brasil, não como nação submissa, abrindo mão de sua soberania, não como nação injusta, assistindo passivamente ao sofrimento dos mais pobres, mas como nação altiva, nobre, afirmando-se corajosamente no mundo como nação de todos, sem distinção de classe, etnia, sexo e crença.

Este é um país que pode dar, e vai dar, um verdadeiro salto de qualidade. Este é o país do novo milênio, pela sua potência agrícola, pela sua estrutura urbana e industrial, por sua fantástica biodiversidade, por sua riqueza cultural, por seu amor à natureza, pela sua criatividade, por sua competência intelectual e científica, por seu calor humano, pelo seu amor ao novo e à invenção, mas sobretudo pelos dons e poderes do seu povo.

O que nós estamos vivendo hoje neste momento, meus companheiros e minhas companheiras, meus irmãos e minhas irmãs de todo o Brasil, pode ser resumido em poucas palavras: hoje é o dia do reencontro do Brasil consigo mesmo.

<sup>(75)</sup> Agradeço a Deus por chegar até aonde cheguei. Sou agora o servidor público número um do meu país.

Peço a Deus sabedoria para governar, discernimento para julgar, serenidade para administrar, coragem para decidir e um coração do tamanho do Brasil para me sentir unido a cada cidadão e cidadã deste país no dia a dia dos próximos quatro anos.

Viva o povo brasileiro!

## ANEXO B

Editorial da Revista Veja, edição nº 2.149, de 27 de janeiro de 2010, p. 10-11.

### O pior e o melhor do homem

Os relatos enviados à redação de VEJA por Diego Escosteguy, nosso repórter no Haiti, dão conta de uma população vivendo quase em "estado natural", condição que teria prevalecido na humanidade antes do estabelecimento das formas mais rudimentares de organização social. Gangues armadas saqueiam, roubam, estupram e matam. Grupos de haitianos desabrigados pelo terremoto se entrelaçam nas calçadas formando enormes tapetes humanos, de modo a passar a noite com um mínimo de segurança. É um quadro aterrador mesmo para um país que, antes de ser arrasado pelo terremoto, há duas semanas, já era um dos mais abalados pelo banditismo e pela miséria. O inglês Thomas Hobbes (1588-1679) teria agora em Porto Príncipe a chance de ver a realidade apenas teorizada por ele de um mundo sem lei em que a vida humana é "solitária, miserável, sórdida, brutal e curta". A catástrofe natural fez emergir no Haiti o que há de pior na espécie humana.

Mas o terremoto no Haiti fez brotar também o que a espécie humana tem de melhor, a solidariedade. Horas depois do dimensionamento da magnitude da tragédia, partiram ofertas de ajuda de todas as partes do planeta, da vizinha República Dominicana à distante Turquia, da pobre Bolívia a potências econômicas como os Estados Unidos e a Alemanha. Logo se somariam aos 9.000 homens da força permanente da ONU no Haiti, comandada pelo Exército brasileiro, milhares de bombeiros e dezenas de equipes médicas de quase uma dezena de nacionalidades. As doações em dinheiro, alimentos e remédios superaram em volume e rapidez aquelas feitas em outros desastres naturais de larga escala. A Cruz Vermelha recebeu em uma semana o dobro das doações recolhidas durante todo o ano de 2009.

Seria extraordinário se a onda sem precedentes de solidariedade promovida pelo desastre haitiano fosse sucedida de um esforço internacional de igual intensidade com o objetivo de criar as bases de uma nação soberana e estável naquele tão sofrido espaço geográfico. Se para outros países vitimados por catástrofes naturais o objetivo imediato é voltar à normalidade, no Haiti o desafio é, pela primeira vez em sua história, saber o que é desfrutar uma vida normal.